

UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DISSERTAÇÃO

**A ATUAÇÃO FEMININA NA HISTORIOGRAFIA ANTIGA CLÁSSICA: OS
RELATOS SOBRE ASPÁSIA DE MILETO NOS DISCURSOS MASCULINOS DO
SÉC. V a.C.**

TÁSSIA PINHEIRO MARTINS

2024



UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**A ATUAÇÃO FEMININA NA HISTORIOGRAFIA ANTIGA CLÁSSICA: OS
RELATOS SOBRE ASPÁSIA DE MILETO NOS DISCURSOS MASCULINOS DO
SÉC. V a.C.**

TÁSSIA PINHEIRO MARTINS

Sob a Orientação do professor

Prof. Dr. Marcos José de Araújo Caldas

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, no Curso de Pós-Graduação em História Social, Área de Concentração: relações de Poder e Cultura.

]

Seropédica, RJ

Maio de 2024

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M379

Martins, Tassia Pinheiro, 1986-
A atuação feminina na historiografia antiga
clássica: os relatos sobre Aspásia de Mileto nos
discursos masculinos do séc. V a.C. / Tassia Pinheiro
Martins. - Duque de Caxias, 2024.
116 f.

Orientador: Marcos José de Araújo Caldas.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Mestrado em História/PPHR, 2024.

1. Aspásia de Mileto.. 2. Historiografia Antiga
Clássica.. 3. História de Gênero.. 4. Corpo Feminino..
5. Aspásia Corpus Documental. I. Araújo Caldas,
Marcos José de, 1969-, orient. II Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro. Mestrado em
História/PPHR III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



TERMO Nº 220 / 2024 - PPHR (12.28.01.00.00.49)

Nº do Protocolo: 23083.018103/2024-34

Seropédica-RJ, 08 de abril de 2024.

Nome do(a) discente: TASSIA PINHEIRO MARTINS

DISSERTAÇÃO submetida como requisito parcial para obtenção do grau de MESTRA EM HISTÓRIA, no Programa de Pós-Graduação em História - Curso de MESTRADO, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM : 28 de março de 2024

Banca Examinadora:

Dr. EDUARDO BELLEZA ABDALA MIRANDA, FSB Examinador Externo à Instituição

Dr. RICARDO DE SOUZA NOGUEIRA, UFRJ Examinador Externo à Instituição

Dr. LUIS EDUARDO LOBLANCO, UFRJ Examinador Externo ao Programa

Dr. MARCOS JOSE DE ARAUJO CALDAS, UFRJ Presidente

(Assinado digitalmente em 08/04/2024 07:52)

LUIS EDUARDO LOBLANCO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DepthRI (12.28.01.00.00.00.86)
Matrícula: 1659715

(Assinado digitalmente em 08/04/2024 07:24)

MARCOS JOSE DE ARAUJO CALDAS
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DepthIM (12.28.01.00.00.00.88)
Matrícula: 1533038

(Assinado digitalmente em 27/05/2024 11:17)

RICARDO DE SOUZA NOGUEIRA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 016.726.337-45

(Assinado digitalmente em 08/04/2024 16:38)

EDUARDO BELLEZA ABDALA MIRANDA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 133.200.647-70

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **220**, ano: **2024**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **08/04/2024** e o código de verificação: **b0f567b358**

Para Catarina Fonseca, minha mãe,
mulher inspiração que com sua
força soube transpôr barreiras da
vida e nos ensinou a ultrapassá-las!

(*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e seu imenso amor por mim, pois consegui chegar até aqui e concluir este estudo.

Agradeço à minha família, pelo constante apoio aos meus projetos: meu pai, Lauir Verdan, grande incentivador dos meus estudos e ao Júlio César, por ter tornado a conclusão da pós possível, auxiliando com todo suporte inimaginável;

Ao professor, meu orientador Doutor Marcos Caldas que com sua generosidade ímpar compartilha seus conhecimentos e nos orienta com maestria. Agradeço sua paciência e gentileza constantes! Levarei seus ensinamentos para minha trajetória acadêmica;

À então coordenadora e professora Doutora Fabiane Poppignis, que, com seu olhar gentil, me estendeu a mão num momento difícil ao qual estava passando;

Aos Professores que compuseram a banca e que auxiliaram nessa trajetória instruindo-me também com muita generosidade: Doutor Eduardo Belleza Abdala Miranda, Doutor Luiz Eduardo Lobianco e Doutor Ricardo de Souza Nogueira;

Ao secretário Paulo Longarini que nos transmite segurança para tirar nossas dúvidas e nos auxiliar, sempre que solicitamos.

Destaco a colaboração de meus amigos que, de maneira formal ou informal, me incentivaram no decorrer desta pesquisa, principalmente nos momentos mais delicados, em especial ao querido doutorando e representante discente Allofs Daniel Batista, que me procurou quando pensei que tudo estivesse perdido, incentivando-me a retornar ao curso. Aos que me ajudaram num momento de perda da minha saudosa mãe, Catarina Fonseca (*in memoriam*), e que tornaram o processo menos dolorido e pesado.

Agradeço ao meu filho Arthur Miguel por ser meu incentivo diário para realização das minhas conquistas.

RESUMO

MARTINS, Tássia Pinheiro. **A ATUAÇÃO FEMININA NA HISTORIOGRAFIA ANTIGA CLÁSSICA: OS RELATOS SOBRE ASPÁSIA DE MILETO NOS DISCURSOS MASCULINOS NO SÉC. Va.C.** .2024. 154 p. Dissertação (Mestrado em História Social), Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2024.

Este trabalho tem por base estudar as fontes reunidas pelo autor José Solano Duesa em sua obra *Aspasia de Mileto: testimonios y discursos*, que foram reunidas em um único *corpus* de fontes a fim de contribuir para a elaboração de uma obra biográfica de Aspásia de Mileto.

Através do Estudo de Gênero, da Linguística, da Análise do Discurso e da interdisciplinaridade entre as linguagens, destacaremos as dimensões das interpretações da visão em que a imagem de Aspasia foi construída, por intermédio de relatos masculinos, indagando-nos quem foi Aspásia de Mileto, as representações do corpo feminino e os processos de comunicação que as mulheres desenvolviam numa sociedade centralizada na figura do homem.

PALAVRAS CHAVES: Aspásia, corpo feminino, testemunhos, discursos.

ABSTRACT

MARTINS, Tássia Pinheiro. **FEMALE ENGAGEMENT IN ANCIENT CLASSICAL HISTORIOGRAPHY: THE ACCOUNTS OF ASPASIA OF MILETUS IN MALE DISCOURSES IN THE 5th CENTURY BC.**2024. 154 p. Dissertation (Master in Social History), Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ,2024.

This work is based on studying the sources gathered by the author José Solano Duesa in his work *Aspasia de Mileto: testimonios y discursos*, which were brought together in an unique *corpus* of sources in order to contribute to the elaboration of a biographical work on Aspasia of Miletus.

Through Gender Studies, Linguistics, Discourse Analysis, and interdisciplinary approaches between languages, we will highlight the dimensions of interpretations of the vision that was constructed through male accounts, who Aspasia of Miletus really was, representations of the female body, and the communication processes that women developed in a society centered around the figure of man.

KEYWORDS: Aspasia, female body, testimonials, discourses

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
I - AS VIRTUDES DA MULHER NA SOCIEDADE PATRIARCAL GREGA: o paradoxo entre a fala e o silêncio pela busca da cidadania na esfera pública e privada	8
1.1 Síntese do panorama político de Atenas, século V. a.C.	11
1.2 O androcentrismo na sociedade ateniense	15
1.3 Esposas, concubinas, estrangeiras, <i>hetairas</i> , <i>pornai</i> e escravas: os diversos segmentos destinados à mulher na Grécia Clássica:	18
1.3.1 Mulheres/Esposa (<i>gynaikes</i>)	19
1.3.2 Concubinas (<i>pallakes</i>)	20
1.3.3 Metecos: a condição jurídica do estrangeiro residente em Atenas, século V a.C.....	21
1.3.4 Prostitutas (<i>pornai</i>).....	22
1.3.5 Hetairas: lugar social conferido às hetairas e às estrangeiras que atuavam na comercialização do corpo.....	22
1.3.6 Escravas	26
1.4 Mulher, estrangeira e <i>hetaira</i> : os diversos apanágios de Aspásia de Mileto.....	26
II - AS AMBIGUIDADES LITERÁRIAS E HISTÓRICAS SOBRE ASPÁSIA DE MILETO	31
2.1 A linha tênue entre a relação da voz das mulheres e a esfera pública ateniense.....	31
2.2 As ambiguidades de Aspásia	34
2.3 Oração Fúnebre e a Guerra do Peloponeso	40
III – AS AMBIGUIDADES DO DISCURSO: ANÁLISE DO DISCURSO	48
3.1 A Linguagem como objeto da História.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62
ANEXO	
Aspásia Corpus Documental	66

INTRODUÇÃO

Nosso estudo analisará as relações sociais de Atenas no século V a.C. entre homens e mulheres e como essas relações moldaram as estruturas da sociedade vigente. O trabalho inserido nessa temporalidade defrontar-se-á com a democracia e como ela tornou-se o regime político adotado pelos atenienses.

A hierarquização social entre as mulheres e os homens era definidas por seus *status*, isto é, por seu estatuto jurídico, e não pelo seu status econômico ou em relação ao qual suas ações estavam submetidas ora ao poder dos homens na esfera pública, ora ao poder patriarcal institucionalizado no *oîkos*. Tal relação patriarcal conferia às mulheres, por exemplo, condicionamento de atividades na maioria das circunstâncias: uma mulher que falasse em público não era, por definição, uma mulher; quanto ao poder masculino, encontrava-se difuso em toda a sociedade, e mesmo entre os deuses e deusas é possível perceber certa representação privativa dos papéis de homens e mulheres na sociedade real, genericamente atribuída, no plano divino, a um mesmo deus, como é o caso de Atena, representada com a panóplia de guerreiros (elmo e lança).

Como iremos notar, os papéis e as ações de homens e mulheres eram bem definidos na esfera social ateniense e ganhavam colorido particular quando observamos em detalhe as diferenças que se manifestavam no que diz respeito aos estatutos sociais particulares: as bem nascidas (esposas/*gynaîkes*), concubinas (*pallakai*), estrangeiras (*métokoi*), prostitutas (*pórnoi*), hetairas (acompanhantes/ *hetairai*) e escravas. Seguindo esse mesmo raciocínio, outro ponto que nos chama a atenção é o fato de que, no âmbito da oposição de gênero *masculino* e *feminino*, os papéis não são tão claros e definidos, o que por vezes parece introduzir no corpo social um tipo de atuação híbrida que, para o espaço público da *pólis*, pode causar escândalo e estupefação.

O moralismo dos séculos modernos e contemporâneos criou figuras históricas de homens e mulheres e de suas relações sociais que somente na atualidade têm sido revistas. O poder centralizado nas mãos dos homens perdurou ao longo dos anos e, do ponto de vista histórico, a partir das décadas iniciais do século XX, as relações de dominação justificadas pela inferioridade, seja do gênero, seja do sexo, passaram a ser questionadas, revisadas, e, com isso, emerge no cenário mundial uma rejeição de todos os conceitos de inferioridade que recaem sobre as mulheres.

É certo que a historiografia ‘oficial’, por assim dizer, ocultou as ações e iniciativas das mulheres ao longo da História. As mulheres não escreveram sua própria história, e o que sabemos sobre as mulheres da Antiguidade Clássica é através do olhar masculino. Buscamos junto às fontes perceber a atuação de um dos nomes mais proeminentes da História Clássica, a saber: Aspásia de Mileto (c.475/465 – 400/390 a.C.).

José S. Dueso (DUESO, 2021), ao citar Aspásia, menciona que ela é retratada sempre com as mesmas características: “sabemos que nasceu em Mileto e era filha de um certo Axíoco”. Aspásia chega a Atenas vindo de Mileto provavelmente aos cuidados do seu cunhado, um aristocrata ateniense, por volta do ano de 450 a.C., não dependendo dele para sobreviver¹.

¹ Axíoco, teria saído de Mileto e retornado a Atenas por volta de 450, trazendo consigo não apenas sua esposa e filhos, mas ainda uma de suas cunhadas, Aspásia. O filho de Alcibíades, Axíoco, é o avô dos Aischines nomeado na estela como o pai dos Aspasio comemorado na pedra. Ambos os Axiochoi são mencionados não apenas a esposa de Axíoco, Eukleia, mas também seus filhos, Aischines, Sostrate e Aspasia. Como os filhos eram comumente nomeados em homenagem aos avôs, e como os nomes Axíoco e Aspasio são raros - na verdade, não atestados na Ática antes do início do século IV - a sugestão (DUESO, Pg. 8). Essa teoria justifica a entrada e permanência de Aspásia em Atenas.

Aspásia possivelmente nasceu antes de 470 a.C. (DUESO, 2021, p.26). Quando Aspásia se uniu em um possível concubinato, a Péricles por volta de 445, com quem teve um filho (o jovem Péricles) em torno de 440, após a morte do político ateniense, casou-se com o ateniense Lysicles (429) com quem também teve um filho, em torno de 428. Aparentemente ainda estava viva em 411-10. Assim, considerando o maior período possível, situamos a vida de Aspásia entre 470-400. Os registros acerca dessa mulher nos informam que se estabelecera na sociedade ateniense como uma estrangeira com muitas influências políticas e articulação no meio em que vivia. Vamos nos atentar ao fato de que, às mulheres atenienses, não lhes era conferido algum tipo de liberdade política ou era concedida a palavra a elas. Gostaríamos de reiterar que a palavra era importante símbolo de poder. (DUESO, 2021, p.25)

O nosso objeto de estudo, Aspásia de Mileto, foi uma mulher que penetrava nos círculos sociais de Atenas destinados somente aos homens, direcionava a palavra a eles, e Plutarco (46 d.C. - 120 d.C.) atribui a ela participação na vida política de Péricles², atrelando uma possível veiculação à guerra de Samos (c.440/39), em que descreve, inclusive, que ele interviria a favor de Mileto por causa de Aspásia. Ao longo deste trabalho, discorreremos sobre as atuações e sua biografia mais detalhadamente: como fez para sustentar-se em Atenas quando se envolveu com Péricles e teve um filho com o homem que, inclusive, anulou o direito de cidadania a filhos de pais não atenienses com um ateniense de fato³.

A lei instituída por Péricles decretou que, a partir de 451 a.C., seria considerado ilegítimo todo filho que não nascesse de pai e mãe ateniense. O filho fora do casamento, havendo outros filhos legítimos, era sentenciado à exclusão da sucessão. Caso não houvesse, os bens seriam passados para um parente mais próximo (SPINELLI, 2017, p.258).

É dentro desse contexto que vive em Atenas uma mulher que se relaciona com Péricles (495-429 a.C.), proeminente estadista, orador e general grego que fazia parte da vida política ateniense, integrante de uma importante família aristocrata. Durante os anos de governo de Péricles, no início da década de 460 a. C., consolidou-se a democracia, modelo político que se fortalecia à medida que a vida cultural da cidade prosperou. A biografia de Aspásia e os testemunhos sobre o início e o fim de sua vida são poucos e incompletos, pois, o que sabemos sobre seus feitos é quando temos vinculado ao seu nome a biografia de Péricles. As principais fontes que dispomos sobre essa figura são as comédias e ainda os diálogos socráticos, nomeadamente as duas, “Aspásia”, de Ésquines Socrático e de Antístenes, bem como o “Menéxeno”, de Platão. Marta Mega de Andrade (ANDRADE, 2019), ao tentar reproduzir sua biografia, cita o fato de que “Plutarco provavelmente teve acesso a dois diálogos socráticos hoje perdidos de Ésquines e Antístenes, ambos intitulados Aspásia”. Desde então, a partir dessas fontes e de fragmentos delas citados por Diógenes Laércio, além de menções de Xenofonte, Aristófanes e Platão, muitos autores modernos investigaram sua trajetória desde o século passado (ANDRADE, 2019, p.37).

A excepcionalidade de Aspásia de Mileto é comprovada quando percebemos o não ocultamento do seu nome nos documentos referentes ao período clássico, além do seu nome ser atribuído também à utilização da fala e da palavra como é citado em Plutarco, em “Vidas Paralelas”, obra na qual seu nome aparece em meio a uma narrativa sobre a vida de Péricles⁴. Poderia uma 'mulher', '*hetaira*', '*pronexeta*' e '*sofista*', conforme as fontes apontam, exercer alguma influência em oratória e retórica nos círculos intelectuais e políticos de seu tempo? Ao ser citada por Plutarco, o nome de Aspásia, consagra-se até mesmo na historiografia tradicional,

² Plut., p.107.

³ 451-50, Péricles promove a lei que priva os filhos bastardos à cidadania. (Plut.37.3-4).

⁴ Plut., XXIV, 1.

que tende a ocultar nomes femininos ou discriminar a mulher, delegando-a a um papel secundário. Já Aspásia é uma das poucas mulheres a fazer parte de narrativas destinadas a homens.

Além da escassez dos nomes femininos nas fontes historiográficas, uma das questões que se nos apresenta é compreender a dualidade em fontes nas quais o nome Aspásia aparece ora ligada à filosofia, ora vinculado à história. Tal ambiguidade nos permite que sejam atribuídas conexões literárias e históricas, sendo importante frisar que tais construções foram durante séculos produzidas por homens, cujo olhar emoldurava um certo tipo de representação feminina de mulher: o que se sabe sobre as mulheres são registros e impressões masculinas.

Recentemente, a historiografia sobre Aspásia de Mileto ganhou uma obra fundamental: “*Testemonios y Discursos*” trabalho de José Solano Duesa (1946) publicado pela primeira vez em 1994 e tendo a segunda edição em 2021. Nosso trabalho conta com o lançamento da segunda edição. Tais edições preenchem uma lacuna, pois até os seus lançamentos não havia uma coleção dos fragmentos reunidos sobre a vida de Aspásia. Nela, o autor defende sua tese de doutorado e descreve em detalhes fragmentos da vida de Aspásia até então dispersos em fontes primárias. O livro é acompanhado por um corpus de fontes greco-latinas, que nos ajudarão a sustentar nossa defesa sobre o papel de Aspásia no interior da sociedade grega do século V”.

A primeira etapa dos documentos reunidos sobre a história de Aspásia versa sobre a credibilidade da narrativa em *Menexeno*, em Diálogos de Platão. O autor, José Solano, reúne um grande compilado de fontes primárias, onde o nome Aspásia é citado ao longo dos períodos da Antiguidade. Tais fontes estão sendo traduzidas neste trabalho como parte da metodologia. Devemos esclarecer, também, que esta dissertação apresentar-se-á a partir do imbricamento entre os diálogos interdisciplinares entre a pesquisa da História de Gênero, da Linguística e da Análise do Discurso.

O trabalho de José Solano Desuso nos inspirou e nos desafiou a tarefa de tradução para o português, intitulado como “*Aspásia Corpus Documental*” que predispor-se-á da seguinte maneira no anexo deste trabalho, no entanto, as traduções para o nosso idioma foram realizadas diretamente a partir de versões originais dos textos de: Plutarco (c46-125) –autor de “*Vidas Paralelas*”(Vida de Péricles), Escólio a Platão - “*Menexeno*” , que reúne antigos escólios ou comentários sobre as obras de Platão (235e), Xenofonte , escritor e soldado ateniense (a. 430 a.C. – 354 a.C.) autor de *Econômico*, Platão (427a.C.-347 a.C.) o mais famoso discípulo de Sócrates e algumas traduções livres como “*Harpocração*” (séculos I–II) – orador alexandrino, escreveu “*Léxico dos dez oradores*”, “*Suda*” (século X)- léxico bizantino, seus escritos nos fornecem informações básicas sobre a História e Literatura, “*Crátino*”, um dos iniciadores da comédia política (c. 520/515 a.C. – s/d.), “*Aristófanes*” (ca. 447 a.C. – ca. 385 a.C.) mais importante autor cômico, escreveu sua peça teatral “*Os Acarnienses*”, “*Escólios a Aristófanes*” ,um dos gramáticos da era alexandrina (s/d), “*Antístenes*” (ca. 445 a.C. – 365 a.C.) ,discípulo de Górgias, “*Éupolis*” (s/d),comediógrafo contemporâneo de Aristófanes, , “*Ésquines Socráticos*” (c 435-365), amigo íntimo de Sócrates, “*Heráclides*”(c385 a.C.- 315), discípulo de Platão, “*Clearco*” (c350/40-250 a.C)discípulo de Aristóteles, “*Hermesianacte*”(s. III a. C), poeta elegíaco, escreve sobre uma hetaira , “*Aristón*” (s. III a. C) , discípulo de Aristóteles, “*Pseudo Plutarco*”(século 8-9) o Tratado do exercício atribuído a Plutarco, “*Máximo de Tiro*” (s. II) sofista e filósofo, “*Elio Aristides*” (c. 117-180” um dos mais destacados representantes da segunda fase sofista, Ateneu (s.III) , “*escreveu Banquete dos sábios*”, “*Luciano de Samósata*” (c. 125-200), escritor influenciado por cínicos e epicuristas, “*Filóstrato*”(c. 170-245”, sofista em Atenas e em Roma, “*Clemente de Alexandria*”(c.150-215), erudito diretor de escola, “*Alcifrão*” (s. IV a. C.), sofista grego, provavelmente contemporâneo de Luciano. “*Libanio*” (c. 314-392.) professor de oratória em Constantinopla, “*Temístio*” (310/20-388)

professor de oratória e filósofo, “Sinesio” (c. 370-413) nascido em Cirene, foi discípulo da célebre neoplatônica Hipatia em Alexandria, “Sópatro” (s. IV-V) orador e filósofo, “Teodoreto” (c. 393-458) escritor cristão, “Olimpiodoro” (s. VI) considerado um dos últimos filósofos neoplatônicos. (DUESO, 2021, p.231). Todas as versões traduzidas para o espanhol e em seguida, traduzido para língua portuguesa, retirado das versões originais da língua que foi escrita. A tradução nos orientou a introduzir um método, primeiramente, para entender os usos literários e imagéticos a respeito de Aspásia de Mileto para em seguida desconstruir a imagem literária dela e, finalmente, construir uma nova forma de narrar e descrever à luz da História de Gênero e Análise do Discurso.

Devido a algumas lacunas que os textos antigos nos proporcionam, talvez pela sua tradução ou fragmentos que se perderam ao longo dos séculos e apesar do silêncio que nos instiga a lançar teorias sobre as fontes da Antiguidade sobre a mulher, uma vez que nas esferas de poder, a presença de mulheres foi limitada, para não dizer escassa, podemos celebrar o fato de possuímos nos dias de hoje trabalhos e propostas acadêmicas que buscam desvendar o passado, respeitando a temporalidade e tendo cuidado com julgamentos que seriam comuns na nossa atualidade como misoginia, por exemplo. Não podemos pensar na sociedade ateniense com os mesmos olhos e conceitos contemporâneos, o ideal é, antes de mais nada, compreender que as relações de gênero e sexualidade corroboraram para o agente de dominação entre o masculino sobre o feminino e como essas questões se entrelaçaram.

I- AS VIRTUDES DA MULHER NA SOCIEDADE PATRIARCAL GREGA: o paradoxo entre fala e silêncio pela busca da cidadania na esfera pública e privada

A presente pesquisa compreende uma análise sobre as relações de gênero em Atenas no período clássico (século V a.C.). Com o intuito de examinar a atuação feminina nessa sociedade (mais precisamente a atuação de Aspásia de Mileto na política ateniense), foi elaborado um *corpus* documental, reunindo fontes nas quais o nome de Aspásia foi citado pelos mais diversos autores da Antiguidade. Tais fontes encontram-se no livro de José Solana Dueso (2021), intitulado *Aspasia de Mileto: Discursos y Testimonios*. As fontes disponibilizadas por Solana foram ordenadas cronologicamente pelo autor à medida que discursos envolvendo Aspásia foram elaborados, seja em citações, em peças ou, até mesmo, no Suda, enciclopédia bizantina do séc. X de nossa era (V.220).

As fontes que citam o seu nome foram dispersas ao longo dos séculos, e encontramos citações não apenas em obras gregas. As citações gregas mais comuns são no gênero da comédia: *Acarñenses*, de Aristófanes (v. 496 e seq.); do tratado Econômico (II, 12-16); e da biografia de Sócrates, *Memorabilia* (2.6.36), de Xenofonte; além do diálogo *Menexeno* (235e, 236b-c, 237a-c, 249d), de Platão. Já quanto aos autores do período romano, temos Diógenes Laércio (*Vida dos Filósofos* 2.7.60); Cícero (*De Inventione*, I.31.51-3). Mais além desse período, há uma pequena referência em Quintiliano (*Institutio Oratoria*, V.11. 27-29) e Luciano (*Imagines*, XVII), escrevendo entre os séculos I e II.

O historiador Plutarco⁵ - nacionalidade romana e etnia grega -, nascido em Queroneia, escreveu no século I d.C. uma Biografia de Péricles (Tomo II). Na obra, intitulada *Vidas Paralelas*, Aspásia de Mileto constitui-se em uma das poucas mulheres a fazer parte de uma narrativa destinada somente a homens. Reconhecida por Plutarco como mulher célebre⁶, devido ao seu conhecimento e habilidade em política e retórica, Aspásia, companheira do estadista democrático ateniense, Péricles (séc. V a.C.), celebrizou-se como mulher estrangeira a fazer parte do círculo filosófico de Sócrates. Dentre as diversas questões que cercam a figura de Aspásia e suas peculiaridades, entre elas hetaira⁷, sofista e *proxeneta*⁸, buscaremos, junto à historiografia antiga, discorrer sobre sua atuação política como mulher e estrangeira, a qual, apesar de todos os seus atributos de professora e mestra de Sócrates⁹, não poderia fazer parte

⁵ Em *vidas Paralelas* (em grego, ΒΙΟΙ ΠΑΡΑΛΛΗΛΟΙ – BIOI PARALLELOI, na transliteração) datada do século I d.C., Plutarco reúne um compilado de escritos sobre figuras ilustres - sempre masculinas - grega e romana. Sempre em pares, Plutarco destaca suas virtudes e moral buscando comparar as duas civilizações. Dentre essas comparações, inclui registros importantes sobre a vida do estadista grego Péricles, e de Fábio Máximo. Nessas obras biográficas, são detalhados os posicionamentos dos políticos, suas virtudes e seus vícios. A escolha se dava por aspectos que Plutarco julgava ser semelhantes entre os políticos do tomo publicado.

⁶ Plutarco, *Vida de Péricles*, 10, 7. Livro II

⁷ Claude Mossé (MOSSÉ, 1990) (1924-2022) refere-se às hetairas como “cortesãs”, dedicando um capítulo em sua obra *“La mujer en la Grecia”* ao tema. Já em algumas traduções, o termo *hetairas* designa “acompanhantes”. Neste trabalho utilizaremos a tradução de “acompanhante” para *hetairas*, já que os serviços das *hetairas* não estavam associados ao sexo e à comercialização do corpo, sendo necessário distinguir as *hetairas* das *pornai*.

⁸ Do grego “*proxenetés*” - mediador entre os estrangeiros e cidadãos”, pelo latim *proxeneta*. O *proxeneta* podia comercializar a venda do sexo através da *pornai*, ser dono do ponto de comercialização (uma casa ou hospedaria). O dono poderia também ser um ou uma estrangeira (*meteco*). A profissão, por ser legalizada, arrecadava impostos para o Estado.

⁹ A reputação de Aspásia como professora tem sido repetidamente associada à sua reputação sexual como cortesã e amante do estadista Péricles.

da vida política de Atenas, mas que viveu com o primeiro entre os cidadãos de Atenas¹⁰. (BERQUO, 2014, p. 20).

Na documentação de Plutarco, Aspásia de Mileto aparece em quatro passagens na biografia de Péricles, legislador e líder político de Atenas no final do século V a.C., sendo introduzida no texto a partir de um questionamento de Plutarco sobre o poder de persuasão que exercia sobre os homens. (BALTHAZAR, 2013, p.474). Além disso, Plutarco atribuía à influência de Aspásia o fato de Péricles iniciar a batalha contra Samos, que disputava com a cidade natal de Aspásia a posse de Priene. Atenas interviria após Mileto ter sido derrotada. (DUESA, 2021, p.131)

Já Sara Pomeroy (1999) relata que Platão (427 a.C.-347 a.C.), em *Menexeno*¹¹, atribui a Aspásia a responsabilidade pelos discursos fúnebres proferidos por Péricles, pois Sócrates (470 a.C.-399 a.C.) referir-se-á à Aspásia como sua mestra em retórica:

Lemos que Aspásia foi quem elaborou a oração fúnebre (destinadas às viúvas, pronunciada por Péricles no ano 430a. C). A oração inclui algumas recomendações às cidadãs atenienses (...) mostra Aspásia elogiando a capacidade das mulheres para conceber e criar filhos. Estes comentários nos parecem não apropriados ao serem proferidos por uma mulher culta e liberada, porém é necessário recordar que tais recomendações eram proferidas às esposas dos cidadãos atenienses e não mulheres como ela. (POMEROY, 1999, p.108)

As mulheres atenienses eram limitadas de maneira geral: não era incomum que, ao serem representadas nos trabalhos de filósofos, oradores ou escritores, estivessem desempenhando atividades condizentes ao seu estatuto social. Elas exerciam papéis destinados e limitados de acordo com sua posição social. A condição da mulher ateniense no período clássico era definida de acordo com a posição que ocupasse na sociedade: cabia à esposa o espaço privado do *oîkos*¹², a sua administração e gerar filhos legítimos e sadios para a *pólis* (LESSA, 2001, p.13). O fato de Aspásia ser citada e ter seu nome vinculado à biografia de um homem nos comprova a excepcionalidade dessa mulher e a inteligência que usou para penetrar nos círculos destinados somente aos cidadãos e ter seu lugar de fala e atuação, como veremos nas exortações a seguir, assim como em quais condições se encontravam as mulheres nas esferas da sociedade ateniense.

Conforme Neyde Thelm (THELM,1998), sobre as mulheres conhecidas como "bem nascidas" recaia a imposição masculina, reservando a essas um modelo ideal de comportamento, que lhes prescrevia um conjunto de virtudes, a saber, o silêncio, a reclusão, a submissão e a fidelidade a serem seguidas, assim como a rigorosa atuação nas esferas externas (*pólis*) e internas (*oîkos*), estando, assim, a sua atuação restrita ao espaço privado. Xenofonte (ca. 430 a.C.– 354 a.C.), em *Econômico*, trata das coisas que competiam à mulher: nutrir, guardar provisões, administrar a nova casa e sair do poder do pai para submeter-se ao marido. Esse era o modelo de comportamento feminino que pertencia às sociedades do Antigo mediterrâneo pela sociedade ateniense do Período Clássico, em decorrência do desenvolvimento da *pólis* e da consolidação democrática.

¹⁰ Segundo Tucídides sobre a figura de Péricles incide a figura a “do verdadeiro homem de Estado” (grifo do autor). (Jaeger,2003, p.466).

¹¹ Platão, *Menexeno*36 B.

¹² *O Liddell and Scott's Greek-English Lexicon* define *oîkos* primeiramente como casa, habitação, mas também confere ao vocábulo outros significados, como assuntos e bens domésticos, propriedade familiar e, mesmo, como sinônimo de família.

O discurso masculino da sociedade *políade* enfatizava o que se esperava dos grupos femininos, procurava demarcar o lugar da cena em que se movimentava a esposa, bem-nascida e bem criada, diferente do lugar em que circulava a mulher de vida livre, fosse ela dançarina, acompanhante ou prostituta (BARROS, 1997, p.35). Durante o período Clássico (século V a.C.), período conhecido como o “século de Péricles¹³” (MOSSÉ, 1990, p.53), Atenas vivencia um período de grande prosperidade e imprime um conjunto de leis que viria a beneficiar o *dêmos*¹⁴, seja por nascimento ou por propriedades. Nesse contexto, Atenas adotou um modelo de comportamento feminino que prescrevia um conjunto de virtudes às mulheres dos cidadãos atenienses: a filha do cidadão ateniense geraria novos cidadãos para a *pólis*. Essa deveria casar-se também com um legítimo filho de pais atenienses, e assim sucessivamente. A esses estariam destinados as decisões políticas e públicas das *póleis*: participariam das Assembleias, tribunais, apenas os homens nascidos na *pólis* mas desses espaços públicos, estaria excluída a participação das mulheres.

Essa breve explanação sobre a hierarquização social das mulheres e condicionamento de atividades referentes a elas nos mostra como os papéis e ações eram bem definidos na esfera ateniense. Como compreender as ações de uma mulher estrangeira e *hetaira* com a afirmação de que esta intervinha nas decisões políticas de Péricles?

A historiografia clássica contempla e põe no centro as ações e feitos dos homens. Será sinalizado neste trabalho que o poder na esfera ateniense sempre foi, essencialmente, masculino. Os debates acerca das questões de gênero à luz dos textos, principalmente, de autores como Joan Scott¹⁵ (SCOTT,1989) ou Judith Butler¹⁶ (BUTLER,2003) serão importantes para compreendermos como urge a necessidade de emancipar as ações femininas ao longo dos anos e reconhecer a respeito dos discursos e visões que foram construídos ao longo dos anos por meio do viés masculino.

Paralelamente a essas informações, nosso estudo abarca a solidificação e protagonismo cada vez mais perscrutado pela historiografia e ansiado pelas mulheres por espaços mais autônomos na sociedade e serem agentes da sua própria voz e história. A história das mulheres e gênero surgiu da necessidade de realocar o saber histórico mediante a “crise dos paradigmas tradicionais da escrita da história”. Novas narrativas emergiram em um contexto em que “outras histórias” deveriam ser construídas por meio da completa revisão dos instrumentos de pesquisa (MATOS, 2002, p. 278). Segundo Deleite Saffioti, “A Mulher na Sociedade de Classes” (1969), a presença das mulheres nos escritos acadêmicos vem crescendo, especialmente, a partir do segundo fase do pós -estruturalismo, em função de um conjunto de fatores que tem dado visibilidade às mulheres mediante a conquista de novos espaços. Um primeiro fator seria a maior presença feminina no mercado de trabalho, inclusive nas universidades, conjugada à

¹³ O século de Péricles foi apenas o século V, época em que ele viveu e em que comandou o chamado imperialismo ateniense. Após a Guerra do Peloponeso em 404 a.C., Atenas perde esse poderio. Apesar de Atenas ainda ser uma grande cidade e uma potência intelectual, a cidade perde o seu poderio, já que havia perdido a guerra para Esparta.

¹⁴ Na Grécia Antiga, o *dêmo* (em grego: δῆμος) era uma subdivisão da Ática, região da Grécia em torno de Atenas. Após a reforma de Clístenes em 508 a.C., pertencer a um *dêmo* passou a ser obrigatório para obtenção da cidadania. Antes da reforma, os *demos* já existiam, porém eram apenas as subdivisões de terras, não estavam vinculados ao alistamento. No total, ao fim das reformas de Clístenes, a Ática estava dividida em 100 *demos*. A transformação dos *demos* em unidades fundamentais do Estado, substituiu gradativamente os *genos*, grupos familiares aristocráticos que até então dominavam as *fratrias*.

¹⁵ SCOTT, Joan. Uma análise de categoria útil. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. 1989.

¹⁶ BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade; Tradução Renato Aguiar. - 23ª edição - Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2022

expansão da luta das mulheres pela igualdade de direitos e pela liberdade, numa conquista do espaço público que derivou da afirmação dos movimentos feministas¹⁷.

Recorreremos à história de gênero para compreender as transições incutidas nesse processo e nossa pesquisa visa a repensar a representação de Aspásia de Mileto e da mulher no espaço da *pólis* ateniense do século V a.C. Pensar nessa *pólis* do século V a.C. é direcionar esse pensamento para a ação dos diálogos, atribuição destinada ao homem. A imagem da *ágora* ateniense está intimamente associada ao conceito da fala: por meio dela, o homem poderia exercer seu direito de cidadania.

Temos a instauração de Atenas como “cidade por excelência”, tema que fora desenvolvido por Nicole Loraux (LORAUX, 1993), sobre a “invenção” de Atenas. A *ágora* grega sempre esteve associada a um espaço de debate, da retórica, da democracia e dos valores destinados a ela. O estudo sobre as mulheres não é necessariamente um estudo novo ou pouco explorado, mas que consiste em uma incessante busca de mitigar os anos de dominação em que as minorias foram excluídas e silenciadas da história.

1.1 Síntese do panorama político de Atenas século V. a.C.:

O período no qual a Grécia se viu às voltas contra os persas e posteriormente em um próprio conflito entre os helenos (os atenienses e espartanos na Guerra do Peloponeso) se deu no decurso do século V a.C. Nosso estudo se insere nessa temporalidade do século V a.C., período no qual a democracia tornou-se regime político adotado pelos atenienses.

Pensar na *pólis* ateniense do século V a. C. é pensar também na democracia ou “governo do povo” como sistema político em que, dentre as suas características, supõe-se uma equidade do poder e das distribuições das riquezas entre seus povos. Ao longo dos anos, o modelo de governo mais emblemático do governo ateniense, a Democracia, sofreu algumas transformações, podendo ser percebidas pela fala de T. H. Marshal¹⁸: “o desenvolvimento da cidadania (...) é estimulado tanto pela luta para adquirir tais direitos civis (civis, políticos e sociais) quanto pelo gozo dos mesmos, uma vez adquiridos”. Aqui claramente percebemos que essa descrição se distancia do modelo inicialmente proposto e vivido pela sociedade ateniense. Atenas sempre foi considerada a cidade democrática por excelência a partir do século V a.C.

Jean Pierre Vernant (VERNANT, 2002) associa a instituição da cidade ao nascimento do pensamento racional. Os helênicos, era assim como os gregos se reconheciam, pois eram povos que habitavam e pertenciam à Hélade, distinguindo-se, segundo eles próprios, como detentores de uma vida social própria e “superior sobre o mundo bárbaro”. A utilização da *ágora* só foi possível graças ao aparecimento da *pólis* entre os séculos VIII e VII a.C. Com a utilização da equidade (isonomia) e do equilíbrio/moderação (*homonoía*) nessa esfera de simetria e igualdade, temos o advento da filosofia e do entendimento do homem como ser político e racional. (VERNANT, 2002, p.53)

Na sociedade micênica, o poder político estava centrado na figura do rei - o *ánax* - e no poder palaciano exercido por ele. J-P Vernant (2016) denomina de “demos da aldeia” um povo que está centrado nas terras comunais, trabalhando e cultivando, e que não participa do jogo do poder, tendo o *basileús* (na época, um grande senhor) como a figura socialmente superior. Aos olhos de Vernant, essa passagem de poderio palaciano e de instituições vinculadas ao rei para *ágora* é estritamente importante para a formação da *pólis*. É na *ágora* onde ocorrerão os debates políticos. É nesse espaço público onde a *koinonía* (comunidade natural) será substituída pela

¹⁷ IBID p. 278

¹⁸ FONSECA. Victor Manoel Marques da. No gozo dos direitos civis. Associativismo e cidadania. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional; Niterói, 2008.p.15.

peithó. (Persuasão) em uma comunidade que naturalmente estabeleceria um espaço de disputa de interesses. (IDEM,2016, p.81-82)

Em seus aspectos institucionais, a democracia de Atenas era composta pela Assembleia, pelo Conselho, pelas Magistraturas e pelos Tribunais, e entre todos esses, a Assembleia (*ecclesia*) era a instituição que tomava as principais decisões políticas da cidade, sendo considerada também o espaço por excelência do exercício da soberania popular: estava aberta a todos os cidadãos, ou seja, homens adultos, livres e atenienses. Foi durante os governos de Sólon (638-558 a.C.) que se expandiu a vida cívica, porém durante os governo de Clístenes (565-492 a.C.), em 508 a.C, que solidificou a democracia ateniense, ganhando extraordinária força e eficiência nas assembleias do povo.

O sentido da palavra *lógos* estaria associado ao conceito democrático e de debates; com passar do tempo, significou algo que poderíamos traduzir por (ou relacionar com) razão, linguagem, palavra ou discurso. Entre a política e o *lógos*, encontramos uma estreita relação, na qual a palavra não é simplesmente o recurso vocal, ela é o debate contraditório, a defesa, a discussão e a argumentação. Esse trecho de Vernant relata a associação entre palavra e política:

O que implica esse sistema de *pólis* é primeiramente uma extraordinária preeminência da palavra sobre todos os outros instrumentos de poder. Torna-se o instrumento político por excelência a chave de toda autoridade no Estado, por meio do comando e de domínio sobre outrem (VERNANT,2002, p.53).

Da mesma forma em que a ampliação do corpo cívico, isto é, o alargamento do conjunto de cidadãos ativos politicamente foi uma das características da *pólis* clássica, a ampliação da participação de cidadãos nas diferentes instâncias da vida religiosa também é importante para a compreensão acerca da ambivalência que exercia o sistema de crenças sob o novo regime político, mesmo após ter iniciado na sociedade ateniense o pensamento racional, que ora se dividiam entre o novo e o tradicional.

Como nos afirma Fustel de Coulanges (COULANGES,2002), o cidadão da cidade antiga estaria apto a realizar as seguintes atividades:

Se quisermos definir os cidadãos dos tempos antigos por seu atributo mais essencial, é necessário dizer-se que cidadão é o homem que observa a religião da cidade. É o que honra os mesmos deuses da cidade. É aquele para o qual o arconte ou o prítane oferece o sacrifício de cada dia, que tem o direito de se aproximar dos altares, que pode penetrar no recinto sagrado em que se realizam as assembleias, que assiste às festas, que acompanha as procissões e participa dos panegíricos, que se assenta nos banquetes sagrados, e recebe a parte que lhe cabe das vítimas. Assim esse homem, no dia em que foi inscrito no registro dos cidadãos, jurou que renderia culto aos deuses da cidade, e que combateria para defendê-los. Eis os termos usados: ser admitido entre os cidadãos dizia-se em grego pelas palavras *meteínai tōn hierōn*: entrar na partilha das coisas sagradas. (COULANGES,2006, p. 135).

Compreende-se nessa passagem a importância dos cultos religiosos e o que os atenienses consideravam como sagrado, ao nortear as ações do seu cotidiano e uma ausência do pensamento laico, mesmo com o aparecimento do pensamento filosófico. Ainda sobre essa lógica que o sagrado nortearia as divisões sociais, os estrangeiros não seriam considerados cidadãos por estarem fora das obrigações cívicas – religiosas, assim como os deuses da cidade de Atenas não os protegeriam:

O estrangeiro, pelo contrário, é o que não tem acesso ao culto, aquele a quem os deuses da cidade não protegem, e que não tem nem mesmo o direito de invocá-los, porque os deuses nacionais não queriam receber preces ou dádivas senão dos cidadãos; eles repelem o estrangeiro; a entrada de seus templos lhes é proibida, e sua presença durante as cerimônias de um sacrifício era considerada sacrílega (IDEM, 2006, p.135).

A proposta estabelecida, segundo Aristóteles, é que o homem é naturalmente político. Ao analisarmos a formação das *póleis* das mais antigas cidades gregas, desde o período arcaico até o período clássico¹⁹, e como estas foram organizadas, percebemos que são modelos idealizados e moldados pelos cidadãos (no grego, *politikoi*). Elemento fundamental na constituição da cultura grega, o cidadão está para a *pólis* assim como a *pólis* está para o cidadão: o homem grego é uma criatura da *pólis* –, então a definição de Aristóteles de que o homem é um animal social²⁰. Esse pensamento de Aristóteles fundamentava-se numa teoria de que o homem, para ser plenamente humano, deveria exercer todas as competências próprias do ser humano, não deixando nunca de tentar compreender o homem cosmopolita grego, o qual, segundo Vernant, é englobado e generalizado, tendo essa concepção a todo o homem grego: não podemos classificar o homem do passado da Era arcaica, por exemplo, ao homem do período cosmopolita. Assim, o autor defende que tais concepções são necessárias para se compreender uma separação e uma realização de uma “análise diacrônica” com as relações “sincrônicas” que estão na base de sociabilidade:

Inquirindo na política a questão de definição de cidadão, Aristóteles alcança uma primeira formulação que dá conta da essência de que consiste a cidadania: o direito ou a prerrogativa de participar das práticas deliberativas ou judiciárias da comunidade política a que pertence. Solução essa que coloca de imediato a questão conexa respeitante ao critério seletivo identificador do corpo da cidadania (o conjunto dos que se distinguem pela concessão desse direito ou prerrogativa) no seio da comunidade. Então um critério vigente restringe a cidadania aos membros da comunidade que descendem de cidadãos por ambos os lados, pai e mãe. (ARISTÓTELES, XXI, v.4)

Embora a *Hélade* não pudesse ser considerada propriamente uma *nação*, possuía elementos identitários, como o idioma e o local de nascimento, que faziam com que os gregos se identificassem como pertencentes àquela cultura territorialmente localizada²¹. Porém, esses elementos eram bastante permeáveis ao ponto de se poder perceber o *status* de centro cosmopolita, pois diversos outros povos dividiam espaço na *pólis* ateniense.

Todo o conceito de democracia e cidadania que a civilização ocidental conhece fora herdado da matriz das civilizações gregas e romanas. Após o período das invasões macedônicas, o conceito de helenismo propaga-se por todo o mundo mediterrâneo por intermédio de duas vertentes: com a questão mercantil, em Atenas, e secundariamente com as invasões macedônicas no século IV a.C.

O tratamento concedido aos residentes estrangeiros em território helênico figura entre os aspectos mais relevantes para a compreensão de como se construía a noção de não-cidadão,

¹⁹ Segundo Vernant, no quarto volume da história da Cultura Grega, são distintos os quatro tipos do homem grego: o homem da época heroica, o homem agnóstico, o político e o cosmopolita.

²⁰ Política, I, 1253 a.

²¹ Em uma famosa passagem, Heródoto (séc. V a.C.) chama a atenção para o que uniria identitariamente os helenos: Hdt, VIII, 144: “Por outro lado, porém, sendo os Helenos tanto iguais em sangue como iguais na língua (tendo) templos de deuses e costumes sacrificais comuns e ainda os mesmos hábitos, que se tornar (algo) a partir de traições não poderia ficar bem para os atenienses”.

e vice-versa. A classificação do não-nascido em solo ateniense como não-cidadão forçava a necessidade de se gerar para a *pólis* grega cidadãos legítimos, filhos de pais e mães atenienses, a partir de 451 a.C.

A estrutura cosmopolita a qual pretendo abordar, tão visivelmente debatida nos dias atuais, vem ao encontro do tema abordado na pesquisa, recuperando-se a discussão clássica de cidadania. No caso da civilização grega, Aspásia de Mileto consegue influenciar de alguma maneira a sociedade ateniense restrita a atuações políticas estrangeiras. É atribuída a ela a execução da mais honrosa homenagem a um cidadão ateniense: a elaboração da oração fúnebre.

A *pólis* dos habitantes de Atenas, como também mencionado por Aristóteles, leva-nos a refletir acerca da participação desses excluídos e da manutenção para que esse meio funcionasse. A cidadania não era um conceito fixo, mas uma herança cultural com continuidade histórica.

A dicotomia presente nesse espaço aparece na oposição daqueles que compunham esse local: proprietários/não-proprietários, livres/escravos, homens/mulheres, nativos/estrangeiros. O estudo do modo de articulação dessas contradições dentro da *pólis* permitiria, inclusive, repensar o conceito de política e de cidadania para além da multidão de cidadãos. Separam-se os que poderiam participar dos cultos religiosos daqueles que não poderiam.

Atenas se tornou a principal cidade dentre as que compunham a Liga de Delos²², e, com o fim das Guerras Médicas, o balanço que se pode realizar é que não somente as cidades envolvidas enviaram barcos (*trirremes*), como também quantia em dinheiro (GUARINELLO, *apud* Morales, 1994). Esse fator pode evidenciar o que foi chamado pela historiografia moderna de imperialismo ateniense, mais especificamente, o ponto em que, a partir do texto de Tucídides, nota-se a visão dos próprios atenienses a respeito do jugo perpetrado sobre outras cidades-estados gregas: como superiores, não somente pela quantia em dinheiro, mas por serem superiores intelectual e moralmente também.

É nesse contexto que Péricles (c.495/90-429 a.C.), importante líder democrático do período, assume a liderança de várias ações em Atenas, justamente quando essa conhecia um tempo áureo, e o imperialismo grego estava no apogeu. A importância de seu governo foi tanta que o século o qual esteve sob sua influência foi designado como o “século de Péricles”.

Por um lado, Péricles governou um povo que se encontrava na maior prosperidade, muito grande por si mesmo e no cume do poder, pelo que podia parecer que se manteve até ao final seguro e intacto devido ao bem-estar comum e à força do Estado. (Fab, 28.1)

Como tivesse nascido para ocupar cargos políticos, vamos encontrar descrições sobre sua vida desde o seu nascimento até sua fase adulta²³. Teve por pai Xantipo, (525 a.C.- 475 a.C.),

²² 460-445 Primeira Guerra do Peloponeso entre Atenas e Esparta. Em aproximadamente 453 a.C., é transferido para Atenas o tesouro da Liga de Delos, antes depositado nessa ilha (Plut.12.1).

²³ Para mais informações, consultar Vidas Biógrafas Péricles e Fabio Máximo, tradução de Ana Maria Guedes Ferreira. O autor, Plutarco, evidencia nessa obra virtudes e vícios, sempre em pares, de dois estadistas: um grego e um romano, a fim de evidenciar suas qualidades e para que quase didaticamente se evitassem os mesmos erros. Inseridas nesse contexto, apresentarei algumas datas referentes à linha do tempo de Péricles para entendermos como sua vida foi direcionada para ocupar um cargo político em Atenas. (Século V a.C.)

“495-90 Nascimento de Péricles, filho de Xantipo e Agariste (3. 1-2)

(...)

472 Representação da peça Os Persas de Ésquilo, tendo como córego Péricles.ca.

470 Início da atividade política de Péricles (7.3-4).

470-60 Construção do templo de Zeus em Olímpia. 463 Processo contra Címon, no qual Péricles se apresenta como principal acusador (10.6).

vencedor dos generais persas em Mícale, e sua mãe, Agariste (VI a.C.- V a.C.), era neta de Clístenes (Per. 3. 1-3). Clístenes (565 a.C. – s/d) foi responsável por importantes reformas que ditariam a criação da democracia.

Toda a narrativa de sua vida compõe quase que uma orquestra de decisões que o levaram a ser reconhecido como o primeiro entre os cidadãos, segundo Tucídides (2. 65. 9). Sabemos que quem o iniciou nos estudos da filosofia para aceitar a filosofia natural foi Anaxágoras: “com Anaxágoras, Péricles aprendeu a não ser supersticioso”. (Per.6.1)

Nesse momento, é mister fazermos uma breve comparação sobre a qualidade de relatos desde o nascimento de um homem, principalmente descendente de uma família aristocrata, e a precariedade de relatos sobre uma mulher na Antiguidade. A riqueza de relatos, que foi escrita numa data posterior (século I d.C.) por Plutarco (c. 45-120 d.C.) nos impele a refletir o quão detalhados foram os relatos sobre a vida de Péricles. Sabemos de particularidades sobre sua vida que vão desde o presságio em um sonho de quando ele nasceu até a informações de que segurava um amuleto no momento de sua morte²⁴.

Péricles era da tribo de Acamante, do demo de Colarges, de família e de descendência de primeira nobreza, quer da parte do pai, quer da mãe. 2. Xantipo, o vencedor sobre os generais do Rei persa em Mícale, casou-se com Agariste, sobrinha de Clístenes, aquele que com dignidade expulsou os Pisistrátidas e pôs fim à tirania; além disso, estabeleceu leis e instituiu uma constituição excelente para o incremento da harmonia e da segurança. 3. Depois de sonhar¹³ que tinha dado à luz um leão, poucos dias mais tarde, Agariste deu à luz Péricles, de aspecto físico em tudo o mais irrepreensível, mas de cabeça alongada e desproporcionada. (Per.,2013, p.57.)

Enquanto a Aspásia, o que passamos a saber sobre sua vida está associado à figura desse importante político ateniense.

1.2. O androcentrismo na sociedade ateniense:

Iniciaremos este capítulo abordando as justificativas da sociedade políade para a inferioridade da mulher ateniense, buscando debater conceitos que, por vezes, podem trazer um certo espanto para nosso modelo atual de sociedade e outrora, possam ter servido de modelo para estruturas patriarcais e centralizadoras.

(...)

462-61 Reforma do Areópago por Efilates: redução o poder deste tribunal (7.8). Início da influência política de Péricles.

460-445 Primeira Guerra do Peloponeso, entre Atenas e Esparta. ca.

455-4 Casamento de Péricles com a ex-mulher de Hipónico (24.8).

(...)

454 Sucesso de Péricles no Golfo de Corinto (19.1). ca.

454-3 Nascimento de Xantipo, filho de Péricles (24.8). ca.

453 Transferência para Atenas do tesouro da Liga de Delos, antes depositado nesta ilha

440 Nascimento de Péricles, filho de Aspásia e de Péricles (24.10).

440-39 Guerra de Samos (26. 2-28).

430 Primavera: deflagrar da peste em Atenas (34.5). Segunda invasão ática do Peloponeso. Expedição de Péricles contra Epidauro (35.1-3). Verão: Destituição de Péricles (35.4). Morte dos filhos de Péricles, Xantipo e Páralo, da irmã de outros familiares (26.6-8).

429 Reeleição de Péricles (37.1-2). Pedido de cidadania para o filho bastardo do estadista (37.5). Outono: Morte de Péricles (38).” (Per., p.47).

²⁴ No entanto, no final desta biografia, em Per. 38. 2, quando Plutarco nos informa da doença que viria a vitimar o estadista, invoca Teofrasto: ao que parece, Péricles estaria de tal modo debilitado que até aceitava recorrer a amuletos, comportamento tipicamente feminino e que demonstra superstição.

Atribuir malícia às mulheres é uma constante entre os gregos: Semônides de Amorgos (ca. 556 a.C. – 468 a.C.), em meados do século VI a.C., dedica um texto inteiro para as mulheres, as quais, para ele, são uma espécie de animais sem espírito. Ele compara os diferentes tipos de mulheres com animais. Uma mulher suja e desordenada é, portanto, uma mulher semeada, preguiçosa e burra. Semônides acha que as mulheres são incapazes de virtude, curiosas e sempre insatisfeitas. A única mulher boa é a “mulher abelha”, que trabalha bem para administrar a riqueza e trazer prosperidade. Ainda assim, mesmo essa abelha não tem valor em si mesma: o que importa é a riqueza e os filhos que ela traz.

Aristóteles acredita que o imaginário a respeito do padrão aceitável a ser cumprido pela mulher é o da abelha (*mélissai*), por ela ser a provedora de todo o *oîkos* e ser desprovida de vaidade própria. Ou seja, basicamente aquela que se dedica a prover o alimento e à procriação do seu lar.

Podemos exemplificar, seguindo um esquema proposto por Marta Mega de Andrade (1998)²⁵, que cada animal representado ali no poema de Semônides de Amorgos ilustraria um atributo ao espírito feminino: porca - não limpava a casa / macaca – feíssima / égua, perfumava-se demais / e por fim, a abelha que florescia os bens da casa.

Abaixo, um fragmento do iambo:

Diferente o deus fez o caráter da mulher no início,	
Uma fê-la da porca, de longas cerdas	
Em sua casa tudo está repleto de imundície (...)	
Ela própria, suja, com roupas não lavadas	5
Outra fê-la da cadela malvada, tal qual a mãe(...)	
Um homem não pode silenciá-la, nem com ameaças. (...)	15
Outra fê-la da abelha; afortunado, quem a tem(...)	
 os bens crescem e aumentam por causa dela (...)	85
Não lhe agrada sentar-se entre as mulheres.	
Quando falam de assuntos relacionados à Afrodite. (...)	
Estas são as melhores e as mais sábias mulheres,	
Que Zeus, amavelmente, cedeu aos homens.	

Uma segunda representação negativa do gênero feminino, sendo a mulher considerada um dos maiores males da humanidade em Hesíodo, Pandora²⁶ representa beleza, mas seu coração – essência - é ruim: as mulheres descendem dela. A representação da sedução - algo citado no iambo de Semônides de Amorgos como ruim -, a esposa que muito se arrumava ou se perfumava, por exemplo, estaria estimulando no marido questões que, para o grego, eram vistas como perdição da sua “mediania” ou de seu “equilíbrio”. O problema da sedução é que

²⁵ Para mais informações, vide livro da Professora Doutora Marta Mega de Andrade.

²⁶ Sobre o mito de Prometeu, Hesíodo narra a criação da primeira mulher (Pandora) como uma punição de Zeus para a humanidade, considerando a diversidade da natureza feminina derivada dos diferentes atributos que, na sua manufatura, lhe foram concedidas por diferentes deuses. Pandora é o próprio mal.

os homens também gostam disso – mas, para eles, não se casar também é um problema, porque você tem que ter filhos para legar sua propriedade.

Ao estudar as relações homem e mulher, utiliza-se de duas categorias espaciais: tensão equilíbrio e reciprocidade. (THELM apud Baladeira, 1998, p.87). Podemos usar as mesmas categorias, para a sociedade ateniense. Encontramos esta margem social, desde os textos de Hesíodo (VII séc. a.C., através do Mito de Pandora até Xenofonte, Pseudo Aristóteles e Menandro (THELM, 1998, p.87)

Gardella (GARDELLA, 2017) analisa alguns mitos que exibem também conflitos entre as divindades masculinas e femininas, ao justificar a origem da escolha do nome da *pólis* Atenas, sendo observada a disputa entre Poseidon e Athena pelo nome da cidade de Atenas. Após a prescrição do oráculo de Delfos, mulheres e homens foram obrigados a decidirem qual nome teria a cidade - Poseidon ou Athena. Sendo as mulheres maioria e todas votando em Athena, a cidade recebeu o nome da deusa. Poseidon as puniu por isso, proibindo-as de votar, dando nomes aos seus descendentes e ser chamado “ateniense” título de “ateniense” (GARDELLA, 2017, p.278). Claramente, percebemos uma narrativa a qual tenta justificar a ausência das mulheres nas participações públicas.

Já no campo semântico, encontramos referências simbólicas que estariam vinculando e fortalecendo os estereótipos masculinos e femininos. Segundo Neyde Thelm (THELM, 1998), os textos antigos, ao se referirem ao homem e à mulher, utilizavam adjetivos e termos específicos atrelados às suas virtudes, características próprias e comportamento. Signos como “alto, sol, dia, luz, direita, quente, convexo, seco, fala, razão, ação, grave, externo, guerra e expansivo” estariam vinculados à imagem masculina; já termos como “baixo, lua, noite, escuro, esquerda, frio, côncavo, úmido, silêncio, emoção, som agudo, receptivo, procriação, interior e passiva”, por exemplo, estariam vinculados à imagem da mulher. Trata-se de signos que conotariam atributos opostos, bem como os espaços que tanto homens quanto mulher ocupariam²⁷.

O estudo realizado por Aristóteles (384 - 322 a.C.) no período clássico (IV século a. C.) corroborou esse pensamento de que a anatomia masculina era superior à feminina. Estando a voz representando essa superioridade – a voz sendo o órgão de comando e política –, estaria vinculada à virtude masculina, representando coragem, audácia e poder. Já a mulher, como representaria suavidade e palidez, sua voz jamais ecoaria.

À mulher recaíam estereótipos de fraqueza (assim como sua voz também é fraca). Ela era inclinada a queixas, incivilidade e deficiência, como os jovens, os velhos e os doentes. O baixo é bom, o agudo é ruim. A questão da anatomia do corpo e por ser úmida (referimo-nos aqui ao fluxo de sangue) subjugam a mulher, já considerada mais fraca ainda nesse período e sendo aconselhada a casar-se ainda jovem. Ao homem era atribuído o vigor, coragem, movimento - essas ações representariam o exterior. A mulher, sendo covarde e vigilante, manter-se-ia no interior. Nesse sentido, a anatomia está ligada a atividades, e vice-versa.

Em *Econômico*, Xenofonte (a. 430 a.C. – 354 a.C.) atribui ao homem à capacidade física de aguentar as intempéries do espaço externo; já a mulher, frágil, não seria desonroso ocupar o espaço interno e privado:

(...) Espaços de atuação rígidos são definidos para os papéis sociais do masculino e feminino, tendo como base primordial aspectos remetidos à natureza: em *Econômico*, Xenofonte descreve a natureza da mulher para as ocupações do interior, e a do homem para as ocupações do exterior, pois o corpo masculino estaria mais capacitado para aguentar o calor e o frio, ou seja, para as atividades fora de casa. Deste

²⁷ Ibidem, Neyde Thelm(1998)

modo, para a mulher, permanecer na tranquilidade da casa não seria desonroso, enquanto para o homem, permanecer em casa, ao invés de dedicar-se a atividades ao ar livre, era algo vergonhoso. Para as fontes antigas, o maior dever e função da esposa, seu grande talento e a verdadeira realização da vida da mulher -ou seja, aquilo que ela deve sempre almejar – era o bom manejo do oikos, tornando-se melhor esposa e mãe para o marido e os filhos no decorrer do tempo. (SEGER,2015, p15)

A dicotomia público e privado incide sobre a formação dos espaços destinados ao homem e à mulher: “feminino e masculino delimitam-se pelas funções da procriação e da guerra, respectivamente” (ANDRADE, 2001, p.89). Nesse sentido, o autor aborda tal diferenciação da seguinte maneira:

A figura feminina encontra-se ligada ao que é estável: interior da casa, tesouro doméstico, zelo com os bens, cuidado com os filhos. A figura masculina liga-se ao que é móvel: exterior da casa, assuntos relativos à cidade (política), acumulação de riquezas. De certo modo, pode-se dizer que o espaço reservado ao feminino é privado, no sentido de ser limitado ao *oikos*. O espaço do masculino é o da publicidade, por ser o espaço das relações políticas e da deliberação. (IBDEM)

Assim, a ciência²⁸ grega está ligada a um imaginário: tem uma concepção *a priori* do feminino e faz uma leitura ideológica do corpo. A mulher representa o interior, o homem o exterior. Para Aristóteles, a mulher nunca deveria se posicionar como condutora, seja da *pólis*, da casa ou do próprio corpo (ARISTÓTELES, v288). Mossé (MÓSSE,1990), ao concluir o pensamento acerca definição da mulher, definirá como uma “eterna menor”, reforçando a concepção de que deveria ter um tutor (*kýrios*) durante toda sua vida, primeiro sendo seu pai e, após o casamento, seu marido, sendo indispensável para seus cuidados um homem em sua vida.

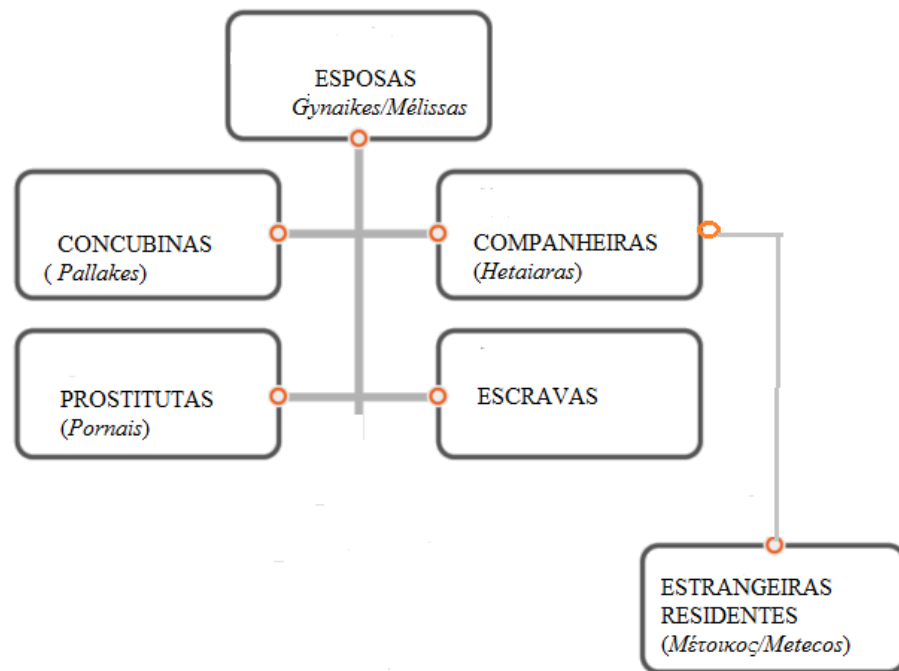
1.3 - Esposas, concubinas, estrangeiras, *hetairai*, *pórnai* e escravas: os diversos segmentos destinados à mulher na Grécia Clássica

Os diversos segmentos sociais que as mulheres poderiam encontrar na Atenas Clássica nos fazem vislumbrar uma sociedade marcada pela ausência de mobilidade social, principalmente pelo fato de não ser permitido casamento entre estrangeiros e escravos com os chamados cidadãos atenienses. Demóstenes (384 a.C. – 322 a.C.), no discurso Contra Neera²⁹, elucida como se organizava a estrutura organizacional da hierarquia da mulher na pólis ateniense: "Ora, nós temos as prostitutas, *hetaira*, para o prazer as concubinas/*pallakai*, para as necessidades quotidianas do corpo; as esposas/*gynaikes*, para conceberem filhos legítimos/*gnesios* e para serem guardiões do lar".

A partir dessa demonstração descrita por Demóstenes a fim de viabilizar esse estudo, criamos uma estrutura hierárquica a respeito desses estamentos sociais destinados às mulheres:

²⁸ *Animais*, de Aristóteles (livro 288^a), é o que mais se aproxima do conceito de ciências, em que o filósofo cataloga as mais variadas espécies animais na Grécia Antiga.

²⁹ Demóstenes, Contra Neera. LIX, 122.



Essa representação consiste numa forma de sistematizar os papéis sociais que as mulheres deveriam ocupar. Nas páginas seguintes, será pormenorizado cada estamento citado no gráfico ilustrado. No topo da hierarquia social, encontravam-se as *mélissai* (esposas).

O sistema estamental³⁰, estabilizado pelo nascimento com pouca ou quase nenhuma mobilidade social, estruturava a sociedade onde mulheres bem nascidas deveriam seguir padrões e normas comportamentais.

1.3.1. Mulheres/esposas (*gynaïkes*)

Apenas as mulheres filhas de pais e mães atenienses recebiam o status de *gyné* (mulher)/ *gynaïkes* (mulheres) ao completar a idade adequada para contrair matrimônio, geralmente ao entrar na puberdade. A condição essencial para uma mulher se casar com um ateniense e procriar para a *pólis* filhos legítimos era ser filha de pais atenienses. Dessa maneira, perpetuar-se-ia a condição da ausência da mobilidade social.

No lado oposto desta representação imagética acima, encontrava-se a *hetaira*: enquanto uma representava o privado, a outra representava o público; enquanto uma nascia na *pólis*, a outra seria estrangeira (*meteco*), como se as mulheres encarassem uma dualidade mesmo que invisível na sociedade ateniense:

A esposa (*dámar*, *gameté*, *gyné*) como procriadora aparece nos textos metaforizada como terra cerelífera e a abelha, estando intimamente ligada à deusa Deméter. A festa anual das *thesmophorias* publica a e reproduz o papel de complementaridade social da esposa, tanto no oikos quanto na pólis. A *palaké* e a *hetaira* se encontram nas esferas semântica do erotismo, da sedução, da beleza, do perfume e do prazer que invocam a deusa Afrodite. (THEML,1998, p.79)

³⁰ Segundo Mossé (MOSSÉ,1990), as atribuições jurídicas, ou estatutos jurídicos, eram apenas conferidos às *hetairas*, pois a estas eram cobrados valores anuais de seis dracmas. Portanto, percebe-se uma questão hierárquica quando vamos observar a posição estamental de Atenas: quatro categorias censitárias compunham a cidade de Atenas - desde os menos favorecidos *thetes*, que eram obrigados a trabalhar para sobreviver, ao demasiadamente rico, proprietário de terra que poderia dedicar uma parte de seu tempo aos assuntos públicos.

Em Atenas, ao homem era possível a escolha de usufruir dos prazeres do *amor* (*ta phrodisiáson*, Eros), com *pallakaí* (concubinas), *hetaírai* e, até mesmo, com outro homem (de preferência, mais novo). Já com a esposa (*gyné*), esses prazeres eram contidos, como domínio de si mesmo, pois o casamento não tinha como objetivo a satisfação do desejo, mas a procriação de filhos legítimos, perpetuação do culto doméstico, manutenção ou ampliação do patrimônio; portanto, o laço afetivo que se formava era o de amizade (*philía*) (Ibdem, p.85).

As *mélissai* deveriam sujeitar-se ao casamento, sendo determinado por Sólon como obrigatório³¹. Antes do casamento, as jovens permaneciam a maior parte do tempo no gineceu, ambiente destinado apenas às mulheres. Nesse lugar, elas recebiam educação direcionada ao *oîkos*, como instruções de tecelagem e, em algumas ocasiões não raras, noções de leitura, escrita e aritmética³².

Em relação às atividades exercidas pelas mulheres, estavam, conforme já citadas anteriormente, dentre as de provisão do lar, como tecer, prover o alimento e outros. Segundo Fábio Lessa (2010, p. 101), “a maioria das imagens [em vasos áticos] que constitui exemplos da atuação feminina no espaço público se refere à colheita de frutas. Parece-nos que essa atividade era tipicamente feminina” e que era uma “oportunidade a mais de conviver com as suas vizinhas”.

Sendo o casamento tratado mais como acordo, contrato e conciliação entre as *frátiiras* ou famílias, não se casava por amor, logo a relação sexual não seria importante. Os homens, de modo geral, dormiam com suas esposas uma média de três vezes ao mês³³, e a atração entre marido e mulher era algo incomum. A mulher deveria ser fiel ao seu esposo; o marido, por sua vez, como já fora dito, poderia relaciona-se com *hetaírai* prostitutas, e isso era bastante usual na Grécia Antiga. Segundo Ana Lúcia Curado (2011, p.14), na introdução de *Contra Neera*, de Demóstenes, o casamento com uma mulher cidadã legitimava a vida social e pública do homem, contudo a mulher legítima não poderia desempenhar outros papéis femininos também importantes, como de parceira amorosa, amiga e confidente, não significando que, ao regressar para o lar, o homem não desejasse receber carinho de sua própria esposa.

Segundo a lei criada por Sólon, citada por Plutarco, o marido deveria manter relações sexuais com a esposa pelo menos 3 vezes por mês, enquanto não houvesse filhos. De acordo com Fábio Lessa (LESSA, 2010, p. 72), “conclui-se que, após o nascimento deste (primeiro filho), o marido estaria desobrigado de cumprir a determinação da lei, ou seja, havendo a procriação, o ato sexual perdia a sua obrigatoriedade”. A informação acima de acordo com Lessa nos indica que o sexo apenas para procriação não era secundário no casamento fato que poderia ser recomendado ao menos 3 vezes por mês (caso ainda não houvesse o primeiro filho). Do contrário, o sexo deixaria de ser uma obrigação com a esposa para ser uma opção com a concubina.

1.3.2- Concubinas – *Pallakaí*

Ressaltamos aqui que, em detrimento de uma sociedade conservadora para as mulheres, já que deveriam procriar filhos legítimos para a *pólis*, o adultério constituiria um crime contra o Estado. Já aos homens, seria concedida a liberdade sexual, e o concubinato seria comum em Atenas. Embora a monogamia (casamento com apenas uma pessoa) fosse obrigatória em

³¹ PLUTARCO, Sólon. XX (fala do casamento, dotes e que o casamento se fundasse no desejo de procriação)

³² VRISSIMTZIS, Nikos A. Amor, Sexo & Casamento na Grécia Antiga, tradução de Luiz Alberto Machado Cabral. São Paulo>Odysseus, 2002.

³³ PLUTARCO. Sólon: Legislador de Atenas. Tradução e notas de Lobo Vilela. Lisboa: Editora Inquérito, 1939. p.46.

Atenas, era permitida a existência de uma *pallaké*, sem que necessariamente se caracterizasse como adultério³⁴. A concubina vivia regularmente com um homem, podendo ser uma estrangeira ou, até mesmo, uma escrava. Considera-se que, em geral, as mulheres ficavam nessa situação quando as suas famílias não conseguiam pagar um dote, o que inviabilizava o casamento. Tratava-se, portanto, de uma forma de obter proteção masculina fora do *oikos* paterno, na ausência de perspectivas de uma união formal, isso porque o companheiro passava a ser o guardião. Acredita-se que elas poderiam ser escravas ou estrangeiras e, até mesmo, atenienses livres (BERQUO, 2014, p.14).

O dote era muito importante e gerava a diferença entre casamento legítimo e concubinato. A donzela que não tinha o dote não poderia se tornar esposa legítima e, nesse caso, raros, escravas. O concubinato era permitido pelas esposas, sobretudo com relação à procriação. Nesse sentido, percebemos aqui que a real condição ao matrimônio era o de procriação.

1.3.3. *Metecos*: A condição jurídica do estrangeiro residente em Atenas do século V a.C.

As estrangeiras que viviam em Atenas eram conhecidas como *metecos*. Elas não tinham direitos políticos e tinham de ser representadas por um cidadão nos assuntos públicos (*prostátes*), além de pagar uma taxa de residência (*metoikion*), diferente para homens e mulheres. Logo, elas trabalhavam fora para se sustentar, normalmente em oficinas ou como cortesãs.

Integradas à vida cotidiana da cidade, porém eximida de qualquer compromisso cívico com a *pólis* devido ao seu não pertencimento nela. Grosso modo, Fustel de Coulanges diz que os deuses das cidades da Grécia não eram os mesmos que os habitantes das outras localidades. As estrangeiras eram consideradas sempre como não pertencentes à comunidade da *pólis*.

Inquirindo na política a questão de definição de cidadão, Aristóteles alcança uma primeira descrição do que se constituiria a cidadania: participar das decisões políticas da comunidade em que pertence. Então, um critério vigente restringe a cidadania aos membros da comunidade que descendem de cidadãos por ambos os lados, pai e mãe. (ARISTÓTELES, XXI, v4). Já Mossé (MOSSÉ, 1990) se atenta à ausência da palavra cidadã para se referir às mulheres.

Segundo Leão (LEÃO, 2018), manter residência em território ático não garantiria por si só a nenhum estrangeiro - mesmo sendo grego e oriundo de outra *pólis* - o direito de cidadania ateniense, ainda que essa residência se estendesse por várias gerações. Porém, com todas essas restrições, a simples autorização de residência na Ática atrairia muitos estrangeiros (p.177, 2018). Até meados do século Va.C.- período em que a democracia havia se consolidado – bastaria que o pai fosse cidadão, transmitindo o direito à respectiva descendência, mesmo o matrimônio sendo contraído com uma estrangeira. (LEÃO, p, 177, 2018)

Já no governo de Péricles, talvez com o intuito de limitar o número de cidadãos, este princípio viria a ser remodelado. Esta medida é abordada brevemente no tratado aristotélico, *Constituição de Atenas* (Ath.26,4): “E no terceiro ano a seguir a esta medida, durante o arcontado de Antídoto, foi decretado que, ao elevado número de cidadãos e sob proposta de Péricles, só teria direito de cidadania quem fosse filho de pai e mãe atenienses”.

Essa lei, proposta em 451/450 a.C., obrigaria a que ambos os progenitores fossem já cidadãos, como condição para que o mesmo estatuto transitasse para a respectiva prole.

³⁴ Diferentemente da mulher, se fosse pega em adultério, poderia o marido matar o amante sem ser culpabilidade por isso, e à mulher recorrer o castigo de ser excluída de todos os cultos da cidade e ser repudiada pelo marido.

Segundo Marta Mega de Andrade (2003), essa nova situação conferiu um sentido ativo à cidadania feminina, que assim foi reconhecida, embora as mulheres ainda estivessem fora da esfera político-institucional (BERQUÓ, p.10,2014).

Em consequência, os filhos nascidos entre um cidadão e uma estrangeira não teriam acesso aos direitos cívicos em sua totalidade. Os *nóthoi* - sendo assim classificados estamentalmente - não teriam nenhum direito referente à cidadania, conforme previsto por lei. Thelm (1998) notifica que, entre outras formas conjugais, como a concubinação, casamentos entre cidadãos e metecos(...), cujos filhos eram na sociedade um tipo de homem livre (*nóthoi*), segundo Aristóteles (Política, 1278. A 28-35), por falta de cidadão legítimo, conceder-se-ia cidadania aos *nóthoi*, tendo excluída a participação política logo que situações especiais desaparecessem (THELM, 1998, p. 83).

1.3.4. Prostitutas - *Pórnai*

As *pórnai* eram as prostitutas comuns, livres ou escravas, que podiam trabalhar na rua ou em bordeis. As mulheres mais pobres e mais miseráveis se tornavam prostitutas, que trabalhavam em pousadas de Atenas e dos Pireus (MOSSE, 1990, p.69). A prostituição era regulamentada em Atenas, sendo reconhecida como profissão, mesmo sendo uma com má reputação. Geralmente, não eram cidadãs, sendo uma ocupação usualmente exercida por estrangeiras. Porém, cidadãs que ficavam sem parentes ou sem guardião poderiam ter de recorrer à prostituição para manter-se. (CURADO, 2012, p.19).

Acredita-se que Sólon teria criado bordeis públicos, com preços acessíveis em Atenas, usando a renda obtida para financiar obras públicas (POMEROY, 1995). Os bordeis se concentravam nos bairros Cerâmico e Pireu, e as prostitutas que atuavam neles recebiam “diversas visitas masculinas, a troco de honorários modestos” (CURADO, 2012, p. 22).

1.3.5. *Hetaîrai*: Lugar social conferido às hetairas e às estrangeiras que atuavam na comercialização do corpo

Ao estrangeiro não residente em Atenas, recaía o termo *xénos*, plural *xénoi*, termo cujo significado se aproximaria de “hóspede” e “amigo”. A divindade do panteão grego que protegia os estrangeiros e hóspedes era Xênios. Já ao estrangeiro residente, existia outra denominação - na maioria das cidades-estados gregas, era conhecido como *métoikos*, “com residência”, plural *metoikoi*. Na transliteração, a palavra aproximada seria o termo “*meteco*”, que é extensamente usado nos livros escritos no idioma português (ARAUJO, 2008, p.31). No caso da sociedade ateniense, observamos haver certa importância do *meteco* (estrangeiro residente) dentro da Grécia no que se refere às atividades comerciais, pois, mesmo sendo um indivíduo sem direitos dentro do espaço da *pólis*, era parte da estrutura econômica dentro da sociedade. Até meados do século V a.C., período em que o regime democrático foi sendo solidificado, bastaria apenas que o pai fosse cidadão para assegurar a transmissão a esse direito, mesmo se o matrimônio houvesse sido contraído com uma estrangeira. Tal princípio viria a ser alterado por Péricles em uma lei proposta em 451/50, a qual obrigava que ambos os genitores fossem já cidadãos como condição de transmissão desse direito à respectiva descendência. A elaboração da democracia foi definida pelo autor como forma de controlar o “número elevado de cidadãos” por meio de uma aplicação mais efetiva do *ius sanguinius*, quer seja para proteção da pureza racial, quer para evitar acordos firmados por matrimônios com outras *pólis*. Em consequência, os filhos provenientes de casamentos mistos não teriam acesso aos direitos cívicos.

Essa condição para o matrimônio remontava aos meados do século V a. C., quando um decreto do estadista Péricles, datado de 451-450 a. C., só conferia a qualidade de cidadão àquele cujos pais fossem ambos atenienses. Segundo Aristóteles (Constitution d’Athènes, XXVI, 4), essa lei foi aprovada em Assembleia, por causa do aumento

crescente de cidadãos. Entretanto, esse decreto de Péricles foi posteriormente atenuado, em virtude da alta taxa de mortalidade de cidadãos atenienses, ocasionada pelas grandes perdas na guerra do Peloponeso (431- 404 a. C.) e, conseqüentemente, pela necessidade de aumentar a população ateniense democrática. Segundo Pomeroy (1975, p. 66-7), para solucionar o elevado índice de mortalidade em decorrência da guerra, foi diminuída a proporção de filhos legítimos, fato que gerou em Atenas a tolerância até mesmo da bigamia temporária e das uniões mistas. Todavia, em 403 a. C., a lei da cidadania foi novamente instituída, fazendo das cidadãs o único meio de garantir a produção de herdeiros legítimos (ONELLEY, 2012, p.12).

A partir da Constituição sancionada pelo legislador Sólon (639-559 a.C.) no início do século VI, a comercialização do corpo tornar-se-ia legal, contanto que não fosse praticada por mulheres atenienses. As prostitutas eram, em relação à sua origem, escravas ou ex-escravas, ou até meninas que haviam sido expostas por seus pais (MOSSÉ, 1990, p. 67-8). Sólon estabelece os primeiros prostíbulos a fim de auxiliar os *efebos* que atingiam a idade adulta a se aliviarem, impedindo que cometessem adultérios com mulheres respeitáveis, pois eles não poderiam casar-se antes de completar 30 anos (VRISSIMITZIS, 2002, p.84).

Ó Sólon, tu és o nosso benfeitor, pois nossa cidade está repleta de jovens de temperamento ardente que poderiam se extraviar pela prática de atos condenáveis. Porém, tu compraste mulheres e instalaste-as em locais determinados, onde ficam à disposição de quem as quiser (ATENEUS, 529, III).

Funari (FUNARI, 2011) esclarece em sua obra³⁵ que homens não deixavam de se relacionar com mulheres antes do casamento, pois eles mantinham relações com as *hetaîrai* "companheiras" de banquete, que, obviamente, não seriam as esposas legítimas. Nesses banquetes, comia-se, bebia-se, principalmente, conversava e filosofava-se, mas havia também relações sexuais que envolviam tanto homens³⁶ entre si como com as *hetairas*. (FUNARI, 2011, p. 44).

No ápice da escala de valores negativos que desciam até a mais baixa prostituição, estavam as *hetaîrai*, mulheres de vida licenciosa e companheiras de afeto e de diversão de homens influentes, que lhes proporcionavam, de modo geral, uma vida voltada para o prazer e o luxo. Essas mulheres, que eram em Atenas escravas, libertas ou estrangeiras, permaneciam em posição de inferioridade em relação às cidadãs atenienses e às esposas legítimas, já que a lei as privava de direitos civis³ e as excluía da maior parte das atividades religiosas da cidade, exceto das Grandes Panateneias e dos Mistérios de Elêusis, rituais abertos até mesmo para os escravos (APOLODORO. CONTRA NEERA [Demóstenes] 59.21;244). Naturalmente que a sociedade ateniense era menos rigorosa com as escravas, estrangeiras ou cortesãs, que gozavam de uma liberdade de vida e de convívio social a que as mulheres dos cidadãos não tinham acesso. Com efeito, as atividades cotidianas destas últimas, sobretudo as dos estratos da alta e média sociedade, restringiam-se praticamente ao campo doméstico, pois que não lhes cabiam direitos políticos nem jurídicos, sendo ativa sua participação na vida cidadina apenas em festivais religiosos ou em cerimônias de caráter privado, como casamentos e rituais fúnebres.

³⁵FUNARI, Pedro Paulo A. Grécia e Roma. Contexto. Repensando a História .2011.

³⁶ Conceituado com "amor nobre", aquele entre homens. (...) "nobre", porque, baseado nas afinidades de ideias, na relação de aprendizado, a chamada pederastia. Amor entre iguais, já idealizado por Platão. Este nome indica que se trata de uma relação "pedagógica", ou seja, de educação, de uma relação entre professor e aluno (em grego, menino é *piados*, palavra da qual derivam pederastia e pedagogia). Havia, pois, relações sexuais e amorosas entre adultos e meninos imberbes sem que, no entanto, houvesse a culpa (FUNARI, 2011, p.44). Um comportamento moralmente condenável, segundo Funari (FUNARI, 2011), era o descontrole que levava, no homem, aos modos efeminados, considerados falta de moderação.

Segundo Salles (1987), uma parcela considerável da população que residia nos bairros do Cerâmico³⁷ e nos principais portos de Atenas, como porto do Pireu, estavam ligados à prostituição.

Supomos que, através de ritos praticados nos templos de deuses ctônicos, localizados no espaço urbano, no Cemitério do Cerâmico e no Pireu, a sacerdotisa (...) cobrava um alto valor pelos seus serviços. Frinea parece ter sido surpreendida executando alguma prática mágica no Cemitério do Cerâmico ou no templo de alguma divindade ctônica(...) O encontro parece ter sido no Cemitério do Cerâmico, conhecida como área de prostituição. (CÂNDIDO, s.d., p.)

Segundo Sarah Pomeroy (POMEROY, 1999), a comercialização do corpo fazia parte da sociedade ateniense desde o período arcaico. Foi nas grandes cidades, sobretudo as que estavam situadas próximas às costas - constantemente visitadas por marinheiros - que a prostituição se concentrou. Em grego, a palavra "*pórne*" significa, "*prostituta*", que deriva do verbo *pérnemi* (vender). No início do século Va.C., a prostituição representava uma grande parte das atividades econômicas, inclusive havia arrecadação de impostos, como qualquer outro imposto ateniense denominado *pomikón*, instituído também por Sólon (POMEROY, 1999, p.107).

Cabe relatar a distinção da categoria *hetaira* (companheiro, que designa um substantivo sobrecomum, tanto para masculino quanto para feminino), da *pórne* (prostituta de rua, apenas para dar prazer ao corpo). Segundo Thirza (THIRZA, 2014), os serviços das *hetairas* tinham um preço elevado, o qual era pago com presentes ou auxílios das despesas domésticas. Elas também poderiam ser alugadas pelos homens por um certo período.

Conforme dito anteriormente, a palavra *hetaira* significa "amiga", "companheira" - elas acompanhavam os homens nos banquetes e em outros eventos sociais das quais esposas legítimas (*mélissas*), irmãs e filhas eram excluídas, tanto pela austeridade dos costumes como também pelo fato de serem pouco instruídas (VRISSIMTZIS, 2002, p.93). Ao contrário das *mélissas*, as *hetairas* podiam circular livremente pela cidade e estabelecer maior contato social (BERQUO, 2014, p.20). Observando a passagem de Contra Neera, o orador faz referência ao comportamento social da *hetaira* Neera: "(...) Então depois de ter chegado aqui com ela, ele a usava escandalosamente e petulantemente ia aos jantares (...) estava com ela publicamente"³⁸.

(...) encontramos a mulher estrangeira que se estabeleceu em Atenas por sua iniciativa. Para assegurar a sobrevivência, algumas atuavam com prostitutas (*pornai*) em recintos designados como prostíbulos (*porneia*) localizados na área do Cerâmico e do Pireu, ou que circulavam pela praça do mercado(...). Em meio à essa atividade de comércio com o corpo, encontramos as cortesãs de considerável prestígio e recursos, o que lhes permitia levar uma vida de conforto (...) exercendo a profissão de *hetaira*, essas mulheres circulavam em banquetes privados dos ricos, *aristoi* e emergentes, ao lado da política ateniense (CÂNDIDO, 2003, p.63).

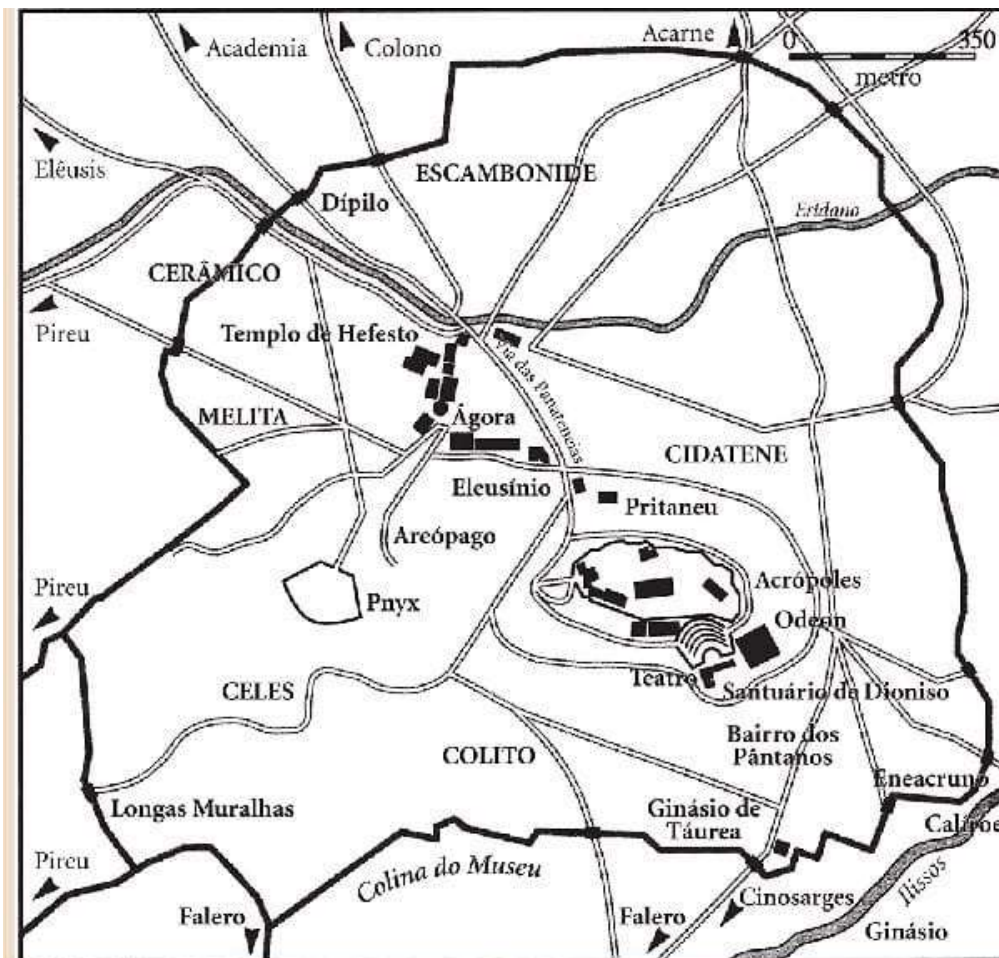
Pomeroy (POMEROY, 1999) afirma que mulheres livres, cidadãs ou não, permanentemente domiciliadas em Atenas, que praticassem a profissão, conforme citado anteriormente, deveriam estar registradas pagando impostos. As *hetairas* ou acompanhantes

³⁷ Bairro ligado à produção de cerâmicas, atividade secundária para suprir uma possível crise ligada à terra e à produção dos gêneros alimentícios, a saber: oliva, vinha e cereais.

³⁸ O discurso *Katà Neáipās*, Contra Neera, que integra o Corpus Demosthenicum e é atribuído pela maioria da crítica contemporânea ao orador Apolodoro, retrata o passado da célebre *hetaira* Neera e representa não só uma rica fonte para o conhecimento do feminino em Atenas da primeira metade do século IV a. C., mas também um testemunho de aspectos dos sistemas institucionais e processuais da *pólis* ateniense, mormente a dos séculos V e IV a. C (ONELLEY, 2012, p. 82).

pertenciam à parte mais alta dessa escala social. Muitas, além da beleza física, teriam formação intelectual e desenvolviam talentos artísticos.

Segundo Mossé (MOSSÉ, 2001), as moças mais pobres e mais miseráveis tornavam-se *pórnai*, podendo comercializar o que lhes pertencia - o seu corpo. Trabalhavam nas estalagens de Atenas ou do Pireus. (MOSSÉ, 2001, p.73). Pomeroy afirma ainda que Aspásia, estrangeira, começou como *hetaira* e terminou como senhora (POMEROY, 1999, p108). Acreditamos que esta residisse em Mélite, Atenas – local onde havia residências de acentuados portes e que pertenceriam aos ricos *metecos* – nas quais circulava a elite política de Atenas em busca dos prazeres das conversas nos banquetes e em que também se incluíam os prazeres do corpo com as *hetairas* (CÂNDIDO, 2003, p.164).



CÂNFORA (2011). Mapa de Atenas. O mundo de Atenas. 0 35 São Paulo: Companhia das Letras (p. 59).

Claude Mossé (MOSSÉ, 1990) atribuiu ao estatuto da *hetaira* o que mais lhe conferia liberdade, podendo circular pela cidade livremente, ou seja, transitar nos espaços públicos destinados aos homens. Poderiam se expressar livremente nos banquetes e falar com os homens de “igual para igual”.

1.3.6. Escravas

Numerosas em Atenas, as escravas são destinadas aos trabalhos domésticos. Elas podiam ser prisioneiras de guerra ou moças que foram raptadas ou, até mesmo, vendidas por suas famílias devido à pobreza. Poderiam trabalhar em oficinas ou em bordeis e, com o tempo, poderiam comprar a sua liberdade. Berquó (BERQUÓ, 2014) salienta que a maior parte das informações hoje disponíveis sobre as ocupações exercidas por mulheres na Atenas Clássica vem das listas de oferendas dedicadas pelas libertas a Atena, como agradecimento por sua liberdade.

1.4 - Mulher, estrangeira, *hetaira*: os diversos apanágios de Aspásia de Mileto

Aspásia de Mileto nasce em Ionia, na cidade de Mileto, costa oeste da atual Turquia. Aspásia, quando se instala em Atenas, recebe o status social de *meteco* - estrangeira. Aspásia vem do berço filosófico de Mileto. As notícias de seus primeiros anos são bastante nebulosas, embora sua morte possa ser atribuída a 401 a.C., e o conhecimento sobre sua vida coincide com os anos de residência em Atenas e o seu relacionamento com Péricles³⁹.



Fonte: internet/Domínio público.

A primeira notícia transmite o nome do possível pai de Aspásia, Axíoco⁴⁰. Pela evidência epigráfica, sabe-se que Axíoco (ou pelo menos o nome) estava relacionado com a demo de Alcibiádes. Relacionamos este fato com fato outro biográfico e histórico: Alcibiádes sofreu ostracismo no ano de 460 e pode ter se refugiado em Mileto, onde ele se casou com uma filha de um Axíoco, o aristocrata local. Após seu período de exílio, Alcibiádes retornou a Atenas com sua família, em cujos membros estava sua cunhada, Aspásia. Compreende-se a razão para a inclusão na tradição doxográfica de Aspásia: ratificando a afirmação de Tucídides (8.17.2.1) de que Alcibiádes era um amigo dos notáveis de Mileto (DUESO, 2021, p.24).

³⁹ Para uma análise dos documentos que transmitem a relação de Aspásia e Péricles, ler Pierre Brule.

⁴⁰ Plutarco, Péricles 24.3.

No entanto, isso também explica a importância de sua origem e subsequente relação com Péricles ao longo da história:

[24. 1] Depois disso, uma vez acordada uma trégua entre atenienses e lacedemônios por trinta anos, [Péricles] faz a expedição naval a Samos, tomando como causa contra aqueles que não haviam obedecido quando foram ordenados a suspender a guerra contra os milésios. . [24. 2] Já que parecequem tomou as ações contra Samos para agradar Aspásia (Ἀσπασία χαριζόμενος), este pode ser o momento preciso para nos perguntar, sobre essa mulher, qual foi a grande habilidade ou habilidade (τέχνην ἢ δόναμιν) pela qual ela tinha em suas mãos aos políticos mais influentes e para os quais ele forneceu aos filósofos uma razão para falar disso nem levemente, nem mal (Plutarco, Péricles 24. 1-26).



Cópia romana de um busto/o que é pensado para ser estela funerária de Aspásia.

Busto de Aspásia, Museu do Vaticano

Fonte \ internet \ domínio público.

Aspásia manteve um relacionamento com Sócrates por um tempo, e só então se torna a companheira de Péricles, o mais eminente político da cidade ateniense.

MENEXENO: - Mas tu saberias falar na Assembleia, se fosse preciso e se fosses o escolhido?

SÓCRATES: - Claro que sim, Menexeno! Sobre tudo porque tenho por mestra uma mulher que é oradora brilhante, qual se diz, até que ensinou suas artes a vários excelentes oradores, e até ao maior de todos os gregos, a Péricles, filho de Xantipo.

MENEXENO: - Estás falando de Aspásia, não é?

SÓCRATES: - Ela mesma (...) (PLATÃO, MENEXENO, 235e).

Em *Menexeno*⁴¹, Platão⁴² satiriza a relação de Aspásia com Péricles⁴³ e cita Sócrates, afirmando ironicamente que ela treinava muitos oradores, e que até mesmo Péricles foi educado por Aspásia, ele seria superior na retórica a alguém educado por Antífona. Ele também atribui a autoria da Oração Fúnebre à Aspásia e ataca a veneração de Péricles por ela.

SÓCRATES: - Ela mesma. E também de Connos, filho de Metróblio. Ele é meu mestre de música; ela, de retórica. Com tais professores, qualquer um aprende a falar. Mas nem precisa tanto! Gente muito menos bem ensinada do que eu também consegue ganhar muitos votos, facilmente, só com elogiar morto ateniense, em Atenas.

MENEXENO: - E o que dirias, se tivesses de falar?

SÓCRATES: - Ideia minha, não me ocorreria nenhuma. Mas ainda ontem ouvi Aspásia fazer uma oração fúnebre completa para esses mesmos mortos (...).

Nesse momento, ele elucida como Aspásia ensinaria a pontuar na prática, como se constroem os argumentos mais sedutores para uma plateia que o orador conhece e cujas fraquezas dedica-se a explorar uma a uma (236d – 243e).

SÓCRATES: - [segundo ele mesmo, imitando Aspásia de Mileto, amante de Péricles⁴⁴]: Primeiro, lembrar que esses guerreiros já receberam praticamente todas as honras que merecem e só depois de devidamente honrados é que encetaram a fatal viagem. Dessa viagem, agora, só lhes falta andar os últimos metros, acompanhados pelos parentes e pelos cidadãos. Falta receberem, apenas, a homenagem pela palavra, como manda a lei e como é nosso dever homenageá-los agora. É graças aos belos discursos que as ações desses mortos serão convertidas em memória da cidade. (...) Para homenageá-los, nada melhor que seguir a ordem da natureza. (...) Em primeiro lugar, portanto, é preciso dizer que esses mortos foram virtuosos, porque nasceram de famílias virtuosas: elogie-se então a origem nobre do morto. Em seguida, na ordem da natureza, elogiem-se a educação que receberam e a qualidade dos mestres. Depois, basta dizer que, ao longo da vida, e até na fatal guerra final, o morto viveu de acordo com seu nascimento nobre, sua educação nobre e sua instrução nobre. (...) É pouco provável que se ouçam vozes discordantes (...) (Diz Aspásia que não se recomenda, em nenhum caso, listar nomes de deuses. São muitos, todos os conhecemos e, além disso, sempre haveria um de dois perigos: ou esquecermos algum nome divino, ou entediar a plateia e entediar, como se diz, até os mortos.) Dos deuses deve-se dizer, isso sim, que nos ensinam todas as artes, da paz e da guerra(...) (Sobre o Estado, diz Aspásia, deve-se sempre dizer algumas palavras. Porque é o Estado que forma os homens que adiante morrem, e que os torna bons, se é um Estado bom; ou maus, se é um Estado mau. Por isso é muito importante – de fato, é indispensável – demonstrar que todos os ancestrais de todos os mortos que se tenha de elogiar nasceram em Estado bom (...) Uns lhe dão o nome de democracia, outros lhe dão outros nomes, mas a democracia é sempre o governo da elite, com a aprovação do povo. (...) (Sobre a democracia e o governo da elite, diz Aspásia, melhor não se demorar. Tantos poetas e cantores já tanto cantaram em versos a nossa democracia, que se nós nos pusermos a cantá-la também em prosa, corremos o risco de mostrar pior prosa do que os já tantos e tão belos versos que o povo conhece de cor. Dos temas do governo, melhor passar aos temas das batalhas e seus heróis.) Todos os nossos heróis mortos foram heróis da democracia ateniense e de muitas batalhas. (...) O resultado das primeiras batalhas, devido tanto aos que combateram em

⁴¹ Nesse ensaio, escrito entre 387-361 a.C., Sócrates e seu aluno Menexeno, personagem assíduo dos Diálogos de Platão, encontram-se na rua. Menexeno diz a Sócrates que acaba de sair de uma reunião do conselho dos ‘maiores’ da cidade, na qual deveriam ter sido escolhidos alguns oradores ‘oficiais’, para falarem em cerimônias fúnebres; mas diz que a decisão ficou adiada para o dia seguinte. Sócrates, então, como que ‘pensa em voz alta’ sobre os discursos fúnebres, mas, em larga medida, sobre todos os discursos que os políticos constroem para oferecer ao povo.

⁴² Não se tem certeza da autenticidade de que todos os diálogos são escritos por Platão.

⁴³ Plato, *Menexenus*, 236a.

⁴⁴ Segundo Fittipaldi, Platão, parodiando a oração fúnebre que Péricles teria pronunciado, tal como a narra Tucídides nos cap. 35 a 46 do primeiro livro da História da guerra do Peloponeso.

Maratona em terra, quanto aos que combateram no mar em Salamina, foi que todos os gregos aprenderam como fazer, e habituaram-se a enfrentar os bárbaros (não a fugir deles). (...)Elogiemos, no elogio do morto de hoje, os mortos de antes; porque foi pela coragem deles que vencemos não apenas algumas batalhas em terra ou no mar, mas praticamente todas as guerras. Graças a eles, nossa cidade ganhou a reputação de cidadela indestrutível, inexpugnável para qualquer exército estrangeiro; reputação bem merecida porque, quando afinal fomos vencidos, não nos derrotaram armas estrangeiras, mas nossas dissensões e rivalidades; as nossas, não as deles. Fomos e somos invencíveis, ante qualquer inimigo: quando os atenienses somos derrotados, nós nos derrotamos nós mesmos.

Aspásia, sendo uma *hetaira*, não se configura apenas como uma prostituta de luxo: Aspásia tem um salão em Atenas, que é ao mesmo tempo um bordel e um ponto de encontro para grandes oradores, políticos. Há clientes tão prestigiados quanto Sócrates ou Péricles. Sócrates costumava visitá-la com seus discípulos, e seus amigos mais próximos levavam suas esposas para ter com Aspásia aulas de retórica.

Em *Acarnienses*⁴⁵, o dramaturgo sugere que Aspásia dirigiu uma casa de *hetairas* em Atenas, ao relatar que jovens megarenses bêbados sequestraram "duas prostitutas de Aspásia (Ἀσπασίας πόρνα δύο)". Isso é, em certa medida, confirmado pelo testemunho de Plutarco [24. 5]. Ele aponta para o fato de ela ter possuído um negócio que era tudo, menos honrado e digno, pois mantinha jovens prostitutas; por reunir-se com muitos homens, com objetivos retóricos [24.7]; e destacou como, em diferentes comédias, a figura de Aspásia foi identificada. Aspásia foi rotulada como "Omphale", "Deianira", "Hera" e "Helen" - personagens mitológicas que, em alguma medida, prejudicaram Hércules, perseguindo-o, escravizando-o, vestindo-o com trajes femininos, matando-o, ou seja, a partir dessas figuras, Plutarco, ao recorrer aos versos de Cratino, vincula a atuação política de Aspásia a ideais femininos prejudiciais ao homem político. Novos ataques sobre a relação de Péricles com Aspásia são relatados por Athenaeus.

Péricles amava-a tanto que deixara sua esposa Crisila para viver com a *hetaira*. Plutarco afirma que a cortesã tinha um grande poder de persuasão e que seu amante vivia rendido aos seus caprichos⁴⁶. Na verdade, à medida que voltam da Ágora, Péricles e Aspásia, como dizem nos relatos, cumprimentava-a diariamente com um beijo (Plutarco, Péricles 24. 5.1-6; 7.1-8. 2; 8.4-9. 3).

Péricles instala Aspásia em sua casa com o título de concubina (BRULÉ, 2001, p.238), já que era originária de Mileto⁴⁷. Aspásia foi tida em alta estima por Péricles por ser uma mulher sábia e experiente na política (σοφὴν καὶ πολιτικὴν); porém, o seu interesse foi de fato por envolvimento sentimental: "A quem a amou com especial ternura" [24.8-9]. Seu relacionamento com Péricles é desaprovado por seus contemporâneos. Segundo Brulé (2001), o motivo que desagrada não é Péricles ter uma amante, e sim a não hesitação em mostrar seu amor: ele beija Aspásia em público, instala-a em casa depois de divorciado da esposa legítima, e quando seus adversários políticos processam a *hetaira* por impiedade, ele não hesita em implorar a pena dos juízes e chorar no tribunal. Essa conduta é considerada inadmissível pelos aristocratas de Atenas, e é por isso que muitas fontes (Platão e Aristófanes, entre outros) tendem a criticar Aspásia: Aristófanes a torna responsável pela guerra do Peloponeso (BRULÉ, 2001,

⁴⁵ *Acarnienses* 527; Paz 502 10

⁴⁶ PLATÃO, Menexeno. In: FITTIPALDI, Caia. Platão e o discurso "dos políticos": O Menexeno, *Anais de Filosofia Clássica*, vol2, nº 4. pp.65-6.

⁴⁷ Péricles, ao separar-se da sua esposa legítima, passou a viver com Aspásia, que seria mais moça que ele cerca de trinta anos e que sobre ele exerceu grande influência (MARINHO, 1978, p.68).

p.238). É válido ressaltar que Neyde Thelm (THELM,1998) explicita as virtudes concernentes ao homem: “o autocontrole, a moderação, o homem senhor de si, livre, não pode ser escravo dos prazeres nem em casa e nem fora de casa. O excesso conduzia à *hybris* e esta ao *miasma*, a contaminação (...)” (THELM, 1998, p. 87).

É natural que Aspásia estava desafiando diretamente os costumes da cidade, educando as jovens, e que isso teria sido visto pelos opositores de Péricles com olhos ruins. Até mesmo o próprio filho de Péricles, Xanthippus⁴⁸, que tinha ambições políticas, não hesitou em caluniar seu pai sobre seus assuntos domésticos.

Péricles e Aspásia têm um filho: Péricles, o Jovem. Não sendo nascido de dois pais atenienses, ele não poderia ser considerado um cidadão ateniense, em virtude de um decreto de 451 estabelecido pelo próprio Péricles, já mencionado anteriormente. No entanto, quando Péricles perdeu seus dois filhos legítimos durante a praga de 429 a.C., ele concluiu que Péricles, o Jovem, deveria ser reconhecido como legítimo.

A perda de seu companheiro em 429 a.C. não impede que Aspásia preserve sua influência e independência. Ela então se concentra em um homem chamado Lysicles, a quem ela coloca na vanguarda da vida política em Atenas. Segundo Esquines (apud POMEROY) diz que Lysíeles, o vendedor das ovelhas, um homem de nascimento humilde e modesto por natureza, tornou-se o homem mais importante de Atenas apenas porque passou a viver com Aspasia após a morte de Péricles. (POMEROY, 1999, p.105).

Contudo, já são três os paradigmas acerca do lugar social de Aspásia de Mileto, sendo ela considerada estrangeira, *hetaira* e sofista. Aspásia é admirada por sua inteligência, e é isso que fez dela uma mulher tão influente - não hesita em participar de conversas filosóficas ou políticas, mesmo que sejam domínios exclusivamente masculinos. Ela também é uma mulher independente⁴⁹, o que chocou enormemente os atenienses, desconstruindo e rompendo a ideia de que a mulher estava restrita à fala e influência.

⁴⁸ Durante a praga de Atenas, Péricles testemunhou a morte de sua irmã e de seus dois filhos legítimos, Páralo e Xantipo, com sua primeira esposa.

⁴⁹ BRULÉ, Les Femmes Grecques. 2001, p. 241.

II - AS AMBIGUIDADES LITERÁRIAS E HISTÓRICAS SOBRE ASPÁSIA DE MILETO

2.1: A linha tênue entre a relação da voz das mulheres e a esfera pública ateniense

Iniciaremos o capítulo pontuando alguns questionamentos acerca das exclusões sobre as mulheres na sociedade ateniense. De fato, devido a algumas lacunas que os textos antigos nos proporcionam, talvez pela sua tradução ou fragmentos que se perderam ao longo dos anos, a essas respostas encontramos duradouros silêncios. Como nos aponta o autor do *corpus* (DUESO, 2021), busca-se encontrar respostas a esses silêncios nas obras do filósofo Platão, assim como em tanto outros comediógrafos, filósofos e como o feminino se apresenta perante a dicotomia masculino x feminino nas esferas públicas, com a educação diferenciada, a execução de tarefas distintas entre ambos os sexos.

Não podemos compreender as sociedades clássicas providas dos mesmos conceitos contemporâneos. Igualmente, não podemos atribuir-lhes pensamentos feministas, embora alguns escritores percebem algumas elucidações nas falas de Platão consideradas à frente de seu tempo para alguns conceitos já arraigados na época.

A mulher não estaria apta a governar ou participar de batalhas. Esse afastamento seria algo relacionado à inferioridade feminina? Nenhum documento nos foi deixado informando e relatando que alguma mulher ocupou um cargo no governo ateniense, seja ele no período arcaico, clássico ou helenístico. Ou elas de fato não ocuparam ou seus nomes foram silenciados, e nos foi ocultada essa informação. À exceção da possibilidade de filósofas rainhas, como foi proposto em a República, de Platão, temos também a possibilidade de uma sociedade comandada por mulheres em Lisístrata, peça escrita no final do século V a.C., por Aristófanes. O comediógrafo dedicou uma comédia na qual as mulheres seriam as líderes do Estado, na promessa que a única maneira de as mulheres conseguirem acabar com a guerra seria realizarem uma greve de sexo. Essa possibilidade foi escrita numa proposta de sarcasmo, mais do que uma possibilidade que aconteceria de fato. Parte da graça e do escárnio é que as mulheres não sabiam falar adequadamente em público, virtude essa inerente à capacidade masculina tão somente relacionada à política.

Numa clara representação de arquétipos e signos que estariam relacionados às mulheres nas narrativas mitológicas, elas sofreriam um processo de metamorfose ao, por exemplo, deixarem de seguir um “padrão comportamental”: a mulher sofreria um “castigo”, por vezes algum tipo de castigo físico, ou seria transformada em algum animal, por descumprir essa regra - quando falava demais, seria transformada em um animal ou passaria a nunca mais falar, como é o caso de Eco, no mito de Narciso, uma ninfa que recebera um castigo de ficar muda por ser considerada “tagarela” demais. As representações que ilustrariam a mulher condizem com o baixo, frio, úmido, a noite, a lua, o silêncio, a reclusão e o interior. O homem teria as representações arquetípicas de forte, alto, viril, associado ao calor, estaria relacionado à fala e ao exterior, à guerra, entre outras. Um exemplo para essa representação arquetípica na mitologia é a Lua, que seria representada pela figura feminina da deusa Selene; o Sol, pela figura masculina do deus Hélio; e assim, percebemos uma categorização para as representações do masculino x feminino e como seus corpos eram representados. Falaremos mais profundamente sobre o corpo na antiguidade no capítulo posterior. Logo, o discurso público e a oratória não eram apenas tarefas que as mulheres antigas estariam destinadas a não fazer, eram virtudes que definiam a masculinidade como gênero.

A mulher que expressasse sua opinião e sua fala em público não seria, por definição, uma mulher, salvo se ela falasse no sentido de clamar pelos seus próprios interesses, porém nunca falar pelos homens nem pela comunidade, como nos afirma Beard (BEARD, 2018, p. 25). São esses silêncios acometidos às mulheres pelo gênero oposto, cujo ocultamento de fontes buscamos, conjuntamente com a arqueologia, esclarecer. Como exemplo, temos as cerâmicas encontradas, as estátuas, os relevos, as pinturas, os afrescos, os mosaicos, as moedas, os amuletos, os adornos ou, até mesmo, o estudo dos nomes, conhecido como onomástica, a partir das lápides funerárias que a Antropologia auxilia a compreender, como a entrada de certas famílias em Atenas apenas a partir do estudo nos nomes encontrados nas lápides e suas inscrições ali deixadas. Assim, sugere o próprio Jose Solana (DUESO, 2021), como a onomástica a respeito da família de Aspásia, fontes nos indicam que ela veio para Atenas com seu cunhado. A partir do ano 450 a.C., teríamos encontrado utilizações do nome da família *Milésia*. Com essas informações e com o estudo dos símbolos, a historiografia busca responder as lacunas, e em futuras pesquisas tentaremos encontrar respostas que possam nos comprovar que a mulher sofrera injustiças ao longo dos séculos.

A contribuição das fontes não escritas nesse cenário é de extrema relevância, já que o domínio da escrita na época era privilégio de poucos, e sua circulação, restrita. Segundo Bustamante (BUSTAMANTE, 2006), no campo da História Antiga, as imagens deixaram de ser meras ilustrações e tornaram-se importantes suportes de informações históricas sobre as sociedades que as produziram e consumiram.

Nosso objetivo não é andar em círculos, já que não podemos pensar na sociedade ateniense com os mesmos olhos e conceitos contemporâneos, o ideal é, antes de mais nada, compreender que as relações de gênero e sexualidade contribuem com o agente de dominação do masculino sobre o feminino. Inicialmente, percebemos no estudo da História que é sempre o passado do outro que se torna o nosso. Cada uma das teorias – discurso e gênero - apresenta aspectos distintos, mas que, quando trabalhadas em conjunto, é possível perceber as relações de dominação do outro, da força hegemônica presentes na sociedade.

Na Grécia antiga, a mulher, o estrangeiro e o escravo eram subordinados à figura masculina, condição de superioridade devida ao fato de esse homem ser nascido de pais e mães atenienses. Fatores sociais e econômicos dividiam a sociedade. A singularidade de cada posição social revelará diferentes respostas aos comportamentos de cada indivíduo: um fator hegemônico se dava pela obtenção de terras: os aristocratas, conhecidos como eupátridas, eram as camadas da sociedade de onde saíam os líderes, os detentores do poder. A compreensão dessa realidade nos instiga a perceber que, através de aspectos construídos social e culturalmente, existem conceitos, como a exclusão e a opressão de determinados grupos sociais.

Percebemos que os parâmetros estruturais dessa sociedade revelarão normas a serem seguidas, de acordo com o seu status social, assim como quase todas as sociedades antigas, nesse momento, olharemos como o estudo da Antiguidade produz nessa intenção de projetar uma reflexão sobre questões urgentes do mundo contemporâneo.

Peter Brown ⁵⁰(BROWN,1993), em seu estudo sobre o corpo na Antiguidade, relata que, durante o apogeu do Império Romano no século II, os cidadãos tinham uma expectativa média de vida inferior a 25 anos. O risco não estava proeminente apenas a quem tinha sobrevivido na

⁵⁰ Peter Brown é um historiador especialista em Antiguidade Tardia. Esse estudo traz um parecer sobre a transição da sociedade politeísta romana, e o surgimento de uma sociedade cristã e a visão que ambas apresentam sobre corpo e sexualidade. Tão logo a sociedade romana é uma remanescente dos costumes gregos, aproveitaremos seus estudos para elucidar a perspectiva do corpo social, as performances e suas relações entre a parcimônia e o excesso.

infância, o jovem continuava em risco. Quem continuava vivo receberia a incumbência da cidade para procriar filhos legítimos e, assim, substituir seus mortos.

Com esse intuito, foram criadas leis por meio das quais se recompensariam as famílias para terem filhos à medida que se penalizavam os solteiros. A reprodução era estimulada e estimava-se que cada mulher jovem tivesse em média 5 filhos (BROWN,1993, p.21). Avaliamos aqui um olhar diferente para o corpo na Antiguidade.

A idade estabelecida para que as mulheres contraíssem matrimônio não era superior a 14 anos. Aparecem em 95 % das lápides encontradas no Norte da África inscrições constando que elas eram casadas, tendo a idade não mais que 23 anos.

O corpo, nesse cenário da Antiguidade, serviria ao Estado, seriam negligenciadas suas necessidades e individualidades. Nessa mesma lógica, o corpo do cidadão ateniense estava para o Estado: os cidadãos da políade via lógica para a funcionalidade dela. Corpo e cidade eram um único organismo.

A manifestação de um estudo sobre gênero nos impele a compreender que o corpo feminino fora moldado e condicionado a performar comportamentos considerados como naturais ou atribuídos ao seu sexo. A História de Gênero nos fará compreender que esses comportamentos foram adquiridos ao longo dos anos. Por isso, a necessidade de olhar sobre o outro – esse outro da Antiguidade estabelecendo uma relação de alteridade espacial e temporal.

Judith Butler (BUTLER,2018) centraliza seus questionamentos e problematizações na relação do sujeito e o “outro”, dando ênfase na palavra “outro”, ela direciona nosso entendimento à alteridade, ou melhor, na ausência dela. Ao não compreender o outro que foram construídas as relações de poder entre os sexos.

Por isso que, dentre alguns direcionamentos do pós-estruturalismo, conhecido como o quinto momento, entraria o impacto feminista, trazendo questionamentos que indagam como o feminino e o masculino foram definidos, inclusive como suas identidades foram moldadas ao longo dos séculos. Esse questionamento estaria propondo a compreensão que as identidades deveriam ser pensadas no plural, e não no singular.

Avaliar a sociedade como ela foi estruturada, como seus padrões normativos foram estabelecidos e tidos como imutáveis - o pós-estruturalismo rompe com estereótipos e padrões consolidados ao longo dos anos, principalmente, por sociedades patriarcais. O pós-estruturalismo questiona a sociedade para além das questões ocasionadas pelas diferenças entre as classes sociais, ele questiona a dominação que resulta na exclusão das minorias, incluindo gênero, as relações inter-raciais e de sexualidade como padrões heteronormativos. Na década de 70, iniciou-se um longo processo de tornar visíveis as mulheres da Antiguidade e passou-se a questionar de fato a exclusão a que a mulher fora submetida não somente do cenário social, mas também político e do discurso universal masculino, inserindo uma renovação na produção temática e metodológica da escrita da História, atribuindo à mulher falas, gestos, imagética, visibilidade e um debruçar novo sobre as representações do seu corpo e suas ações.

Assim, podemos construir uma narrativa em relação ao papel social do corpo de Aspásia de Mileto, podendo ser percebido como um corpo de ação performática: como pessoa pública – sofista, logógrafa, entre outras - Aspásia não pode ser considerada uma pessoa livre, ela está imbuída de reproduzir comportamentos direcionados ao público.

Uma característica que a sociedade Antiga tinha era de que as ações deveriam ser sempre comedidas – o ato sexual, por exemplo, conforme Peter Brown nos afirma, se não utilizado com finalidade, estaria incitando nos jovens desejos que, para sua virilidade, não seria aceitável. Dar vazão aos desejos carnavais seria uma afronta ao pensamento de mediania.

Existe um conceito de parcimônia na Antiguidade que sugere uma “medida para todas as coisas”. Aristóteles referia-se como “justa medida” ou ‘mediania’. Nela, o ser humano, encontraria o equilíbrio ideal entre vícios e virtudes. A *hýbris*, pode ser traduzida como tudo que passa da medida e descomedimento, sugerindo no ser humano que realiza uma confiança exacerbada e arrogância, inicialmente desagradando os deuses e que frequentemente terminaria com uma punição.

A *hýbris* geralmente era ocasionada pela falta de controle dos impulsos e tudo o que fora motivado por paixões exageradas. Referia-se ao desequilíbrio, opondo-se ao bom senso e comedimento. A virtude, portanto, seria reconhecida como aquilo que é bom, reto, útil e honesto. Esses conceitos vão ao encontro de um termo apresentado por Aristóteles como *areté*, que na sua essência condiz com o aperfeiçoamento o comportamento que se espera do homem político. O corpo da Antiguidade não é visto sob a mesma ótica da contemporaneidade; os corpos do masculino e do feminino não eram compreendidos como da mesma maneira nem tampouco suas ações.

Ainda referente a esse contexto, outro valor que não podemos apontar é assemelhar a relação simplista dos conceitos de homossexual⁵¹ e heterossexual contemporâneos. O fato de o homem ter relação sexual com outro homem ou dele com a mulher não era suficiente para identificar sua categoria sexual. Contudo, o homem – aristocrático e cidadão - deveria cumprir o que estaria destinado a sua “ordem natural”: a função sexual ativa, compatível com o seu autodomínio, controle e domínio sobre os demais membros da sociedade – mulheres e escravos (BARBOSA, s/d, p.47).

Vale ressaltar que a Antiguidade não estigmatizava conforme o século atual o comportamento homossexual – até mesmo hoje não aceitamos mais o termo, pois por muito tempo se referiu a uma maldição ou até mesmo sendo ligado à doença. Classificaremos, então, o relacionamento entre dois iguais como relacionamento ou atos homoafetivos, sendo conhecido na Antiguidade (entre dois homens) como *pederastia* (todo cidadão deveria passar pelo ato de aprendizagem ao menos uma vez na sua vida, tidos como necessários à formação deste jovem e iniciação à formação da sua cidadania), conhecido também como *efebia*, dentro de muitas classificações, destina-se ao ato de iniciar um jovem sexualmente com um aristocrata mais velho, preferencialmente, seguidos de alguns códigos rígidos a serem seguidos. Suas implicações são mais de cunho social do que propriamente pessoal.

A Antiguidade não apresenta um conceito que separe a homossexualidade ou homoafetividade da heterossexualidade, mas uma “bissexualidade cujas manifestações pareciam comandadas pelo acaso de encontro, e não por determinismos biológicos” (BARBOSA, s/d, p.157). Aqui, podemos compreender que o que define o homem e sua heterossexualidade não é o ato sexual que ele desempenhará com a mulher, porque o homem da Antiguidade realiza o coito com o ser da mesma espécie, e não era considerado uma mulher. O que o classificaria como tal é desempenhar funções não condizentes com suas virtudes.

2.2 AS AMBIGUIDADES DE ASPÁSIA

Aspásia de Mileto é um verdadeiro enigma: apesar de ser a mulher que foi citada por comediógrafos, filósofos, inimigos políticos de Péricles, sofistas e tantos outros na Era da Atenas Clássica, pouco se pode dizer sobre ela com certeza de que seja verdade. Neste capítulo,

⁵¹ A palavra homossexualização é uma expressão cunhada no século XIX – ela vem carregada de julgamentos nos quais os atos são tidos como anormais e pervertidos, ficando aos cuidados da patologia clínica (CANDIDO, p.36).

abordaremos os traços encontrados no epitáfio de Menexeno⁵², onde Aspásia é mencionada por Sócrates e, nessa narração, podemos interpretar se Platão revela Aspásia como personagem histórico ou mitológico. Começamos nossa incursão pelo diálogo *Górgias*, no qual encontramos, na passagem 454b, uma das definições da retórica apresentada por Górgias como resposta à pergunta de Sócrates: “Que espécie de persuasão é a retórica e sobre o que se manifesta?”

Ressaltando a questão da habilidade retórica de Aspásia, Sócrates relata a Menexeno que ela tinha talento para o improviso. Diz que não há dificuldade alguma em improvisar-se um discurso, mas que se deve possuir talento para tal. Nas palavras do filósofo: não há de se admirar, Menêxeno, se eu for capaz de falar bem, pois tive, justamente, uma professora nada fraca na arte da retórica, e que preparou excelentes oradores, entre os quais se destaca o mais distinto dos Helenos, Péricles, filho de Xantipo. (PLATÃO, 2015, 235 e, p. 2 903).

Dueso (DUESO, 2021) nos adverte que as características históricas de Aspásia estão envoltas em “uma atmosfera de mito e lenda” (DUESO, 2021, p. 57). Dentre algumas citações, o nome de Aspásia está ligado à comédia, tal fato põe em xeque a existência desse personagem sempre atrelado ao escárnio e à comédia. Percebemos vícios que se repetem aqui. É importante destacar que parâmetros atuais não nortearam nossa pesquisa. Creditamos esse fato aos nomes das mulheres terem sido ocultados dos registros históricos pelos homens. Outro levantamento de Solana (IDEM, p. 58) é a respeito de outros nomes importantes como Protágora ou Hipias, ao serem ironizados, em nenhum momento questionou-se da historicidade dos sofistas em questão ou de suas habilidades.

A mulher, como se não tivesse que comprovar sua habilidade, terá que comprovar também a sua existência, fato esse não sendo necessário ou exigido para os homens. Como parte desse estudo, as atribuições de Aspásia e citações avaliam cada vez mais participação dessa figura emblemática no cenário da *políade* ateniense. Primeiro temos o registro de seu nome atrelado ao nome de um importante estadista ateniense: Péricles, o arconte eleito na Atenas de 461 a.C. a 429 a.C., época em que ele teria feito mudar até as leis a fim de poder ser reconhecido como seu marido. Aspásia, a estrangeira que veio residir em Atenas, passou a participar dos núcleos destinados aos homens e se tornou companheira de Péricles, bem como mitigou os efeitos das leis elaboradas por ele próprio, pois o casamento entre um cidadão e uma estrangeira não poderia ser realizado, nem o filho deles ser reconhecidos como cidadão.

Após essa constatação de Péricles ter assumido o concubinato com Aspásia, essa *milésia*, estrangeira, mulher, *hetaira*, assume posições que perpassam limitações que poderiam estar associadas ao seu nome, principalmente, porque alguns comediógrafos e alguns dos inimigos políticos de Péricles atrelam o seu nome ao escárnio e à comédia. Tal fato, inclusive não exime a historicidade de Aspásia.

O que torna este diálogo único é a pretensão de fidelidade com que são reproduzidas as palavras de Aspásia: o Menexeno é, mais que um diálogo, se trata de um epitáfio. A introdução

⁵² Sócrates dialoga com o filho de Demofonte, Menêxeno no diálogo VI. Pertencente a uma família aristocrática de onde saíram muitos homens que atuaram na política ateniense do século V. Menêxeno é apresentado como um jovem que chegou à idade da *efebia* – dezoito anos – e está apto a assumir a maior parte dos direitos políticos da Constituição ateniense. O encontro se dá em um espaço não definido, depois de o jovem sair do Conselho onde os magistrados adiaram para o dia seguinte a escolha do orador que iria proferir a oração fúnebre. Trazido, então, este tema na conversação, com sutil ironia, Sócrates ensina ao jovem o caráter convencional do gênero retórico, feito de fragmentos previamente preparados pelos oradores que apenas os adaptam para as circunstâncias específicas do presente; na sequência, Sócrates, para provar que não é difícil improvisar sobre tais assuntos, profere ele mesmo um *epitáfios* convencional que, segundo o próprio filósofo, aprendeu de Aspásia, sua professora de retórica, que também teria ensinado a Péricles as artes do gênero.

do discurso fúnebre é marcada pela discussão entre Sócrates e o jovem Menexeno, que manifesta interesse pela vida política e também pela retórica. Entender que o diálogo se centraliza na elaboração de um discurso fúnebre, muitas vezes, elaborado por um logógrafo.

O papel do logógrafo⁵³ está relacionado intimamente à escrita de um discurso possivelmente proferido por terceiros. O coautor - no caso de Aspásia, coautora -, entre quem escreveria, e Péricles seria o líder político encarregado de pronunciar. Por sua definição, um logógrafo é aquela pessoa que escreve discursos judiciais ou políticos para outras pessoas. Por razões da própria função, um logógrafo trabalha no anonimato; vale ressaltar que o fato era indiferente ao logógrafo ser homem ou mulher. O ofício era permitido em Atenas, sendo uma prática bastante usual. No caso de Aspásia, é atribuída a ela a elaboração do discurso proferido por Péricles, conhecido como discurso fúnebre.

Nesse caso, temos a confirmação, através de Sócrates, de que teria sido Aspásia quem elaborou o discurso fúnebre proferido por Péricles. Talvez a ideia de ser a pessoa que orquestra a mensagem que será apresentada num discurso, não seja de grande valia. Contudo, avaliando toda a sociedade em que o poder está intimamente ligada à fala, a qual não era dada às mulheres, ter uma mulher - novamente frisando o fato de ela ser estrangeira, não reconhecida como cidadã, assim como foi feito com Aristóteles -, não só com participação, mas também como a mentora das palavras discursadas por Péricles, é de extrema importância e reforça a excepcionalidade de Aspásia.

Assim, Dueso (DUESO, 2021) aborda o fato de que o discurso proferido por Péricles foi elaborado por Aspásia. O círculo político de Péricles possibilitaria outras pessoas escreverem o discurso para ele, como Anaxágoras, por exemplo, mas o autor inviabiliza qualquer outro responsável por essa incumbência (DUESO, 2021, p. 57).

Aspásia, para a época, recebera o status de “mestre de retórica”⁵⁴, escrevendo, assim, discursos diversos em “pé de igualdade com um homem”; de alguma maneira, a estratégia encontrada por Aspásia, já que impedida de participar da política, era a de imprimir suas opiniões nos discursos apresentados.

De Aspásia Milesia, de quem os comediógrafos reclamam muito, Sócrates usou para filosofia (εις φιλοσοφίαν), Péricles para retórica (εις ῥητορικὴν) (Clemente de Alexandria, Stromata 4. 19. 122. 3).

Esse testemunho nos revela quão preterida e, ao mesmo tempo, necessária se fez essa mulher que, em outrora, alguns registros da época vilipendiou-a. Nessa ambiguidade de

⁵³ Os logógrafos (do grego antigo λογογράφος, logográphos, composto por λόγος, lógos, que aqui significa "história", "prosa", e γράφος gráphos, de γράφω grápho, "escrever") foram os historiadores e cronistas gregos antes de Heródoto. Ele os chamou de "λογοποιοί" (logopoiói, de ποιέω, poíeo, fazer). Tucídides aplicou o termo logógrafo a todos aqueles que o precederam, incluindo o próprio Heródoto (I, 21). O mesmo título de logógrafo foi aplicado na Grécia Antiga, e particularmente na Atenas Antiga, aos autores de discursos jurídicos.

⁵⁴ Os sofistas (do grego σοφία [sophía] e σοφός [sophós], "sábios") eram estudantes e professores de retórica, que desenvolveram a sua atividade na Atenas democrática nos séculos V e IV a.C. Centraram-se no relativismo, na natureza, na criação de leis, na moralidade, no conhecimento da linguagem, na concepção epistemológica construtivista e no ceticismo quanto ao valor absoluto do conhecimento. Sua filosofia é conhecida através de fragmentos e testemunhos de Platão, Aristóteles e Flávio Filostrato[1]. Os filósofos naturais (physis), os pré-socráticos, desenvolveram diferentes teorias para explicar o cosmos. Os sofistas e Sócrates vão mudar o objeto da filosofia. Agora, o tema da reflexão é o homem (nomos) e a sociedade (pólis).

Para Platão e Aristóteles, os principais difamadores do recurso, acreditam que, considerando apenas a persuasão de um público, seja em assembleias políticas ou durante julgamentos judiciais, os sofistas desenvolvem um raciocínio cujo objetivo é apenas a eficácia persuasiva, e não a verdade, e que como tal geralmente contém sofismas (falácias). Apesar das opiniões negativas, a partir do século XIX, vários pensadores tentaram justificar os sofistas.

atuações, ou de impressões sobre essa mulher, que buscamos decifrar por meio dos documentos a instigante atuação de Aspásia de Mileto.

Um dos documentos ou registros que nos comprovam a hipótese de Aspásia ser a responsável por escrever o epitáfio que foi proferido por Péricles é Menexeno:

[235e] Menexeno – Julgas então que tu próprio serias capaz de discursar, se fosse preciso, e se o Conselho te escolhesse?

Sócrates – Sim, Menexeno, mesmo eu, não seria nada de espantar que fosse capaz. Acontece que tive por mestre uma mulher que está longe de ser medíocre em matéria de oratória. É a mesma que formou uma multidão de excelentes oradores, entre os quais há um que se destaca entre todos os Gregos – Péricles, filho de Xantipa. Menexeno – Quem é? Referes-te a Aspásia, obviamente... [236a] Sócrates – Sim, com efeito. E além dela tive por mestre Conos, filho de Metróbio. Foram os meus dois mestres, este para a música, aquela para a oratória. Quando um homem recebe uma tal educação, não espanta que se torne um temível orador! Mas mesmo quem recebeu uma educação inferior à minha – mesmo um homem que tivesse Lampros por mestre de música, e Antifonte de Ramnonte por mestre de eloquência – seria capaz de ganhar nome louvando os Atenienses diante de Atenienses.

Menexeno – E que dirias, se tivesses que falar? Sócrates – Eu mesmo, provavelmente nada...

[236b] Mas justamente ontem ouvi Aspásia declamar até ao fim uma oração fúnebre sobre este mesmo assunto. Pois deve ter ouvido, como tu dizias, que os Atenienses se preparavam para escolher aquele que devia falar. Assim repetiu-me o que é preciso dizer, em parte segundo a sua inspiração do momento, noutra parte colando pedaços e fragmentos que já deve ter composto – se queres a minha opinião, na época em que compôs a oração fúnebre que Péricles pronunciou.

Sócrates afirma em Menexeno que, no “dia anterior” ao encontro com o jovem, ele esteve com Aspásia e ouviu de sua boca um discurso pronto, e passou a proferi-lo. Ele não somente a intitula como sua mestra, como também a do estadista Péricles, tendo-lhe ensinado o discurso fúnebre registado por Tucídides. Menexeno afirma também que a conhece muito bem e sabe exatamente como ela é (249d):

(...) [d] Esse foi, Menexeno, o discurso de Aspásia de Mileto.

MENEXENO: Por Zeus, Sócrates, bem-aventurada é, segundo você diz, Aspásia se ela é capaz de, sendo mulher, compor discursos como esse.

SÓCRATES: Mas se você não acredita, venha comigo para escutar ela discursando pessoalmente.

MENEXENO: Muitas vezes, Sócrates, eu já me encontrei com ela por acaso e sei muito bem como ela é. SÓCRATES: E então? Não está admirado com ela e não está agradecido hoje pelo seu discurso?

MENEXENO: Muitíssimo agradecido, Sócrates, a ela [e] ou a qualquer outro que tenha proferido esse discurso para você. E, além disso, sou ainda mais grato a aquele que o pronunciou para mim.

A ausência aqui de uma cronologia fidedigna (pois o cidadão estaria na sua fase de *efebia*, ou completando 18 anos), devido às datas, Menexeno seria ainda uma criança quando conheceu Aspásia, ou ela estaria na fase final de sua vida ou já estaria morta, mas ainda assim percebemos nessa “falta com a verdade” proposital dos fatos que Platão quis expressar sua crítica aos textos retóricos. O contexto que remete a esse diálogo vem de uma necessidade de

Platão expressar sua indignação ou deixar expressa sua opinião a respeito da retórica – um gênero que não se preocupa com a verdade filosófica. A falsidade do gênero ou caráter demagógico-político do discurso é também denunciada quando Platão faz questão de pontuar na fala de Sócrates que ele, antes de iniciar seu discurso para Menexeno, explica que não era difícil fazê-lo, referindo-se à facilidade que é elogiar a cidade de Atenas para os atenienses. O objetivo aqui não é falar sobre a veracidade da retórica no texto de Menexeno, senão reiterar a retórica como uma das habilidades de Aspásia e pontuar também que essa proposta de diálogo estaria atrelada a um sofista. Percebemos aqui uma possibilidade de ela ser assim considerada, já que o filósofo em questão, Platão, condenava os sofistas e sua prática de retórica. É comum atrelar a imagem de Aspásia a uma mestra em retórica, apenas aos sofistas seria dado esse mérito. Anaxágoras, Arquélau (séc. V a.C. -s/d) e Sócrates foram os principais mestres da Filosofia na Atenas de Péricles, que viveu no século V a. C.

Aspásia chegou a Atenas por volta de 450 a.C. Pela informação de que ela teria chegado a Atenas por volta dos seus vinte anos, teria nascido em 470, na cidade de Mileto. Ao chegar na cidade ateniense, ela conseguiu uma licença para abrir uma escola de ensino, possivelmente, de retórica. Essa licença foi obtida durante o governo de Péricles, e é através da constante frequência de homens ilustres que frequentavam o espaço de sua escola como alunos ou discípulos que lhe recaiu o status de “cortesã”, palavra contemporânea que mais se aproxima da que se descreve nos textos antigos. Além de Sócrates e Péricles, também havia o jovem Alcebiades, Fídias (o escultor que mais se destacou durante o governo de Péricles).

Embora fosse casado, Péricles separa-se de sua esposa⁵⁵ e une-se em concubinato com Aspásia, já que a lei ateniense impedia o casamento do homem novamente:

Qual arte (questionou Plutarco), qual poder de sedução tinha aquela mulher a ponto de enlaçar em sua teia o mais extraordinário homem de Estado de sua época, e de, inclusive, levar muitos filósofos a falarem dela com tanta pompa e com tanta honradez? (Per., 20, I, 24, 6).

A oração fúnebre registra uma superioridade e supremacia dos atenienses nas guerras. Alguns autores como Luciano Cãfóra (2011), desmistifica essa narrativa considerando a democracia como um mito elaborado pelos atenienses, como se não houvesse de fato. Porém, o nosso trabalho não viabilizará tais proporções, limitando apenas esse breve comentário, pois o tema pode ser compreendido por outras orientações. Segundo o autor, Péricles beneficiava-se de uma espécie de “Principado”, no qual a manutenção de poder beneficiaria nada mais que a elite ateniense voltada para os donos de terra. Corroborando esse pensamento, temos a fala de Plutarco. (CÂNFORA, 2011, p.10).

“Péricles põe ao serviço da democracia uma atitude fortemente aristocrática, já que se nota uma certa aversão pelo convívio popular. Mas, por outro lado, esta atitude em exagero tem os traços do arrogante que Teofrasto descreve no capítulo 2 (Per. 8.6)

⁵⁵ Apesar de ser quem ele era, Péricles não conseguiu separar para casar-se novamente, já que as leis de Atenas não permitiam um novo casamento para os divorciados. As leis atenienses permitiam a separação, mas não a dissolução em si do casamento, por questões da não condição do status de não cidadã da mulher e pela devolução dos dotes, já que estes deveriam ser devolvidos ao tutor ou pai da esposa (kyrios). O dote só não seria devolvido em caso de adultério por parte da mulher; caso não fosse devolvido, a mulher ficava totalmente sem arrimo, visto que ela não era herdeira, cabia-lhe apenas usufruir desse dote.

Nota-se isso pelo que nos diz a Constituição de Atenas e o que realmente a realidade nos impõe a respeito desse sistema, conhecido como democracia, e toda a exaltação atribuída à cidade estado de Atenas:

Nossa politeia não copia as leis dos Estados vizinhos; somos nós que servimos mais como um modelo para os outros do que somos imitadores. Chama-se democracia, porque não são os poucos, mas os muitos que governam. Se consultarmos nossas leis, elas prescrevem uma justiça igual para todos a despeito de suas diferenças individuais; no que diz respeito à estatura social, a evolução na vida pública se deve à reputação pela capacidade, e não se permite que considerações classistas interfiram com mérito; e nem a pobreza é impedimento, se um homem é capaz de servir o Estado, ele não é impedido pela obscuridade de sua condição." (TUCÍDIDES (2.37[γ])

Assim, atrelando a relação do discurso fúnebre à honraria de ser homenageado postumamente, Sócrates, ironicamente, diz:

[234c] Certamente, Menexeno, em muitas ocasiões parece bonito morrer na guerra. Pois você obtém um túmulo lindo e magnífico, mesmo que pereça na pobreza, e obtém elogios, mesmo que seja inepto, de sábios que elogiam ao acaso, mas que há muito preparam seus discursos. Fazem seus louvores tão lindamente, [235a] dizendo de cada um as qualidades que possui e as que não possui e adornando-as com as mais belas palavras, enfeitam nossas almas. Eles elogiam a cidade de todas as maneiras, aqueles que morreram na guerra e todos os nossos antepassados que nos precederam e nós mesmos que ainda estamos vivos, eles nos elogiam de tal forma que pela minha parte, Menexeno, sinto-me muito nobre por ser elogiado por eles e cada vez fico em êxtase ouvindo-os, encantado, [235b] pensando que num instante me tornei mais nobre e mais belo. Aqueles que me acompanham e ouvem o discurso comigo são sempre alguns estrangeiros, diante dos quais me torno instantaneamente mais venerável. Parece, de facto, que também experimentam estas mesmas coisas em relação a mim e ao resto da cidade, que consideram mais admiráveis do que antes, persuadidos pelo orador. (PLATÃO, Menexenus 234c1-235c5).

Nitidamente, no fragmento acima, Sócrates remete-se à habilidade de persuasão dos oradores cujo objetivo é ludibriar o receptor. Ele continua:

Essa venerabilidade dura mais de três dias. [235c] A fala flauta e a voz do orador penetram em meus ouvidos de tal maneira que só no quarto ou quinto dia recobro o juízo e percebo onde estou na terra; enquanto isso, quase acredito que moro nas Ilhas dos Bem-aventurados. É assim que nossos oradores são habilidosos (IDEM).

Podemos apontar que, nesses dois trechos, Sócrates condena a retórica, pois ela, além de enganar, enfeitando a alma com belas palavras, remete aos estrangeiros um ar de superioridade dos atenienses para com os que não se enquadram nessa condição. O atordoamento causado pela demagogia da retórica é tamanho que o ouvinte precisa de alguns dias para se recompor.

Sócrates também pode estar desmerecendo a arte da retórica presente no discurso fúnebre, pois, se ele diz que “até uma mulher” é capaz de o fazer, é porque o seu grau de dificuldade é quase nenhum ou nulo, frente a essa infinda disputa da hegemonia da filosofia à retórica e dos próprios filósofos para como os sofistas.

Outrossim, o registro que refuta essa informação é que Sócrates jamais teria problema em declarar que aprende com uma mulher, haja vista que ele cita Diotima:

Sócrates, filho de Sofroniscus, o melhor dos filósofos, não considerava indigno da filosofia aprender algo útil com as mulheres (παρὰ γυναικῶν μαθεῖν τι

χρήσιμον). Por isso, certamente, não se envergonhou de proclamar Diotima como sua professora (διδάσκαλον) e continuou a frequentar Aspásia (Teodoreto, Cura das Doenças Gregas 1. 17. 4 – 18. 1).

2.3 Oração Fúnebre e a Guerra do Peloponeso

A oração fúnebre tradicional é considerada um gênero oratório que fazia parte das celebrações em honra aos mortos de guerra. Havia honra em morrer pela sua terra. Conforme a tradição ateniense, o governo democrático celebrava esse rito durante a segunda metade de outubro e primeira metade de novembro com concursos atléticos e artísticos. Erguiam-se, respectivamente, monumentos em homenagem aos mortos em batalha e declamavam-se orações ou discursos aos seus feitos.

A história da Guerra do Peloponeso contada por Tucídides⁵⁶ retrata com riqueza as batalhas que ocorreram na Região do Peloponeso. Sabe-se, por meio dela, que Tucídides nasceu em Atenas, entre os anos de 460 e 455 a. C., e que, provavelmente, possuía minas de ouro na Trácia, mantendo uma relação muito estreita com o círculo mais conservador em Atenas.

Tucídides descreve a cerimônia em 2. 34. A oração fúnebre (epitaphios logos) era um elogio feito anualmente em Atenas aos que perdiam a vida no campo de batalha. Servia, assim, não só para glorificar os heróis (e, deste modo, convencer os vivos de que morrer por Atenas era uma honra), como a própria polis e os ideais por ela defendidos. Para isso, segundo Aristóteles, que na Retórica nos fala dos discursos epidícticos (nos quais o epitaphios logos se inclui), estes devem incluir referências aos acontecimentos passados e especulações sobre os futuros – o que equivale a dizer que é preciso apelar às memórias gloriosas e aos sonhos de grandeza dos ouvintes. É esse o esquema de oração fúnebre que Tucídides atribui a Péricles, uma das poucas que chegaram até nós. (Per., p.119)

De acordo com Marshall Sahlins, a Guerra do Peloponeso caracterizou-se como, principalmente, um jogo de forças políticas, sendo representada pela tentativa de expansão da democracia; de um lado, a democracia pelos atenienses, do outro, a oligarquia dos espartanos, cada cidade queria expandir sua forma de governo pela Hélade e adjacências. Nicole Loraux (LORAUX,1994) enfatiza sobre a importância dos discursos fúnebres como manutenção desse ideal democrático da *pólis*: ele se encarrega não somente de servir como instrumento de manutenção, como também trabalhar aspectos da “boa lembrança”, segundo ela: “encarregavam-se de lembrar os atenienses, que, apesar da multiplicidade de seus atos, da diversidade, das situações e das vicissitudes do futuro, a *pólis* permanece como única” (LORAUX, 1994, p.151).

A *pólis* honrava seus cidadãos mortos em combate por meio da oração fúnebre e reencontrava a si própria no discurso, estabelecendo-se como causa final da morte. Encontramos exemplo em Tucídides, quando ele descreve o discurso de Péricles frente ao descontentamento da população: (...) “Se a cidade pode suportar o infortúnio de seus habitantes na vida privada, mas o indivíduo não pode resistir ao dela, todos certamente devem defendê-la” (TUCÍDIDES.II.60).

A oração fúnebre é um gênero cujo objetivo é elogiar (*epaineîn*) os mortos e, por conseguinte, também a cidade e a constituição política que os formou e educou, sempre

⁵⁶ Historiador, responsável por escrever, segundo ele, a guerra que “seria grande e mais importante que todas as anteriores” H.I.1). Escreveu em seu exílio a História da Guerra do Peloponeso. A duração da guerra foi de 27 anos (431-404 a.C.). Tucídides iniciou o relato sendo interrompido no 21º ano do conflito, pois viera a óbito, dando Xenofonte a continuidade.

buscando demonstrar a superioridade de Atenas e de seus cidadãos em relação às outras cidades gregas e aos povos bárbaros. Para demonstrar a superioridade de Atenas, uma das técnicas utilizadas pelos oradores é a retomada do passado histórico, com a finalidade de criar o sentimento de ufanismo e, por conseguinte, conseguir a persuasão. Embora Esparta tenha sido a grande vencedora na Guerra do Peloponeso diante de Atenas (431-404), esse fator não era percebido devido ao grande enaltecimento e exaltação à glória ateniense.

A hegemonia de Péricles no mar Egeu, dentre tantos destaques econômicos e culturais ocorridos durante o seu governo, fez com que Atenas experimentasse uma época áurea no século V a.C, período que ficou conhecido pelo nome “o século de Péricles”.

A talassocracia, mais conhecida como governo nos mares, além de assegurar a hegemonia ateniense, trouxe de uma forma menos abrangente a disputa entre as principais cidades-estados gregas: Atenas e Esparta, e seus respectivos aliados. Os indicativos sobre esse conflito tiveram como fonte primária a obra hegemônica de Tucídides – A Guerra de Peloponeso -, escrita por ele enquanto permaneceu exilado na ilha de Trácia, mais precisamente o primeiro livro, no qual os discursos de Péricles (conhecidos como orações fúnebres) serão discriminados.

A oração e o discurso fúnebres possivelmente não teriam sido escritos por Péricles, o qual escrevera poucas coisas, segundo relato de Plutarco, apenas “alguns decretos”. Como sendo da autoria de Péricles, apenas se recordam quatro frases em Plutarco, Obras Morais, 186c.

Essa narrativa, que vai ao desencontro de uma sociedade mais pautada no principado, segundo Luciano Cãnfora (CÂNFORA, 2015), do que em uma democracia de fato, vai ter como direcionamento do seu discurso uma honra dada aos mortos que morreram nas batalhas. A oralidade de Péricles tem destaque ao ser enfatizado por Plutarco que a eloquência dele o trouxe para o cenário político, assim como a moderação e a perspicácia.

Uniremos a participação de Aspásia à vida pública de Péricles, quando ele deixara sua esposa e passou a conviver com ela - e, mais uma vez, temos a simbiose entre vida política e privada: é que, ao que parece, a “Nova Hera” tinha um papel de peso nas decisões políticas que Péricles tomava.

Destacamos outra influência de Aspásia sobre Péricles a partir do que Plutarco admoesta sobre a Guerra de Samos:

[24. 1] Depois disso, uma vez acordada uma trégua entre os atenienses e os lacedemônios durante trinta anos, [Péricles] votou a favor da expedição naval a Samos, tomando como causa contra eles o fato de não terem obedecido quando foram ordenados a suspender a guerra contra os Milesianos. [24. 2] Como parece que ela empreendeu as ações contra Samos para agradar a Aspásia (Ἀσπασία χαρίζομενος), este pode ser o momento preciso para nos perguntarmos, em relação a esta mulher, qual foi a grande habilidade ou capacidade (τέχνην ἢ δύναμιν) pela qual tinha os políticos mais influentes em suas mãos e que deu aos filósofos motivos para falar dele nem levemente nem mal. 3. Que era de origem milésia e filha de Axíoco, todos estão de acordo (Per., 24. 1-26).

Importa recordar que Aspásia era natural de Mileto, cidade hostil a Samos:

25. 1. Quanto à guerra contra Samos, acusam Péricles de a ter decretado sobretudo por causa de Mileto, a pedido de Aspásia¹⁷². As duas cidades estavam em guerra por causa de Priene¹⁷³ e os Sâmios, que levavam vantagem, não obedeceram quando os Atenienses mandaram terminar o

combate e deixar a resolução do litígio a seu cargo¹⁷⁴. 2. Péricles fez-se ao mar e derrubou a oligarquia que existia em Samos (IDEM, 2013).

Recordaremos a situação que ficou conhecida como o “Decreto de Mégara”. Em tal circunstância da Guerra do Peloponeso, Mégara era aliada de Esparta. O "decreto megariano" é considerado uma das muitas causas da Guerra do Peloponeso, envolvendo no cenário Péricles e Aspásia. O "decreto megariano" foi emitido por Atenas com o propósito de afetar a economia de Mégara. Estabelecia que os mercadores de Mégara não podiam atuar em território controlado por Atenas. O decreto de Mégara proibia também os seus habitantes, acusados de acolherem escravos fugitivos, de entrar nos mercados de Atenas e das cidades aliadas. Essa proibição punha em causa a subsistência dos Megarenses, que, devido à exiguidade do seu território, eram forçados a obter os bens de primeira necessidade nas cidades vizinhas (PLUTARCO, 2013, p.123).

Aristófanes⁵⁷ (Acarnenses 515-539, Paz 601-611) atribui a questões pessoais a não revogação do tratado e conclusão do entrave com “nada melhor que a Guerra”:

Ao que parece, nutria um ódio pessoal contra os Megarenses; mas apresentou contra eles, como acusação pública e oficial, a apropriação da terra sagrada²¹⁹. Promulgou um decreto para que se lhes enviasse um arauto e o mesmo também aos Lacedemônios, acusando os Megarenses. 3. Ora, este decreto, certamente de Péricles, é prudente e usa argumentos moderados (PLUTARCO, 2013, p. 124).

No curso do tempo do inverno⁵⁸, seguindo um costume de seus antepassados, celebraram a expensas do tesouro os ritos fúnebres dos primeiros concidadãos vítimas dessa guerra. A cerimônia consiste no seguinte:

(...) os ossos dos defuntos são expostos num catafalco durante três dias, sob um toldo próprio para isso, e os habitantes trazem para os seus mortos as oferendas desejadas; no dia do funeral, ataúdes de cipreste são trazidos em carretas, um para cada tribo, e os ossos de cada um são postos no ataúde de sua tribo; um ataúde vazio, coberto por um pálido, também é levado em procissão, reservado aos desaparecidos cujos cadáveres não foram encontrados para o sepultamento. Todos os que desejam, cidadãos ou estrangeiros, podem participar da procissão fúnebre, e as mulheres das famílias dos defuntos também comparecem e fazem lamentações; os ataúdes são postos no mausoléu oficial, situado no subúrbio mais belo da cidade"; lá são sempre sepultados os mortos em guerra, à exceção dos que tombaram em Maratona que, por seus méritos excepcionais, foram enterrados no próprio local da batalha. Após o enterro dos restos mortais, um cidadão escolhido pela cidade, considerado o mais qualificado em termos de inteligência e tido na mais alta estima pública, pronuncia um elogio adequado em honra dos defuntos. Depois disso o povo se retira. São assim os funerais e durante toda a guerra, sempre que havia oportunidade, esse costume era observado (TUCÍDIDES, 2001, p.108)

Péricles, filho de Xântipos, foi escolhido para falar:

⁵⁷ Acarnenses 524-527. Aristófanes justifica a origem da Guerra do Peloponeso de modo fantasioso: tendo em consideração a alegada influência de Aspásia sobre Péricles, faz com que a guerra pareça consequência de uma vingança pessoal por causa do rapto de duas cortesãs da companheira do estadista. Essa represália assumiu a forma de decreto, proibindo os Megarenses de praticarem trocas comerciais com Atenas (PLUTARCO, 2013, p.125).

⁵⁸ A cronologia habitual na época de Tucídides; o verão incluía a primavera e o inverno o outono, sendo o "verão" igual a cerca de oito meses e o "inverno" a cerca de quatro. (TUCÍDIDES, 2001, p.89).

37. "Vivemos sob uma forma de governo que não se baseia nas instituições de nossos vizinhos"; ao contrário, servimos de modelo a alguns²⁹ ao invés de imitar outros. Seu nome, como tudo depende não de poucos, mas da maioria, é democracia. Nela, enquanto no tocante às leis todos são iguais para a solução de suas divergências privadas, quando se trata de escolher (se é preciso distinguir em qualquer setor), não é o fato de pertencer a uma classe, mas o mérito, que dá acesso aos postos mais honrosos; inversamente, a pobreza não é razão para que alguém, sendo capaz de prestar serviços à cidade, seja impedido de fazê-lo pela obscuridade de sua condição. Conduzimo-nos liberalmente em nossa vida pública, e não observamos com uma curiosidade suspicaz a vida privada de nossos concidadãos, pois não nos ressentimos com nosso vizinho se ele age como lhe apraz, nem o olhamos com ares de reprovação que, embora inócuos, lhe causariam desgosto. Ao mesmo tempo que evitamos ofender os outros em nosso convívio privado, em nossa vida pública nos afastamos da ilegalidade principalmente por causa de um temor reverente, pois somos submissos às autoridades e às leis, especialmente àquelas promulgadas para socorrer os oprimidos e às que, embora não escritas, trazem aos transgressores uma desonra visível a todos (TUCÍDIDES, 2001, p.109-115)

Nesse fragmento, Péricles vangloria-se sobre o sistema democrático que serve de inspiração a outros povos. Ele continua a vangloriar-se como trata seu povo, oferecendo-lhes festas e como podem descansar a mente:

38. "Instituímos muitos entretenimentos para o alívio da mente fatigada; temos concursos, temos festas religiosas regulares ao longo de todo o ano, e nossas casas são arranjadas com bom gosto e elegância, e o deleite que isto nos traz todos os dias afasta de nós a tristeza. Nossa cidade é tão importante que os produtos de todas as terras fluem para nós, e ainda temos a sorte de colher os bons frutos de nossa própria terra com certeza de prazer não menor que o sentido em relação aos produtos de outras (IBDEM).

Aqui, embora a guerra tenha sido vencida pelo adversário, segue o modelo de organizar-se perante uma batalha. É importante ressaltar que quando finda a guerra e Tucídides realiza essa parte do discurso, Péricles já havia morrido, inclusive no início da Guerra do Peloponeso, de modo que não viu o desenvolvimento e o desfecho dela.

39. "Somos também superiores aos nossos adversários em nosso sistema de preparação para a guerra nos seguintes aspectos: em primeiro lugar, mantemos nossa cidade aberta a todo o mundo e nunca, por atos discriminatórios, impedimos alguém de conhecer e ver qualquer coisa que, não estando oculta, possa ser vista por um inimigo e ser-lhe útil. Nossa confiança se baseia menos em preparativos e estratégias que em nossa bravura no momento de agir. Na educação, ao contrário de outros que impõem desde a adolescência exercícios penosos para estimular a coragem, nós, com nossa maneira liberal de viver, enfrentamos pelo menos tão bem quanto eles perigos comparáveis. Eis a prova disto: os lacedemônios não vêm só quando invadem nosso território, mas trazem com eles todos os seus aliados, enquanto nós, quando atacamos o território de nossos vizinhos, não temos maiores dificuldades, embora combatendo em terra estrangeira, em levar frequentemente a melhor. Jamais nossas forças se engajaram todas juntas contra um inimigo, pois aos cuidados com a frota se soma em terra o envio de contingentes nossos contra numerosos objetivos; se os lacedemônios por acaso travam combate com uma parte de nossas tropas e derrotam uns poucos soldados nossos, vangloriam-se de haver repellido todas as nossas forças; se, todavia, a vitória é nossa, queixam-se de ter sido vencidos por todos nós (IBDEM).

Com o considerado pioneirismo, Péricles exalta também a capacidade de Atenas em deixar "livres" aqueles que exercem a sua cidadania, exalta a filosofia, a capacidade de diálogo.

Exulta a coragem da intrepidez do cidadão ateniense, ao ponto de dizer que Atenas é uma escola para toda a Hélade, por conseguinte, para toda a Grécia:

Se, portanto, levando nossa vida amena ao invés de recorrer a exercícios extenuantes, e confiantes em uma coragem que resulta mais de nossa maneira de viver que da compulsão das leis, estamos sempre dispostos a enfrentar perigos, a vantagem é toda nossa, porque não nos perturbamos antecipando desgraças ainda não existentes e, chegado o momento da provação, demonstramos tanta bravura quanto aqueles que estão sempre sofrendo; nossa cidade, portanto, é digna de admiração sob esses aspectos e muitos outros. 40. "Somos amantes da beleza sem extravagâncias e amantes da filosofia sem indolência. Usamos a riqueza mais como uma oportunidade para agir que como um motivo de vanglória; entre nós não há vergonha na pobreza, mas a maior vergonha é não fazer o possível para evitá-la. Ver-se-á em uma mesma pessoa ao mesmo tempo o interesse em atividades privadas e públicas, e em outros entre nós que dão atenção principalmente aos negócios não se verá falta de discernimento em assuntos políticos, pois olhamos o homem alheio às atividades públicas não como alguém que cuida apenas de seus próprios interesses, mas como um inútil; nós, cidadãos atenienses, decidimos as questões públicas por nós mesmos, ou pelo menos nos esforçamos por compreendê-las claramente, na crença de que não é o debate que é empecilho à ação, e sim o fato de não se estar esclarecido pelo debate antes de chegar a hora da ação. Consideramo-nos ainda superiores aos outros homens em outro ponto: somos ousados para agir, mas ao mesmo tempo gostamos de refletir sobre os riscos que pretendemos correr, para outros homens, ao contrário, ousadia significa ignorância e reflexão traz a hesitação. Deveriam ser justamente considerados mais corajosos aqueles que, percebendo claramente tanto os sofrimentos quanto as satisfações inerentes a uma ação, nem por isso recuam diante do perigo. Mais ainda: em nobreza de espírito contrastamos com a maioria, pois não é por receber favores, mas por fazê-los, que adquirimos amigos. De fato, aquele que faz o favor é um amigo mais seguro, por estar disposto, através de constante benevolência para com o beneficiado, a manter vivo nele o sentimento de gratidão. Em contraste, aquele que deve é mais negligente em sua amizade, sabendo que a sua generosidade, em vez de lhe trazer reconhecimento, apenas quitará uma dívida. Enfim, somente nós ajudamos os outros sem temer as consequências, não por mero cálculo de vantagens que obteríamos, mas pela confiança inerente à liberdade. 41. "Em suma, digo que nossa cidade, em seu conjunto, é a escola de toda a Hélade e que, segundo me parece, cada homem entre nós poderia, por sua personalidade própria, mostrar-se autossuficiente nas mais variadas formas de atividade, com a maior elegância e naturalidade (IBDEM).

Nesse trecho, possivelmente por parecer seu discurso pedante, elabora palavras que contrastam o ufanismo vinculado a elas, certificando-se de que toda soberania de Atenas deve ser exultada, pois foi construída pela força dos seus cidadãos:

E isto não é mero ufanismo inspirado pela ocasião, mas a verdade real, atestada pela força mesma de nossa cidade, adquirida em consequência dessas qualidades. Com efeito, só Atenas entre as cidades contemporâneas se mostra superior à sua reputação quando posta à prova, e só ela jamais suscitou irritação nos inimigos que a atacaram, ao verem o autor de sua desgraça, ou o protesto de seus súditos porque um chefe indigno os comanda. Já demos muitas provas de nosso poder, e certamente não faltam testemunhos disto; seremos, portanto, admirados não somente pelos homens de hoje, mas também do futuro. Não necessitamos de um Homero para cantar nossas glórias, nem de qualquer outro poeta cujos versos poderão talvez deleitar no momento, mais que verão a sua versão dos fatos desacreditada pela realidade. Compelimos todo o mar e toda a terra a dar passagem à nossa audácia, e em toda parte plantamos monumentos imorredouros dos males e dos bens que fizemos" (IBDEM).

Aqui está a maior glória desses homens que deram suas vidas a conquistarem toda glória de Atenas. A honra também é, para eles, filhos da terra, seus feitos heroicos, lutaram pela sua pátria e viveram de maneira “condizente” à sua virtude - é mais louvável morrer em glória a viver na covardia:

Esta, então, é a cidade pela qual estes homens lutaram e morreram nobremente, considerando seu dever não permitir que ela lhes fosse tomada; é natural que todos os sobreviventes, portanto, aceitem de bom grado sofrer por ela. 42. "Falei detidamente sobre a cidade para mostrar-vos que estamos lutando por um prêmio maior que o daqueles cujo gozo de tais privilégios não é comparável ao nosso, e ao mesmo tempo para provar cabalmente que os homens em cuja honra estou falando agora merecem os nossos elogios. Quanto a eles, muita coisa já foi dita, pois quando louvei a cidade estava de fato elogiando os feitos heroicos com que estes homens e outros iguais a eles a glorificaram; e não há muitos helenos cuja fama esteja como a deles tão exatamente adequada a seus feitos. Parece-me ainda que uma morte como a destes homens é prova total de máscula coragem, seja como seu primeiro indício, seja como sua confirmação final. Mesmo para alguns menos louváveis por outros motivos, a bravura comprovada na luta por sua pátria deve com justiça sobrepor-se ao resto; eles compensaram o mal com o bem e saldaram as falhas na vida privada com a dedicação ao bem comum. Ainda a propósito deles, os ricos não deixaram que o desejo de continuar a gozar da riqueza os acovardasse, e os pobres não permitiram que a esperança de mais tarde se tornarem ricos os levasse a fugir ao dia fatal; punir o adversário foi aos seus olhos mais desejável que essas coisas, e ao mesmo tempo o perigo a correr lhes pareceu mais belo que tudo; enfrentando-o, quiseram infligir esse castigo e atingir esse ideal, deixando por conta da esperança as possibilidades ainda obscuras de sucesso, mas na ação, diante do que estava em jogo à sua frente, confiaram altivamente em si mesmos. Quando chegou a hora do combate, achando melhor defender-se e morrer que ceder e salvar-se, fugiram da desonra, jogaram na ação as suas vidas e, no brevíssimo instante marcado pelo destino, morreram num momento de glória e não de medo. 43. "Assim estes homens se comportaram de maneira condizente com nossa cidade; quanto aos sobreviventes, embora desejando melhor sorte deverão decidir-se a enfrentar o inimigo com bravura não menor. Cumpre -nos apreciar a vantagem de tal estado de espírito não apenas com palavras, pois a fala poderia alongar-se demais para dizer-vos que há razões para enfrentar o inimigo; em vez disso, contemplai diariamente a grandeza de Atenas, apaixonai-vos por ela e, quando a sua glória vos houver inspirado, refleti em que tudo isto foi conquistado por homens de coragem cômicos de seu dever, impelidos na hora do combate por um forte sentimento de honra; tais homens, mesmo se alguma vez falharam em seus cometimentos, decidiram que pelo menos à pátria não faltaria o seu valor, e que lhe fariam livremente a mais nobre contribuição possível". De fato, deram-lhe suas vidas para o bem comum e, assim fazendo, ganharam o louvor imperecível e o túmulo mais insigne, não aquele em que estão sepultados, mas aquele no qual a sua glória sobrevive relembrada para sempre, celebrada em toda ocasião propícia à manifestação das palavras e dos atos:", Com efeito, a terra inteira é o túmulo dos homens valorosos, e não é somente o epitáfio nos mausoléus erigidos em suas cidades que lhes presta homenagem, mas há igualmente em terras além das suas, em cada pessoa, uma reminiscência não escrita, gravada no pensamento e não em coisas materiais. Fazei agora destes homens, portanto, o vosso exemplo, e tendo em vista que a felicidade é liberdade e a liberdade é coragem, não vos preocupeis exageradamente com os perigos da guerra. Não são aqueles que estão em situação difícil que têm o melhor pretexto para descuidar-se da preservação da vida, pois eles não têm esperança de melhores dias, mas sim os que correm o risco, se continuarem a viver, de uma reviravolta da fortuna para pior, e aqueles para os quais faz mais diferença a ocorrência de uma desgraça; para o espírito dos homens, com efeito, a humilhação associada à covardia é mais amarga do que a morte quando chega despercebida em acirrada luta pelas esperanças de todos. 44. "Eis porque não lastimo os pais

destes homens, muitos aqui presentes, mas prefiro confortá-los. Eles sabem que suas vidas transcorreram em meio a constantes vicissitudes, e que a boa sorte consiste em obter o que é mais nobre, seja quanto à morte - como estes homens - seja quanto à amargura - como vós, e em ter tido uma existência em que se foi feliz quando chegou o fim. Sei que é difícil convencer-vos desta verdade, quando lembrais a cada instante a vossa perda ao ver os outros gozando a ventura em que também já vos deleitastes; sei, também, que se sente tristeza não pela falta de coisas boas que nunca se teve, mas pelo que se perde depois de ter tido. Aqueles entre vós ainda em idade de procriar devem suavizar a tristeza com a esperança de ter outros filhos; assim, não somente para muitos de vós individualmente os filhos que nascerem serão um motivo de esquecimento dos que se foram, mas a cidade também colherá uma dupla vantagem: não ficará menos populosa e continuará segura; não é possível, com efeito, participar das deliberações na assembleia em pé de igualdade e ponderadamente quando não se arriscam filhos nas decisões a tomar. Quanto a vós, que já estais muito idosos para isso, contai como um ganho a maior porção de vossa vida durante a qual fostes felizes, lembrai-vos de que o porvir será curto, e sobretudo consolai-vos com a glória destes vossos filhos. Só o amor da glória não envelhece, e na idade avançada o principal não é o ganho, como alguns dizem, mas ser honrado. 45. "Para vós aqui presentes que sois filhos e irmãos destes homens, antevejo a amplitude de vosso conflito íntimo; quem já não existe recebe elogios de todos; quanto a vós, seria muito bom se um mérito excepcional fizesse com que fosseis julgados não iguais a eles, mas pouco inferiores. De fato, há inveja entre os vivos por causa da rivalidade; os que já não estão em nosso caminho, todavia, recebem homenagens unânimes. "Se tenho de falar também das virtudes femininas, dirigindo-me às mulheres agora viúvas, resumirei tudo num breve conselho: será grande a vossa glória se vos mantiverdes fiéis à vossa própria natureza, e grande também será a glória daquelas de quem menos se falar, seja pelas virtudes, seja pelos defeitos. (IBDEM).

Ele também se dirige às mulheres atenienses (ao longo deste trabalho, ponderar-se-á a autoria de Aspásia como logógrafa e coautora desse discurso; aqui pontuamos que uma estrangeira estaria dirigindo-se às mulheres atenienses, em uma das mais alta honrarias):

"Aqui termino o meu discurso, no qual, de acordo com o costume, falei o que me pareceu adequado; quanto aos fatos, os homens que viemos sepultar já receberam as nossas homenagens e seus filhos serão, de agora em diante, educados a expensas da cidade até a adolescência; assim ofereceremos aos mortos e a seus descendentes uma valiosa coroa como prêmio por seus feitos, pois onde as recompensas pela virtude são maiores, ali se encontram melhores cidadãos. Agora, depois de cada um haver chorado devidamente os seus mortos, ide embora (TUCÍDIDES, 2001, p.115).

Segundo nos relata Tucídides, no ano completando o fim do inverno, a guerra completou um ano. Outro relato interessante era o de que, em ambos os lados, havia um grande entusiasmo pela guerra. Tal fato é atribuído por Tucídides à inexperiência da juventude que almejava naquela circunstância a guerra.

Foi assim que, segundo Plutarco, Péricles optou por não envolver a cidade em um combate contra sessenta mil *hoplitas* do Peloponeso e da Beócia, apesar da indignação do povo, mas não evitou a Guerra do Peloponeso (PLUTARCO, 2011, p.12). Esse confronto trouxe-lhe como consequência a perda de seus filhos, não para a guerra, senão para a peste, sendo que esta possivelmente chegou a Atenas em decorrência daquela. Originária da Etiópia, instalou-se pelo Norte da África até chegar a Atenas. Essa peste, cuja causa não é ainda definida, tampouco apresenta consenso entre os cientistas da atualidade, podendo ter sido febre tifoide, tifoide eruptiva, entre outras.

Péricles sobreviveu dois anos e seis meses ao início da guerra, teve sua vida dizimada pela mesma peste que ceifou a de tantos atenienses, estrangeiros e escravos, todos indistintamente. As falas dos discursos que remetiam à superioridade a qual os atenienses se intitularam, nesse momento de nada adiantariam.

Nossa intenção não é a de descrever toda a Guerra do Peloponeso, pois, embora Péricles tenha morrido, ela ainda vigorou. Porém, ater-nos-emos a essa particularidade, pois, pelo fato de Péricles ter morrido, Aspásia sai do cenário de Atenas, já que Péricles era visto como seu defensor. Até mesmo as estrangeiras deveriam possuir um *kýrios* (SPINELLI, 2017, p.269). Antes de sua morte, Péricles revigora a lei que impedia filhos de estrangeiros adquirirem cidadania ateniense, e seu filho, juntamente com Aspásia, tem reconhecida sua cidadania. O fato de Péricles ter articulado para reconhecer e validar os nascimentos das relações extraconjugais apenas entre os filhos de pais e mães atenienses, a fim de suavizar a lei decidida por Sólon, o fato de Aspásia ser uma estrangeira, tudo isso faria com que o filho de ambos não entrasse na lei que assegurava direitos aos filhos bastardos - não seria aceito para o seu filho, Péricles, sendo ao menos batizado com a possibilidade de incluí-lo na sua rede de *fratria* – por isso o mesmo nome. Sendo Aspásia *estrangeira domiciliada*, Péricles assumiu as funções de seu representante (*prostates*) e a inerente responsabilidade pela sua conduta moral e civil (PLUTARCO, 2011, p.131). Aspásia casa-se com outro homem, Lysicles, possível comerciante, vendedor de ovelhas, com quem também teve outro filho, porém não existem mais relatos sobre sua figura, o que nos leva a crer na não relevância dessa política no meio em que viviam:

Pediu que fosse revogada a lei sobre os bastardos, que ele próprio promulgara antes, pois não queria deixar o seu nome e linhagem privados de sucessão. 3. Eis as circunstâncias em que a lei surgiu: muito tempo antes, quando Péricles estava no auge da sua carreira política e tinha, como se disse, filhos legítimos, propôs uma lei segundo a qual apenas eram atenienses os que tivessem nascido de Atenienses pelas duas partes (Per. 2013, p.144).

III- AS AMBIGUIDADES DO DISCURSO - ANÁLISE DO DISCURSO

3.1.A Linguagem como objeto da História

Este capítulo versa sobre a relação entre a escrita dos Testemunhos atribuídos a Aspásia, reunidos a partir do segundo capítulo do compêndio de fontes organizadas pelo autor José Solana Dueso (DUESO, 2021). Aspásia é considerada a responsável por ter mencionado todos os relatos escritos nesses testemunhos.

Quando chegamos a essa etapa da pesquisa, percebemos ao longo deste trabalho palavras como: oratória, discurso, fala, testemunhos, eloquência e retórica. Todos esses vocábulos, à medida que foram citados, estavam atrelados e vinculados como instrumentos de poder. No entanto, como compreender um mecanismo considerado como “natural” e pertinente ao ser humano enquanto chave para ter posse de poder?

Para a compreensão de como o homem, gênero masculino, se apropriou da fala enquanto virtude e mecanismo político, chegamos à conclusão dos processos históricos abordados nos capítulos anteriores e todo o cenário político ateniense de exclusão das mulheres deste mecanismo. Dentro dessas considerações, a mulher, a bem-nascida, poderia utilizar a fala, algo natural, para se comunicar, falar de situações cotidianas, mas nunca para expressar suas opiniões ou se utilizar de artifícios para a dominação. Para a conclusão desse pensamento, a História, enquanto ciência, permite-nos a compreensão pela análise das fontes deixadas e tão debatidas nos nossos dias atuais. Ainda assim, o entendimento da estruturação do discurso e sua transição de algo “natural” passado a ser usado como mecanismo de poder faz-se necessário - outros percursos terão que ser escolhidos para que alcancemos a resposta para nossa problematização. Para percorrer esse caminho, far-se-ão necessárias algumas compreensões da Linguística e da Análise do Discurso⁵⁹. A Linguística apresenta uma série de subdivisões, tais como: Semântica, Sociolinguística, Psicolinguística, além de outras teorias que se alinham a essa ciência. A teoria da Análise do Discurso foi iniciada na França, por Michel Pêcheux, na virada dos anos 60 para 70, sendo, durante algumas efervescências intelectuais (como o pós-estruturalismo), um momento frutífero para a sua produção inicial. Quando o historiador reivindica as particularidades que aproxime a sua pesquisa da Linguística, ou se utiliza dela, embora essa prática seja reticente por alguns historiadores, e cause estranhamento, ele busca novos objetos e abordagens atípicas, não rompendo com seus métodos tradicionais, mas buscando base nesses novos olhares para a ciência.

Poderíamos atribuir a Michel Foucault a responsabilidade de atrelar os linguistas aos historiadores, em sua análise das “práticas discursivas”, pois não se referia apenas a “discurso”, tendo ele como base a compreensão do uso da fala como instrumento de poder. Brevemente, associaremos, quando Foucault passa a compreender a dominação do discurso pelos grupos e órgãos dominantes, como a igreja, como uma forma de ação sobre o mundo produzida nas relações de forças sociais. Por isso, para Foucault, a produção e manutenção de um discurso são sempre institucionais. Para a criação de um mecanismo de controle do que se é dito, as considerações de Foucault explicitadas na História da Sexualidade mostram-nos a lógica por meio da qual o discurso é operacionalizado:

A confissão difundiu amplamente seus efeitos: na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares, nas relações amorosas, na esfera mais

⁵⁹ A partir dos desdobramentos elucidados por Saussure.

cotidiana e nos ritos mais solenes; confessam-se os crimes, os pecados, os pensamentos e os desejos, confessam-se passado e sonhos; confessa-se a infância; confessam-se as próprias doenças e misérias; emprega-se a maior exatidão para dizer o mais difícil de ser dito; confessa-se em público, em particular, aos pais, aos educadores, ao médico, àqueles a quem se ama; fazem-se a si próprios, no prazer e na dor, confissões impossíveis de confiar a outrem, com o que se produzem livros” (FOUCAULT, 2003, p. 67-68).

Tanto Foucault quanto Michel Pêcheux elaboram suas reflexões dentro de uma perspectiva estruturalista/pós-estruturalista. Essa teoria, que busca elementos que outrora, na história da humanidade, apresentava-se como o núcleo do poder, vem sendo trabalhada na estrutura pós-estruturalista, a fim de se desconstruir essa ideia de centralidade. Além de deter a dominação econômica e étnico racial, o homem, hegemonicamente, ocupou um papel de opressor e excludente. O homem ocupou de inúmeras maneiras cargos importantes e estabeleceu a discriminação de inúmeros grupos, colocando-os como subordinados na perspectiva em que, cada vez mais, os estudos sobre essa temática vêm sendo recusados como fontes de verdades absolutas. A ideia é mencionar, e não registrar uma linha do tempo dessa aproximação entre as ciências, porém é importante elucidar que, na década de 60/70, buscou-se iniciar novas abordagens, novos objetos e novos problemas para a História (SILVA, p.30, 2004). Com isso, outras análises documentais, novas análises do discurso sugeriram o estudo da língua como objeto da História em uma perspectiva interdisciplinar entre Linguística e História.

A comunicação, seja ela emitida através de sons, falas (podendo ser compreendida pela linguagem), gestos, escritas, pictografias ou qualquer outro meio que se tenha inventado faz parte da relação humana, característica imutável do ser humano. Segundo Émile Benveniste (BENVENISTE, 1976), um importante linguista francês, a linguagem contém em si faculdades exclusivas da condição humana diante de outros animais, a faculdade de simbolizar, de gerar e de produzir, tal qual se produz a cultura, esta que ele define “como faculdade propulsora da evolução humana na constituição do *Homo sapiens*”. Para viabilizar o estudo da fala e como abordaremos tais temáticas, o relacionaremos à Antropologia da Enunciação, na qual, segundo Benveniste, a noção de enunciação está centrada no sujeito, que, ao se apropriar do aparelho formal da língua, enuncia sua posição de sujeito, marcando-se como eu, instaurando o tu e o ele em seu discurso. A relação entre o “estudo da fala” e a Antropologia.

Como critério para viabilizar essa comunicação, quando encontramos na mensagem enviada pelo locutor uma compreensão do interlocutor, podemos atribuir, entre tantas características do ser humano, o status de *Homo loquens*, ou seja, um homem de linguagem - ele constrói seu mundo, suas relações e seus espaços por meio da linguagem, seja qual for o mecanismo para se chegar a ela, e impõe, expõe suas ideias, ideais e necessidades por meio dela: “É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem” (BENVENISTE, 1976, p.43).

Não pretendemos, neste capítulo, aprofundar-nos em métodos muito distantes dos adotados costumeiramente pelos historiadores, como análise das fontes, análise do contexto histórico em si e recortes temporais, até então apresentados nos capítulos anteriores. Segundo Jaime Pinski (PINSKI, 1987): “a história depende de quem interpreta e a escreve”; assim, o passado será reconstruído e passará a “existir”. Para além de reconstruir a imagem e a existência de Aspásia, precisamos compreender cada mensagem transmitida para além das linhas dos discursos deixados nas fontes históricas examinadas. Porém, percebendo uma lacuna no método tradicional para a elaboração dessa etapa, recorreremos a outras áreas de investigação da linguagem – como Semiótica e Antropologia da Enunciação - centradas na figura do falante

- com seus problemas da Linguística e Análise do Discurso, já citados anteriormente, com seus métodos e imbricamentos, limitando e adequando seus conceitos para o que precisamos dentro da temática apresentada. Não cabe a este estudo, por exemplo, o estudo acerca da evolução da língua no tempo.

Vamos nos ater à subjetividade pensada por Émile Benveniste (BENVENISTE, 1995) e à teoria da Enunciação, a qual diz que o sujeito, de maneira individual, mobiliza a língua para enunciar-se e se expressar. Também nos ateremos aos chamados Problemas de Linguística, abordados na obra de mesmo nome.

A palavra “comunicação” vem do latim “*communicare*” e significa “pôr em comum”, “trocar experiências”. A experiência entre o que quer se expressar, falando, e o que quer omitir, “calando” e ocultando, será o eixo que norteará essa parte do trabalho, pois, ao mesmo tempo em que procuramos elucidar um período histórico por meio da sua escrita em artigos e em fontes textuais, encontramos no silêncio muito mais do que possamos imaginar. Já o termo “Testemunho”, do latim *testimonium*, faz referência à “prova”, “justificação” e “verificação” da certeza ou verdade de algo.

Lidar com o que foi discursado sobre Aspásia requer compreender o significado de cada intenção contida em cada discurso. Assim como a Semântica, a Pragmática aborda questões dos significados contidos em cada contexto linguístico. Não bastando se debruçar sobre o cenário político, é necessário também olhar sobre o que foi dito e principalmente o que não foi. As falas tendenciosas, subentendidas e, principalmente, ocultados: o silêncio nos ensina tanto quanto as linhas grifadas que destacaremos a seguir. Seleccionaremos as falas nas quais se cita o que Aspásia falou o que ela teria dito, o que podemos classificar, respectivamente, como “discurso direto” e “discurso indireto”.

Ciro Flamarion (CARDOSO, 1997) nos conduzirá por uma transdisciplinariedade, pois a pesquisa tradicional da história não iria permitir que interagíssemos de forma exata com os ternos usados por ele, como narrativa, diálogo e sentido. Nesta etapa do trabalho, vamos abordar o que Ciro (1997) diz ser importante para diferenciar o não figurativo (artigos científicos e filosóficos) dos figurativos (literários e históricos). Por algum momento, Ciro mencionará que a produção histórica é considerada ficcional, mas não entraremos no mérito da questão. Para ele, é importante frisar o relativismo cultural: o que é considerado como imaginário ou não ficcional para os critérios da atualidade, para a época e mentalidade em que foi produzido, pode não ter sido. Acontece, por exemplo, a respeito da percepção a muitos textos sagrados escritos na Antiguidade e na atualidade, os quais recebem o status de literatura, sentido ficcional e mitológico.

Esse estudo nos permitirá relativizar, como o próprio nome sugere, perceber e “ler” de fato, compreender nas entrelinhas como foi o processo em que um texto escrito foi produzido em sua essência. A corrente definirá o que é literário em oposição ao que é real. Assim, analisaremos os testemunhos não somente dos discursos que foram escritos, como também analisaremos historicamente a literatura dos textos narrativos, pois, segundo a informação que nos é dada, “a literatura não passa de um repertório feito de discursos universais”.

As narrativas do passado foram desenvolvidas a fim de enaltecer ou relatar algum feito ou acontecimento considerados relevantes para a época. O passado foi preservado a partir dessa construção, mas sequer as narrativas foram escritas com esse objetivo, pois percebemos algumas exaltações dos que detinham o poder e como suas narrativas eram panegíricas, a fim de exaltar a figura ilustre em questão, como fez Plutarco, ao escrever as virtudes, e como o definia próximo de valores, como Fabio, na sua obra biográfica, *Vidas Paralelas*. Algumas narrativas foram deixadas para a posteridade, mas não foram escritas no intuito de enaltecer a

figura de Péricles, pois Plutarco foi um escritor contemporâneo ao tempo de Péricles, porém era interessante comparar Fabio Máximo à figura do ilustre estadista ateniense. Marta Mega de Andrade (2019) nos adverte que “não há, na literatura grega, uma voz de mulher que não tenha sido relatada por terceiros, e mesmo assim essa mulher precisa ter impressionado seus contemporâneos e a posteridade de tal forma que sua memória tenha vindo à tona, aqui e ali ao longo de séculos” (ANDRADE, 2019, p.35).

Tal empecilho, aliado à tentativa de desvendarmos o que as narrativas da época tentam nos passar e compreender os discursos, sem que valores contemporâneos influenciem nossas concepções, torna-se um grande desafio quando nos propomos a falar da vida de alguma mulher da Antiguidade. Entender Aspásia como sujeito de uma história particular, escrevendo sobre si e suas visões ou percepções sobre o mundo em que vivera, não será possível, mas sim o corpo político e social, a partir da percepção da relação entre o corpo e *pólis*, não se tratando apenas do homem e mulher com suas individualidades em si. No caso de Aspásia, moralmente era condenada ora por ser uma estrangeira, ora por ser uma mulher diversas vezes retratada como persuasiva. Tal visão criava estigmas, que se traduziam em barreiras, tanto por não ser considerada uma virtude atribuída à mulher quanto por ser uma prática condenada pelos filósofos que viam a persuasão como algo destinado à retórica. O papel social de Aspásia enquanto pessoa política pode ser analisado por meio da Análise do Discurso como uma tentativa de dar sentido ao menos à vida pública e suas performances, uma vez que detemos escassas informações sobre seu convívio público.

Ciro Flamarion (CARDOSO, 1997), ao abordar o eixo temático Narrativa e Sentido dentro da perspectiva da Semiótica, especifica, dentro do que a pessoa se propõe a realizar, qual função ela está desenvolvendo: a de narrar ou relatar. (CARDOSO, 1997, p.19). Ambos significados, segundo o autor, são polissêmicos e sinônimos, porém ele adotará a ideia defendida por Gérard Genette de que existem dois níveis de organização do discurso, sendo compreendida agora narrativa como aquilo que é narrado, e o discurso, “*stricto sensu*”, o modo de contar o que é narrado. Para Ciro, tanto o que é narrado quanto o que é discursado necessitam de reflexões distintas.

A Análise do Discurso nasce da percepção de que há muitas maneiras de se estudar as linguagens e de significar. O Discurso é a palavra em movimento, a palavra em seu “curso”, por isso tem-se a percepção de que existem muitas maneiras de se estudar a língua e a gramática, podendo variar essa maneira de época para época, de autor para autor.

A partir da Linguística, que é a maneira de interpretar os discursos, para se fazer possível a percepção do homem como ser que usa da linguagem para se relacionar e mudar o meio em que vive, o analista do discurso relaciona a fala à sua exterioridade. Nessa confluência, a Análise do Discurso considera e avalia a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como esta se materializa na língua ou na fala, refletindo sempre como o sujeito vai exteriorizar seus ideais.

Eni Orlandi (*apud* PECHEUX, 1975) afirma que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, e é assim que a língua faz sentido. Seguimos com a análise de um diálogo entre Aspásia e Sócrates. Alguns discursos já foram explorados no decorrer do trabalho. Segundo Solana Dueso (DUESO, 2021, pg. 163), Heródico de Babilônia (séc. II a.C.), reproduzindo um diálogo que teria ocorrido entre Aspásia e Sócrates, transcreve esse momento no epigrama abaixo:

*Sócrates, não me esconde que o teu coração arde / de desejo pelo filho de
Deinomacha e Clínias. Mas ouça-me, / se quiser prosperar no seu namoro.*

Não negligencie o mensageiro, mas acredite nele e será muito melhor para você. Eu também, assim que ouvi, meu corpo se banhou de suor / de alegria, enquanto um grito caiu de minhas pálpebras não sem vontade.

Prepare-se enchendo sua alma com a musa conquistadora; / com ela você conseguirá, se derramar em seus ouvidos saudosos, / porque para ambos é o início da amizade; com ela/você o dominará, oferecendo aos seus ouvidos presentes que revelarão a alma. Assim, o belo Sócrates vai caçar, sendo a milésia sua professora em questões de amor.

Mas ele próprio não é caçado, como diz Platão, quando Alcibíades tenta capturá-lo nas suas redes. E ele certamente não para de chorar porque, eu acho, ele falha na tentativa.

Vendo em que estado lamentável ele se encontrava, Aspásia disse-lhe:

Por que você está chorando, querido Sócrates? Um desejo te excita / como um raio que mora no coração e explode / nos olhos de um menino invencível, que prometi / domar para você? (ATENEO Deipn. 219 c-e)

Muitas são as fontes que unem o nome de Aspásia ao de Sócrates: Platão o apresenta em *Menexeno* como discípulo de retórica de Aspásia. No que tange à educação das esposas, Platão nos diz que Sócrates se refere à Aspásia por ela, segundo ele, ser mais “especialista” e reconhece a sabedoria dela nesse assunto. Solana remonta o fato de que muitas outras fontes insistem na relação de Sócrates com essa mulher, não somente Aspásia, mas outra *hetaira*, a Diotima de Mantineia (DUESO, 2021, p.84).

Segundo o texto, Sócrates chora por um amor não correspondido, sendo que Aspásia prometer-lhe-á domar esse amor. Em suma, Aspásia, com sua habilidade em retórica e em relação ao amor erótico, iria ser a mediadora para Sócrates alcançar seu amor.

As relações sexuais na Antiguidade diferem-se muito dos conceitos da atualidade, do mundo contemporâneo. A homossexualidade, por exemplo, não era motivo de escândalos, sendo até bem vista na sociedade, desde que não tivessem excessos:

As relações entre homens e jovens adolescentes eram conhecidas por “pederastia” e surgiram como uma tradição aristocrática, educativa e de formação moral. Os gregos valorizavam a homossexualidade como um elemento cultural fundamental. A “pederastia” era o que denominava o sexo entre jovens de 15 aos 18 anos com um adulto com mais de 30 anos. A homossexualidade masculina foi também uma chave essencial no entretenimento das tropas e legionários. Os gregos admiravam a beleza, tanto das mulheres como dos homens, mas a destes era a mais venerada. Um corpo bem definido de um jovem era considerado algo muito perto da “perfeição”, tanto que o sexo e o amor entre homens eram vistos como algo excepcional enquanto o contato heterossexual estava focado na procriação (BALONA, 2015, p.18).

Como o nome do filho do casal não é citado no Epigrama, apenas o nome dos seus pais, acredita-se que se tratava de um caso de pederastia. Outra característica que nos faz acreditar ser um caso de pederastia é que o jovem despreza Sócrates; dentro do código de honra, o rapaz desejado não deveria aceitar de imediato as investidas do *erastés* (amante), a tentativa de iniciar uma relação partia sempre do adulto, e caso o adolescente cedesse com facilidade, o assédio do homem era mal-visto (CÂNDIDO, 2016, p.25).

Como nos afirma Inácio (2015), a pederastia consistia em uma relação de aprendizagem:

Tratava-se de um procedimento necessário à formação dos cidadãos do sexo masculino, livres e gregos, permitida entre homens já maduros e adolescentes imberbes. Nesta formação incluía-se a aprendizagem amorosa em que o sexo

também estaria envolvido, sem que isso implicasse prejuízo moral ou social ao preceptor ou ao efebo, “pois se consideravam que todos os indivíduos (homens) respondiam a estímulos eróticos distintos em momentos distintos da vida” (INÁCIO, 2010, p.115).

Outra informação que dispomos é que Sócrates ia ter com Aspásia em sua casa, para aprender a arte do amor:

Pois [Sócrates] atribuiu esse poder a Aspásia, a quem frequentava com o objetivo de ser instruído nos temas do amor (ἐρωτικά). Mas se você observou alguém que aprendeu as questões amorosas com Aspásia e Sócrates, não duvidará que a filosofia, atendendo aos mistérios mais eminentes (τὰς τελεωτάτας ἐποπεύσασα τελετάς), conhecerá e sentirá amor pela beleza em todos os aspectos, ele elogiará a retórica e se dedicará com prazer à poesia (Sinésio, Dion 15. 8-14).

Nesse momento, podemos imaginar uma ideia relacionada ao que era desprezado por aqueles que desdenhavam Aspásia, geralmente, sátiros de peças ou comediógrafos. Também o fato de Sócrates ser acusado de corromper a juventude de Atenas, assim o faziam em um momento oportuno com Aspásia. O que estava sendo condenado: corpo ou as ideias de Aspásia? Condenavam-na ou ao seu companheiro, Péricles? Ou então, como podemos avaliar, por que Sócrates ia a sua casa?

Como não tínhamos fragmentos das falas e o que foi citado, ou mesmo algum texto de sua autoria que recebera a assinatura de algum homem, prática bastante comum nos tempos antigos, somente sabemos que Aspásia não era apenas rejeitada por ser uma prostituta, ou *hetaira*, ou *proxeneta*, ou algum outro sinônimo que a caracterize como uma mulher que viveu da venda do seu corpo. Aristófanes, em *Acarnianos*, sugere que Aspásia administrava uma casa de *hetaïrai* em Atenas, quando relata que os megáricos, em retaliação ao sequestro de uma prostituta local, realizado por alguns jovens bêbados, sequestram “duas prostitutas de Aspásia (Ἀσπασίας πόρνα δύο)” (*Acarnianos* 527; *Paz* 502).

Os principais dramaturgos e comediógrafos de Atenas demonstravam bastante interesse em Aspásia, especialmente Aristófanes. O fato de um comediante tão famoso se interessar por Aspásia nos fornece uma das indicações mais marcantes da importância que ela representava para o círculo intelectual de Atenas. O motivo ao qual era recriminada era o fato de Aspásia e Péricles terem se unido numa relação que deve ter sido considerada ilegítima: sendo um tanto paradoxal, pois o mesmo homem que havia promulgado a lei em 451, segundo a qual restringiria o direito de cidadania aos filhos nascidos do sangue de pai e mãe atenienses, estava se unindo a uma relação quase de concubinato, já que não poderia se casar, de fato, com uma estrangeira. Nesse contexto, a contradição e o casamento ilegítimo de Péricles se tornaram excelente material para a comédia - o fato de o próprio Péricles ter uma esposa estrangeira e um filho com ela. Assim, presumimos que o alvo não era Aspásia em si, mas sim o político. Sobre este, riam apenas das suas características físicas - a grande cabeça, comparada a uma cebola -, motivo pelo qual muitos acreditam estar ele sempre retratado com o elmo na cabeça.

Apesar do fato de o relacionamento de ambos ter sido bastante satirizado nas peças de teatro, confirmamos em Plutarco o grande sentimento que Péricles tinha por Aspásia:

[24. 5] Alguns dizem que Aspásia era muito estimada por Péricles por ser uma mulher sábia e especialista em política (σοφὴν καὶ πολιτικὴν); na verdade, Sócrates costumava visitá-la com seus discípulos, e seus amigos mais próximos traziam suas esposas para ouvi-la, apesar de terem exercido uma ocupação que não era nem honrosa nem venerável, mas sim educar as meninas para serem heterossexuais (ἀλλὰ παιδίσκας ἐταίρουσας τρέφουσιν). [...] [24.

7] No Menexenus de Platão (235e), embora a introdução seja escrita em tom de brincadeira, há pelo menos alguma história, nomeadamente que esta mulher tinha a reputação de instruir muitos atenienses em retórica. Parece, porém, que a inclinação de Péricles [24. 8] de Aspásia era acima de tudo erótico (ἐρωτική). Na verdade, ele tinha uma esposa adequada à sua linhagem, [...] Mais tarde, como a coabitação não lhes era agradável, deu-a a outro com ela e o seu consentimento, tomando Aspásia [24. 9], ele a amava de uma maneira especial (ἔστερξε διαφερόντως). Na verdade, tanto ao sair como ao voltar da ágora, como dizem, ele a cumprimentava diariamente com um beijo (Plutarco, Péricles 24. 5. 1-6; 7. 1 – 8. 2; 8. 4 – 9. 3).

Segundo Diels (1911), “qualquer mulher que não se submetesse aos costumes vigentes, sem mais delongas, seria considerada uma *hetaira*” (SOLANA, *apud* DIELS, 2021. p.27). É natural que Aspásia desafiasse diretamente os costumes da cidade ao educar as jovens e que isso tivesse sido visto de forma indelicada pelos difamadores e julgadores de Péricles. Se unindo a Aspásia, provavelmente no ano de 450 a. C, possivelmente pelo círculo de amizade com a família de Alcebíades (pertencente à família de Aspásia) e um ano antes ter promulgado a lei da cidadania em 451 a. C., pela qual apenas os casamentos de pai e mãe atenienses poderiam gerar filhos legítimos. Os críticos de Péricles os julgavam pela própria contraditoriedade ao teor da criação da própria lei. Acusavam-na também de ser uma *proxeneta* e corromper a juventude. Contudo, o fato de educar pode ser dubiamente interpretado por ela ser uma professora de retórica, portanto estaria ensinando-as ou realmente, como os registros indicam, seria uma “facilitadora” que aliciaria jovens à prostituição.

Outra ligação de Aspásia a Sócrates é a de que este diz a Critóbulo: “... eu te apresentarei Aspásia, que, com maior competência que eu, tudo isso te explicará...” (III, 14-15). De fato, nessa citação, não está em linhas gerais algo que foi dito por ela, mas Aspásia teria aqui refutado a reputação repugnada pelos comediógrafos, já que ela estaria responsável em ensinar uma esposa a gerir um *oikos* e ser responsável pela sua administração, assim como definiria o papel social da boa esposa.

Diferentemente dos homens, as classificações não eram baseadas em critérios de fortunas ou bens, e sim em uma hierarquia de acordo com a sua função, sobretudo sexual, é só lembrarmos da célebre frase de Demóstenes: “Temos as prostitutas para o prazer, as concubinas para os cuidados diários e as esposas para ganharmos uma descendência legítima e serem fiéis guardiãs do lar”. (SALLES, 1987, p.20).

A prostituição - defendida por Sólon como forma de preservar a pureza da raça - se apresenta, antes de mais nada, como forma de manter a equidade do critério de cidadãos gregos para essa lógica de descendência permanecer. Logo, os jovens atenienses coabitariam com prostitutas, pois estas ajudariam as mulheres livres a permanecerem castas até o casamento.

O “amor grego” descrito por Platão em *O banquete* (197 e), considerado como amor celeste e harmônico, seria entre dois iguais, já que os casais formados pelos *erastas* e *erômenos* são bem vistos na sociedade grega:

[O amor], princípio da ordem para o conjunto dos deuses e dos homens; o melhor e mais belo corifeu que todo homem deve seguir, cantando com harmonia sua parte e participando dessa sinfonia mediante a qual esse mago encanta o espírito dos deuses e dos homens.

Representando excepcionalidade, o amor entre Péricles e Aspásia confronta o registro que, tradicionalmente, equipara o amor entre o homem e a mulher com o que “moscas sentem pelo leite”, esse sentimento rebaixado pelos registros escritos por Plutarco, sobre o amor, nem de longe aparece com o que o mesmo autor relata sobre como Péricles tratava Aspásia, amando-a de uma forma especial: uma anedota diz que Péricles cumprimentava-a com um beijo amoroso

duas vezes por dia. Nas peças, ela era representada como Hera, ou seja, “esposa” (DUESO, 2021, p.103). Um feito realizado por Péricles, influenciado pelo amor para com Aspásia ou pelo fato de seus dois filhos legítimos terem morrido, Péricles desejoso de garantir a cidadania a seu filho com Aspásia, juntamente a *eclesia* a muda a lei de 451 a.C. Ao realizar a mudança, bastava apenas o pai ser ateniense para a transmissão da cidadania.

Jose Solana (DUESO, 2021) nos alerta que devemos nos atentar que existia na época de Plutarco uma pressão ideológica contra a presença significativa de mulheres na biografia de grandes personagens masculinos. Isso não somente traça um panorama sobre a já mencionada ausência de amor entre homem e mulher, mas também relata o amor entre Aspásia e Péricles como algo incomum para os padrões da época.

Ainda sobre o amor de Péricles sobre Aspásia, Plutarco relata a acusação que recaiu sobre ela:

Plutarco afirma que Aspásia foi acusada de impiedade (*asébeia*) e de arrumar encontros de Péricles com mulheres livres (Vida de Péricles, XXXII). O acusador (conquanto) era um poeta cômico — Hermipo. Aspásia teria sido defendida pelo próprio Péricles, sendo absolvida depois que este chorou perante os jurados (idem, XXXII) (BERQUÓ, p.20, 2016).

Percebemos que, quando toda Atenas chora por seus mortos nas batalhas, Aspásia, estrangeira, fala aos filhos da terra, ou seja, aos cidadãos, os autóctones, oriundos de Atenas, para se orgulharem do que é belo: morrer pela honra. Aqueles que conviveram com Aspásia parecem ter sido estranhamente enfeitiçados, segundo Plutarco: "Que arte ou poder de encantamento tão grande esta mulher tinha, que lhe permitia cativar", ou seja, pela sua capacidade de eloquência e de combater com sabedoria as limitações que lhe eram impostas. Poucas mulheres conseguiram obter tantos registros e citações por eras diferentes, como é possível observar no anexo deste trabalho, intitulado “Aspásia, Corpus Documental”.

Em 1988, Aspásia fora retratada em Pnyx, pelo pintor Henry Holiday, em uma colina perto da Acrópole, onde a assembleia (*ekklesia*) do povo costumava se reunir. Era, portanto, sede da soberania popular, logo proibido aos escravos e às mulheres. A audácia dessa representação iconográfica consiste em colocá-la em um espaço proibido. Em vez de retratá-la no interior de um gineceu, espaço doméstico destinado às mulheres bem nascidas, não seria este o espaço social de Aspásia. Poderia retratá-la em um bordel, onde os comediógrafos insistiam em representá-la.



Aspásia no Pnyx, de Henry Holiday (1839–1927). Centro de Estudos e Arquivos Locais de Camden.

Uma mulher cuja ações saem da expectativa da sociedade acaba virando alvo do julgamento patriarcal: o seu corpo é representado da maneira mais torpe, sua voz é calada porque não tem acesso por vias tradicionais à escrita, e a representação que temos são dessas mentalidades. São muitos os enigmas em torno do seu nome - em uma parte do diálogo de Ésquines, preservada por Cícero em latim, Aspásia figura como a "Sócrates mulher", e é apresentada como mestra e inspiração de excelência, tanto no século V a.C quanto na atualidade. Em contrapartida, Solana (2021) inclui numerosos testemunhos que provam que as mulheres não ocupavam um único papel nas sociedades patriarcais do mundo antigo.



Aspásia, Museu do Vaticano. Foto: *National Geographic*.

Percebemos sua relevância ao disponibilizarmos uma quantidade considerável de fontes a seu respeito, ainda que lidando com a escassez com que a mulher era reproduzida. Os registros, sejam de bustos, registros iconográficos ou escritos, revelam a excepcionalidade e ambiguidade com que Aspásia era retratada.

Assim, a partir de tantas evidências da sua relevância para o cenário em que viveu, poderíamos incluir seu nome como uma das responsáveis pelo grande movimento sofístico dos séculos Va.C. Tivemos vários relatos e testemunhos de que ela era uma grande professora de retórica, inclusive, educando muitos homens influentes de seu tempo, até mesmo compondo discursos epidíticos e epígrafes.

Alçamos essa indagação sobre a perspectiva de lançarmos o olhar do passado para a contemporaneidade, tal qual a imagem de Aspásia avistando Atenas do Pnyx.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mulher e poder são palavras que, ao longo dos anos, não foram associadas, ou seja, dificilmente encontraríamos uma palavra associada a outra. As autoras contemporâneas que exprimem em seu trabalho dissertativo sobre a vida das mulheres na Antiguidade, esbarram no ocultamento de informações nos textos, ausência de alteridade das mulheres, principalmente as atenienses que não possuíam qualquer autonomia inclusive de escrever sua própria história. Essa unanimidade ecoa, em coro uníssono, reverberando como forma de expressar as ausências sentidas, até os dias atuais, em menor escala, pelas mulheres.

Mary Beard (BEARD, 2018) nos faz refletir: “até que ponto estão profundamente incorporados à cultura ocidental os mecanismos que silenciam as mulheres?”. Tilly (TILLY, 1994) revisa a célebre frase de Marc Bloch, no intuito de realocar as mulheres sendo também responsáveis pela ação da ciência, aquela mesma que Marc Bloch atribuiu apenas aos homens de serem responsáveis. Um ajuste simples, mas que não somente remete à voz, e sim à responsabilidade das ações das mulheres sendo agentes da história ao longo do tempo.

As narrativas do passado foram desenvolvidas a fim de enaltecer ou relatar algum feito ou acontecimento considerado relevante para a época. O passado foi preservado a partir dessa construção, mas nem tampouco as narrativas foram escritas com esse objetivo, pois percebemos algumas exaltações dos que detinham o poder e como suas narrativas eram panegíricas, no intuito de exaltar a figura ilustre em questão, como fez Plutarco, ao escrever as virtudes, e como as definia próximo de valores, como Fabio, na sua obra biógrafa *Vidas Paralelas*. Algumas narrativas foram deixadas para a posteridade, mas não foram escritas no intuito de enaltecer a figura de Péricles, pois, ainda que Plutarco tenha sido um escritor contemporâneo ao tempo dele, era interessante comparar Fabio Máximo à figura do ilustre estadista ateniense.

No caso da civilização grega, Aspásia de Mileto conseguiu influenciar, de alguma maneira, a sociedade ateniense, sociedade esta que restringia as ações e atuações políticas aos estrangeiros e, principalmente, às mulheres. É atribuída a ela a execução da mais honrosa homenagem a um cidadão ateniense - os discursos fúnebres – citados no corpo deste trabalho.

Segundo Beard (BEARD, 2018) todo o conceito de democracia e cidadania que a civilização ocidental conhece fora herdado pela matriz das civilizações gregas e romanas. BEARD, 2018, p.11) Após o período das invasões macedônicas, o conceito de helenismo vai se propagar por todo o mundo mediterrâneo. Na sociedade ocidental contemporânea compreende-se como cidadania sendo a expressão concreta do que é ser cidadão. Ter cidadania plena é usufruir de direitos políticos, civis e sociais. O direito é algo inviolável, assegurada pela Constituição e não mais associado ao nascimento, terras ou a qualquer outro fator conforme no passado.

Nosso projeto de pesquisa versou sobre a atuação da mulher estrangeira em solo ateniense, em especial, Aspásia de Mileto, uma vez que essa sociedade tinha como caráter peculiar a não inserção de mulheres, estrangeiros e escravos na concepção de cidadãos atenienses.

O silêncio é o comum das mulheres, não precisamos ir tão longe, no século V a. C., para contestar esse fato: a geração nascida entre as décadas de 50, 60, 70 e até mesmo dos anos 80 do século XX acompanhou a luta às vezes sentidas, às vezes não percebidas ou simplesmente silenciadas de suas mães e avós:

Minha mãe surgiu muitas vezes em minha mente quando preparei as duas palestras nas quais se baseia este livro, proferidas, numa parceria com o London Review of Books, em 2014 e 2011. Eu queria descobrir como explicar

a ela - tanto quanto a mim mesma e a milhões de outras mulheres que ainda vivem algumas das mesmas frustrações - até que ponto estão profundamente incorporados à cultura ocidental os mecanismos que silenciam as mulheres, que se recusam a levá-las a sério e que as afastam (às vezes literalmente, como veremos) dos centros de poder. (BEARD, 2018, p.11)

Para além desses aspectos, a categoria gênero amplia a investigação sobre as mulheres no passado, pois afirma que o mundo feminino faz parte do mundo dos homens, sendo resultado de uma criação masculina. Como isso, o estudo do passado só faz sentido se for realizado com o intuito de estabelecer o que somos no presente. Segundo Carr⁶⁰, o passado que o historiador estuda não é um passado morto, mas um passado que, em algum sentido, está vivo no presente. A partir dessa afirmativa, estabelecer um paralelo com as sociedades clássicas torna-se primordial para a compreensão da nossa sociedade. Falar da mulher na atualidade impera percorrer uma longa caminhada nas Constituições ao longo dos anos, dentro do recorte temporal estabelecido nesse projeto, e analisar como a participação feminina foi se assegurando de mais espaço e atuação dentro dessa esfera política.

Atrelando um paralelo à sociedade atual, ao longo destes últimos 30 anos no Brasil, o ano de 2018 foi marcado pelo trigésimo aniversário da atual Constituição do país⁶¹ - Constituição com atributos de cidadã, democrática e inclusiva que muito longe ainda está de possibilitar o alcance de todas as igualdades exigidas em uma sociedade democrática: espera-se que os três pilares⁶² da democracia sejam alcançados – principalmente o viés do tema em questão: a voz.

São direitos do cidadão segurança e liberdade, indistintamente. Como explicar a necessidade da atribuição de novas leis que assegurem à mulher uma garantia já instituída pela Constituição? Leis contra feminicídio, somente reconhecidas no início dos anos 2000, e a Lei Maria da Penha, igualmente no início do século XX. A mulher, vista como propriedade, primeiramente do pai e, após o casamento, do marido, não era reconhecida como cidadã, logo, sua voz não seria ouvida. Suas necessidades não seriam, de mesma maneira, atendidas.

Frisamos novamente que, em séculos de dominação, principalmente na esfera brasileira, apenas no ano de 1988, com a elaboração da Constituição Cidadã, que a representatividade das minorias passa a ser atendida. Séculos de dominação frente a recentes 30 anos de alteridade e de se fazer ser enxergadas. Cabe lembrar que, apenas com a permissão do marido, a mulher poderia realizar atividades simples, como viajar para o exterior do Brasil, entre outros. Cabe lembrar também a não decisão da mulher em realizar procedimentos, como laqueadura, aborto, entre outros, questões debatidas nos dias atuais, e não na década de 50, como se viu no passaporte. Esses apontamentos, feitos de uma maneira muito superficial, visto o grande recorte histórico, são necessários. Também é importante destacar que, mesmo com o passar dos anos, ainda existe uma determinada herança cultural, permanência e continuidade histórica.

Ter a mulher hoje ocupando espaços públicos, sendo atuante na esfera política, tendo suas visões e posicionamentos respeitados dentro da perspectiva de uma sociedade democrática, não apontam que apenas diferenças entre homens e mulheres precisam ser superadas. É importante também ressaltar que incide uma divisão entre as etnias sob o olhar das chamadas intercsionalidades, que entendem que questões, como racismo, sexismo e patriarcalismo, atuam

⁶⁰ CARR, E. Mallet. O que é história. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 22.

⁶¹ A Constituição da República Federativa do Brasil foi promulgada em 5 de outubro de 1988 e tornou-se o principal símbolo do processo de redemocratização nacional.

⁶² Ver conceito dos pilares da democracia na atualidade: isegoria, isonomia e isocracia. Nos ateremos ao conceito “isegoria” em que mulheres recorrem à igualdade deliberativa e acesso à fala.

entre si. Ao buscarmos a igualdade em uma sociedade democrática, espera-se que, dentro das diferentes etnias que compõem a sociedade brasileira, não exista esse hiato - mulheres, tanto brancas quanto negras e indígenas, possam alcançar uma equidade, o que não aconteceu ainda, visto que as lacunas que operam a exclusão não foram solucionadas⁶³.

Todo o conjunto de leis que vigora no cenário político brasileiro trouxe para as mulheres conquistas políticas⁶⁴ e legais que são, na sua extensa maioria, fruto dos processos de articulação, reivindicação e atuação dos movimentos e organizações feministas e de mulheres no âmbito nacional, com o objetivo de mapear a trajetória do que mudou, do que ainda não mudou e do que deverá - ou deveria - mudar no panorama da legislação brasileira sobre violência, desigualdade, injustiça, silêncio, entre outros.

Sarah Pomeroy nos alerta para não avaliarmos o mundo antigo, mesmo que por uma tendência inconsciente, através dos nossos conceitos modernos (POMEROY, 1999, p.76). Portanto, as leis acima mencionadas apenas demonstram uma conquista recente pelas mulheres na atualidade, ressaltando que, nos dias atuais, o conceito de permanência da não inserção da fala à mulher precisou de muito para se romper. O olhar para o passado deverá ser feito para encontrar respostas para o nosso presente sob nossas perspectivas e validações.

Cada mulher apresenta a sua especificidade e particularidade, de acordo com Vernant⁶⁵, a participação do sujeito no mundo implica, para o indivíduo, uma forma particular de relação consigo e com os outros. Esta relação com o outro se estabelece, também, através do olho, pois é através do olho do outro que olhamos e vemos a nossa imagem. O olho não vê a si mesmo, precisa direcionar seus raios para um objeto situado no exterior. Assim, o que somos, nosso rosto e nossa alma, nós o vemos e conhecemos ao olhar no olho e a alma do outro. A identidade de cada um se revela no contato com o outro e pela troca de palavras (VERNANT, 2001, p. 183-184).

A respeito de todas as conquistas jurídicas, a exemplo dos 30 anos, de participação na elaboração da Constituição do seu país - estabelecidas pelas mulheres, essas são capazes, sim, de narrar e escrever a sua própria história, rompendo com o padrão estabelecido de ser essa *eterna menor*.

Aspásia não poderia imaginar a representatividade e o seu legado para os dias atuais e como sua imagem e seu corpo fossem tão referidos em estudos sobre a mulher, suas articulações

⁶³ São os mais variados abismos que separam a mulher branca da mulher negra e indígena: mesmo grau de escolaridade, mesmas condições de trabalho, acesso à escola. Vê-se na divisão das nominatas de candidatos partidos políticos ou partidários uma “cota” de 30% quanto à composição de mulheres e 20% de negros (de ambos os sexos). Abismos estes reforçados por quase 500 anos de escravidão e exclusão / esquecimento das mulheres nativas. Em um contraponto de apenas um século em que a escravidão foi abolida no Brasil. As desigualdades permeiam da não inserção ao abolir a escravidão da não inserção do negro na sociedade. Apenas em 1988, a Constituição volta-se para as questões de desigualdades em séculos de exclusão.

⁶⁴ Nesses processos, pode-se mencionar como referência, entre outros, os seguintes documentos e legislações: no plano internacional: a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (CEDAW, ONU, 1979); a Recomendação Geral No. 19 do Comitê CEDAW (ONU, 1992); a Declaração sobre Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (ONU, 1993); as Declarações e Programas de Ações decorrentes das principais Conferências Internacionais das Nações Unidas (Viena/93, Cairo/94 e Beijing/95); a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher (Convenção de Belém do Pará, OEA, 1994); o Relatório do Comitê CEDAW em relação ao Brasil (ONU, 2003). b. No plano nacional: a Carta da Mulher Brasileira aos Constituintes (1986); a Constituição Federal (1988); o novo Código Civil (2003); o Código Penal (1940) (PANDJIARJIAN).

⁶⁵ Vernant define sociedade como sendo: (...) um sistema de relações entre os homens, atividades práticas que se organizam no plano da produção, da troca, do consumo, em primeiro lugar, e depois em todos os outros níveis e em todos os outros setores da vida coletiva (VERNANT: 2001, p. 54).

políticas e porque não sobre os estudos da prostituição que vão ao cerne da atitude social em relação ao gênero e às construções sociais da sexualidade.

Solana (DUESO,2021p.231) aponta para o interesse de Holiday(1880) um interesse de representar o movimento sufragista, no século XIX. Holiday faz uso da imagem de Aspásia no Pnyx pois assim como Aspásia representa mulheres numa sociedade onde a exclusão era fortemente justificada pela falta de capacidade da mulher, as mulheres da Inglaterra, no início do movimento sufragista gostariam de ser protagonistas e tomar decisões próprias (a imagem está na página 70 deste trabalho). Não gostariam de ter terceiros a tomar decisões por ela e ter seus direitos ao voto e a fala assegurados.

Mesmo que o lugar fosse acessado simbolicamente, através da arte, e era o que as mulheres da Inglaterra, na década de 1880 aspiravam: ocupar um lugar no Pnyx, ou seja, obter o direito ao voto. Inclino- nos sobre a Constituição Brasileira nos parágrafos anteriores, porém todo movimento que nossa sociedade enfrentou e ainda busca para que a democracia seja menos deficiente, passou pela sociedade grega, atravessou séculos, encontra na Europa do século XIX o movimento sufragista e aponta, *grosso modo*, para idealizarmos uma democracia que alcance vias de fato: o direito de fala indistintamente a todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografia principal

DUESO Solana, José. (2021). *Aspasia de Mileto y la emancipación de las mujeres*. Wilamowitz frente a Bruns. Amazon E-book.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ENTRE OS ANTIGOS

ARISTÓFENES. *A revolução das mulheres. A greve do sexo*. Trad. Mario da Gama Kury. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.

ARISTÓTELES, *A Constituição De Atenas*; Trad. Apresentação, Nota e Comentários. Francisco Murari Pires. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.

_____. *A Política*. Trad. Roberto Leal Ferreira. 3ª ed. São Paulo: Editora: Martins Fontes, 2006.

DEMÓSTENES, “Contra Neera”. In: *Discursos Privados*. Madrid: Gredos, 1983, LXI, v. 122

PLUTARCO. *Vidas Paralelas: Péricles e Fábio Máximo*. Trad. Do grego, introdução e notas. Ana Maria Guedes Ferreira/Ália Rosa Conceição Rodrigues. 2013. Imprensa da Universidade de Coimbra.

TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso/Tucídides*; Prefácio de Helio Jaguaribe; Tradução do grego de Mário da Gama Kury. 4º ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

XENOFONTE. *Econômico*. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS CONTEMPORÂNEAS

ANDRADE, Marta Mega de. *A vida comum: espaço, cotidiano e cidade na Atenas clássica*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____, Marta Mega de. *ASPÁSIA – O amor e a palavra in VIDAS ANTIGAS Ensaaios biográficos da antiguidade*. São Paulo: Intermeios, 2019.

_____, Marta Mega de. *O Feminismo e a Questão do Espaço Político das Mulheres de Atenas Clássica*. In: XXVI. Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo. *Anais Eletrônicos do XXVI*.

_____, Marta Mega de. *Pólis: comunidade, política e a vida em comum numa leitura da política de Aristóteles*. *Revista Clássica*, v. 28, n. 1, p. 95-124, 2015.

ARAÚJO, Felipe N. *O Enfrentamento Entre o Meteco Ateniense e a Instituição Políade no Discurso de Lísias*. In: XIX Ciclo de Debates em História Antiga. 2015.

BALTHAZAR, Gregory da Silva. *O Feminismo e o Poder no Mediterrâneo: um estudo sobre Aspásia, Olímpia e Cleópatra nas Biografias de Plutarco*. Curitiba: UFPR, 2013.

BARROS, José D' Assunção. *Teoria da História. Vol. I. Princípios e conceitos*. Petrópolis/ R.J. Editora Vozes, 3ª ed.

- BENVENISTE, Emile (1976). *Problemas de Linguística Geral*. São Paulo: Edusp. pp. 26; 27.
- BEARD, Mary. *Mulheres e poder: um manifesto*. Trad. de Celina Porto Carrero. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018. L28p.
- BERQUÓ, Shiraz Amaral. Aspásia de Mileto: mulher e filosofia na Atenas Clássica I, In. *Filósofas: a presença das mulheres na filosofia*. [Recurso eletrônico] / Juliana; Pacheco (Org.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.
- BOCK, Gisela (1989), *História, História das Mulheres, História do Gênero, Penélope. Fazer e Desfazer História*, nº 4, pp. 158-187.
- BORDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kühner. -2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRASETE, Maria Fernanda. *A crítica às mulheres no fr. 7 de Semónides de Amorgos*. Universidade de Aveiro. s/d. p.15.
- BRULE, Pierre. *Les femmes Crecques*. Paris: Hachette Littératures, 2001.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- _____. *Esboço de uma teoria da prática: precedidos de 3 estudos de etnologia cabila*. Oeira: Celta Editora, 2002.
- CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. *Narrativa, Sentido e História*. Campinas, SP: Papirus, 1997. (Coleção Textos do Tempo).
- CANDIDO, Maria Regina. *Identidade e Alteridade no Mundo Antigo - NEA/UERJ*. Fórum de Debates em História Antiga, Rio de Janeiro, p. 07 - 08, 20 maio 2004.
- _____. M.R. [org.] *Mulheres na Antiguidade: Novas Perspectivas e Abordagens*. Rio de Janeiro: UERJ/NEA; Gráfica e Editora DG Ltda.
- _____. M.R. *Mulheres estrangeiras e as práticas da magia em Atenas- IV ac*. In: Pedro Paulo A. Funari, Lourdes C. Feitosa e José da Silva. (Org.). *Amor, desejo e poder na Antiguidade*. São Paulo: UNICAMP/FAPESP/FAEP, 2003, v., p. 06-07.
- _____. M.R. *Multiculturalismo: Identidades e Espacialidade no Mundo Antigo* /Maria Regina Candido (Org.). Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2022. 264 p.
- _____. M. R., GRALHA, Julio César, BISPO, Cristiano Pinto, PAIVA, José R. (orgs). *Vida, Morte e Magia no Mundo Antigo*. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2008. *Novas Perspectivas sobre a aplicação metodológica em História Antiga*. In *A Busca do Antigo*. Beltrão Claudia (orgs). Rio de Janeiro: NAU Editora, 2011.
- CANFORA, Luciano. *O mundo de Atenas* / Luciano Canfora; tradução Federico Carotti. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- CARR, E. Mallet. *O que é história*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 22.
- CERTEAU, Michel de (1987), «A operação histórica», in Jacques Le Goff e Pierre Nora (dir.), *Fazer História*, vol. 1, *Novos Problemas*, Venda Nova, Bertrand, 2ª ed., pp. 17-58.
- CERQUEIRA, F. (2000). *A Iconografia dos Vasos Gregos Antigos como Fonte Histórica*. *História em Revista*, nº 6, Pelotas: UFPEL, 2000. Disponível em: Acesso em: 20 jul. 2014.
- COHEN, D. *Seclusion, separation and the status of women in classical Athens*. *Greece and Rome*, Cambridge, n. 36, p. 1-15, 1989.

COULANGES, Numa-Denys Fustel de. A Cidade Antiga. São Paulo: Editora das Américas S.A, 2006. Disponível: <file:///C:/Users/USER/Documents/libgen/A-Cidade-Antiga-Fustel-de-Coulanges.pdf>. Acesso em: 26 set. 2023.

DAVIS Natalie Zemon. Nas Margens: três mulheres do século XVII São Paulo. Companhia das Letras, 1997.

ESTEVES, Anderson Martins. AZEVEDO Katia, Teonia, FROHWEIN, Fábio. (orgs.). Homoerotismo na Antiguidade Clássica. Rio de Janeiro: 2a. edição UFRJ / Faculdade de Letras Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, 2016.

FONSECA, Vitor Manoel Marques da. No gozo dos direitos civis. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

FOUCAULT, M. Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FLORES, V. do N. (2016). O falante como etnógrafo da própria língua: uma antropologia da enunciação. Letras De Hoje, 50(5), s90-s95.

_____, V. do N. (2013). Princípios para a definição do objeto da linguística da enunciação: uma introdução (primeira parte). Letras De Hoje, 36(4).

FUNARI, Pedro Paulo. Grécia e Roma / Pedro Paulo A. Funari. – 2ª ed. - São Paulo: Contexto. 2002 - (Repensando a História).

GARDELLA, M. (2017). Reseña: Solana Dueso, J. (2014). *Aspásia de Mileto y la emancipación de las mujeres*. Wilamowitz frente a Bruns. Amazon E-book, Archai, n.º 19, jan.-apr. p. 275-282.

HENRY, Madeleine M. - Prisoner of History_ Aspasia of Miletus and Her Biographical Tradition-Oxford University Press, USA (1995).

LESSA, Fabio de Souza. Mulheres de Atenas: do Gineceu à Ágora. 2ª ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

_____. O Feminino em Atenas. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

JAEGHER, Werner. Paidéia: A formação do homem grego; tradução Arthur M. Parreira. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LORAUX, Nicole. A invenção de Atenas. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994b

MANIERI, Dagmar. O conceito de *Areté* em Aristóteles. Synesis: Petrópolis v. 9, n. 2, p. 15-29, ago/dez 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/USER/Downloads/DialnetOConceitoDeAreteEmAristoteles-6356646.pdf>

MATOS, Maria Izilda S. História, mulher e poder: da invisibilidade ao gênero. In: SILVA, G. SÃO PAULO: Margem, 2002 p. 237-252.

MOSSÉ, Cl. *La Mujer en la Grécia Clássica*. Madrid: Nerea, 1990.

NADER, M. B.; FRANCO, S. P. História, mulher e poder. Vitória: EDUFES, 2006. p. 9-23. (Introdução.)

ONELLEY, Glória Braga. O estatuto social da cortesã no Contra Neera. Todas as Musas, 2012, p.12

PANDJIARJIAN, Valéria. Balanço de 25 anos da legislação sobre a violência contra as mulheres no Brasil, s/d.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (Org.). Nova História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2012. p. 469 – 512.

POMEROY, Sarah. *Diosas, Rameras, Esposas Y Esclavas. Mujeres em la antigüedad clásica*/Sarah B. Pomeroy; tradução Ricardo Lezcano Escudero-3ª ed. Madrid: Ediciones Akal. S.A, 1999.

POZZER, K. M. P. Banquetes, Recepções e Rituais na Mesopotâmia. Philia: Jornal Informativo de História Antiga, Rio de Janeiro, Ano XIII, n. 37, p. 5-6, jan./fev./mar. 2011.

ROSA, Claudia Beltrão da... A Busca do Antigo / (org. [et al.]. - Rio de Janeiro: Trarepa: Nau, 2011. 280p.

SALLES, Catherine. Nos submundos da Antiguidade; tradução Carlos Nelson Coutinho – 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SEGER, Dockhorn S. Novos Olhares sobre a Mulher Ateniense. DOSSIÊ História e Representações da Antiguidade, s/d

SCOTT, Joan. Uma análise de categoria útil. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. 1989.

SOIHET, R. História das Mulheres. In: CARDOSO, C. F. & VAINFAS, R. Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 275- 96.

SOUZA, Maria Angélica R. Tecendo mensagens numa trama bem urdida: as mulheres atenienses. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/Programa de Pós-Graduação em História Comparada, 2005. Dissertação de Mestrado em História Comparada.

SPINELLI, Miguel. Duas mulheres de Atenas: Aspásia, a companheira de Péricles e Xantipa, a de Sócrates. Hypnos, São Paulo, v.39, 2º sem., p.258-287, 2017.

STEARNS, Peter N Tradução de Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2007.251p.

TILLY, Louise A. Gênero, História das Mulheres e História Social. Cadernos Pagu (3): pp.29-62, 1994.

THEML, N. O Público e o Privado na Grécia do VIII ao IV séculos a.C.: O Modelo Ateniense. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998b.

VAQUINHAS, Irene (2009), «Estudos sobre a história das mulheres em Portugal: as grandes linhas de força no início do século XXI», *INTERthesis*, v.6, n.1, p. 241-253.

VRISSIMTZIS, Nikos. Amor, sexo & Casamento na Grécia antiga. Um guia da vida privada dos Gregos Antigos. Nikos A. Vrissimtzis; tradução Luiz Alberto Machado Cabral – São Paulo: Odysseus, 2002.

VERNANT, Jean Pierre. O homem grego. São Paulo: Editorial Presença, 1994

_____. J.-P. As origens da filosofia. In: _____. Mito e pensamento entre os gregos. São Paulo: Paz e Terra, 1990, p. 475-485.

_____, J.- P. As Origens do Pensamento Grego. Trad. Ísis Borges B. da Fonseca. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

ANEXO

Aspasia de Mileto A. Testimonios

Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto, *Testimonios y discursos* (Spanish Edition) (p. 102). Edição do Kindle/Bing translator

Texto Fonte Primária	Texto Traduzido Espanhol	Texto Traduzido Português
<p>A. Testimonios 1. Plutarco, Vida de Pericles 24-25, 32, 37</p> <p>[24.1] Ἐκ τούτου γενομένων σπονδῶν Ἀθηναίοις καὶ Λακεδαιμονίοις εἰς ἔτη τριάκοντα, ψηφίζεται τὸν εἰς Σάμον πλοῦν, αἰτίαν ποιησάμενος κατ' αὐτῶν ὅτι τὸν πρὸς Μιλησίους κελευόμενοι διαλύσασθαι πόλεμον οὐχ ὑπήκουον. [2] ἐπεὶ δ' Ἀσπασία χαριζόμενος δοκεῖ πρᾶξαι τὰ πρὸς Σαμίους, ἐνταῦθ' ἂν εἴη καιρὸς διαπορῆσαι μάλιστα περὶ τῆς ἀνθρώπου, τίνα τέχνην ἢ δύναμιν τοσαύτην ἔχουσα, τῶν τε πολιτικῶν τοὺς πρωτεύοντας ἐχειρώσατο, καὶ τοῖς φιλοσόφοις οὐ φαῦλον οὐδ' ὀλίγον ὑπὲρ αὐτῆς παρέσχε λόγον. [3] ὅτι μὲν γὰρ ἦν Μιλησία γένος, Ἀξιόχου θυγάτηρ, ὁμολογεῖται· φασὶ δ' αὐτὴν Θαρρηλίαν τινὰ τῶν παλαιῶν Ἰάδων ζηλώσασαν ἐπιθέσθαι τοῖς δυνατωτάτοις ἀνδράσι. [4] καὶ γὰρ ἡ Θαρρηλία, τό τ' εἶδος εὐπρεπῆς γενομένη καὶ χάριν ἔχουσα μετὰ δεινότητος, πλείστοις μὲν Ἑλλήνων συνώκησεν ἀνδράσι, πάντας δὲ προσεποίησε βασιλεῖ τοὺς</p>	<p>1. Plutarco, Vida de Pericles 24-25, 32, 37 Plutarco. C. 46-125. Originario de Queronea, donde fundó una Academia semejante a la platónica, hombre de vasta cultura, autor de las Vidas paralelas y de un amplio conjunto de ensayos conocido con el nombre de Obras morales y de costumbres (Moralia). Los testimonios están tomados de la vida de Pericles.</p> <p>1.[24.1] Tras esto, pactándose una tregua entre atenienses y lacedemonios por treinta años, hace votar la expedición naval a Samos, tomando como causa contra ellos el que no habían obedecido cuando se les mandó suspender la guerra contra los milesios. [2] Puesto que al parecer emprendió las acciones contra Samos[113] por complacer a Aspasia, puede que sea este el momento preciso de preguntarnos, a propósito de esta mujer, cuál fue la gran habilidad y capacidad por la que tuvo en sus manos a los políticos más influyentes y por la que proporcionó a los filósofos motivo para hablar de ella con seriedad y abundancia. [3] Hay acuerdo en que era de origen milesio e hija de Axíoco. Se dice también que, emulando a una cierta Targelia de los antiguos jonios, se ganó a los</p>	<p>Plutarco - Plutarco Vidas Paralelas: Péricles e Fábio Máximo. Trad. do grego, introdução e notas de FERREIRA, ANA MARIA GUEDES; RODRIGUES, ÁLIA ROSA CONCEIÇÃO. COIMBRA: IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, 2013 (Edição Imprensa da Universidade de Coimbra URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc E-mail: imprensauc@ci.uc.pt)</p> <p>24. 1. De seguida, firmada uma trégua de trinta anos entre Atenienses e Lacedemónios, decretou uma expedição naval contra Samos, acusando os seus habitantes de, apesar de exortados a terminarem a guerra contra Mileto, não obedecerem. 2. Mas, como parece que fez guerra contra Samos para agradar a Aspásia, talvez seja então a melhor ocasião para questionar esta mulher, que arte ou poder tão grande tinha, que dominava os principais políticos e aos filósofos oferecia matéria, nem má nem pouca, para falarem dela. 3. Que era de origem milésia e filha de Axíoco, todos estão de acordo. Dizem que era para igualar Targélia, uma das antigas cortesãs iónicas, que se entregava aos homens mais poderosos. 4. Targélia, que era bela e combinava graça com subtileza, teve muitíssimos homens gregos e</p>

πλησιάσαντας αὐτῇ, καὶ ταῖς πόλεσι μηδισμοῦ δι' ἐκείνων ὑπέσπειρεν ἀρχάς, δυνατωτάτων ὄντων καὶ μεγίστων. [5] τὴν δ' Ἀσπασίαν οἱ μὲν ὡς σοφὴν τινα καὶ πολιτικὴν ὑπὸ τοῦ Περικλέους σπουδασθῆναι λέγουσι· καὶ γὰρ Σωκράτης ἔστιν ὅτε μετὰ τῶν γνωρίμων ἐφοῖτα, καὶ τὰς γυναῖκας ἀκροασομένας οἱ συνήθεις ἦγον ὡς αὐτήν, καίπερ οὐ κοσμίῳ προεστῶσαν ἐργασίας οὐδὲ σεμνῆς, ἀλλὰ παιδίσκας ἐταιρούσας τρέφουσιν. [6] Αἰσχίνης (p. 45. 46 Kr.) δέ φησι καὶ Λυσικλέα τὸν προβατοκάπηλον ἐξ ἀγεννοῦς καὶ ταπεινοῦ τὴν φύσιν Ἀθηναίων γενέσθαι πρῶτον Ἀσπασίαν συνόντα μετὰ τὴν Περικλέους τελευτήν. [7] ἐν δὲ τῷ Μενέξενῳ τῷ Πλάτωνος (235e), εἰ καὶ μετὰ παιδιᾶς τὰ πρῶτα γέγραπται, τοσοῦτόν γ' ἱστορίας ἔνεστιν, ὅτι δόξαν εἶχε τὸ γύναιον ἐπὶ ῥητορικῇ πολλοῖς Ἀθηναίων ὁμιλεῖν. φαίνεται μέντοι μᾶλλον ἐρωτική τις ἢ τοῦ Περικλέους ἀγάπησις γενομένη πρὸς Ἀσπασίαν. [8] ἦν μὲν γὰρ αὐτῷ γυνὴ προσήκουσα μὲν κατὰ γένος, συνωκηκυῖα δ' Ἱππονίκῳ πρότερον, ἐξ οὗ Καλλιαν ἔτεκε τὸν πλούσιον· ἔτεκε δὲ καὶ παρὰ τῷ Περικλεῖ Ξάνθιππον καὶ Πάραλον. εἶτα τῆς συμβιώσεως οὐκ οὔσης αὐτοῖς ἀρεστής, ἐκείνην μὲν ἐτέρῳ βουλομένην συνεξέδωκεν, αὐτὸς δὲ τὴν Ἀσπασίαν λαβὼν ἔστερξε διαφερόντως. [9] καὶ γὰρ ἐξιὼν ὥς φασὶ καὶ εἰσιὼν ἀπ' ἀγορᾶς ἡσπάζετο καθ' ἡμέραν αὐτήν μετὰ τοῦ καταφιλεῖν. ἐν δὲ ταῖς κωμωδίαις (adesp. 63 CAF III 63) Ὁμφάλῃ τε νέα καὶ Δηάνειρα καὶ πάλιν Ἥρα προσαγορεύεται. Κρατῖνος δ' ἄντικρυς παλλακὴν αὐτὴν εἶρηκεν ἐν τούτοις (fr. 241 CAF I 86): Ἦσαν τέ οἱ Ἀσπασίαν

varones más poderosos. [4] Y Targelia, en efecto, dotada de gran belleza y combinando gracia con habilidad, convivió con gran número de varones griegos mientras que atrajo a la causa del rey a todos los que trataban con ella, y, mediante aquéllos, que eran los más poderosos y principales, difundió en las ciudades las primeras semillas de medismo. [5] Unos dicen que Pericles se interesó por Aspasia por ser mujer sabia y experta en política; en efecto, Sócrates solía visitarla con sus discípulos y los íntimos le llevaban a sus esposas para que la escuchasen, a pesar de haber estado al frente de una ocupación ni honrada ni respetable, sino educando a muchachas jóvenes que se convertían en heteras. [6] Esquines, por su parte, dice que también Lisicles, el vendedor de corderos, de hombre bajo y vulgar por naturaleza se convirtió en número uno entre los atenienses conviviendo con Aspasia tras la muerte de Pericles. [7] En el Menéxeno de Platón, aun cuando la introducción está escrita en tono humor, hay al menos un punto de verdad histórica, a saber, que esta simple mujer tenía fama de instruir en retórica a muchos atenienses. Parece, sin embargo, que la inclinación de Pericles por Aspasia era más bien de naturaleza erótica. [8] Pues este tenía una esposa[114] apropiada a su linaje, casada antes con Hipónico, del que había engendrado a Calias el rico; también engendró con Pericles y Páralo. Después, no siéndoles la convivencia grata, la entregó a otro con el consentimiento de ella mientras él, casándose con Aspasia, la amó de manera

atraía para a causa do rei persa todos os que dela se aproximavam. E assim, por meio deles, que eram homens poderosos e influentes, espalhou nas respectivas cidades sementes de adesão à Pérsia. 5. Há quem afirme que Aspásia conquistou o apreço de Péricles pela inteligência e capacidade política de que era dotada. Também Sócrates a visitava algumas vezes com os discípulos, e os que lhe eram íntimos levavam as mulheres para a escutarem, embora dirigisse um negócio que era tudo menos honrado e digno, pois mantinha jovens prostitutas. 6. Ésquines diz que Lísicles, o comerciante de gado, um sujeito de origem humilde e de baixa índole, se tornou o primeiro dos Atenienses, por ter passado a viver com Aspásia depois da morte de Péricles. 7. No Menéxeno de Platão embora o texto de abertura esteja escrito em tom jocoso, existe algum fundamento histórico no facto de Aspásia ter fama de se reunir com muitos Atenienses com objectivos retóricos. Mas parece que a afeição de Péricles por Aspásia foi certamente de índole amorosa.

8. Péricles tinha por mulher uma sua parente consanguínea, que casara em primeiras núpcias com Hipónico, de quem deu à luz Cálías, o milionário. De Péricles, teve Xantipo e Páralo. Depois, como a convivência entre eles não era agradável, entregou-a – de comum acordo – a outro; e ele ficou com Aspásia, a quem amou com especial ternura. 9. Diz-se que, todos os dias, quando saía da ágora ou nela entrava a saudava com um beijo. Nas comédias, ela aparece como uma nova Ônfale, Dejanira e como Hera. Cratino

τίκτει [καὶ] Καταπυγοςύνη παλλακὴν κυνώπιδα. [10] δοκεῖ δὲ καὶ τὸν νόθον ἐκ ταύτης τεκνῶσαι, περὶ οὗ πεποίηκεν Εὐπολὶς ἐν Δήμοις (fr. 98 CAF I 282) αὐτὸν μὲν οὕτως ἐρωτῶντα· ὁ νόθος δέ μοι ζῆ; τὸν δὲ Μυρωνίδην ἀποκρινόμενον· καὶ πάλαι γ' ἂν ἦν ἀνὴρ, εἰ μὴ τὸ τῆς πόρνης ὑπορρώδει κακόν. [11] οὕτω δὲ τὴν Ἀσπασίαν ὀνομαστὴν καὶ κλεινὴν γενέσθαι λέγουσιν, ὥστε καὶ Κῦρον τὸν πολεμήσαντα βασιλεῖ περὶ τῆς τῶν Περσῶν ἡγεμονίας τὴν ἀγαπωμένην ὑπ' αὐτοῦ μάλιστα τῶν παλλακίδων Ἀσπασίαν ὀνομάσαι, καλουμένην Μίλτω πρότερον. [12] ἦν δὲ Φωκαῖς τὸ γένος, Ἑρμοτίμου θυγάτηρ· ἐν δὲ τῇ μάχῃ Κύρου πεσόντος ἀπαχθεῖσα πρὸς βασιλέα πλείστον ἴσχυσε. ταῦτα μὲν ἐπελθόντα τῇ μνήμῃ κατὰ τὴν γραφὴν ἀπόσασθαι καὶ παρελθεῖν ἴσως ἀπάνθρωπον ἦν.

[25.1] Τὸν δὲ πρὸς Σαμίους πόλεμον αἰτιῶνται μάλιστα τὸν Περικλέα ψηφίσασθαι διὰ Μιλησίου Ἀσπασίας δεηθείσης.

[32.1] Περὶ δὲ τοῦτον τὸν χρόνον Ἀσπασία δίκην ἔφευγεν ἀσεβείας, Ἑρμίππου τοῦ κωμωδιοποιοῦ διώκοντος καὶ προσκατηγοροῦντος, ὡς Περικλεῖ γυναικας ἐλευθέρας εἰς τὸ αὐτὸ φοιτώσας ὑποδέχοιτο, [2] καὶ ψήφισμα Διοπίθης ἔγραψεν εἰσαγγέλλεσθαι τοὺς τὰ θεῖα μὴ νομίζοντας ἢ λόγους περὶ τῶν μεταρσίων διδάσκοντας, ἀπερειδόμενος εἰς Περικλέα δι' Ἀναξαγόρου τὴν ὑπόνοιαν. [3]

especial. [9] Pues, al salir como al volver del ágora, cuentan que cada día la abrazaba y besaba dulcemente. En las comedias se la llama nueva Ónfale y Deyanira y también Hera[115]. Cratino públicamente la llamó concubina en estos versos: Impudicia le [a Cronos] engendra a Hera-Aspasia concubina con cara de perra. [10] Parece que también tuvo un hijo bastardo de ella, a propósito del cual Éupolis lo representó en los Demoi haciendo esta pregunta: Pero, ¿acaso vive mi bastardo? y a Mirónides contestando: "Y hace tiempo que sería un varón si no le hiciera temblar la maldad de la prostituta". [11] Se dice que Aspasia llegó a ser nombrada y famosa hasta el punto de que el propio Ciro, el que combatió al Rey por la hegemonía de los persas, a la más amada de sus concubinas le dio el nombre de Aspasia[116], siendo Milto su nombre anterior. [12] Era de origen focense, hija de Hermótimo. Al morir Ciro en la batalla, conducida ante el Rey, gozó de gran influencia. Viniéndome estas cosas a la memoria mientras escribía, quizá sería impropio de humanos despreciarlas y pasarlas por alto[117].

[25.1] En cuanto a la guerra contra Samos, acusan a Pericles de hacerla votar en favor de Mileto a petición de Aspasia.

[32.1] Por estas mismas fechas[118] Aspasia fue sometida a proceso de impiedad, siendo acusador el poeta cómico Hermipo y acusándola además de recibir para Pericles a mujeres libres en su casa, [2] mientras Diopites[119] redactó un decreto para denunciar a los que no creían

chama-lhe directamente concubina nestes versos: “A Sem-Vergonhice dá à luz esta Hera, Aspásia, uma concubina de olhos de cadela.” 10. Parece que teve dela um bastardo, sobre quem Êupolis, em Demos, faz Péricles perguntar assim:

“E o meu bastardo, está de boa saúde?”

E Pirónides responde-lhe:

“Está e de há muito seria um homem feito, se não o aba-
-lasse o mal da marafona.”

11. Dizem que Aspásia se tornou tão célebre e famosa que até Ciro, aquele que disputou com o Rei Persa a soberania, chamou Aspásia à sua concubina preferida, que antes se chamava Milto. 12. Era essa mulher de origem fócia e filha de Hermotimo. Quando Ciro morreu em combate, foi levada para junto do Rei e tornou-se influente. Este caso veio-me à memória enquanto escrevia – e era talvez pouco natural omiti-lo e passá-lo por alto.

25. 1. Quanto à guerra contra Samos, acusam Péricles de a ter decretado sobretudo por causa de Mileto,

32. 1. Por essa altura, Aspásia sofreu uma acusação de impiedade, quando o comediógrafo Hermipo a perseguiu e acusou de receber mulheres livres num lugar onde Péricles pudesse ter encontros com elas. 2. Então Diopites propôs um decreto (psephisma), segundo o qual quem não acreditasse nas divindades ou ministrasse ensinamentos sobre fenómenos

δεχομένου δὲ τοῦ δήμου καὶ προσιεμένου τὰς διαβολάς, οὕτως ἤδη ψήφισμα κυροῦται Δρακοντίδου γράψαντος, ὅπως οἱ λόγοι τῶν χρημάτων ὑπὸ Περικλέους εἰς τοὺς πρυτάνεις ἀποτεθεῖεν, οἱ δὲ δικασταὶ τὴν ψήφον ἀπὸ τοῦ βωμοῦ φέροντες ἐν τῇ πόλει κρίνοιν. [4] Ἄγνων δὲ τοῦτο μὲν ἀφείλε τοῦ ψηφίσματος, κρίνεσθαι δὲ τὴν δίκην ἔγραψεν ἐν δικασταῖς χιλίοις καὶ πεντακοσίοις, εἴτε κλοπῆς καὶ δώρων εἴτ' ἀδικίου βούλοιτό τις ὀνομάζειν τὴν δίωξιν. [5] Ἀσπασίαν μὲν οὖν ἐξητήσατο, πολλὰ πάνυ παρὰ τὴν δίκην, ὡς Αἰσχίνης (p. 48 Kr.) φησίν, ἀφείδ ὑπὲρ αὐτῆς δάκρυα καὶ δεηθεῖς τῶν δικαστῶν, Ἀναξαγόραν δὲ φοβηθεῖς <τὸ δικαστήριον> ἐξέκλεψε καὶ προύπεμψεν ἐκ τῆς πόλεως.

[37.5] ὄντος οὖν δεινοῦ τὸν κατὰ τοσοῦτων ἰσχύσαντα νόμον ὑπ' αὐτοῦ πάλιν λυθῆναι τοῦ γράψαντος, ἡ παροῦσα δυστυχία τῷ Περικλεῖ περὶ τὸν οἶκον, ὡς δίκην τινὰ δεδωκότι τῆς ὑπεροψίας καὶ τῆς μεγαλαυχίας ἐκείνης, ἐπέκλασε τοὺς Ἀθηναίους, καὶ δόξαντες αὐτὸν νημεσητά τε παθεῖν ἀνθρωπίνων τε δεῖσθαι, συνεχώρησαν ἀπογράψασθαι τὸν νόμον εἰς τοὺς φράτορας, ὄνομα θέμενον τὸ αὐτοῦ. [6] καὶ τοῦτον μὲν ὕστερον ἐν Ἀργινούσαις καταναυμαχίσαντα Πελοποννησίους ἀπέκτεινεν ὁ δῆμος μετὰ τῶν συστρατῆγων.

Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (p. 172). Edição do Kindle.

en las cosas divinas y a los que enseñaban teorías sobre los fenómenos celestes, tratando de sembrar la sospecha contra Pericles[120] a través de Anaxágoras. [3] Aceptando y aprobando las acusaciones el pueblo, a propuesta de Dracóntides se ratifica de inmediato un decreto destinado a que Pericles rindiera cuentas de los fondos públicos ante los prítanos y que los jueces, cogiendo el voto desde el altar, tomaran la resolución en la acrópolis. [4] Hagnón, sin embargo, hizo suprimir del decreto esto último y propuso que el proceso se resolviera ante mil quinientos jueces, ya se quisiera dar a la acusación el nombre de robo o soborno, ya el de ofensa al estado. [5] Por Aspasia imploró el perdón, derramando por ella muchas lágrimas[121] durante todo el proceso y suplicando a los jueces, mientras que, temiendo por Anaxágoras, lo mandó salir de la ciudad.

[37.5] Siendo raro que una ley que estuvo en vigor contra tanta gente, fuera derogada por el mismo que en otro tiempo la propuso, la presente desgracia que afectaba a la casa de Pericles, como si pagara una cierta pena por su orgullo y altivez, ablandó a los atenienses, y, creyendo que sufría la ira de Némesis y que necesitaba de cuidados humanos, permitieron inscribir a su hijo bastardo entre los miembros de su fratría, tomando su mismo nombre. [6] Tiempo después, a este, después de vencer a los Peloponesios en la batalla naval de las Arginusas[122], el pueblo lo condenó a muerte junto con los demás estrategos.

celestes, seria sujeito a um processo de denúncia pública²⁴⁶, dirigindo as suspeitas contra Péricles, por causa de Anaxágoras. 3. O povo acolhia e aceitava este tipo de ataque, de tal maneira que, aproveitando a ocasião, foi aprovado um decreto por proposta de Dracôntides, exigindo que Péricles apresentasse as contas dos dinheiros públicos aos prítanes; e que os juízes, com pedras de voto do altar de Atena, decidissem na Acrópole. 4. Hágnon, porém, suprimiu esta cláusula do decreto e propôs que o processo fosse julgado diante de mil e quinhentos juízes, quer se quisesse entender o caso como de roubo e corrupção, quer de malversação. 5. Por Aspásia, Péricles intercedeu derramando, como diz Ésquines, durante o processo, lágrimas sem conta fazendo apelos aos juízes. Quanto a Anaxágoras, por receio, enviou-o para fora da cidade.

[37.5] É estranho que uma lei que vigorava contra tantas pessoas tenha sido revogada pelo mesmo que uma vez a propôs, a atual desgraça que atingiu a casa de Péricles, como se pagasse uma certa pena pelo seu orgulho e arrogância, abrandou os atenienses e, acreditando que sofria a ira de Nêmesis e que precisava de cuidados humanos, permitiram que seu filho bastardo fosse inscrito entre os membros de sua fratria, assumindo o mesmo nome. [6] Algum tempo depois, após derrotar os Peloponesos na batalha naval de Arginusae[122], o povo o condenou à morte junto com os outros estrategos.

Notas:

113] Duris de Samos (FGH 76), um historiador inimigo de

	<p>Notas:</p> <p>[113] Duris de Samos (FGH 76), un historiador enemigo de Pericles, parece la fuente de esta noticia. Holden (1894, 161). [114] Sobre la identidad de esta mujer y sus sucesivos matrimonios, hay desacuerdo entre los estudiosos. Recientemente, Cromey (1984) ha defendido que se trata de Deinómaca, la cual se casó con Hipónico, Pericles y Clinias, aceptando, por tanto, el orden de matrimonios que establece Plutarco en este pasaje. [115] Hera es la esposa de Zeus, al que somete a frecuentes reproches, intenta alterar sus decisiones y llega incluso a conspirar contra él. Deyanira es una guerrera experta, esposa de Heracles, al que por celos causa involuntariamente la muerte en medio de horribles dolores. Ónfale es la reina de Lidia a la que Heracles fue vendido como esclavo. Tan bien desarrolló su función que Ónfale le concedió la libertad. La intención en todos los casos es presentarnos una Aspasia que, por sus artimañas o capacidades, representa un peligro y un obstáculo para la libre actuación de su esposo, lo que significaba un desprestigio para quien era el primer magistrado ateniense y que, como a todo esposo, le correspondía por ley ser el señor (kyrios) de su esposa. Schwarze (1971) analiza con detalle el retrato que la comedia forja de Pericles y su relación con Aspasia. [116] Esta Aspasia, llamada la joven, de nombre Milto (por el color de su rostro), nacida en Focea (Jonia) de padres libres, era una concubina de Ciro que, muerto este, pasó al harén de</p>	<p>Péricles, parece ser a fonte desta notícia. Holden (1894, 161). [114] Quanto à identidade desta mulher e seus sucessivos casamentos, há divergências entre os estudiosos. Recentemente, Cromey (1984) argumentou que se trata de Deinomacha, que se casou com Hippônico, Péricles e Clínias, aceitando, portanto, a ordem de casamentos estabelecida por Plutarco nesta passagem. [115] Hera é esposa de Zeus, a quem ela frequentemente repreende, tenta alterar suas decisões e até conspira contra ele. Deyanira é uma guerreira experiente, esposa de Hércules, a quem por ciúme causa involuntariamente a morte em meio a uma dor horrível. Onfale é a rainha da Lídia a quem Hércules foi vendido como escravo. Ele desempenhou sua função tão bem que Omphale lhe concedeu a liberdade. A intenção em todos os casos é apresentarmos uma Aspásia que, pelas suas artimanhas ou habilidades, representa um perigo e um obstáculo à livre acção do seu marido, o que significou um descrédito para quem foi o primeiro magistrado ateniense e que, como todo o resto, marido, era sua responsabilidade por lei ser o senhor (kyrios) de sua esposa. Schwarze (1971) analisa detalhadamente o retrato que a comédia forja de Péricles e sua relação com Aspásia. [116] Esta Aspásia, chamada de jovem, chamada Miltus (por causa da cor de seu rosto), nascida em Focea (Jônia) de pais livres, era concubina de Ciro que, após sua morte, foi para o harém de Artaxerxes. Dario pediu por ela ao pai, embora ele logo a retirou para nomeá-la sacerdotisa de Ártemis em Ecbatana, função que</p>
--	---	--

	<p>Artajerjes. Darío se la pidió a su padre, si bien no tardó en retirársela para designarla sacerdotisa de Artemis en Ecbatana, función que le imponía la más rigurosa castidad. Plu. Art. 26-28. Jenof., An. 1, 10, 2. Ateneo 576d. Eliano, Historia miscelánea 12, 1. Véase T18 y 28 de este estudio. [117] Cabe preguntarse por qué Plutarco se ve en la necesidad de justificarse por las breves líneas que dedica a la milesia. Mi opinión es que, al escribir la historia de una mujer, percibe que está apartándose de los cánones aceptados del género. Dicho de otro modo, debemos entender que existía en tiempos y en los medios de Plutarco una presión ideológica contra una presencia significativa de mujeres en la biografía de los grandes personajes masculinos. [118] Plutarco acaba de narrar el proceso de Fídias. Con esta vaga fórmula ("por estas mismas fechas"), sugiere que los procesos de Aspasia y Anaxágoras ocurrieron a continuación lo mismo que la promulgación del decreto de Diopites. Por tanto, el proceso de Fídias tendría lugar en torno al 433-32. Esta ha sido la fecha tradicionalmente aceptada; algunos estudiosos, por el contrario, la han cuestionado y proponen en su lugar los años 438-36, tanto para estos procesos como para el decreto de Diopites. Así, Mansfeld (1979-1980). [119] Connor (1963) cuestiona la visión comúnmente aceptada, según la cual Diopites sería un oligarca extremista. En su lugar propone considerarlo como un político oportunista, siempre dispuesto a sacar ventaja de las inclinaciones supersticiosas de una población crispada por adversidades bélicas</p>	<p>lhe impunha a mais rigorosa castidade. Pl. Art. 26-28. Jenof., An. 1, 10, 2. Ateneo 576d. Aelianus, Miscellaneous History 12, 1. Veja T18 e 28 deste estudo. [117] Pode-se perguntar por que Plutarco sente a necessidade de justificar-se pelas breves linhas que dedica à Milesia. Minha opinião é que, ao escrever uma história de mulher, você percebe que está se afastando dos cânones aceitos do gênero. Ou seja, devemos compreender que existia na época de Plutarco uma pressão ideológica contra uma presença significativa de mulheres na biografia de grandes personagens masculinos. [118] Plutarco acaba de narrar o julgamento de Fídias. Com esta fórmula vaga ("por volta destas mesmas datas"), ele sugere que os julgamentos de Aspásia e Anaxágoras ocorreram próximo à promulgação do decreto de Diopitas. Portanto, o julgamento de Fídias ocorreria por volta de 433-32. Esta tem sido a data tradicionalmente aceite; Alguns estudiosos, pelo contrário, questionaram-no e propõem em vez disso os anos 438-36, tanto para estes processos como para o decreto dos Diopitas. Assim, Mansfeld (1979-1980). [119] Connor (1963) questiona a visão comumente aceita, segundo a qual Diopites seria um oligarca extremista. Em vez disso, propõe considerá-lo como um político oportunista, sempre disposto a aproveitar as inclinações supersticiosas de uma população agitada pela guerra e pelas adversidades naturais (pestilências). Considera também que não há justificação para deslocar o decreto de uma data próxima de 430. [120] Os julgamentos de Fídias, Aspásia e</p>
--	---	--

	<p>y naturales (peste). Considera asimismo que no hay justificación para mover el decreto de una fecha próxima al 430. [120] Los procesos de Fídias, Aspasia y Anaxágoras se han interpretado como un ataque a Pericles organizado por sectores oligárquicos. Frost (1964), por el contrario, sostiene que estos ataques, que deben fecharse en torno al 438-37, son una maniobra de Cleón o alguien semejante, apuntando más concretamente a una "banda de pseudo-igualitarios que usaron las armas de la demagogia del ágora -el temor supersticioso y el desprecio del entendimiento- contra la élite gobernante de Atenas". [121] Es evidente que Plutarco ve en el autocontrol ante las adversidades una cualidad fundamental que pone de relieve en su biografía. No obstante, habla de dos momentos en que Pericles lloró: ante los jueces implorando el perdón de su esposa y en las exequias de su hijo Páralo (38, 8), con cuya muerte se quedaba sin hijos legítimos. Sin embargo, otros textos insisten en la entereza del estadista en todo momento, incluido el de la muerte de sus dos hijos (DK 80 B9 y Eliano, Historia miscelánea 9, 6). [122] La batalla de las Arginusas tuvo lugar en el 406, venciendo los atenienses a los lacedemonios. De los ocho estrategos, seis fueron condenados a muerte y ejecutados por no ayudar a los supervivientes náufragos al impedirse una tormenta. El juicio y ejecución de los estrategos tiene que ver con las maquinaciones de los grupos oligárquicos (Terámenes, apoyado probablemente por los partidarios de Alcibíades) contra los estrategos elegidos tras la restauración democrática del 411,</p>	<p>Anaxágoras foram interpretados como um ataque a Péricles organizado por sectores oligárquicos. Frost (1964), por outro lado, sustenta que estes ataques, que devem ser datados por volta de 438-37, são uma manobra de Cleon ou alguém semelhante, apontando mais especificamente para um "bando de pseudo-igualitários que usaram as armas do demagogia da ágora – o medo supersticioso e o desprezo pela compreensão – contra a elite dominante de Atenas. [121] É evidente que Plutarco vê o autocontrole diante da adversidade como uma qualidade fundamental que ele destaca em sua biografia. Porém, fala de dois momentos em que Péricles chorou: diante dos juízes que imploravam o perdão de sua esposa e no funeral de seu filho Paralus (38, 8), com cuja morte ficou sem filhos legítimos. No entanto, outros textos insistem na integridade do estadista em todos os momentos, incluindo a morte de seus dois filhos (DK 80 B9 e Aelianus, Miscellaneous History 9, 6). [122] A Batalha de Arginusae ocorreu em 406, com os atenienses derrotando os lacedemônios. Dos oito estrategos, seis foram condenados à morte e executados por não ajudarem os náufragos sobreviventes quando uma tempestade os impediu de fazê-lo. O julgamento e execução do estrategista tem a ver com as maquinacões de grupos oligárquicos (Terámenes, provavelmente apoiados pelos partidários de Alcibíades) contra o estrategista eleito após a restauração democrática de 411, que obteve uma brilhante vitória contra Esparta. Este processo marcou o início da derrota</p>
--	---	---

	<p>que habían obtenido una brillante victoria contra Esparta. Este proceso marcó el inicio de la derrota ateniense en el 404 (Jenofonte Helénicas I, 7, 35). Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (p. 170-172). Edição do Kindle.</p>	<p>ateniense em 404 (Xenofonte Hellenicas I, 7, 35).</p>
<p>2. Escolio a Platón Menéxeno 235e</p> <p>Ἀσπασία αὕτη Ἀξιόχου, Μιλησία, γυνὴ Περικλέους, παρὰ Σωκράτει πεφιλοσοφηκυῖα, ὡς Διόδωρος ἐν τῷ περὶ †Μιλήτου† (I. μνημάτων) συγγράμματι φησίν. ἐπεγήμετο δὲ μετὰ τὸν Περικλέους θάνατον Λυσικλεῖ τῷ προβατοκαπήλῳ, καὶ ἐξ αὐτοῦ ἔσχεν υἱὸν ὀνόματι Ποριστήν, καὶ τὸν Λυσικλέα ῥήτορα δεινότατον κατεσκευάσατο, καθάπερ καὶ Περικλέα δημηγορεῖν παρσκευάσεν, ὡς Αἰσχίνης ὁ Σωκρατικὸς ἐν διαλόγῳ †Καλλία καὶ Πλάτων† ὁμοίως Πεδήταις. Κρατῖνος δὲ †Ὀμφάλη τύραννον αὐτὴν καλεῖ, † χειρὼν Εὐπολὶς Φίλοις· ἐν δὲ Προσπαλτίοις (fr. 249 Kock) Ἑλένην αὐτὴν καλεῖ· ὁ δὲ Κρατῖνος καὶ Ἥραν (fr. 241 Kock), ἴσως ὅτι καὶ Περικλῆς Ὀλύμπιος προσηγορεύετο. ἔσχεν δ' ἐξ αὐτῆς ὁ Περικλῆς νόθον υἱόν, ἐφ' ᾧ καὶ ἐτελεύτα τῶν γνησίων προαποθανόντων, ὡς Εὐπολὶς Δήμοις (fr. 98 Kock).</p> <p>Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (p. 172). Edição do Kindle.</p>	<p>2.Escolio a Platón Menéxeno 235e</p> <p>Forma parte de los escolios antiguos a los diálogos platónicos. Su fuente probable es Diodoro Periegeta (s. IV a. C.). En general, los escolios son notas que se escriben en los márgenes de los manuscritos.</p> <p>Aspasia] hija de Axíoco, milesia, esposa de Pericles, dedicada a la filosofía junto con Sócrates, como dice Diodoro[123] en su obra Sobre los monumentos (Perì mnematon). Tras la muerte de Pericles se casó con Lisicles, tratante de corderos, y de él tuvo un hijo llamado Poristes. Convirtió a Lisicles en orador habilísimo, del mismo modo que preparó a Pericles para hablar en la Asamblea, como dicen Esquines el Socrático en su diálogo Aspasia y Platón y Calias de modo similar en los Encadenados (Pedetai). Cratino la llama tirana en los Quirones y Éupolis Ónfale en los Amigos (Philoí). En los Prospaltios (Prospaltioi)[124] la llama Helena. Cratino la llama Hera, quizá porque también llama a Pericles Olímpico. Pericles tuvo de ella un hijo bastardo, tras lo cual también él murió habiendo muerto antes sus hijos legítimos, como dice Éupolis en los Demoí [125].</p>	<p>2. Escólio para Platão Menexenus 235e</p> <p>Faz parte dos antigos escólios dos diálogos platônicos. Sua provável fonte é Diodoro Periegeta (século IV aC). Em geral, os escólios são notas escritas nas margens dos manuscritos.</p> <p>Aspásia] filha de Axiochus, Milesia, esposa de Péricles, dedicada à filosofia junto com Sócrates, como diz Diodoro[123] em sua obra Sobre os Monumentos (Perì mnematon). Após a morte de Péricles, ela se casou com Lísicles, um negociante de cordeiros, e com ele teve um filho chamado Poristes. Ele fez de Lísicles um orador muito habilidoso, da mesma forma que preparou Péricles para falar na Assembleia, como diz Ésquines, o Socrático, em seu diálogo Aspásia e Platão e Cálías de forma semelhante em Os Limitados (Pedetai). Cratinus a chama de tirana em Quírons e Eupolis Omphale em Amigos (Philoí). No Prospaltios (Prospaltioi)[124] ela é chamada de Helena. Cratino a chama de Hera, talvez porque também chama Péricles de Olimpo. Péricles teve um filho bastardo com ela, depois do qual ele também morreu, tendo seus filhos legítimos morrido primeiro, como diz Eupolis no Demoí [125].</p>

	<p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos</i> (Spanish Edition) (pp. 105-106). Edição do Kindle.</p> <p>Notas:</p> <p>[123] Se supone que es Diodoro Periegeta, considerado como el primer periegeta "histórico" de Atenas. Se conocen fragmentos de dos obras, Sobre los demos y Sobre los monumentos, que pudieron ser escritos entre el 310/300 y el 287/80. Según Jacoby (FGH 372, fr. 40), en la última trata de monumentos funerarios y puede suponerse que conoció la tumba de Aspasia, probablemente en la sepultura familiar del rico Lisicles, su último esposo, y que escribió detalladamente sobre la milesia, lo cual hace suponer que Aspasia siguió viviendo en Atenas tras la muerte de Lisicles en el 428. [124] Prospalta era un demo al sur del Ática y los prospaltios, sus habitantes. Según Pausanias (I 31, 1), había un templo dedicado a Deméter y Core. [125] Estas citas prueban suficientemente la continuada presencia de la pareja Aspasia-Pericles en las burlas de los cómicos: los Quirones de Cratino es del 440 y los Demoi de Éupolis del 413-12. El texto ofrece muchas divergencias en los manuscritos, siendo nuestra versión la que ofrece Krauss (1911, 46).</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos</i> (Spanish Edition) (pp. 172). Edição do Kindle.</p>	<p>Solana Dueso, José. <i>Testemunhos e discursos de Aspásia de Mileto</i> (edição em espanhol) (pp. 105-106). Edição Kindle.</p> <p>Notas:</p> <p>[123] Presume-se que ele seja Diodoro Periegeta, considerado o primeiro Periegeta "histórico" de Atenas. São conhecidos fragmentos de duas obras, Sobre as demos e Sobre os monumentos, que poderiam ter sido escritas entre 310/300 e 287/80. Segundo Jacoby (FGH 372, fr. 40), neste último ela trata de monumentos funerários e pode-se presumir que conhecia o túmulo de Aspásia, provavelmente no túmulo da família do rico Lísicles, seu último marido, e que ela escreveu em detalhes sobre a milesia, o que sugere que Aspásia continuou vivendo em Atenas após a morte de Lísicles em 428. [124] Prospalta era um demo ao sul da Ática e os prospaltianos eram seus habitantes. Segundo Pausânias (I 31, 1), existia um templo dedicado a Deméter e Coré. [125] Estas citações comprovam suficientemente a presença contínua do casal Aspásia-Péricles na zombaria dos comediantes: o Quíron de Cratino é de 440 e o Demoi de Eupolis de 413-12. O texto apresenta muitas divergências nos manuscritos, sendo nossa versão a oferecida por Krauss (1911, 46).</p>
3. Harpocración, Léxico de los diez oradores, s.v. Aspasia	3. Harpocración, Léxico de los diez oradores, s.v. Aspasia Harpocración. Léxico de los diez oradores. Uno de los	4. Harpocracão, Léxico dos dez falantes, s.v. Aspásia Harpocracion. Léxico dos dez falantes. Um dos léxicos mais importantes

<p>Ἀσπασία: Λυσίας ἐν τῷ πρὸς Αἰσχίνην τὸν Σωκρατικὸν, οὗ διάλογος ἐπιγραφόμενος Ἀσπασία. μνημονεύουσι δ' αὐτῆς πολλάκις καὶ οἱ ἄλλοι Σωκρατικοί, καὶ Πλάτων ἐν τῷ Μενεξένῳ τὸν Σωκράτην παρ' αὐτῆς φησὶ μαθεῖν τὰ πολιτικά. ἦν δὲ τὸ μὲν γένος Μιλησία, δεινὴ δὲ περὶ λόγους· Περικλέους δὲ φασιν αὐτὴν διδάσκαλόν τε ἅμα καὶ ἐρωμένην εἶναι. δοκεῖ δὲ δυοῖν πολέμων αἰτία γεγονέναι, τοῦ τε Σαμιακοῦ καὶ τοῦ Πελοποννησιακοῦ, ὡς ἔστι μαθεῖν παρὰ τε Δούριδος τοῦ Σαμίου καὶ Θεοφράστου ἐκ τοῦ δ' τῶν Πολιτικῶν καὶ ἐκ τῶν Ἀριστοφάνους Ἀχαρνέων. δοκεῖ δὲ καὶ ἐξ αὐτῆς ἐσχηκέναι ὁ Περικλῆς τὸν ὁμώνυμον αὐτῷ Περικλέα τὸν νόθον, ὡς ἐμφαίνει καὶ Εὐπολὶς ἐν τοῖς Δήμοις. Λυσικλεῖ δὲ τῷ δημαγωγῷ συνουκήσασα Πορίστην ἔσχεν, ὡς ὁ Σωκρατικὸς Αἰσχίνης φησὶν.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition)</i> (pp. 172-173). Edição do Kindle.</p>	<p>léxicos más importantes en su género de los siglos I-II. Sus fuentes son los gramáticos y oradores alejandrinos.</p> <p>Aspasia. Lisias en un discurso contra Esquines, del cual hay un diálogo titulado Aspasia. También la recuerdan muchas veces los otros socráticos y Platón en el Menéxeno dice que Sócrates aprendió con ella los temas políticos. Era milesia de origen, hábil en los discursos. Dicen que fue maestra de Pericles al tiempo que su amada. Corre la opinión de que fue causa de dos guerras, la de Samos y la del Peloponeso, como podéis saber por Duris de Samos, Teofrasto en su cuarto libro Sobre la política y Aristófanes en los Acarnienses. Corre también la opinión de que de ella Pericles ha tenido a Pericles, el hijo bastardo de su mismo nombre, como manifiesta Éupolis en los Demoí. Conviviendo con Lisicles el demagogo tuvo a Poristes, como dice Esquines Socrático.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition)</i> (p. 173). Edição do Kindle.</p>	<p>do gênero dos séculos I-II. Suas fontes são os gramáticos e oradores alexandrinos.</p> <p>Aspásia. Lísias num discurso contra Ésquines, do qual há um diálogo intitulado Aspásia. Os outros socráticos também se lembram dela muitas vezes e Platão no Menexéno diz que Sócrates aprendeu com ela questões políticas. Ela de origem milesiana, hábil em discursos. Dizem que ela foi professora de Péricles e também sua amada. Há uma opinião de que foi a causa de duas guerras, a de Samos e a do Peloponeso, como você pode saber por Duris de Samos, Teofrasto em seu quarto livro Sobre Política e Aristófanos nos Acarnianos. Há também a opinião de que Péricles herdou dela, o filho bastardo de mesmo nome, como afirma Eupolis no Demoí. Convivendo com Lísicles, o demagogo tinha Poristes, como diz Ésquines Socrático.</p>
<p>4. Suda, Léxico, s.v. Aspasia</p> <p>Ἀσπασία· πολυθρύλητος γέγονεν αὕτη. ἦν δὲ γένος Μιλησία, δεινὴ δὲ περὶ λόγους. Περικλέους δὲ φασιν αὐτὴν διδάσκαλον ἅμα καὶ ἐρωμένην εἶναι. δοκεῖ δὲ δυοῖν πολέμων αἰτία γεγονέναι, τοῦ τε Σαμιακοῦ καὶ τοῦ</p>	<p>5. Suda, Léxico, s.v. Aspasia</p> <p>Léxico bizantino anónimo del s. X, que nos transmite información básica sobre historia de la literatura. Su informe sobre Aspasia depende de Harpocración.</p> <p>Aspasia alcanzó gran fama. Era milesia de origen, hábil en los discursos. Se dice que era maestra de Pericles al tiempo que su amada. Parece que fue causa de</p>	<p>5. Suda, Lexicon, s.v. Léxico bizantino anônimo de Aspásia do século XVI. X, que transmite informações básicas sobre a história da literatura. Seu relatório sobre Aspásia depende de Harpocração.</p> <p>Aspásia alcançou grande fama. Ela era Milesiana de origem, hábil em discursos. Diz-se que ela foi professora de Péricles e também sua amada. Parece que foi a causa</p>

<p>Πελοποννησιακοῦ. δοκεῖ δὲ καὶ ἐξ αὐτῆς ἐσσηκέναι Περικλῆς τὸν ὁμώνυμον αὐτῷ Περικλέα τὸν νόθον. ὅτι Ἀσπασίαι δύο ἑταῖραι. τῇ δὲ μιᾷ τούτων ἐκέχρητο ὁ Περικλῆς, δι' ἣν ὀργισθεὶς ἔγραψε τὸ κατὰ Μεγαρέων ψήφισμα, ἀπαγορευδὸν δέχεσθαι αὐτοὺς εἰς τὰς Ἀθήνας. ὅθεν ἐκεῖνοι εἰργόμενοι τῶν Ἀθηναίων προσέφυγον τοῖς Λακεδαιμονίοις. ἡ δὲ Ἀσπασία σοφίστρια ἦν καὶ διδάσκαλος λόγων ῥητορικῶν. ὕστερον δὲ καὶ γαμετὴ αὐτοῦ γέγονεν.</p> <p>Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (p. 173). Edição do Kindle.</p>	<p>dos guerras, la de Samos y la del Peloponeso. Parece también que de ella tuvo Pericles su hijo bastardo del mismo nombre, Pericles. Hubo dos Aspacias heteras. Pericles tuvo relaciones con una de estas, por la cual promulgó, irritado, el decreto contra los megarenses, prohibiéndoles ser recibidos en Atenas. Por ello, aquéllos, alejándose de los atenienses, buscaron amparo en los lacedemonios. Aspasia era sofista y maestra de discursos retóricos. Finalmente, llegó a ser también esposa de este (Pericles).</p> <p>Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (pp. 173). Edição do Kindle.</p>	<p>de duas guerras, a de Samos e a do Peloponeso. Parece também que Péricles teve dela seu filho bastardo de mesmo nome, Péricles. Havia duas Aspacias heteras. Péricles manteve relações com um deles, pelo que promulgou, irritado, o decreto contra os megáricos, proibindo-os de serem recebidos em Atenas. Por isso, distanciando-se dos atenienses, buscaram proteção nos lacedemônios. Aspásia foi sofista e professora de discursos retóricos. Finalmente, ela também se tornou sua esposa (Péricles).</p>
<p>5. Cratino, Fr. 240-241K</p> <p>Στάσις δὲ καὶ πρεσβυγενὴς Κρόνος ἀλλήλοισι μίγντε μέγιστον τίκτετον τύραννον, ὃν δὴ κεφαληγερétαν θεοὶ καλέουσιν. Ἦσαν τέ οἱ Ἀσπασίαν τίκτει Καταπυγοσύνη παλλακὴν κυνώπιδα.</p> <p>Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (p. 107). Edição do Kindle.</p>	<p>5. Cratino, Fr. 240-241K Comediógrafo, uno de los iniciadores de la comedia política. Némesis (Dionisias del 455), Quirones (Dionisias del 440) y Dionisalejandro (Leneas del 430) son obras en las que ridiculiza a Pericles.</p> <p>Discordia y Cronos primogénito mezclados, engendran al mayor tirano, al que los dioses llaman "amontonacabezas". Impudicia le [a Cronos] engendra a Hera-Aspasia concubina con cara de perra.</p> <p>Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (p. 173). Edição do Kindle.</p>	<p>5. Cratino, Fr. 240-241K Comediógrafo, um dos iniciadores da comédia política. Nemesis (Dionísias de 455), Quírons (Dionísias de 440) e Dionisio Alexandria (Leneias de 430) são obras em que ridiculariza Péricles.</p> <p>Discórdia e Cronos primogênito misturados, Eles dão à luz ao maior tirano, que os deuses chamam de "montão de cabeças". Impudícia [Crono] gera Hera-Aspásia concubina com cara de vadia.</p>
<p>6. Éupolis, Fr. 98K</p>	<p>6. Éupolis, Fr. 98K Comediógrafo contemporâneo de Aristófanes. Su actividad literaria se inicia con los</p>	<p>6. Eupolis, Pe. 98K Comediógrafo contemporâneo de Aristófanes. A sua atividade literária inicia-se com o Prospaltios, representado em 429. Péricles:</p>

<p>ΠΕΡΙΚΛ. ὁ νόθος δέ μοι ζῆ; ΜΥΡΩΝΙΑ. καὶ πάλαι γ' ἂν ἦν ἀνὴρ, εἰ μὴ τὸ τῆς πόρνῆς ὑπωρρώδει κακόν.</p> <p>Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (p. 173). Edição do Kindle.</p>	<p>Prospaltios, representada en el 429. Pericles:</p> <p>Pero, ¿acaso vive mi bastardo? Mirónides: Y hace tiempo que sería un varón si no le hiciera temblar la maldad de la prostituta.</p> <p>Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (p. 173). Edição do Kindle.</p>	<p>Mas meu bastardo vive? Myronides: E eu já seria homem há muito tempo. se a maldade da prostituta não o fizesse tremer.</p> <p>Solana Dueso, José. Testemunhos e discursos de Aspásia de Mileto (edição em espanhol) (p. 107). Edição Kindle.</p>
<p>7. Aristófanes, Acarnienses 523-539</p> <p>Καὶ ταῦτα μὲν δὴ σμικρὰ κάπιχώρα, πόρνην δὲ Σιμαίθαν ἰόντες Μεγαράδε νεανῖαι 'κκλέπτουσι μεθυσκοκότταβοι· κᾶθ' οἱ Μεγαρῆς ὀδύναις πεφουσιγγωμένοι ἀντεξέκλεψαν Ἀσπασίας πόρνα δύο· κάντεῦθεν ἀρχὴ τοῦ πολέμου κατερράγη Ἑλλῆσι πᾶσιν ἐκ τριῶν λαικαστριῶν. Ἐντεῦθεν ὀργῇ Περικλέης οὐλύμπιος ἤστραπτ', ἐβρόντα, ξυνεκύκα τὴν Ἑλλάδα, ἐτίθει νόμους ὥσπερ σκόλια γεγραμμένους, ὥς χρὴ Μεγαρέας μήτε γῆ μήτ' ἐν ἀγορᾷ μήτ' ἐν θαλάττῃ μήτ' ἐν ἡπείρῳ μένειν. Ἐντεῦθεν οἱ Μεγαρῆς, ὅτε δὴ 'πείνων βάδην, Λακεδαιμονίων ἐδέοντο τὸ ψήφισμ' ὅπως μεταστραφείη τὸ διὰ τὰς λαικαστρίας· οὐκ ἠθέλομεν δ' ἡμεῖς δεομένων πολλάκις.</p>	<p>7. Aristófanes, Acarnienses 523-539</p> <p>Aristófanes. C.450-388. El más importante autor cómico, del que se han conservado 11 comedias y algunos fragmentos. Fundamental para conocer la vida política y social de Atenas, especialmente durante la guerra del Peloponeso.</p> <p>Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (p. 107). Edição do Kindle.</p> <p>Todo esto en verdad son anécdotas locales, pero unos jóvenes borrachos de jugar al cótabo van a Mégara y raptan a la puta Simeta. Después los megarenses, dolidos y picados como por ajo, devuelven el golpe raptando a dos putas de Aspasia. Y de ahí estalló el comienzo de la guerra para todos los griegos por causa de tres prostitutas. Desde ese momento Pericles Olímpico lleno de cólera relampagueó, tronó, trastornó a Grecia, promulgó leyes escritas como escolios[126], como que era preciso que no quedara un megarense ni en tierra ni en mercado alguno ni en mar ni en cielo. De ahí que los megarenses,</p>	<p>7. Aristófanes, Acarnianos 523-539</p> <p>Aristófanes. C.450-388. O mais importante autor de quadrinhos, dos quais foram preservadas 11 comédias e alguns fragmentos. Essencial para conhecer a vida política e social de Atenas, especialmente durante a Guerra do Peloponeso.</p> <p>Solana Dueso, José. Testemunhos e discursos de Aspásia de Mileto (edição em espanhol) (p. 107). Edição Kindle.</p> <p>Tudo isso são anedotas locais, mas alguns jovens bêbados de brincar de cótabo vão a Mégara e sequestram a puta Simeta. Então o povo de Mégara, ferido e picado como por alho, devolve o golpe sequestrando duas prostitutas de Aspásia. E a partir daí estourou o início da guerra para todos os gregos por causa de três prostitutas. A partir daquele momento, o olímpico Péricles, cheio de raiva, relâmpago, trovejou, perturbou a Grécia, promulgou leis escritas como escólias [126], de modo que era necessário que não restasse um megariano nem na terra, nem em qualquer mercado, ou em mar ou no céu. Por isso os megarenses,</p>

<p>Κάντεῦθεν ἤδη πάταγος ἦν τῶν ἄσπιδων.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos</i> (Spanish Edition) (pp. 108-). Edição do Kindle.</p>	<p>cuando poco a poco comenzaron a pasar hambre, pidieran a los lacedemonios que el decreto de las tres prostitutas fuera abolido. Y nosotros no quisimos pese a pedirnoslo muchas veces. En ese momento ya hubo ruido de escudos.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos</i> (Spanish Edition) (p. 173). Edição do Kindle.</p> <p>[126] Los escolios (de σκόλιον, skolion) eran canciones de mesa que se cantaban irregularmente, pasándose los cantores un ramo de mirto sucesivamente. Aquí Aristófanes alude a pasajes de un escolio de Timocreonte de Rodas, como hace notar Rodríguez Adrados (trad. de los Acarnienses, Madrid 1991, 47 n. 102). No confundir con escolio (de σχόλιον, scholion), como nota marginal explicativa en un manuscrito, tal como se recogen en T2, T8, T12c, T29, T32 y T*35. En castellano son palabras homófonas, si bien sus etimologías y sus significados son enteramente diferentes.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos</i> (Spanish Edition) (p. 174). Edição do Kindle.</p>	<p>quando aos poucos começaram a passar fome, pediram aos lacedemônios que fosse abolido o decreto das três prostitutas. E não queríamos, apesar de nos perguntarmos muitas vezes. Naquele momento já havia barulho de escudos.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Testemunhos e discursos de Aspásia de Mileto</i> (edição em espanhol) (p. 108). Edição Kindle.</p> <p>[126] As escólias (de σκόλιον, skolion) eram canções de mesa cantadas irregularmente, os cantores passando uns aos outros sucessivamente um ramo de murta. Aqui Aristófanes alude a passagens de um escólio de Timocreonte de Rodes, como observa Rodríguez Adrados (trad. dos Acharnianos, Madrid 1991, 47 n. 102). Não deve ser confundido com escólio (de σχόλιον, escólio), como nota explicativa à margem de um manuscrito, conforme registrado em T2, T8, T12c, T29, T32 e T*35. Em espanhol são palavras homófonas, embora suas etimologias e significados sejam totalmente diferentes.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Testemunhos e discursos de Aspásia de Mileto</i> (edição em espanhol) (p. 224). Edição Kindle.</p>
<p>8. Escolios a Aristófanes</p> <p>a) Acarnienses 526</p> <p>Ἀσπασίας πόρνα δύο: τῇ μιᾷ τούτων ἐκέχρητο ὁ Περικλῆς· δι' ἣν ὀργισθεὶς ἔγραψε τὸ κατὰ</p>	<p>8. Escolios a Aristófanes Escolios a Aristófanes. Los gramáticos alejandrinos, especialmente Licofrón y Eratóstenes, dedicaron a las comedias de Aristófanes amplios comentarios, que los eruditos posteriores utilizaron, en extracto, para sus escolios.</p> <p>a) Acarnienses 526</p>	<p>8. Scholias a Aristófanes Scholias a Aristófanes. Os gramáticos alexandrinos, especialmente Licofron e Eratóstenes, dedicaram extensos comentários às comédias de Aristófanes, que estudiosos posteriores usaram, em extrato, para seus escólios.</p> <p>a) Acarnianos 526</p>

<p>Μεγαρέων ψήφισμα ἀπαγορεύων δέχεσθαι αὐτοὺς εἰς τὰς Ἀθήνας. ὅθεν ἐκεῖνοι εἰργόμενοι τῶν Ἀθηνῶν προσέφυγον τοῖς Λακεδαιμονίοις. ἡ δὲ Ἀσπασία Περικλέους ἦν σοφίστρια καὶ διδάσκαλος λόγων ῥητορικῶν· ὕστερον δὲ καὶ γαμετὴ αὐτοῦ γέγονεν.</p> <p>b) Caballeros 132</p> <p>προβατοπώλης· τὸν Καλλίαν λέγει καὶ τὴν πολιτείαν αὐτοῦ. Τινὲς δὲ, ὅτι Λυσικλέα λέγει, ὃς προβατοπώλης ἐλέγετο. – ᾧ ἐγαμήθη Ἀσπασίαν.</p> <p>Caballeros 969</p> <p>χρυσοῦ διώξεις· τῷ “διώξεις”, ἔχοντι λόγον πρὸς τὰ προκείμενα, ἐπήνεγκε παρὰ τὴν φωνὴν τὸ [“διώξεις”] Σμικύθην καὶ κύριον”, ὥσπερ ἐν ταῖς εἰσαγωγαῖς τῶν ἐγκλημάτων κηρύττειν εἰώθασιν, ἐπειδὴν γυναικὶ ἐπιφέρηται ἐγκλημα. οὕτω γὰρ προκαλεῖσθαι εἰώθασιν ἐν τῷ δικαστηρίῳ, “ἡ δεῖνα καὶ ὁ κύριος”, τουτέστιν ὁ ἀνὴρ. ἅμα οὖν ὡς γυναικῶδη τὸν Σμικύθην κωμῶδεῖ καὶ ἔχοντα κύριον ὥσπερ αἱ θήλειαι. ὁ δὲ Σμικύθης Θρακῶν βασιλεύς. ἄλλως· τὸν Σμικύθην κωμῶδεῖ ὡς κίναιδον. “κύριον” δὲ λέγει τὸν ἄνδρα. οὕτω γὰρ ἐπεγράφοντο ἐν τοῖς δικαστηρίοις, “Ἀσπασία καὶ κύριος”, τουτέστι Περικλῆς.</p> <p>c) Paz 502</p>	<p>"Dos prostitutas de Aspasia": Con una de estas[127] tenía Pericles relación; por ella, encolerizado, promulgó el decreto contra los megarenses, prohibiéndoles ser recibidos en Atenas; por ello, alejándose de los atenienses, buscaron refugio junto a los lacedemonios. Aspasia era maestra de Pericles y profesora de discursos retóricos. Finalmente se convirtió en su esposa.</p> <p>b) Caballeros 132</p> <p>"Vendedor de ovejas": se refiere a Calias y a su constitución; algunos, sin embargo, dicen que se refiere a Lisicles, que era llamado vendedor de ovejas. Con este estaba casada Aspasia.</p> <p>Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (pp. 174). Edición do Kindle.</p> <p>Caballeros 969</p> <p>"Perseguirás en carro de oro": Se refiere a la razón legal contra el que era objeto de persecución judicial usando la fórmula "Perseguirás a Esmícita y a su señor", tal como es costumbre iniciar el procedimiento en las acusaciones, cuando se imputa a una mujer una acusación. Esa era la costumbre de citar ante el tribunal, la tal y su señor, es decir, el marido. Al mismo tiempo se burla de Esmícito como afeminado y teniendo señor como las hembras. Esmícito era rey de los Tracios. En otro sentido, se burla de Esmícito como hombre disoluto. Señor (kyrion) se refiere al marido. Así fue, en efecto, como se registró[128] en los tribunales,</p>	<p>“Duas prostitutas de Aspásia”: Péricles teve um relacionamento com uma delas[127]; Para ela, enfurecido, promulgou o decreto contra os megáricos, proibindo-os de serem recebidos em Atenas; Portanto, distanciando-se dos atenienses, buscaram refúgio junto aos lacedemônios. Aspásia foi professora de Péricles e professora de discursos retóricos. Ela acabou se tornando sua esposa.</p> <p>b) Cavaleiros 132</p> <p>“Vendedor de ovelhas”: refere-se a Callias e sua constituição; alguns, porém, dizem que se refere a Lísicles, que era chamado de vendedor de ovelhas. Aspásia era casada com ele.</p> <p>Solana Dueso, José. Testemunhos e discursos de Aspásia de Mileto (edição em espanhol) (pp. 108-109). Edição Kindle.</p> <p>Cavaleiros 969</p> <p>“Você perseguirá em uma carruagem de ouro”: Refere-se à razão legal contra a pessoa que foi objeto de perseguição judicial utilizando a fórmula “Você perseguirá Smycita e seu senhor”, assim como é costume iniciar o procedimento em acusações, quando uma pessoa é acusada. mulher uma acusação. Esse era o costume de convocar uma mulher e seu senhor, isto é, seu marido, perante o tribunal. Ao mesmo tempo, ele zomba de Smycytus como sendo afeminado e tendo um senhor como as mulheres. Smycytus era rei dos trácios. Em outro sentido, ele zomba de Smycytus como um homem dissoluto. Senhor (kyrion)</p>
--	---	---

<p>αἰτίαν εἶχον RV οἱ Μεγαρεῖς R ἀρχηγοὶ γενέσθαι τοῦ πολέμου διὰ τὴν ἀρπαγὴν τῶν πορνῶν Ἀσπασίας καὶ τὴν ἐπὶ τούτοις ὀργὴν Περικλέους καὶ τὸ ψήφισμα, ὥς ἐν Ἀχαρνεῦσί φησιν.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos</i> (Spanish Edition) (p. 108-108). Edição do Kindle.</p>	<p>Aspasia y su señor, es decir, Pericles.</p> <p>c) Paz 502 Los megarenses tuvieron la culpa por ser los iniciadores de la guerra a causa del robo de las prostitutas de Aspasia, del enojo de Pericles por este hecho y del decreto, como dice en los <i>Acarnienses</i> 527.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos</i> (Spanish Edition) (p. 109). Edição do Kindle. [127] Esta expresión debe entenderse en el sentido de "con una de las dos Aspacias", la focense y la milesia, que en las biografías antiguas estaban frecuentemente asociadas. [128] Es este un nuevo testimonio sobre el proceso de Aspasia. Su importancia radica en que parece basarse en algún tipo de documento judicial.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos</i> (Spanish Edition) (p. 174). Edição do Kindle.</p>	<p>refere-se ao marido. Na verdade, foi assim que ficou registrado [128] nas cortes, Aspásia e seu senhor, isto é, Péricles.</p> <p>c) Paz 502 Os Megarianos foram os culpados por serem os iniciadores da guerra por causa do roubo das prostitutas de Aspásia, da ira de Péricles por este fato e do decreto, como diz nos Acarnianos 527.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Testemunhos e discursos de Aspásia de Mileto</i> (edição em espanhol) (p. 109). Edição Kindle. [127] Esta expressão deve ser entendida no sentido de "com uma das duas Aspásias", a Fócica e a Milesiana, frequentemente associadas em biografias antigas. [128] Este é um novo testemunho sobre o julgamento de Aspásia. A sua importância reside no facto de parecer basear-se em algum tipo de documento judicial.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Testemunhos e discursos de Aspásia de Mileto</i> (edição em espanhol) (p. 224). Edição Kindle.</p>
<p>9. Platón</p> <p>a) Menéxeno 235e-236c</p> <p>MEN. Ἦ οἶει οἷός τ' ἂν εἶναι αὐτὸς εἰπεῖν, εἰ δέοι καὶ ἔλοιτό σε ἡ βουλή; ΣΩ. Καὶ ἐμοὶ μὲν γε, ὃ Μενέξενε, οὐδὲν θαυμαστὸν οἶω τ' εἶναι</p>	<p>9. Platón Platón. 427-347.</p> <p>El más famoso discípulo de Sócrates. Aristocrático de origen y de ideas, fundó la Academia, primera escuela para la enseñanza de la filosofía. Sus Diálogos han sido quizá la obra más influyente en el pensamiento occidental.</p> <p>a) Menéxeno 235e-236c</p>	<p>9. Platão Platão. 427-347.</p> <p>O discípulo mais famoso de Sócrates. De origem e ideias aristocráticas, fundou a Academia, a primeira escola de ensino de filosofia. Seus Diálogos foram talvez a obra mais influente no pensamento ocidental.</p> <p>a) Menexeno 235e -236 c CERDAS, E. (2020). <i>Platão. Menéxeno. Introdução, tradução e notas</i>. Archai 30, e03019.</p>

εἰπεῖν, ὃ τυγχάνει διδάσκαλος οὔσα οὐ πάνυ φαύλη περὶ ῥητορικῆς, ἀλλ' ἥπερ καὶ ἄλλους πολλοὺς καὶ ἀγαθοὺς πεποίηκε ῥήτορας, ἓνα δὲ καὶ διαφέροντα τῶν Ἑλλήνων, Περικλέα τὸν Ξανθίππου.

MEN. Τίς αὕτη; ἡ δὴλον ὅτι Ἀσπασίαν λέγεις; ΣΩ. Λέγω γάρ, καὶ Κόννον γε τὸν Μητροβίου· [236a] οὗτοι γάρ μοι δύο εἰσὶν διδάσκαλοι, ὁ μὲν μουσικῆς, ἡ δὲ ῥητορικῆς. οὕτω μὲν οὖν τρεφόμενον ἄνδρα οὐδὲν θαυμαστὸν δεινὸν εἶναι λέγειν· ἀλλὰ καὶ ὅστις ἐμοῦ κάκιον ἐπαιδεύθη, μουσικὴν μὲν ὑπὸ Λάμπρου παιδευθείς, ῥητορικὴν δὲ ὑπ' Ἀντιφώντος τοῦ Ῥαμνουσίου, ὅμως κἂν οὗτος οἷός τ' εἴη Ἀθηναίους γε ἐν Ἀθηναίοις ἐπαινῶν εὐδοκιμεῖν.

MEN. Καὶ τί ἂν ἔχοις εἰπεῖν, εἰ δέοι σε λέγειν;

ΣΩ. Αὐτὸς μὲν παρ' ἐμαντοῦ ἴσως οὐδέν, Ἀσπασίας δὲ καὶ χθὲς [236b] ἡκροώμην περαινούσης ἐπιτάφιον λόγον περὶ αὐτῶν τούτων. ἤκουσε γὰρ ἄπερ σὺ λέγεις, ὅτι μέλλοιεν Ἀθηναῖοι αἰρεῖσθαι τὸν ἐροῦντα· ἔπειτα τὰ μὲν ἐκ τοῦ παραχρῆμά μοι διήει, οἷα δέοι λέγειν, τὰ δὲ πρότερον ἐσκεμμένη, ὅτε μοι δοκεῖ συνετίθει τὸν ἐπιτάφιον λόγον ὃν Περικλῆς εἶπεν, περιλείμματ' ἅττα ἐξ ἐκείνου συγκολλῶσα.

MEN. Ἡ καὶ μνημονεύσαις ἂν ἂ ἐλεγεν ἡ Ἀσπασία;

ΣΩ. Εἰ μὴ ἀδικῶ γε· ἐμάνθανόν γε τοι παρ' αὐτῆς, καὶ ὀλίγου πληγὰς ἔλαβον [236c] ὅτ' ἐπελανθανόμην.

MEN. Τί οὖν οὐ διήλθες;

ΣΩ. Ἀλλ' ὅπως μή μοι χαλεπανεῖ ἡ διδάσκαλος, ἂν ἐξενέγκω αὐτῆς τὸν λόγον.

MEN. Μηδαμῶς, ὦ Σώκρατες, ἀλλ' εἰπέ, καὶ πάνυ μοι χαριῇ, εἴτε Ἀσπασίας βούλει λέγειν εἴτε ὁτουοῦν· ἀλλὰ μόνον εἰπέ.

Menéxeno. ¿Acaso tú mismo te crees capaz de hablar, si fuera preciso y el consejo te eligiera?

Sócrates. Y es que en verdad nada admirable sería, Menéxeno, que yo fuera capaz de hablar, pues casualmente tengo una maestra en retórica en modo alguno vulgar, sino precisamente la que ha formado a otros muchos y excelentes oradores, y en particular a uno que sobresale entre los griegos, Pericles, el hijo de Jantipo.

M. ¿Quién es ella? ¿No es cierto que hablas de Aspasia?

S. De ella, es verdad, y de Conno, el hijo de Metrobio; [236a] pues estos dos son mis maestros, uno de música, la otra de retórica. Un hombre con esta educación no es extraño que sea hábil en el hablar. Por el contrario, cualquiera que haya sido educado peor que yo, instruido en música por Lampro y en retórica por Antifonte [129], el de Ramnuntio, sería igualmente capaz de obtener prestigio si hiciera un elogio de atenienses ante un público ateniense [130].

M. ¿Y qué podrías decir, si fueras tú el que tuviera que hablar?

S. Yo de mí mismo tal vez nada, pero precisamente ayer escuché a [236b] Aspasia que estaba acabando un discurso fúnebre sobre estos mismos muertos. Oí, en efecto, lo que tú dices, que los atenienses se disponían a elegir al que iba a hablar. Entonces, una parte, lo que era necesario decir, la expuso ante mí sobre la marcha [131], para la otra, que la tenía preparada de antemano, supongo que de cuando compuso el discurso fúnebre que pronunció Pericles, juntaba restos sobrantes de ese discurso.

MENÊXENO: Então pensa que você mesmo seria capaz de falar, se fosse necessário, e o conselho o tivesse escolhido? SÓCRATES: Pois, para mim, Menêxeno, não acho nada espantoso que eu seja capaz de discursar, uma vez que calhei der ter como mestra aquela que com certeza não é insignificante em retórica, mas, pelo contrário, tem formado muitos e bons oradores, dos quais um se distinguiu entre os helenos: Péricles, filho de Xantipo.

MENÊXENO: E quem seria ela? Você está falando de Aspásia, não é verdade?

SÓCRATES: Pois é dela mesmo que falo, e, também de Cónos, filho de Metróblio. [236a] Esses são meus dois mestres, ele de música, ela de retórica. Logo, não é nada espantoso que um homem assim educado seja hábil no falar. Mas mesmo quem foi educado de um jeito inferior ao meu, tenha sido ele educado em música por Lampro ou em retórica por Antifonte de Ramnunte, esse também seria capaz de ser honrado louvando atenienses para atenienses.

MENÊXENO: E se você fosse discursar, o que falaria?

SÓCRATES: Eu, de minha parte, provavelmente nada. [236b] Mas ontem mesmo ouvi com atenção Aspásia enquanto discursava uma oração fúnebre sobre esses homens. Pois ela ouviu isso que você estava falando, que os atenienses estavam se mexendo para escolher quem discursaria. Então, de improviso, expôs para mim uma parte daquilo que seria conveniente dizer, enquanto a outra já havia preparado, quando, me parece, organizara a oração fúnebre que Péricles

ΣΩ. Ἄλλ' ἴσως μου καταγέλαση, ἂν σοι δόξω πρεσβύτης ὢν ἔτι παίζειιν.

MEN. Οὐδαμῶς, ὦ Σώκρατες, ἀλλ' εἶπε παντὶ τρόπῳ.

b) Platón, Menéxeno 249d-e

Οὗτός σοι ὁ λόγος, ὦ Μενέξενε, Ἀσπασίας τῆς Μιλησίας ἐστίν.

MEN. Νῆ Δία, ὦ Σώκρατες, μακαρίαν γε λέγεις τὴν Ἀσπασίαν, εἰ γυνὴ οὕσα τοιούτους λόγους οἷα τ' ἐστὶ συντιθέναι.

ΣΩ. Ἄλλ' εἰ μὴ πιστεύεις, ἀκολούθει μετ' ἐμοῦ, καὶ ἀκούσῃ αὐτῆς λεγούσης.

MEN. Πολλάκις, ὦ Σώκρατες, ἐγὼ ἐντετύχηκα Ἀσπασίᾳ, καὶ οἶδα οἷα ἐστίν.

ΣΩ. Τί οὖν; οὐκ ἄγασαι αὐτὴν καὶ νῦν χάριν ἔχεις τοῦ λόγου αὐτῆς;

MEN. Καὶ πολλήν γε, ὦ Σώκρατες, ἐγὼ χάριν ἔχω τούτου τοῦ λόγου ἐκείνῃ ἢ ἐκείνῳ ὅστις σοι ὁ εἰπὼν ἐστὶν αὐτόν· καὶ πρὸς γε ἄλλων [249e] πολλῶν χάριν ἔχω τῷ εἰπόντι.

ΣΩ. Εἴ ἂν ἔχοι· ἀλλ' ὅπως μου μὴ κατερεῖς, ἵνα καὶ αὐθὶς σοι πολλοὺς καὶ καλοὺς λόγους παρ' αὐτῆς πολιτικοὺς ἀπαγγέλλω.

M. ¿No podrías recordar lo que decía Aspasia?

S. Si no pudiera, sería ciertamente culpable. [236c] Aprendí con ella y casi recibí palos por desmemoriado[132].

M. ¿Por qué, pues, no empiezas?

S. No vaya a ser que se enfade conmigo mi profesora si doy a conocer su discurso.

M. De ningún modo, Sócrates; habla y mucho me alegrarás, sea que quieras exponer algo de Aspasia o de cualquier otro. Habla solamente.

S. Pero tal vez te rías de mí, si, viejo como soy, opinas que todavía me dedico a juegos de niños.

M. En modo alguno, Sócrates; habla en cualquier caso.

b) Platón, Menéxeno 249d-e S. Ahí tienes, Menéxeno, el discurso de Aspasia la milesia.

S. Ahí tienes, Menéxeno, el discurso de Aspasia la milesia.

M. Por Zeus, Sócrates, que con razón llamas feliz a Aspasia si, siendo mujer, es capaz de componer tales discursos.

S. Mas, si no me crees, acompáñame y la oirás hablar.

M. Muchas veces, Sócrates, he tratado con Aspasia y sé cuál es su capacidad.

S. ¿Qué, pues? ¿Acaso no la admiras y no le estás ahora agradecido por su discurso?

M. Y mucho, Sócrates, es el agradecimiento que tengo por este discurso a ella o a quienquiera que

proferiu, fazendo um retalho com fragmentos daquele discurso. 24

MENÊXENO: E você conseguiria lembrar o que Aspásia lhe disse?

SÓCRATES: Se eu não me enganar! De fato, eu recebia lições dela [236c] e por pouco não tomava umas pancadas por causa da minha falta de memória.

MENÊXENO: Por que então você não o profere? SÓCRATES: Mas

devo me precaver para que a mestra não se irrite comigo, por eu tornar público o discurso dela.

MENÊXENO: De jeito nenhum, Sócrates, mas fale, e você me alegrará muito se quiser falar ou como Aspásia ou como qualquer outro, mas simplesmente fale!

SÓCRATES: Mas provavelmente você rirá de mim, se eu, mesmo sendo um velho, parecer que estou fazendo criancices. 25

MENÊXENO: De jeito nenhum, Sócrates. Mas fale de todo modo.

b) Platão, Menexenus 249d-e S. Aí está, Menexeno, o discurso de Aspasia, a milésia.

S. Aí está, Menexeno, o discurso de Aspásia, a milésia.

M. Por Zeus, Sócrates, você justamente chama Aspásia de feliz se, sendo mulher, ela é capaz de compor tais discursos.

S. Mas, se você não acredita em mim, venha comigo e você a ouvirá falar.

M. Muitas vezes, Sócrates, lidei com Aspásia e sei qual é a sua capacidade.

S. E então? Você não a admira e agora não está grato por seu discurso?

M. E muito, Sócrates, é a gratidão que tenho por este discurso a ela ou a quem o contou. [249e] E, além disso, sinto uma grande gratidão por quem o pronunciou.

MEN. Θάρρει, οὐ κατερῶ· μόνον ἀπάγγελλε. ΣΩ. Ἄλλὰ ταῦτ' ἔσται.

Solana Dueso, José. *Aspasia de Mileto Testimonios y discursos* (Spanish Edition) (pp. 175-176). Edição do Kindle.

te lo haya contado. [249e] Y, además, un gran agradecimiento siento por el que lo ha pronunciado.

S. Está bien, pero cuida que no me denuncies, a fin de que otra vez te dé a conocer muchos y hermosos discursos políticos compuestos por esta mujer.

M. Ten por cierto que no te denunciaré. Tú solamente dámelos a conocer. S. Así será.

Solana Dueso, José. *Aspasia de Mileto Testimonios y discursos* (Spanish Edition) (p. 111). Edição do Kindle.

Notas:

[129] Lampro y Antifonte eran profesionales prestigiosos. El primero se dice que fue maestro de Sófocles. Antifonte es el primero de los diez oradores, condenado a muerte en el 411 por su implicación en la revuelta oligárquica de los Cuatrocientos. Clemente de Alejandría (Strom. I, 365), siguiendo a Diodoro, dice que fue el primero en publicar discursos judiciales, lo que repiten otras fuentes. Esto no implica que no se publicaran con anterioridad discursos epidícticos, como epitafios, elogios, etc. La ironía de este pasaje se basa en atribuir a Conno-Aspasia la superioridad profesional que la opinión pública de su tiempo haría corresponder a Lampro-Antifonte. [130] A este pasaje hace referencia Aristóteles en dos lugares de la retórica (1367b8 y 1415b31). En el segundo se dice expresamente "Sócrates en el epitafio", lo que se ha tomado como prueba de la autenticidad del Menéxeno. [131] Según el epitafio de Lisias (II, 1), el encargo del discurso se hacía con pocos días de antelación, a fin de que el orador pudiera obtener más

S. Tudo bem, mas tome cuidado para não me denunciar, para que eu possa mais uma vez lhe dar a conhecer muitos belos discursos políticos compostos por esta mulher.

M. Tenha certeza de que não irei denunciá-lo. Você acabou de torná-los conhecidos para mim. Sim. É assim que será.

Solana Dueso, José. *Testemunhos e discursos de Aspásia de Mileto* (edição em espanhol) (p. 111). Edição Kindle.

Notas:

[129] Lampro e Antifonte eram profissionais de prestígio. Diz-se que o primeiro foi o professor de Sófocles. Antífona é o primeiro dos dez oradores, condenado à morte em 411 por seu envolvimento na revolta oligárquica dos Quatrocentos. Clemente de Alexandria (Strom. I, 365), seguindo Diodoro, diz que foi o primeiro a publicar discursos judiciais, o que é repetido por outras fontes. Isto não significa que discursos epidícticos, como epitáfios, elogios, etc., não tenham sido publicados anteriormente. A ironia desta passagem baseia-se em atribuir a Conno-Aspasia a superioridade profissional que a opinião pública do seu tempo corresponderia a Lampro-Antiphon. [130] Aristóteles refere-se a esta passagem em dois lugares na retórica (1367b8 e 1415b31). Na segunda diz expressamente "Sócrates no epitáfio", o que foi tomado como prova da autenticidade do Menexeno. [131] Segundo o epitáfio de Lísias (II, 1), a ordem do discurso foi feita com alguns dias de antecedência, para que o orador pudesse obter mais facilmente a indulgência do

	<p>fácilmente la indulgencia del público. Platón se burla de la improvisación por dos motivos; primero, porque los oradores tienen los discursos preparados; segundo, porque, aunque improvisaran realmente, sería fácil alabar a los atenienses ante un público ateniense. [132] Independientemente de la ironía socrática, es innegable que hay una referencia a métodos de aprendizaje que presuponen un texto fijado por escrito. Una cosa es la ironía y otra el material fáctico que constituye su base.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos</i> (Spanish Edition) (p. 175-176). Edição do Kindle.</p>	<p>público. Platão zomba da improvisação por dois motivos; primeiro, porque os palestrantes têm seus discursos preparados; segundo, porque, mesmo que improvisassem realmente, seria fácil elogiar os atenienses perante um público ateniense. [132] Independentemente da ironia socrática, é inegável que há uma referência a métodos de aprendizagem que pressupõem um texto fixado na escrita. A ironia é uma coisa e o material factual que constitui a sua base é outra.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Testemunhos e discursos de Aspásia de Mileto</i> (edição em espanhol) (p. 224). Edição Kindle.</p>
<p>10. Jenofonte a) Recuerdos de Sócrates II 6, 36. Τί οὖν, ἔφη ὁ Κριτόβουλος, ἐμοὶ τοῦτο λέγεις, ὥσπερ οὐκ ἐπὶ σοὶ ὄν ὃ τι ἂν βούλη περὶ ἐμοῦ λέγειν; Μὰ Δί' οὐχ ὥς ποτε ἐγὼ Ἀσπασίας ἤκουσα· ἔφη γὰρ τὰς ἀγαθὰς προμνηστρίδας μετὰ μὲν ἀληθείας τὰγαθὰ διαγγελλούσας δεινὰς εἶναι συνάγειν ἀνθρώπους εἰς κηδεῖαν, ψευδομένας δ' οὐκ ἐθέλιν ἐπαινεῖν· τοὺς γὰρ ἐξαπατηθέντας ἅμα μισεῖν ἀλλήλους τε καὶ τὴν προμνησαμένην.</p> <p>b) Económicos III, 14.</p> <p>Οἷς δὲ σὺ λέγεις ἀγαθὰς εἶναι γυναῖκας, ὃ Σώκρατες, ἢ αὐτοὶ ταύτας ἐπαίδευσαν; Οὐδὲν οἶον τὸ ἐπισκοπεῖσθαι. συστήσω δέ σοι ἐγὼ καὶ Ἀσπασίαν, ἢ ἐπιστημονέστερον ἐμοῦ σοι ταῦτα πάντα ἐπιδείξει. νομίζω δὲ γυναῖκα κοινωνὸν ἀγαθὴν οἴκου</p>	<p>10 Xenofonte a) Memórias de Sócrates II 6, 36. Critóbulo: ¿Por qué dices esto, dijo Critóbulo, como si no estuviera en tus manos lo que quisieras decir de mí? Sócrates: No por Zeus, pues alguna vez oí hablar a Aspasia; decía que las buenas celestinas, difundiendo lo bueno que correspondía a la verdad, eran hábiles en llevar hombres al matrimonio; sin embargo, no están dispuestas a elogiar a las que mienten, pues los que han resultado engañados se odian mutuamente y también odian a la que ha hecho el arreglo.</p> <p>b) Econômicos III, 14 Pero aquéllos de los que tú dices que tienen buenas esposas, Sócrates, ¿acaso son ellos los que las han educado?</p>	<p>10 Xenofonte a) Memórias de Sócrates II 6, 36. Crítóbulo: Por que você diz isso, disse Crítóbulo, como se não estivesse em suas mãos o que você queria dizer sobre mim? Sócrates: Não por Zeus, pois uma vez ouvi Aspásia falar; Disse que os bons casamenteiros, espalhando o bem que correspondia à verdade, eram hábeis em levar os homens ao casamento; Porém, eles não estão dispostos a elogiar quem mente, porque aqueles que foram enganados se odeiam e também odeiam quem fez o acordo.</p> <p>b) Econômicos III, 14 XENOFONTES, Econômico.Tradução Anna Lia Amaral de Almeida Prado- São Paulo: Marins, Fontes, 1999/ Clássicos.</p>

<p>οὐσαν πάνυ ἀντίρροπον εἶναι τῷ ἀνδρὶ ἐπὶ τὸ ἀγαθόν. ἔρχεται μὲν γὰρ εἰς τὴν οἰκίαν διὰ τῶν τοῦ ἀνδρὸς πράξεων τὰ κτήματα ὥς ἐπὶ τὸ πολὺ, δαπανᾶται δὲ διὰ τῶν τῆς γυναικὸς ταμιευμάτων τὰ πλεῖστα· καὶ εὖ μὲν τούτων γιγνομένων αὖξονται οἱ οἴκοι, κακῶς δὲ τούτων πραττομένων οἱ οἴκοι μειοῦνται.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos</i> (Spanish Edition) (p. 112). Edição do Kindle.</p>	<p>Nada hay como la investigación. Te citaré a Aspasia que te explicará todas estas cosas con más conocimiento de causa que yo. Creo que la esposa que es una buena socia de la casa es del mismo valor que el varón para el bien de la misma, pues en su mayor parte las propiedades entran en la casa mediante las actividades del marido, mientras que la mayoría se gastan mediante la administración de la esposa; y haciendo bien esto, las casas crecen mientras que merman haciéndolo mal.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos</i> (Spanish Edition) (p. 176). Edição do Kindle.</p>	<p>-Esses de quem dizes que têm boas esposas, será que foram eles próprios que a educaram?</p> <p>– Nada como fazer uma investigação... Eu te apresentarei Aspásia, que, com maior competência que eu, tudo isso te explicará.</p> <p>15 Mas julgo que, sendo boa companheira, para o bem uma mulher, pesa tanto como o marido , os bens entram na casa através dos atos do marido, mas são os gastos , em sua memória, através das despesas feitas pela mulher, sendo os ganhos e gastos bem administrados , crescem os patrimônios , mal administrados, diminuem os patrimônios.</p>
<p>11. Antístenes, fr. 34-35</p> <p>a) Fr. 34 Ateneo 220d</p> <p>ἡ δ' Ἀσπασία τῶν Περικλέους υἱῶν Ξανθίππου καὶ Παράλου διαβολὴν [περιέχει]. τούτων γὰρ τὸν μὲν Ἀρχεστράτου φησὶν εἶναι συμβιωτὴν τοῦ παραπλήσια ταῖς ἐπὶ τῶν μιᾶρῶν οἰκημάτων ἐργαζομένου, τὸν δ' Εὐφήμου συνήθη, καὶ γνώριμον τοῦ φορτικῶς σκώπτοντος καὶ ψυχρὰ τοὺς συναντῶντας.</p> <p>b) Fr. 35. Ateneo 589e</p> <p>Ἀντισθένης δ' ὁ Σωκρατικὸς ἐρασθέντα φησὶν αὐτὸν (τὸν Περικλέα) Ἀσπασίας δις τῆς</p>	<p>11. Antístenes, fr. 34-35 Antístenes. c. 446-370. Discípulo de Gorgias, convertido después en uno de los más brillantes seguidores de Sócrates. Pasa por ser uno de los inspiradores de los cínicos. Autor de numerosas obras (entre ellas, el diálogo Aspasia), hoy nos quedan unos pocos fragmentos.</p> <p>a) Fr. 34 Ateneo 220d El Aspasia (de Antístenes) contiene calumnias contra los hijos de Pericles, Páralo y Jantipo. Dice, en efecto, que uno de ellos era colega de Arquestrato, el que trabajaba en asuntos similares a las mujeres en casas de mala fama; el otro era íntimo amigo de Eufemo, el que gastaba bromas pesadas e intencionadas al que se topaba con él.</p> <p>b) Fr. 35. Ateneo 589e</p>	<p>11. Antístenes, frag. 34-35 Antístenes. c. 446-370. Discípulo de Górgias, posteriormente convertido num dos mais brilhantes seguidores de Sócrates. Ele é um dos inspiradores dos cínicos. Autor de inúmeras obras (entre elas o diálogo Aspásia), hoje nos restam alguns fragmentos.</p> <p>a) Fr. 34 Ateneu 220d A Aspásia (de Antístenes) contém calúnias contra os filhos de Péricles, Paralus e Xanthippus. Diz, com efeito, que uma delas era colega de Arquestrato, aquele que trabalhava em questões semelhantes às mulheres em casas de má reputação; O outro era amigo íntimo de Eufemo, aquele que fazia piadas cruéis e intencionais com quem o encontrava.</p>

<p>ἡμέρας εἰσιόντα καὶ ἐξιόντα ἀπ’ αὐτῆς ἀσπάζεσθαι τὴν ἄνθρωπον, καὶ φευγούσης ποτὲ αὐτῆς γραφὴν ἀσεβείας λέγων ὑπὲρ αὐτῆς πλείονα ἐδάκρυσεν ἢ ὅτε ὑπὲρ τοῦ βίου καὶ τῆς οὐσίας ἐκινδύνευε.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition)</i> (pp. 112-113). Edição do Kindle.</p>	<p>Antístenes el Socrático dice que, estando él (Pericles) enamorado de Aspasia, dos veces al día, al entrar</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition)</i> (p. 176). Edição do Kindle.</p>	<p>b) Pe. 35. Ateneo 589e</p> <p>Antístenes, o Socrático, diz que, estando ele (Péricles) apaixonado por Aspásia, duas vezes por dia, ao entrar</p>
<p>12. Esquines socrático</p> <p>a) en Cicerón, De la invención I 31, 51-52 [51]</p> <p>Omnis igitur argumentatio aut per inductionem tractanda est aut per ratiocinationem. Inductio est oratio, quae rebus non dubiis captat assensionem eius, quicum instituta est; quibus assensionibus facit, ut illi dubia quaedam res propter similitudinem earum rerum, quibus assensit, probetur; velut apud Socraticum Aeschinen demonstrat Socrates cum Xenophontis uxore et cum ipso Xenophonte Aspa- siam locutam: ‘dic mihi, quaeso, Xenophontis uxor, si vicina tua melius habeat aurum, quam tu habes, utrum illudne an tuum malis?’ ‘illud,’ inquit. ‘quid, si vestem et ceterum ornatum muliebrem pretii maioris habeat, quam tu habes, tuumne an illius malis?’ respondit: ‘illius vero.’ ‘age sis,’ inquit, ‘quid? si virum illa meliorem habeat, quam tu habes, utrumne tuum virum malis an</p>	<p>12. Esquines socrático.</p> <p>Esquines socrático. c. 435-365. Uno de los amigos más íntimos de Sócrates. Autor de diálogos, uno de ellos el titulado Aspasia, que en opinión de los antiguos eran el mejor exponente de la enseñanza socrática.</p> <p>a) en Cicerón, De la invención I 31, 51-52 [51]</p> <p>Toda argumentación se ha de desarrollar por inducción o por deducción. Inducción es un discurso que busca de aquél con el que se dialoga el asentimiento a cuestiones no dudosas. Con tal asentimiento se consigue que quede probada alguna cuestión dudosa para el interlocutor por la semejanza que esta guarda con las cuestiones a las que ha dado su asentimiento. Como muestra Sócrates, en la obra de Esquines Socrático, que habló Aspasia con la esposa de Jenofonte[133] y con el mismo Jenofonte: Aspasia. Dime, por favor, esposa de Jenofonte: si tu vecina tuviera algún objeto de oro mejor que el que tú tienes, ¿cuál preferirías, el de ella o el tuyo? Esposa de Jenofonte. El de ella –respondió. A. Y si tuviera un vestido o algún otro ornato femenino [52] de un</p>	<p>12. Ésquines socráticos.</p> <p>Cantos socráticos. c. 435-365. Um dos amigos mais próximos de Sócrates. Autor de diálogos, um deles intitulado Aspásia, que na opinião dos antigos eram o melhor expoente do ensino socrático.</p> <p>a) em Cícero, Sobre a Invenção I 31, 51-52 [51]</p> <p>Todo argumento deve ser desenvolvido por indução ou dedução. A indução é um discurso que busca da pessoa com quem está sendo discutido o assentimento a questões não duvidosas. Com tal assentimento, fica comprovada alguma questão duvidosa para o interlocutor pela semelhança que guarda com as questões às quais ele deu seu assentimento. Como mostra Sócrates, na obra de Ésquines Socrático, que Aspásia falou com a esposa de Xenofonte[133] e com o próprio Xenofonte: Aspásia. Diga-me, por favor, esposa de Xenofonte: se sua vizinha tivesse algum objeto de ouro melhor que o seu, qual você preferiria, o dela ou o seu? Esposa de Xenofonte. “Dela”, ele respondeu. R. E se eu tivesse um vestido ou algum outro enfeite feminino [52] de preço superior ao que você tem, você</p>

illius?’ hic mulier erubuit. [52] Aspasia autem ser- monem cum ipso Xenophonte instituit. ‘quaeso,’ inquit, ‘Xenophon, si vicinus tuus equum meliorem habeat, quam tuus est, tuumne equum malis an illius?’ ‘illius,’ inquit. ‘quid, si fundum meliorem habeat, quam tu ha- bes, utrum tandem fundum habere malis?’ ‘illum,’ in- quit, ‘meliorem scilicet.’ ‘quid, si uxorem meliorem ha- beat, quam tu habes, utrum tuamne an illius malis?’ atque hic Xenophon quoque ipse tacuit. post Aspasia: ‘quoniam uterque vestrum,’ inquit, ‘id mihi solum non respondit, quod ego solum audire volueram, egomet dicam, quid uterque cogitet. nam et tu, mulier, optimum virum vis habere et tu, Xenophon, uxorem habere lectissimam maxime vis. quare, nisi hoc perfeceritis, ut neque vir melior neque femina lectior in terris sit, profecto semper id, quod optimum putabitis esse, multo maxime requiretis, ut et tu maritus sis quam optumae et haec quam optimo viro nupta sit.’ hic cum rebus non dubiis assensum est, factum est propter similitudinem, ut etiam illud, quod dubium videretur, si qui separatim quaereret, id pro certo propter rationem rogandi concederetur.

precio mayor que el que tú tienes, ¿preferirías el tuyo o el de la vecina? EJ. El de la vecina, sin duda –respondió. A. Bien –dijo–, si ella tuviera un esposo mejor que el que tú tienes, ¿cuál preferirías, el tuyo o el de ella? Aquí la mujer enrojeció. Aspasia, sin embargo, prosiguió la conversación con el mismo Jenofonte. A. Por favor –dijo–, Jenofonte, si tu vecino tuviera un caballo mejor que el tuyo, ¿preferirías tu caballo o el de aquél? Jenofonte. El de aquél –contestó.

A. Y si tuviera una finca mejor que la que tú tienes, ¿cuál de las dos fincas, en fin, preferirías tener? J. La del vecino –dijo–, es decir, la mejor. " A. Y si tuviera una esposa mejor que la que tú tienes, ¿preferirías la tuya o la de él? Y aquí también el propio Jenofonte calló. A. Ya que vosotros dos –prosiguió– no me habéis respondido a aquello en concreto que yo en concreto quería oír, yo misma os diré lo que vosotros dos estáis pensando. Pues tú, mujer, quieres tener un varón óptimo y tú, Jenofonte, quieres tener una esposa especialmente selecta. Por tanto, a no ser que logréis que no haya mejor varón ni mujer más selecta en la tierra, ciertamente siempre buscaréis con gran insistencia lo que sea óptimo a vuestros ojos: que tú seas esposo de la mejor mujer y que esta esté casada con el mejor varón"[134]. En este punto, puesto que se ha dado el asentimiento a

preferiria o seu ou o do vizinho? EX. Do vizinho, sem dúvida – respondeu. R. Bem, ele disse, se ela tivesse um marido melhor do que o seu, qual você preferiria, o seu ou o dela? Aqui a mulher ficou vermelha. Aspásia, porém, continuou a conversa com o próprio Xenofonte. R. Por favor, disse ele, Xenofonte, se o seu vizinho tivesse um cavalo melhor que o seu, você preferiria o seu cavalo ou o dele? Xenofonte. “Aquele”, ele respondeu.

R. E se eu tivesse uma fazenda melhor que a que você tem, qual das duas fazendas, em resumo, você preferiria ter? J. Do vizinho, disse ele, isto é, o melhor. "A. E se ele tivesse uma esposa melhor do que a que você tem, você preferiria a sua ou a dele? E aqui também o próprio Xenofonte permaneceu em silêncio. A. Como vocês dois - continuou ele - não me responderam especificamente sobre o que eu especificamente queria ouvir, eu mesmo lhe direi o que vocês dois estão pensando. Bem, você, mulher, quer ter um homem excelente e você, Xenofonte, quer ter uma esposa particularmente seleta. Portanto, a menos que você consiga garantir que haja não sendo padrinho nem mulher mais seleta do mundo, certamente procurarás sempre com grande insistência o que é óptimo aos teus olhos: que sejas marido da melhor mulher e que ela se case com o padrinho»[134]. Neste ponto, uma vez que foi dado consentimento a afirmações não duvidosas, conseguiu-se por semelhança que mesmo afirmações que poderiam parecer duvidosas se alguém as perguntasse noutro contexto sejam admitidas como se fossem

<p>b) en Quintiliano, Formación oratoria V 11, 27-29</p> <p>Etiam in illis interrogationibus Socratis, quarum paulo ante feci mentionem, cavendum, ne incaute respondeas; ut apud Aeschinen Socraticum male respondit Aspasiae Xenophontis uxor, quod Cicero his verbis transfert: ["dic mihi – erubuit"], merito; male enim responderat se malle alienum aurum quam suum; nam est hoc improbum. At, si respondisset malle se aurum suum tale esse, quale illud esset, potuisset pudice respondere malle se virum suum talem esse, qualis melior esset.</p> <p>c) Escolio de Victorino al texto anterior Aeschines Socraticus fuit, id est, discipulus Socratis.</p> <p>Is multa scripsit; quodam etiam loco inducit Socratem referentem –nam is erat mos discipulis, ut ingenio proprio reperta ad magistros referrent et quasi ab eis inuenta ponerent– nducit, inquam, Aeschines Socratem referentem, quid esset vel quemadmodum esset locuta Aspasia, cum uxore Xenophontis vel cum ipso Xenophonte. Nam Xenophon et eius uxor frequenter discordabant. Persuadet ergo Aspasia, ut in gratiam reuertantur. Aspasia autem peritissima fuit philofophiae. Hac itaque inductione usam inducit Aspasia apud Aeschinem Socrates. Interrogavit, inquit, Aspasia Xenophontis uxorem. "Si, inquit, [Sequitur fragmentum Ciceronis "Dic mihi – erubuit"]. Quare nisi tu vir optimus fueris, et</p>	<p>afirmaciones no dudosas, se ha conseguido por la semejanza que incluso las afirmaciones que pudieran parecer dudosas si alguien las preguntara en otro contexto se admitan como si fueran ciertas, y esto se debe al modo de plantear las preguntas.</p> <p>b) en Quintiliano, Formación oratoria V 11, 27-29</p> <p>También en aquellas discusiones socráticas de las que hace poco hice mención, hay que tener cuidado en no responder incautamente, como aparece en Esquines Socrático la esposa de Jenofonte contestando mal a Aspasia, escena que nos traduce Cicerón con estas palabras: "dime – enrojació"; y es verdad que había respondido mal diciendo que prefería el oro ajeno al suyo, lo cual es inmoral. Mas, si hubiese respondido que prefería su oro tal como fuera, hubiera podido responder públicamente diciendo que prefería a su esposo como mejor fuera.</p> <p>c) Escolio de Victorino al texto anterior Esquines fue socrático, es decir, discípulo de Sócrates.</p> <p>Escribió muchas obras; en uno de sus pasajes, presentó a Sócrates refiriendo –pues los discípulos tenían por costumbre atribuir a los maestros lo que habían descubierto por su propio ingenio y considerarlo casi invención de ellos–, Esquines, digo, presentó a Sócrates refiriendo el contenido y</p>	<p>verdadeiras, e isto se deve à forma como para fazer as perguntas.</p> <p>b) em Quintiliano, Formação Oratória V 11, 27-29</p> <p>Também nessas discussões socráticas que mencionei recentemente, devemos ter o cuidado de não responder descuidadamente, como aparece em Ésquines socrático, a esposa de Xenofonte respondendo mal a Aspásia, cena que Cícero nos traduz com estas palavras: "digame – ele corou. "; e é verdade que ele respondeu mal ao dizer que preferia o ouro de outra pessoa ao seu, o que é imoral. Mas se ela tivesse respondido que preferia o ouro tal como estava, poderia ter respondido modestamente dizendo que preferia o marido porque ele era o melhor.</p> <p>c) O Escólio de Vitorino ao texto anterior Ésquines era um socrático, ou seja, um discípulo de Sócrates.</p> <p>Ele escreveu muitas obras; Em uma de suas passagens, ele apresentou Sócrates referindo-se - já que os discípulos tinham o hábito de atribuir aos professores o que haviam descoberto por sua própria engenhosidade e considerando isso quase uma invenção sua - Ésquines, digo, apresentou Sócrates referindo-se ao conteúdo e a maneira como</p>
---	--	---

<p>tu femina lectissima: id est nisi in gratiam regressi fueritis, semper et tibi uxor lectissima, et tibi uir optimus deerit". Haec itaque inductio hoc egit, ut Xenophon et uxor eius ab iis, quae uelle se negare non poterant, ad id etiam, quod dubium habebant, per similitudinem deducerentur.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos</i> (Spanish Edition) (pp. 114-115). Edição do Kindle.</p>	<p>la manera como Aspasia había dialogado con la esposa de Jenofonte y con el mismo Jenofonte, pues Jenofonte y su esposa frecuentemente discutían. De ahí que Aspasia los convenciera para que se reconciliaran; y es que Aspasia era peritísima en filosofía. Así pues, Sócrates, en la obra de Esquines, presentó a Aspasia[135] haciendo uso de esta inducción: "Si tu vecina..." (sigue la cita modificando ligeramente la conclusión). Por tanto, a no ser que tú seas un varón óptimo y tú una selecta mujer, es decir, a no ser que os reconciliéis, siempre os faltará a ti una selectísima esposa y a ti un óptimo varón". Así pues, esta inducción dio por resultado que Jenofonte y su esposa, partiendo de aquello que no podían querer negar, fueran llevados por semejanza a una conclusión que tenían por dudosa.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos</i> (Spanish Edition) (pp. 176-178). Edição do Kindle.</p>	<p>Aspásia havia falado com a esposa de Xenofonte e com O próprio Xenofonte, já que Xenofonte e sua esposa discutiam frequentemente. Conseqüentemente, Aspásia os convenceu a se reconciliarem; E Aspásia era extremamente especialista em filosofia. Assim, Sócrates, na obra de Ésquines, introduziu Aspásia[135] usando esta indução: "Se o seu vizinho..." (continua a citação, modificando ligeiramente a conclusão). Portanto, a menos que você seja um homem ideal e um seletto mulher, isto é, a menos que você se reconcilie, sempre lhe faltará uma esposa muito seleta e um homem ideal." Assim, esta indução fez com que Xenofonte e sua esposa, partindo do que não podiam querer negar, fossem levados pela semelhança a uma conclusão que consideravam duvidosa.</p>
<p>13. Heráclides Póntico (Ateneo XII 533c)</p> <p>Περικλέα δὲ τὸν Ὀλύμπιον φησιν Ἡρακλείδης ὁ Ποντικὸς ἐν τῷ Περὶ ἡδονῆς (F 59) ὡς ἀπήλλαξεν ἐκ τῆς οἰκίας τὴν γυναῖκα καὶ τὸν μεθ' ἡδονῆς βίον προεῖλετο ὅκει τε μετ' Ἀσπασίας τῆς ἐκ Μεγάρων ἐταίρας καὶ τὸ πολὺ μέρος τῆς οὐσίας εἰς ταύτην κατανάλωσε.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos</i> (Spanish Edition) (pp. 115-116). Edição do Kindle.</p>	<p>13. Heráclides Póntico (Ateneo XII 533c)</p> <p>Heráclides Póntico. C. 385-315. Discípulo de Platón, célebre por sus teorías astronómicas que anticipan el heliocentrismo. En sus doctrinas morales, acentúa la antítesis entre placer y virtud. De Pericles el Olímpico dice Heráclides Póntico en su obra Sobre el placer que echó a su esposa de casa y prefirió la vida de placer y vivió con Aspasia, la hetera de Mégara[136] y gastó la mayor parte de su hacienda con ella.</p>	<p>13. Heráclides Pôntico (Ateneu XII 533c)</p> <p>Heráclides Pôntico. C.385-315. Discípulo de Platão, famoso por suas teorias astronômicas que antecipam o heliocentrismo. Em suas doutrinas morais, ele acentua a antítese entre prazer e virtude. Sobre Péricles, o olímpico Heráclides Pôntico diz em sua obra Sobre o Prazer que ele expulsou sua esposa de casa e preferiu a vida de prazer e viveu com Aspásia, a hetera de Mégara [136] e passou a maior parte de seus bens com ela.</p>

	Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition)</i> (p178.). Edição do Kindle.	
<p>14. Clearco (Ateneo XIII 589d)</p> <p>Περικλῆς δὲ ὁ Ὀλύμπιος, ὥς φησι Κλέαρχος ἐν πρώτῳ Ἑρωτικῶν (FHG II 314), οὐχ ἔνεκεν Ἀσπασίας— οὐ τῆς νεωτέρας ἀλλὰ τῆς Σωκράτει τῷ σοφῷ συγγενομένης—καίπερ τηλικούτον ἀξίωμα συνέσεως καὶ πολιτικῆς δυνάμεως κτησάμενος, οὐ συνετάραξε πᾶσαν τὴν Ἑλλάδα; ἦν δ' οὗτος <ὁ> ἀνὴρ πρὸς ἀφροδίσια πάνυ καταφερέης·</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition)</i> (p116.). Edição do Kindle.</p>	<p>14. Clearco (Ateneo XIII 589d)</p> <p>Clearco. C. 350/40-250. Discípulo de Aristóteles, opuesto a las tendencias materialistas del peripato, defendía la existencia del alma separada al estilo platónico. Pericles el Olímpico, como dice Clearco en el primer libro de Eróticos, ¿no es verdad que por causa de Aspasia –no la más joven, sino la que tuvo relación con el sabio Sócrates[137]– agitó toda la Hélade? Era, en efecto, este varón muy dado a placeres amorosos.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition)</i> (p. 178). Edição do Kindle.</p>	<p>14. Clearchus (Ateneu XIII 589d)</p> <p>Clearco. C. 350/40-250. Discípulo de Aristóteles, contrário às tendências materialistas do Peripateum, defendeu a existência da alma separada no estilo platônico. Péricles, o Olimpo, como diz Clearchus no primeiro livro da Erótica, não é verdade que por causa de Aspásia – não a mais jovem, mas aquela que teve uma relação com o sábio Sócrates[137] – ele agitou toda a Hélade? Este homem era, de fato, muito dado aos prazeres amorosos.</p>
<p>15. Hermesianacte (en Ateneo 599a-b)</p> <p>οἷω δ' ἐχλίνεν ὃν ἔσοχον ἔχρη Ἀπόλλων ἀνθρώπων εἶναι Σωκράτη ἐν σοφίῃ Κύπρις μηνίουσα πυρὸς μένει. ἐκ δὲ βαθείης ψυχῆς κουφοτέρας ἐξεπόνησ' ἀνίας, οἰκί' ἐς Ἀσπασίης πωλεύμενος· οὐδέ τι τέκμαρ εὔρε, λόγῳ πολλὰς εὐρόμενος διόδους.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition)</i> (p. 116). Edição do Kindle.</p>	<p>15. Hermesianacte (en Ateneo 599a-b)</p> <p>Hermesianacte. Poeta elegíaco del s. III a. C. Autor de un poema titulado Leontion, la célebre hetera de la escuela epicúrea, en que narra historias amorosas de escritores y filósofos. Con qué ardiente ímpetu calentó Cipris en su ira a Sócrates, al que Apolo proclamó el más extraordinario de los hombres en sabiduría, pues conforme a su alma profunda se empeñó en más leves trabajos frecuentando la casa de Aspasia; ningún remedio halló, él que tantas salidas había hallado en palabras.</p>	<p>15. Hermesianacte (em Ateneu 599a-b)</p> <p>Hermesiano ato.poeta elegíaco do s. IIIa. C. Autor de um poema intitulado Leontion, o famoso hetera da escola epicurista, no qual narra histórias de amor de escritores e filósofos. Com que ímpeto ardente Cypris em sua raiva aqueceu Sócrates, a quem Apolo proclamou o mais extraordinário dos homens em sabedoria, pois de acordo com sua alma profunda ele se dedicava a trabalhos mais leves, freqüentando a casa de Aspásia; Ele não encontrou remédio, ele que havia encontrado tantas soluções em palavras.</p>

	Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (pp 178.). Edição do Kindle.	
<p>16. Aristón (en Filodemo, Sobre vicios X col. XXII)</p> <p>καὶ μὴ ψιλῶς ὀνομάζειν, ἀλλὰ „Φαῖδρος ὁ καλός”, καὶ „Λυσίας ὁ σοφός”, καὶ ῥήματ' ἀ[μ]φίβολα τιθέναι, „χρ[ηστὸν]” „ἡδύν” „ἀφελῇ” „γενναῖον” „ἀν[δρεῖ]ον”. καὶ παρεπιδείκνυσθ[αι] μὲν ὡς σοφά, προσάπτειν [δ'] ἑτέροις ὡς Ἀσπασία καὶ [Ἰσχομ]ῆχφ Σωκράτη[ς].</p> <p>Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (p. 117). Edição do Kindle.</p>	<p>16. Aristón (en Filodemo, Sobre vicios X col. XXII, 34, ed. Jensen p. 39)</p> <p>Discípulo de Aristóteles del s. III a. C. que prosiguió los estudios caracteriológicos iniciados por Teofrasto. (Hablando sobre la ironía). [El irónico] no se limita a nombrar a secas, sino “el hermoso Fedro”, y usa palabras ambivalentes como “honesto”, “agradable”, “sencillo”, “noble”, “valiente”, y mientras las designa ostentosamente como sabias, las atribuye a otros como hace Sócrates con Aspasia e Iscómaco”.</p> <p>Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (pp. 178-179). Edição do Kindle.</p>	<p>16. Ariston (em Filodemo, Sobre os vícios X col. XXII, 34, ed. Jensen p. 39)</p> <p>Discípulo de Aristóteles do século XVI. IIIa. C. que deu continuidade aos estudos caracterológicos iniciados por Teofrasto. (Fale sobre ironia). [O irônico] não se limita a simplesmente nomear, mas “o belo Fedro”, e usa palavras ambivalentes como “honesto”, “agradável”, “simples”, “nobre”, “corajoso”, e ao mesmo tempo que os designa ostensivamente tão sábio, ele os atribui a outros como Sócrates o faz a Aspásia e Iscómaco.</p> <p>Solana Dueso, José. Testemunhos e discursos de Aspásia de Mileto (edição em espanhol) (pp. 117). Edição Kindle.</p>
<p>17. Plutarco, De la malevolencia de Heródoto 6</p> <p>Ἔτι τοίνυν ἐπὶ τῶν ὁμολογουμένων πεπρᾶχθαι, τὴν δ' αἰτίαν ἀφ' ἧς πέπρακται καὶ τὴν διάνοιαν ἐχόντων ἄδηλον, ὁ πρὸς τὸ χεῖρον εἰκάζων δυσμενής ἐστι καὶ κακοήθης· ὥσπερ οἱ κωμικοὶ τὸν πόλεμον ὑπὸ τοῦ Περικλέους ἐκκεκαῦσθαι δι' Ἀσπασίαν ἢ διὰ Φειδίαν ἀποφαίνοντες, οὐ φιλοτιμία τινὶ καὶ φιλονεικία μᾶλλον στορέσαι τὸ φρόνημα Πελοποννησίων καὶ μηδενὸς</p>	<p>17. Plutarco, De la malevolencia de Heródoto 6</p> <p>En efecto, entre quienes están de acuerdo en la ejecución de una acción, pero la causa y la intención por la que se ha realizado no están claras, el que establece las conjeturas en el peor sentido es hostil y malévolo; tal es el caso de los cómicos al mostrar en sus representaciones que la guerra había sido avivada por Pericles a causa de Aspasia o de Fidias, no por cierta ambición y</p>	<p>17. Plutarco, Sobre a malevolência, de Heródoto 6</p> <p>Com efeito, entre aqueles que concordam com a execução de uma ação, mas não são claras a causa e a intenção pela qual ela foi realizada, quem estabelece conjeturas no pior sentido é hostil e malévolo; Tal é o caso dos comediantes quando mostraram nas suas representações que a guerra tinha sido alimentada por Péricles por causa de Aspásia ou Fídias, não por uma certa</p>

<p>ὀφείσθαι Λακεδαιμονίοις ἐθελήσαντος.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition)</i> (p.117). Edição do Kindle.</p>	<p>afán de disputa, sino más bien por humillar la soberbia de los peloponesios y no ceder a deseo alguno de los lacedemonios.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition)</i> (pp. 179). Edição do Kindle.</p>	<p>ambição e desejo de disputa, mas antes para humilhar o orgulho dos peloponesos e não dar a pedido de qualquer um dos lacedemônios.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Testemunhos e discursos de Aspásia de Mileto (edição em espanhol)</i> (pp. 117). Edição Kindle.</p>
<p>18. Pseudo-Plutarco, Del ejercicio 181, 23 (RhM 27, 1872, 530. Trad. alemana de J. Gildemeister y F. Bücheler)</p> <p>Es ist aber zu zeigen, dass nicht bei Männern bloss, sondern auch bei Frauen das richtige Verhalten sich bewährt. Wer kennt nicht die Geschicklichkeit der Aspasia, welche eine Menge Rhetoren und Philosophen in Athen lehrte. [Als Kyros gegen seinen Bruder in den Krieg gezogen war, der das Königthum begehrte, und befohlen hatte, dass aus Asien zwanzig Jungfrauen mit sonstigen schönen Weibern zu ihm kommen sollten, entschloss sich auch der Vater der Aspasia, sie mit den andern zu schicken. Sie kamen alle mit prächtigen Kleidern und bewundernswürdigem Schmuck; Aspasia aber näherte sich aus grosser Schamhaftigkeit als die letzte von allen, indem ihre Augenwimpern zur Erde gesenkt waren und Thriinen über ihre Wangen flössen. Der König aber, als er sie sah, liebte sie sehr, sowohl wegen der Schönheit ihres Gesichts, als wegen der Demuth ihrer Seele, und obschon der König sie so liebte, ward ihr Sinn nicht stolz, sondern sie blieb ihrer frühern Niedrigkeit eingedenk. Sie gewann aber grossen Reichthum, undß als der König im Kriege starb, nahm sie den ganzen persischen Reichthum</p>	<p>18. Pseudo-Plutarco, Del ejercicio 181, 23[138] Pseudo-Plutarco.</p> <p>El tratado Del ejercicio, atribuido a Plutarco, nos ha sido transmitido en un manuscrito del s. 8-9 que contiene varios textos griegos en traducción siríaca. Según los estudiosos, el tratado debió componerse en una época no lejana a Plutarco, en alguna de cuyas colecciones quedaría pronto incluido. El fragmento se ha tomado de la versión alemana en Pseudo-Plutarchus, Περὶ ἀσκήσεως. Bearbeitet von J. Gildemeister und F. Bücheler. RhM 27, 1872, 530. Hay que mostrar, sin embargo, que no solamente en los hombres sino también en las mujeres se comprueba la conducta correcta. ¿Quién no conoce la destreza de Aspasia que formó a una serie de oradores y filósofos en Atenas? [Cuando Ciro fue arrastrado a la guerra contra su hermano, que codiciaba la realeza, y había dado la orden de que había que llevarle de Asia a 20 doncellas con otras tantas hermosas mujeres, también el padre de Aspasia se decidió a enviarla con otras. Todas ellas llegaron con lujosos vestidos y joyas admirables; Aspasia, sin embargo, se acercó con gran pudor como la última de todas, mientras dirigió sus pestañas al suelo y corrían</p>	<p>18. Pseudo-Plutarco, Do Exercício 181, 23[138] Pseudo-Plutarco.</p> <p>O tratado Do Exercício, atribuído a Plutarco, foi-nos transmitido num manuscrito do século XVI. 8-9 contendo vários textos gregos em tradução siríaca. Segundo os estudiosos, o tratado deve ter sido composto numa época não muito distante de Plutarco, numa de cujas coleções logo seria incluído. O fragmento foi retirado da versão alemã em Pseudo-Plutarco, Περὶ ἀσκήσεως. Bearbeitet de J. Gildemeister e F. Bücheler. RhM 27, 1872, 530. Deve ser demonstrado, entretanto, que o comportamento correto é verificado não apenas nos homens, mas também nas mulheres. Quem não conhece a habilidade de Aspásia que treinou uma série de oradores e filósofos em Atenas? [Quando Ciro foi arrastado para a guerra contra seu irmão, que cobiçava a realeza, e deu a ordem de que 20 donzelas com o mesmo número de mulheres bonitas fossem trazidas da Ásia para ele, o pai de Aspásia também decidiu enviá-la com outras. Todas chegaram com vestidos luxuosos e joias admiráveis; Aspásia, porém, aproximou-se com grande modéstia como a última de todas, enquanto dirigia os cílios para o chão e as lágrimas escorriam pelo</p>

und kam nach Athen]. Die Athener beneideten sie lind erhoben gegen sie eine Anklage; sie aber verfasste eine Rede, schickte sie ein und Hess sagen: wenn das Gesetz erlaubte, dass Frauen im Gericht redeten, so würde ich mich selbst vertheidigen; jetzt aber leihe mir einer von euch seine Stimmo und lese diese Rede, nichts hinzusetzend und nichts kürzend, und als sie gelesen war, schwiegen ihre Gegner und standen ihre Sache verlierend da. Etwas anderes noch wunderbarer that sie: als eine Pest war und Perikles starb, sagten die Athener aus Neid gegen sie, dass nicht Aspasia ihm zur Kunst verholfeil habe, sondern er ein Mann von hellem Verstände gewesen und durch die Sorgfalt, die er an sich selbst gewendet, ein geschickter Redner geworden sei. Sie aber, als sie dies hörte, wollte deren Lüge aufzeigen, nahm einen Mann, der Schafe verkaufte, liess ihn in ihrem Hause wohnen und durch Erziehung übte sie ihn, bis sie ihn zu einem geschickton Redner und bewunderten Meister gemacht. So macht angewendete Sorg falt tüchtig und bringt neues zu Tage.

Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (pp. 118-120). Edição do Kindle.

lágrimas por sus mejillas. El rey, en cambio, tan pronto como la vio, la amó mucho, tanto por la belleza de su rostro como por la humildad de su alma y, aunque el rey la amó tanto, su espíritu no se hizo orgulloso, sino que siguió teniendo presente su origen humilde. Alcanzó, en cambio, una gran riqueza y, cuando el rey murió en la guerra, tomó toda la riqueza persa y llegó a Atenas]. Los atenienses la envidiaban y elevaron contra ella una acusación; pero compuso un discurso, lo envió y mandó decir: si la ley permitiera que las mujeres hablaran en el tribunal, entonces yo misma me defendería; pero ahora que uno de vosotros me preste su voz y lea el discurso, sin añadir ni quitar una coma. Y cuando fue leído, sus acusadores callaron y dieron su causa por perdida. Todavía hizo una cosa más admirable: cuando tuvo lugar una peste y Pericles murió, los atenienses por envidia decían en su contra que no había sido ella la que ayudó a Pericles en el arte retórica[139], sino que él había sido un hombre de entendimiento claro y que se había convertido en un hábil orador mediante la diligencia que él se aplicó a sí mismo. Ella, sin embargo, al oír esto, quiso denunciar sus mentiras, tomó a un hombre que vendía ovejas, lo hizo vivir en su casa y lo ejercitó mediante educación hasta convertirlo en un hábil orador y admirable maestro. Así la diligencia aplicada produce habilidad y engendra cosas nuevas.

seu rosto. O rei, porém, assim que a viu, amou-a muito, tanto pela beleza do seu rosto como pela humildade da sua alma, e embora o rei a amasse tanto, o seu espírito não se tornou orgulhoso, mas ele continuou a apresentar suas origens humildes. Porém, ele alcançou grande riqueza e, quando o rei morreu na guerra, pegou todas as riquezas persas e veio para Atenas]. Os atenienses a invejaram e acusaram-na; mas ela redigiu um discurso, enviou-o e mandou um recado: se a lei permitisse que as mulheres falassem no tribunal, então eu me defenderia; mas agora deixem que um de vocês me empreste sua voz e leia o discurso, sem acrescentar ou retirar vírgula. E quando foi lido, seus acusadores ficaram em silêncio e desistiram de sua causa como perdida. Ela fez uma coisa ainda mais admirável: quando estourou uma peste e Péricles morreu, os atenienses, por inveja, disseram contra ela que não foi ela quem ajudou Péricles na arte da retórica,[139] mas que ele tinha sido um homem de compreensão clara e que ele se tornou um orador habilidoso pela diligência que aplicou a si mesmo. Ela, porém, ao ouvir isso, quis denunciar suas mentiras, pegou um homem que vendia ovelhas, fez com que ele morasse em sua casa e o treinou através da educação até que ele se tornasse um orador habilidoso e um professor admirável. Assim, a diligência aplicada produz habilidade e gera coisas novas.

	Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos</i> (Spanish Edition) (pp. 178-179). Edição do Kindle.	
<p>19. Elio Aristides, A Platón, en defensa de los cuatro 45, 54-58 [45]</p> <p>σὺ δὲ Μαντινικὴν μὲν ξένην καὶ Μηλισίαν ἐπίστασαι κοσμεῖν καὶ οὐστinas ἄν σοι δοκῇ πάνυ ῥαδίως μεγάλων ἡξίωσας, τῶν δὲ Ἑλλήνων τοὺς ἄκρους καὶ παρὰ πᾶσι βεβοημένους ἐν φαύλῳ καθαιρεῖς, οὐδὲν διαφερόντως ἢ εἴ τις τινα τῶν μαγείρων ὡς ἀληθῶς, ἢ καὶ ἄλλο τι τῶν τυχόντων ἀνδραπόδων [54] ὁ τοῖνον Περικλῆς τοσοῦτον νικῶν καὶ τοσαῦτα ἀφ' ὧν ἐνίκα πράττων λάλος μὲν ἤκιστα οἶμαι, λέγειν δὲ ἄριστος εἰκότως ἐνομίζετο. καὶ μὴν ἐν οἷς γε καὶ τοὺς ἄλλους αἰτιῶνται, ἅμα τοῦτόν τ' ἀφίᾳσι καὶ τίνας ἀντὶ τούτου προσήκει μέμφεσθαι διδάσκουσιν. [55] εἰ δὲ δεῖ καὶ σεμνοτέρου μάρτυρος, σκόπει τί φησιν ὁ Θουκυδίδης ἐν τοῖς περὶ αὐτοῦ λόγοις. εὐρήσεις γὰρ ἀπανταχοῦ μεμνημένον ὡς ἀρίστου λέγειν καὶ οὐδ' ἀμφισβήτησιν δόντα ὅτι μὴ καὶ πράττειν οὕτως γε πρὸς τῷ λέγειν προστίθῃσιν, ἐπειδὴν πρῶτον αὐτὸν εἶναι φηῖ. [56] καὶ οὗτος ὁ μάρτυς, ὃ χρηστὲ, τῶν Ἀντιφώντος ἐταίρων ἐστὶ καὶ ἅμα ὡς τὸ εἰκὸς καὶ ἐφ' ἑαυτῷ τι φρονῶν, ἀλλ' ὅμως ἀποδίδωσιν ἐκείνῳ τὰ πρέποντα. ἢ που σοί γε τῷ τὴν Ἀσπασίαν ἐπαινοῦντι πρὸ τοῦ Ἀντιφώντος συγχωρητέον ταῦτα. [57] καὶ τί δεῖ Θουκυδίδου λοιπόν; ἥκει γὰρ πρὸς τοῦσχατον τῆς μαρτυρίας ὁ λόγος. αὐτὸς γάρ ἐστι Πλάτων ἡμῖν ὁ τὴν Ἀσπασίαν ὕμνων ὡς διδάσκαλον θαυμαστὴν ῥητορικῆς,</p>	<p>19. Elio Aristides, A Platón, en defensa de los cuatro 45, 54-58 Elio Aristides. C. 117-180.</p> <p>Uno de los más destacados representantes de la segunda sofística. Autor de discursos que se proponen recuperar el estilo de la prosa ática clásica. [45] Tú sabes cómo elogiar a una mujer extranjera de Mantinea y a otra de Mileto, y a cualquier otro que te parezca óptimo tú tiendes a creer que es de gran valor, pero los que son los líderes de los griegos y famosos entre todos los difamas frívolamente, del mismo modo que uno difama a un cocinero o a cualquier otro esclavo vulgar. [54] Así pues, Pericles, que era tan superior y tan efectivo en su superioridad, en mi opinión, fue considerado con razón como el menos charlatán y el mejor orador. Y es verdad que en aquello en que censuran a los demás a este lo absuelven y muestran a quiénes conviene censurar en su lugar. [55] Si hay necesidad de un testigo más digno, considera lo que dice Tucídides en sus informes sobre él. Verás que en todas partes lo recuerda como el mejor orador y no deja lugar a disputas sobre que no añade la acción a la palabra cuando dice que era el primero. [56] Y este testigo, buen hombre, es uno de los camaradas de Antífote y, como es natural, ufanándose también de sus propias habilidades, le corresponde en la medida adecuada. En verdad, tú que elogias a Aspasia antes que a Antífote debes conceder esto.</p>	<p>19. Elio Aristides, Para Platão, em defesa dos quatro 45, 54-58 Elio Aristides. C. 117-180.</p> <p>Um dos representantes mais proeminentes do segundo sofisma. Autor de discursos que visam recuperar o estilo da prosa clássica ática. [45] Você sabe elogiar uma estrangeira de Mantinea e outra de Mileto, e tende a acreditar que qualquer outra que lhe pareça boa é de grande valor, mas aqueles que são os líderes dos gregos e famosos entre todos vocês difamar levianamente, da mesma forma que se difama um cozinheiro ou qualquer outro escravo vulgar. [54] Assim, Péricles, que era tão superior e tão eficaz em sua superioridade, foi, em minha opinião, justamente considerado o menos charlatão e o melhor orador. E é verdade que naquilo que censuram os outros, absolvem-no e mostram quem deve ser censurado em seu lugar. [55] Se houver necessidade de uma testemunha mais digna, considere o que Tucídides diz em seus relatórios sobre ele. Você verá que em todos os lugares ele é lembrado como o melhor orador e não deixa espaço para disputa que não acrescenta a ação à palavra quando diz que foi o primeiro. [56] E esta testemunha, bom homem, é um dos camaradas de Antífon e, naturalmente, gabando-se também das suas próprias capacidades, corresponde-lhe na medida apropriada. Na verdade, você que elogia Aspásia em vez de Antífona</p>

<p>καταφεύγων ἐπὶ τὸν Περικλέα καὶ δι' ἐκείνου πιστούμενος καὶ διαρρήδην γε οὕτως διαφέροντα τῶν Ἑλλήνων αὐτὸν προσειρηκώς· τοσοῦτον φαίνεται [58] τῷ Περικλεῖ νέμων εἰς λόγους. καίτοι οὐ δὴ πού τοῦ μὲν Ἀσπασίας μετεῖναι λόγων σημεῖον ἦν Περικλῆς οὕτω λέγων, τῆς δ' αὐτοῦ Περικλέους δυνάμεως ἐτέρωθεν χρὴ τὸ σύμβολον ζητεῖν· οὐδὲ γε ὑπὲρ μὲν Ἀσπασίας διαφέροντα τῶν Ἑλλήνων αὐτὸν ἔδει προσειπεῖν, τῷ δὲ καθ' αὐτὸν πράγματι μηδενὸς βελτίω τῶν πολλῶν.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos</i> (Spanish Edition) (pp. 120-121). Edição do Kindle.</p>	<p>[57] Y en adelante, ¿qué necesidad hay de Tucídides? El argumento, en efecto, ha llegado a su evidencia final. Pues es el mismo Platón, el cantor de los elogios de Aspasia como admirable profesora de oratoria, el que nos recurre a Pericles y prueba esto a través de él al haberlo nombrado expresamente como "excepcional entre los griegos". Tan gran honor muestra él por la oratoria de Pericles. [58] Con todo, la capacidad oratoria de Pericles en modo alguno es una prueba de que Aspasia tuviera algo que ver en tales discursos, sino que el distintivo del poder retórico de Pericles debe ser buscado en otro lugar. No había ninguna necesidad de proclamarlo como "excepcional entre los griegos" a causa de Aspasia, sino mejor que ninguno de la multitud por su propia acción.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos</i> (Spanish Edition) (p.179). Edição do Kindle.</p>	<p>deve conceder isso. [57] E de agora em diante, que necessidade há de Tucídides? O argumento, com efeito, atingiu a sua evidência final. Pois é o próprio Platão, o cantor de louvores de Aspásia como admirável professor de oratória, que nos leva a Péricles e prova isso através dele, ao nomeá-lo expressamente como "excepcional entre os gregos". Ele demonstra grande honra pela oratória de Péricles. [58] Ainda assim, a habilidade oratória de Péricles não é de forma alguma prova de que Aspásia teve algo a ver com tais discursos, mas antes a marca do poder retórico de Péricles deve ser procurada em outro lugar. Não havia necessidade de proclamá-lo “excepcional entre os gregos” por causa de Aspásia, mas melhor do que qualquer pessoa da multidão por sua própria ação.</p>
<p>20. Máximo de Tiro Disertación XVIII, 4.</p> <p>Ἀλλὰ καὶ διδασκάλους ἐπιγέγραπται τῆς τέχνης, Ἀσπασίαν τὴν Μιλησίαν, καὶ Διοτίμαν τὴν Μαντινικήν· Disertación XXXVIII, 4. Ὅτι μὲν ἐπιστήμην τιμᾶς παντὸς μᾶλλον, ὃ Σώκρατες, ἀκούομέν σου πολλάκις διατεινομένου, προξενούντος τοὺς νέους ἄλλον ἄλλω διδασκάλῳ· ὅς γε καὶ εἰς Ἀσπασίας τῆς Μιλησίας παρακελεύῃ Καλλία τὸν υἱὸν</p>	<p>20. Máximo de Tiro Máximo de Tiro. Sofista y filósofo del s. II. Autor de Disertaciones filosóficas escritas en un estilo brillante y equilibrado, en las que expone un platonismo ecléctico. Disertación XVIII, 4.</p> <p>Aspasia de Mileto y Diotima de Mantinea son consideradas como maestras del arte (de Sócrates). Disertación XXXVIII, 4. Que honras la ciencia más que todo, Sócrates, lo escucho de ti que te esfuerzas a menudo en procurar que los jóvenes tenga cada uno un maestro. Tú que animas a Calias a enviar a su hijo a casa de Aspasia la milesia, un varón a la escuela de</p>	<p>20. Tiro Máximo Tiro Máximo. Sofista e filósofo do século XX. II. Autor de dissertações filosóficas escritas num estilo brilhante e equilibrado, nas quais expõe um platonismo eclético. Dissertação XVIII, 4.</p> <p>Aspásia de Mileto e Diotima de Mantinea são consideradas mestres da arte (de Sócrates). Dissertação XXXVIII, 4. Que você honra a ciência acima de tudo, Sócrates, ouço de você que muitas vezes você se esforça para garantir que cada jovem tenha um professor. Você que incentiva Callias a mandar seu filho para a casa de Aspásia, a Milesia, um</p>

<p>πέμπειν, εἰς γυναικὸς ἄνδρα· καὶ αὐτὸς τηλικούτος ὢν παρ' ἐκείνην φοιτᾷς, καὶ οὐδὲ αὕτη σοι ἄρκεῖ διδάσκαλος, ἀλλ' ἐρανίζῃ παρὰ μὲν Διοτίμας τὰ ἐρωτικά, παρὰ δὲ Κόννου τὰ μουσικά, παρὰ δὲ Εὐήνου τὰ ποιητικά, παρὰ δὲ Ἴσκομάχου τὰ γεωργικά, παρά τε Θεοδώρου τὰ γεωμετρικά.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition)</i> (p. 121). Edição do Kindle.</p>	<p>una mujer, y tú mismo, siendo ya de edad, visitas asiduamente su casa, y no te basta ella como maestra, sino que buscas con Diotima la erótica, con Conno la música, con Eveno la poética, con Iscómaco la agricultura, con Teodoro la geometría.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition)</i> (p.180). Edição do Kindle.</p>	<p>menino para uma escola feminina, e você mesmo, já maior de idade, visita regularmente a casa dela, e ela não é suficiente para você como professora, mas você busque com Diotima o erotismo, com Conno a música, com Evenus a poética, com Iscómaco a agricultura, com Teodoro a geometria.</p>
<p>21. ATENEO, Banquete de sabios</p> <p>a) V 220</p> <p>ἐν δὲ τῇ Ἀσπασίᾳ (p. 16 H) Ἰπνόνικον μὲν τὸν Καλλίου κοάλεμον προσαγορεύει, τὰς δ' ἐκ τῆς Ἰωνίας γυναῖκας συλλήβδην μοιχάδας καὶ κερδαλέας.</p> <p>b) V, 220e</p> <p>τούτοις γὰρ τοῖς ἀνδράσιν οὐδεὶς ἀγαθὸς σύμβουλος εἶναι δοκεῖ, οὐ στρατηγὸς φρόνιμος, οὐ σοφιστὴς ἀξιόλογος, οὐ ποιητὴς ὠφέλιμος, οὐ δῆμος εὐλόγιστος ἀλλ' ἢ Σωκράτης ὁ μετὰ τῶν Ἀσπασίας ἀνλητρίδων ἐπὶ τῶν ἐργαστηρίων συνδιατρίβων καὶ Πίστωνι τῷ θωρακοποιῷ διαλεγόμενος καὶ Θεοδότῃν διδάσκων τὴν ἐταίραν ὥς δεῖ τοὺς ἐραστὰς παλεύειν, ὥς Ξενοφῶν παρίστησιν ἐν δευτέρῳ Ἀπομνημονευμάτων (III 10, 9. 11, 15)</p> <p>c) XIII, 569f</p>	<p>21. ATENEO, Banquete de sabios Ateneo.</p> <p>Procedente de Náucratis, escribió en Roma a principios del s. III. Su obra, Banquete de sabios, aun con defectos de estilo, además de ser uno de los más antiguos libros de cocina, es de incalculable valor tanto por las noticias como por los fragmentos que cita.</p> <p>a) V 220 b</p> <p>De nuevo, en el Aspasia, él (Esquines Socrático) califica a Hipónico, el hijo de Calias, de estúpido, mientras a las mujeres de Jonia en general las tacha de adúlteras y avariciosas[140].</p> <p>b) V, 220e</p> <p>Pues para estos hombres no parece haber ningún consejero bueno, ni un general prudente, ni un sofista digno de estima, ni poeta provechoso, ni pueblo que razone bien, sino sólo Sócrates, el que convive con las flautistas de Aspasia en los talleres, el que conversa con Pistón el fabricante de corazas y el que enseña a Teodota la hetera cómo hay que seducir a los amantes, como lo</p>	<p>21. ATENEO, Banquete dos Reis Magos Ateneo.</p> <p>Vindo de Náucratis, escreveu em Roma no início do século XX. III. Sua obra, Banquete de Reis Magos, mesmo com defeitos de estilo, além de ser um dos livros de receitas mais antigos, é de valor incalculável tanto pelas notícias quanto pelos fragmentos que cita.</p> <p>a) V 220 b</p> <p>Novamente, na Aspásia, ele (Ésquines Socrático) descreve Hipônico, filho de Cálias, como estúpido, enquanto chama as mulheres de Jônia em geral de adúlteras e gananciosas.</p> <p>b) V, 220e</p> <p>Pois para estes homens não parece haver bom conselheiro, nem general prudente, nem sofista digno de estima, nem poeta útil, nem povo que raciocine bem, mas apenas Sócrates, aquele que convive com os flautistas. de Aspásia nas oficinas, que conversa com Pistão, o armeiro, e que ensina Teodota, a Hetera, a seduzir amantes, conforme apresentado por Xenofonte no segundo livro da Memorabilia.</p>

<p>καὶ Ἀσπασία δὲ ἡ Σωκρατικὴ ἐνεπορεύετο πλήθι καλῶν γυναικῶν, καὶ ἐπλήθυνεν ἀπὸ τῶν ταύτης ἐταιρίδων ἡ Ἑλλάς, ὥς καὶ ὁ χαρίεις Ἀριστοφάνης παρασημαίνεται, λέγων [τὸν Πελοποννησιακὸν πόλεμον] ὅτι Περικλῆς διὰ τὸν Ἀσπασίας ἔρωτα καὶ τὰς ἀρπασθείσας ἀπ' αὐτῆς θεραπαίνας ὑπὸ Μεγαρέων ἀνερρίπισεν τὸ δεινόν (Ach. 524).</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos</i> (Spanish Edition) (pp. 121-122). Edição do Kindle.</p>	<p>presenta Jenofonte en el segundo libro de las Memorables.</p> <p>c) XIII, 569f</p> <p>Incluso Aspasia Socrática importó cantidad de hermosas mujeres y la Hélade se llenó de sus heteras, como el gracioso Aristófanes da a entender diciendo de la guerra del Peloponeso que Pericles hizo estallar la desgracia por el amor de Aspasia y por las sirvientas robadas de su casa por unos megarenses.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos</i> (Spanish Edition) (p. 181). Edição do Kindle.</p>	<p>c) XIII, 569f</p> <p>Até mesmo Aspásia Socrática importou muitas mulheres bonitas e a Hélade encheu-se de suas heteras, como o engraçado Aristófanes dá a entender ao dizer da Guerra do Peloponeso que Péricles causou infortúnio ao amor de Aspásia e aos servos roubados de sua casa por alguns megarenses.</p>
<p>22. Luciano de Samósata</p> <p>a) El Gallo 19 ΜΙΚΥΛΛΟΣ [...] ἀποδυσάμενος δὲ τὸν Πυθαγόραν τίνα μετημφιέσω μετ' αὐτόν; ΑΛΕΚΤΡΥΩΝ. Ἀσπασίαν τὴν ἐκ Μιλήτου ἐταίραν· ΜΙΚΥΛΛΟΣ. Φεῦ τοῦ λόγου, καὶ γυνὴ γὰρ σὺν τοῖς ἄλλοις ὁ Πυθαγόρας ἐγένετο, καὶ ἦν ποτε χρόνος ὅτε καὶ σὺ φωτόκεις, ὃ ἀλεκτρυόνων γενναιότατε, καὶ συνῆσθα Περικλεῖ Ἀσπασία οὔσα καὶ ἐκύεις ἀπ' αὐτοῦ καὶ ἔρια ἕξαινες καὶ κρόκην κατήγες καὶ ἐγυναικίζου ἐς τὸ ἐταιρικόν;</p> <p>b) Retratos 17</p>	<p>22. Luciano de Samósata Luciano. c. 125-200. Escritor influenciado por cínicos y epicúreos, nos ofrece en su vasta obra una visión satírica de las costumbres de su tiempo y, en particular, de los filósofos.</p> <p>a) El Gallo 19 ΜΙCΙΛΟ. Y al quitarte la vestimenta de Pitágoras, ¿cuál te pusiste después? GALLO. La de Aspasia, la hetera de Mileto. ΜΙCΙΛΟ. ¡Menuda historia! ¿Así que, además de otras, hasta la forma de mujer ha llegado a tener Pitágoras? ¿Y hubo un tiempo en que también tú ponías huevos, oh nobilísimo gallo, y convivías con Pericles siendo Aspasia, estabas encinta de él, cardabas lana, tejías tela y ejercías tu condición femenina al modo de las heteras?</p> <p>b) Retratos 17</p>	<p>22. Luciano de Samósata Luciano. c. 125-200. Escritor influenciado por cínicos e epicuristas, oferece-nos na sua vasta obra uma visão satírica dos costumes do seu tempo e, em particular, dos filósofos.</p> <p>a) O Galo 19 ΜΙCΙΛΟ. E quando você tirou a roupa de Pitágoras, o que vestiu em seguida? GALO. A de Aspásia, a hetera de Mileto. ΜΙCΙΛΟ. Que história! Então, além de outras, até a forma de mulher Pitágoras passou a ter? E houve um tempo em que você também botava ovos, ó galo nobre, e morava com Péricles quando era Aspásia, estava grávida dele, cardava lã, tecia tecidos e exercia sua condição feminina à maneira das heteras?</p> <p>b) Retratos 17</p>

Μετὰ δὲ ταύτην ἡ τῆς σοφίας καὶ συνέσεως εἰκὼν γραπτέα. δεήσει δὲ ἡμῖν ἐνταῦθα πολλῶν τῶν παραδειγμάτων, ἀρχαίων τῶν πλείστων, ἐνὸς μὲν καὶ αὐτοῦ Ἰωνικοῦ· γραφεῖς δὲ καὶ δημιουργοὶ αὐτοῦ Αἰσχίνης Σωκράτους ἐταῖρος καὶ αὐτὸς Σωκράτης, μιμηλότατοι τεχνιτῶν ἀπάντων, ὅσῳ καὶ μετ' ἔρωτος ἔγραφον. τὴν δὲ ἐκ τῆς Μιλήτου ἐκείνην Ἀσπασίαν, ἣ καὶ ὁ Ὀλύμπιος θαυμασιώτατος αὐτὸς συνῆν, οὐ φαῦλον συνέσεως παράδειγμα προθέμενοι, ὅποσον ἐμπειρίας πραγμάτων καὶ ὀξύτητος εἰς τὰ πολιτικὰ καὶ ἀγχινοίας καὶ δριμύτητος ἐκείνη προσῆν, τοῦτο πᾶν ἐπὶ τὴν ἡμετέραν εἰκόνα μεταγάγωμεν ἀκριβεῖ τῇ στάμνῃ· πλὴν ὅσον ἐκείνη μὲν ἐν μικρῷ πίνακίῳ ἐγγράπτο, αὕτη δὲ κολοσσιαία τὸ μέγεθός ἐστιν.

c) Sobre la danza 25

καὶ ἔμελλέν γε ἐκεῖνος περὶ ὀρχηστικὴν οὐ μετρίως σπουδάσασθαι, ὅς γε καὶ τὰ μικρὰ οὐκ ὤκνει μανθάνειν, ἀλλὰ καὶ εἰς τὰ διδασκαλεῖα τῶν αὐλητρίδων ἐφοίτα καὶ παρ' ἐταίρας γυναικὸς οὐκ ἀπηξίου σπουδαῖόν τι ἀκούειν, τῆς Ἀσπασίας.

d) El eunuco 7

Τὰ μὲν πρῶτα ὑπ' αἰδοῦς καὶ δειλίας—οἰκείον γὰρ αὐτοῖς τὸ τοιοῦτον—ἐπὶ πολὺ ἐσιώπα καὶ ἡρυθρία καὶ ἰδίῳ φανερός ἦν, τέλος δὲ λεπτὸν τι καὶ γυναικεῖον ἐμφθεγξάμενος οὐ δίκαια ποιεῖν ἔφη τὸν Διοκλέα φιλοσοφίας ἀποκλείοντα εὐνοῦχον ὄντα, ἧς καὶ γυναιξὶ μετεῖναι· καὶ

Tras esta, (la escultura), hay que pintar una imagen de la sabiduría y la inteligencia. Nos harán falta aquí muchos modelos, antiguos la gran mayoría, y en especial uno jónico. Sus pintores y creadores, Esquines, compañero de Sócrates, y el mismo Sócrates, son los más hábiles en imitarlo, tanto más cuanto que pintaban por amor. La famosa Aspasia de Mileto, con la que aquel admirabilísimo Olímpico convivía, al ponerla como modelo nada vulgar de inteligencia, cuanta experiencia en la cosa pública y agudeza en temas políticos y sagacidad y perspicacia le era natural, todo esto trasladémoslo a nuestra imagen con regla exacta. Con la única diferencia de que, mientras aquella se ha dibujado en cuadro pequeño, esta es colosal en tamaño.

c) Sobre la danza 25

Era de esperar que el famoso Sócrates mostrara un alto interés por la danza, él que no tenía reparo alguno en aprender también lo insignificante, sino que incluso asistía a las escuelas de las flautistas y no consideraba indigno aprender algo noble de una mujer hetera, Aspasia.

d) El eunuco 7

Primero, por pudor y cobardía – pues tal cosa es normal en ellos – calló largo rato, enrojeció y sudaba visiblemente; finalmente, hablando con voz débil y afeminada, dijo que no era justo Diocles al excluirlo de la filosofía por ser eunuco, de la que incluso

Depois disto (a escultura), devemos pintar uma imagem de sabedoria e inteligência. Precisaremos de muitos modelos aqui, a grande maioria deles antigos, e especialmente um modelo iônico. Os seus pintores e criadores, Ésquines, companheiro de Sócrates, e o próprio Sócrates, são os mais hábeis em imitá-lo, tanto mais que pintaram por amor. A famosa Aspásia de Mileto, com quem conviveu aquela admirável olímpica, ao colocá-la como um modelo nada vulgar de inteligência, quanta experiência em assuntos públicos e acuidade em assuntos políticos e sagacidade e perspicácia lhe eram naturais, transfiramos tudo isso à nossa imagem com uma regra exata. Com a única diferença de que, enquanto o primeiro foi desenhado num pequeno quadrado, este tem um tamanho colossal.

c) Sobre a dança 25

Era de se esperar que o famoso Sócrates demonstrasse grande interesse pela dança, ele que não tinha escrúpulos em aprender também o insignificante, mas até frequentava as escolas dos flautistas e não considerava indigno aprender algo nobre de um direto. mulher, Aspásia.

d) O eunuco 7

Primeiro, por modéstia e covardia – já que tais coisas são normais para eles – ele permaneceu em silêncio por um longo tempo, corou e souu visivelmente; Por fim, falando

<p>παρήγοντο Ἀσπασία καὶ Διοτίμα καὶ Θαργελία συνηγορήσουσαι αὐτῷ.</p> <p>e) Amores 30</p> <p>Εἰ γυναιξὶν ἐκκλησία καὶ δικαστήρια καὶ πολιτικῶν πραγμάτων ἦν μετουσία, στρατηγὸς ἂν ἢ προστάτης ἐκεχειροτόνησο καὶ σε χαλκῶν ἀνδριάντων ἐν ταῖς ἀγοραῖς, ὧς Χαρίκλεις, ἐτίμων. σχεδὸν γὰρ οὐδὲ αὐταὶ περὶ αὐτῶν, ὅποσαι προὔχουν κατὰ σοφίαν ἐδόκουν, εἴ τις αὐταῖς τὴν τοῦ λέγειν ἐξουσίαν ἐφῆκεν, οὕτω μετὰ σπουδῆς ἂν εἶπον, οὐχ ἡ Σπαρτιάταις ἀνθρωπλίσμην Τελέσιλλα, δι' ἣν ἐν Ἄργει θεὸς ἀριθμεῖται γυναικῶν Ἄρης· οὐχὶ τὸ μελιχρὸν αὔχημα Λεσβίων Σαπφῶ καὶ ἡ τῆς Πυθαγορείου σοφίας θυγάτηρ Θεανώ· τάχα δ' οὐδὲ Περικλῆς οὕτως ἂν Ἀσπασία συνηγόρησεν. ἀλλ' ἐπειδὴ περ εὐπρεπὲς ἄρρενας ὑπὲρ θηλειῶν λέγειν, εἴπωμεν καὶ ἄνδρες ὑπὲρ ἀνδρῶν.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition)</i> (pp. 123-126). Edição do Kindle.</p>	<p>hay mujeres que participan. Y traje a colación a Aspasia, Diotima y Targelia para que lo defendieran.</p> <p>e) Amores 30</p> <p>Si asamblea y tribunales fueran asunto de mujeres como también participar en temas políticos, serías elegido general y jefe y te honrarían, Caricles, con bronceas estatuas en las plazas públicas. Pues, cuantas mujeres tienen fama de sobresalir en sabiduría, si alguien les diera derecho a intervenir, ni tan siquiera ellas hablarían tan diligentemente sobre sí mismas, ni Telesila, la que tomó las armas contra los espartanos, por la que en Argos Ares es tenido como un dios de mujeres, ni Safo el meloso orgullo de Lesbos, ni Teano la hija de la filosofía pitagórica. Quizá tampoco Pericles habría defendido de tal modo a Aspasia. Pero ya que es conveniente que hombres hablen en defensa de mujeres, hablemos también varones sobre varones.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition)</i> (pp.181-182). Edição do Kindle.</p>	<p>com voz fraca e afeminada, disse que Diocles não foi justo ao excluí-lo da filosofia por ser eunuco, da qual há até mulheres que participam. E ele trouxe Aspásia, Diotima e Targelia para defendê-lo.</p> <p>e) Ama 30</p> <p>Se a assembleia e os tribunais fossem questão das mulheres, além de participar de questões políticas, você seria eleito general e chefe e eles o homenageariam, Cáricles, com estátuas de bronze em praças públicas. Pois quantas mulheres têm fama de primarem pela sabedoria, se alguém lhes desse o direito de intervir, nem elas falaria tão diligentemente sobre si mesmas, nem Telesila, que pegou em armas contra os espartanos, por quem Ares está detido em Argos. um deus das mulheres, nem Safo, o orgulho meloso de Lesbos, nem Theano, a filha da filosofia pitagórica. Talvez Péricles também não tivesse defendido Aspásia dessa forma. Mas como é conveniente que os homens falem em defesa das mulheres, falemos também dos homens sobre os homens.</p>
<p>23. Filóstrato, Carta 73</p> <p>λέγεται δὲ καὶ Ἀσπασία ἡ Μιλησία τὴν τοῦ Περικλέους γλῶτταν κατὰ τὸν Γοργίαν θῆξαι, [...]. καὶ Αἰσχίνης δὲ ὁ ἀπὸ τοῦ Σωκράτους, ὑπὲρ οὗ πρώην ἐσπούδαζες ὥς οὐκ ἀφανῶς τοὺς διαλόγους κολάζοντος, οὐκ ὥκνει γοργιάζειν ἐν τῷ περὶ τῆς Θαργελίας λόγῳ.</p>	<p>23. Filóstrato, Carta 73 Filóstrato. C. 170-245. Sofista en Atenas y en Roma, perteneciente al círculo de Julia Domna. Autor de biografías, discursos y cartas, entre las que destaca por su valor como fuente Vidas de los sofistas. También se dice que Aspasia de Mileto pulió la lengua de Pericles al estilo gorgiano [...]. Y Esquines el Socrático, por el que hace poco te interesabas por moderar sin disimulo sus diálogos, no dudaba</p>	<p>23. Filóstrato, Carta 73 Filóstrato. C. 170-245. Sofista em Atenas e Roma, pertencente ao círculo de Julia Domna. Autor de biografias, discursos e cartas, entre as quais Vidas dos Sofistas se destaca pelo seu valor como fonte. Diz-se também que Aspásia de Mileto aprimorou a linguagem de Péricles no estilo gorgiano [...]. E Ésquines, o Socrático, em quem recentemente se interessou em moderar abertamente os seus</p>

<p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos</i> (Spanish Edition) (p. 126). Edição do Kindle.</p>	<p>en gorgianizar en el discurso sobre Targelia. Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos</i> (Spanish Edition) (p. 182). Edição do Kindle.</p>	<p>diálogos, não hesitou em gorgianizar no discurso sobre Targelia.</p>
<p>24. Clemente de Alejandría, <i>Miscelánea IV, XIX 122, 3</i> Αἱ γὰρ Διοδώρου τοῦ Κρόνου ἐπικληθέντος θυγατέρες πᾶσαι διαλεκτικαὶ γεγόνασιν, ὥς φησι Φίλων ὁ διαλεκτικὸς ἐν τῷ Μενεξένῳ, ὧν τὰ ὀνόματα παρατίθεται τάδε· Μενεξένη, Ἀργεία, Θεογνίς, Ἀρτεμισία, Παντάκλεια. μέμνημαι καὶ Κυνικῆς τινος, Ἰππαρχία δὲ ἐκαλεῖτο, ἡ Μαρωνίτις, ἡ Κράτητος γυνή, ἐφ' ἣ καὶ τὰ κυνογάμια ἐν τῇ Ποικίλῃ ἐτέλεσεν. Ἀρήτη δὲ ἡ Ἀριστίππου <ἡ> Κυρηναϊκὴ τὸν Μητροδίδακτον ἐπικληθέντα ἐπαίδευσεν Ἀρίστιππον. παρὰ Πλάτωνί τε ἐφιλοσόφουν Λασθένεια ἡ Ἀρκαδία καὶ Ἀξιοθέα ἡ Φλιασσία· Ἀσπασίας γὰρ τῆς Μιλησίας, περὶ ἧς καὶ οἱ κωμικοὶ πολλὰ δὴ καταγράφουσιν, Σωκράτης μὲν ἀπέλαυσεν εἰς φιλοσοφίαν, Περικλῆς δὲ εἰς ῥητορικὴν. παραπέμπομαι τοίνυν τὰς ἄλλας διὰ τὸ μῆκος τοῦ λόγου, μήτε τὰς ποιητρίας καταλέγων, Κόρινναν καὶ Τελέσιλλαν Μυϊάν τε καὶ Σαπφώ, ἣ τὰς ζωγράφους, καθάπερ Εἰρήνην τὴν Κρατίνου θυγατέρα καὶ Ἀναξάνδραν τὴν Νεάλκους, ἃς φησι Δίδυμος ἐν Συμποσιακοῖς.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos</i> (Spanish Edition) (pp. 126- 127). Edição do Kindle.</p>	<p>24. Clemente de Alejandría, <i>Miscelánea IV, XIX 122, 3</i> Clemente de Alejandría. C.150-215. Erudito, director de la escuela de catecúmenos de Alejandría, intentó sintetizar la sabiduría griega con el mensaje cristiano. Y las hijas de Diodoro, llamado Crono, se convirtieron todas en filósofas dialécticas, como dice el dialéctico Filón en el Menéxeno, cuyos nombres son los siguientes: Menéxena, Argia, Teognis, Artemisia y Pantaclea. Recuerdo también a una mujer cínica, llamada Hiparquia, originaria de Maronea, esposa de Crates, con la que celebró en el Pórtico Pintado la llamada boda del perro. También Arete de Cirene, hija de Aristipo, educó a su hijo Aristipo, al que llamaban “enseñado por su madre” (metrodidacto). Lastenia de Arcadia y Axiotea de Fliunte estudiaron filosofía con Platón. De Aspasia milesia, contra la cual los comediógrafos lanzaron muchos ataques, se sirvió Sócrates para la filosofía, Pericles para la retórica. Omito, para no prolongar el discurso, al resto, sin dejar de contar ni a las poetisas Corina, Telesila, Myia y Safo, ni a las pintoras, como Irene, la hija de Cratino, y Anaxandra, la hija de Nealco, de las que habla Dídimo en los Relatos Simposiacos.[141]</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos</i></p>	<p>24. Clemente de Alexandria, <i>Miscelânea IV, XIX 122, 3</i> Clemente de Alexandria. C.150-215. Estudioso, diretor da escola de catecúmenos de Alexandria, tentou sintetizar a sabedoria grega com a mensagem cristã. E as filhas de Diodoro, chamadas Cronos, tornaram-se todas filósofas dialéticas, como diz o dialético Fílon no Menexeno, cujos nomes são os seguintes: Menexena, Argia, Theognis, Artemisia e Pantacleia. Lembrome também de uma mulher cínica chamada Hipparquia, originária de Maronea, esposa de Crates, com quem celebrou o chamado casamento do cão no Pórtico Pintado. Arete de Cirene, filha de Aristipo, também educou seu filho Aristipo, que foi chamado de “ensinado pela mãe” (metrodidata). Lasthenia de Arcádia e Axiotea de Fliunte estudaram filosofia com Platão. De Aspásia Milesia, contra quem os comediantes lançaram muitos ataques, Sócrates usou para a filosofia, Péricles para a retórica. Omito, para não prolongar o discurso, o resto, sem deixar de mencionar nem os poetisas Corina, Telesila, Myia e Safo, nem os pintores, como Irene, filha de Cratino, e Anaxandra, filha de Nealco, do que Dídimo fala nas Histórias do Simpósio.[141]</p>

	(Spanish Edition) (p.183). Edição do Kindle.	
<p>25. Alcifrón, Cartas de heteras 7, 6</p> <p>οἶει δὲ διαφέρειν ἑταίρας σοφιστήν; [...] παιδεύομεν δὲ οὐ χεῖρον ἡμεῖς τοὺς νέους. ἐπεὶ σύγκρινον, εἰ βούλει, Ἀσπασίαν τὴν ἑταίραν καὶ Σωκράτην τὸν σοφιστήν, καὶ πότερος ἀμείνους αὐτῶν ἐπαίδευσεν ἄνδρας λόγισαι· τῆς μὲν γὰρ ὄψει μαθητὴν Περικλέα, τοῦ δὲ Κριτίαν.</p> <p>Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (p. 127). Edição do Kindle.</p>	<p>25. Alcifrón, Cartas de heteras 7, 6</p> <p>Alcifrón. Probablemente contemporaneo de Luciano. Autor de Cartas ficticias, escritas en tono íntimo y confidencial, que atribuye a personajes históricos (frecuentemente del s. IV a. C.). ¿Crees que un sofista se diferencia tanto de una hetera? [...] Nosotras[142] no somos peores que los sofistas educando a los jóvenes. Puedes comparar, si quieres, entre la hetera Aspasia y el sofista Sócrates y decide cuál de los dos educó a hombres más rectos e intachables. Verás que Pericles fue discípulo de Aspasia, mientras Critias, el tirano, lo fue de Sócrates.</p> <p>Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (p.183). Edição do Kindle.</p>	<p>25. Alcifrão, Cartas das heteras 7, 6</p> <p>Alcifron. Provavelmente contemporâneo de Luciano. Autor de cartas fictícias, escritas em tom intimista e confidencial, que atribui a figuras históricas (frequentemente do século IV a.C.). Você acha que um sofista é tão diferente de uma hetera? [...] Nós[142] não somos piores que os sofistas na educação dos jovens. Você pode comparar, se quiser, entre a hetera Aspásia e o sofista Sócrates e decidir qual dos dois homens educados é mais correto e inocente. Você verá que Péricles foi discípulo de Aspásia, enquanto Crítias, o tirano, foi discípulo de Sócrates.</p>
<p>26. Libanio</p> <p>a) Discurso 12, 38. [...] τὸν Ὀλύμπιον προσκυνεῖν, καὶ οὐκ ἄρκεῖ, τιμᾶν δὲ ἤδη καὶ Ἀσπασίαν μετὰ Σωκράτους τὴν ἐκ Μιλήτου τὴν ἐξ οἰκῆματος ὡς Διοτίμαν ἐπαινεῖν τὴν σοφὴν. ταῦτα γὰρ Ἀλκιβιάδης ἀπαιτεῖ παρ' ἡμῶν καὶ τοιούτοις ἥδεται.</p> <p>b) Discurso 25, 40 Ἐπειδὴ δὲ Λαίιδι συνηγορῶν τῶν Ἀθηναίων ἐμνήσθης καὶ πολλὰς ἑταίρας</p>	<p>26. Libanio</p> <p>Libanio. C. 314-392. Profesor de oratoria en Constantinopla, Nicomedia y Antioquía. Además de algunos tratados didácticos, es autor de discursos y cartas de gran valor para conocer la vida de su tiempo. Escribió una Apología de Sócrates.</p> <p>a) Discurso 12, 38. [...] adorar al Olimpio, y también honrar a Aspasia junto a Sócrates, la de Mileto, la del burdel, así como elogiar a Diotima la sabia. Esto es lo que reclama de nosotros Alcibíades y con tales cosas se complace.</p>	<p>26. Libânio</p> <p>Libânio. C.314-392. Professor de oratória em Constantinopla, Nicomédia e Antioquia. Além de alguns tratados didáticos, é autor de discursos e cartas de grande valor para a compreensão da vida de seu tempo. Ele escreveu uma Apologia de Sócrates.</p> <p>a) Discurso 12, 38. adorar o Olimpo e também homenagear Aspásia junto com Sócrates a de Mileto a do bordel bem como elogiar Diotima a sábia. É isso que Alcibíades exige de nós, e isso lhe agrada.</p>

<p>ἔφης παρ' ἐκείνοις εὐδοκιμεῖν, τὴν Ἀσπασίαν ἐκείνην, τὴν Μυρρίνην, τὴν Θεοδότην καὶ ἄλλας πολλὰς.</p> <p>c) Carta 696, 5 γράψας Ἀθηναίοις νόμον τὸν οὐκ ὄντα ἀμφοτέρωθεν Ἀθηναίων τῶν τοῖς ἀστοῖς ὑπαρχόντων εἵργεσθαι τεθνεώτων αὐτῷ Ξανθίππου καὶ Παράλου τὸν ἐκ τῆς Ἀσπασίας υἱὸν ἐδεῖτο τῶν πολιτῶν πολίτην ἐγγράφειν τὰ αὐτοῦ κινῶν, οἱ δὲ ἐχαρίσαντο.</p> <p>Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (pp. 127-128). Edição do Kindle.</p>	<p>b) Discurso 25, 40 Puesto que has recordado a los atenienses defensores de Lais y dices que muchas heteras son estimadas entre ellos, la célebre Aspasia, Mirrina, Teodota y otras muchas...</p> <p>c) Carta 696, 5 Habiendo promulgado [Pericles] para los atenienses una ley, según la cual el que no fuera ateniense por ambas partes era privado de los derechos de ciudadanía, tras habersele muerto Jantipo y Páralo, pidió a los ciudadanos, gracia que le concedieron, inscribir al hijo de Aspasia como ciudadano, alterando su propia ley.</p> <p>Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (p. 184). Edição do Kindle.</p>	<p>b) Discurso 25, 40 Já que você se lembrou dos defensores atenienses de Lais e disse que muitos heteras são estimados entre eles, os famosos Aspásia, Myrrina, Theodota e muitos outros...</p> <p>c) Carta 696, 5 [Péricles] tendo promulgado uma lei para os atenienses, segundo a qual qualquer pessoa que não fosse ateniense em ambos os lados seria privada dos direitos de cidadania, após a morte de Xanthippus e Paralus, ele pediu aos cidadãos, uma graça que lhe foi concedida. , para registrar como cidadão o filho de Aspásia, alterando sua própria lei.</p>
<p>27. Temistio, Discurso 26, 329c</p> <p>καὶ τῆνικαῦτα οὐκ ὤκνεις οὐδὲ ἐδεδοίκεις μὴ τίς σε μειρακιεύεσθαι ὑπολάβοι ἀμιλλωμένην πρὸς Λυσίαν καὶ Θουκυδίδην, καὶ τοὺς μὲν ἀποσκορακίζουσάν τε καὶ μόνον οὐχὶ ἐπιρραπίζουσιν αὐτῷ Γοργία καὶ Ἀντιφῶντι, Περικλέα δὲ ἐπαινοῦσαν μόνον καὶ Ἀσπασίαν ὥς ῥήτορας τελεσιουργοὺς τε καὶ ὑψηλόνοους, ὅτι ἐκ τῆς Ἀναξαγόρου ἀδολεσχίας ταῦτα προσειλκύσατο εἰς τὴν τέχνην.</p> <p>Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (pp. 128-129). Edição do Kindle.</p>	<p>27. Temistio, Discurso 26, 329c</p> <p>Temistio. 310/20-388. Profesor de oratoria, además de filósofo. Entre sus discursos, el dedicado A Joviano es un alegato en favor de la libertad de creencias y culto y contiene un enérgico rechazo de la violencia. Y entonces no vacilabas ni temías que alguien pensara que te portabas como un jovenzuelo cuando discutías con Lisias y Tucídides, cuando despreciabas a unos y únicamente dejabas de fustigar al propio Gorgias y Antifonte, mientras alababas en exclusiva a Pericles y Aspasia[143] como oradores eficaces y de elevados sentimientos, por haber llevado al arte estas cualidades salidas de la sutileza de Anaxágoras.</p>	<p>27. Temístio, Discurso 26, 329c</p> <p>Temístio. 310/20-388. Professor de oratória, além de filósofo. Entre os seus discursos, o dedicado a Joviano é um apelo a favor da liberdade de crença e de culto e contém uma rejeição enérgica à violência. E então você não hesitou nem temeu que alguém pensasse que você se comportou como um jovem quando discutiu com Lísias e Tucídides, quando desprezou alguns deles e apenas deixou de criticar Górgias e o próprio Antífona, enquanto elogiou exclusivamente Péricles e Aspásia. 143] como oradores eficazes e de sentimentos elevados, por terem trazido para a arte essas qualidades que vêm da sutileza de Anaxágoras.</p>

	Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition)</i> (p. 184). Edição do Kindle.	
<p>28. Sinesio</p> <p>a) Διόν 1,10.</p> <p>εἴ τις ἀγνοεῖ τὴν ἐν ταύτῳ προβλήματι διαφορὰν τοῦ πολιτικοῦ καὶ τοῦ ῥήτορος, ἐπελθέτω μετὰ νοῦ τὸν Ἀσπασίας τε καὶ Περικλέους ἐπιτάφιον Θουκυδίδου καὶ Πλάτωνος, ὧν ἑκάτερος θατέρου παρὰ πολὺ καλλίων ἐστὶ, τοῖς οἰκείοις κανόσι κρινόμενος.</p> <p>b) Διόν 15, 1-2 [...] καὶ μὴ καταφρονεῖν τοῦ Σωκράτους, ὃς οὐκ ἀπηξίου καὶ τοὺς δημοσίᾳ θαπτομένους δύνασθαι λόγῳ κοσμεῖν, καίτοι καὶ τοῦτο μείζον ἢ καθ' ἑαυτὸν ᾔετο· προσένεμε γὰρ Ἀσπασίᾳ τὴν δύναμιν ταύτην, ἣ προσεφοίτα κατὰ χάριν τοῦ τὰ ἐρωτικὰ παιδευθῆναι. εἰ δέ τινα τὰ κατὰ Ἀσπασίαν τε καὶ Σωκράτην ἐρωτικὰ ἐννεόηκας, οὐκ ἀπιστήσεις ὅτι φιλοσοφία τὰς τελεωτάτας ἐποπτεύσασα τελετάς, ἀπανταχοῦ τὸ καλὸν ἐπιγνώσεται καὶ ἀσπάζεται, καὶ ῥητορικὴν ἐπαινέσεται, καὶ ἀσπασίως καὶ ποιητικῇς ἀνθέξεται.</p>	<p>28. Sinesio Sinesio. C. 370-413.</p> <p>Nacido en Cirene, fue discípulo de la célebre neoplatónica Hipatia en Alejandría. Pese a ser nombrado obispo, siguió defendiendo sus ideas neoplatónicas y siempre prefirió el estilo de vida de los griegos frente al de los cristianos. Los fragmentos están tomados de Dión, un discurso que se inspira en el filósofo y orador Dión de Prusa.</p> <p>a) Διόν 1,10.</p> <p>Si alguien ignora la diferencia en un mismo problema entre el político y el orador, que estudie atentamente el epitafio de Aspasia y Pericles en Tucídides y Platón, cada uno de los cuales, juzgado según cánones adecuados, es en buena medida más hermoso que el otro.</p> <p>b) Διόν 15, 1-2 [...] y no despreciar a Sócrates, quien no consideraba indigno poder celebrar con un discurso incluso a los que eran enterrados por el estado, y en verdad consideraba esto mejor que hacerlo por sí mismo. Pues asignaba este poder a Aspasia, a la que frecuentaba con vistas a ser instruido en los temas del amor; pero si has observado a alguien que ha aprendido los temas amorosos con Aspasia y Sócrates, no pondrás en duda que la filosofía, atendiendo a los misterios más eminentes, llega a conocer y sentir amor por la</p>	<p>28. Sinésio Sinésio. C.370-413.</p> <p>Nascido em Cirene, foi discípulo da famosa neoplatonista Hipátia em Alexandria. Apesar de ter sido nomeado bispo, continuou a defender as suas ideias neoplatónicas e sempre preferiu o estilo de vida dos gregos ao dos cristãos. Os fragmentos são retirados de Dion, discurso inspirado no filósofo e orador Dion de Prusa.</p> <p>a) Dion 1,10.</p> <p>Se alguém não tem conhecimento da diferença no mesmo problema entre o político e o orador, estude cuidadosamente o epitáfio de Aspásia e Péricles em Tucídides e Platão, cada um dos quais, julgado de acordo com os cânones apropriados, é em grande medida mais bonito do que o outro. .</p> <p>b) Dion 15, 1-2 [...] e não desprezar Sócrates, que não considerava indigno poder celebrar com um discurso mesmo aqueles que foram sepultados pelo Estado, e na verdade considerava isso melhor do que fazê-lo por si mesmo. Pois bem, ele atribuiu esse poder a Aspásia, a quem frequentava com o objetivo de ser instruído nos temas do amor; mas se você observou alguém que aprendeu os temas do amor com Aspásia e Sócrates, não duvidará que a filosofia, atendendo aos mistérios mais eminentes, passa a conhecer e sentir amor pela beleza</p>

<p>c) Διόν 15,3 λελήθασιν οὖν ὑπὸ σοφίας οἱ στασιῶται τῆς ἀγλωττίας οὗτοι καὶ τὸν Ἀπόλλω δεύτερον ἄγοντες ἑαυτῶν, μετ' Ἀσπασίας τε καὶ Σωκράτους. ἡμεῖς δὲ ἐπὶ πάντας λόγους.</p> <p>Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (pp. 125-130). Edição do Kindle.</p>	<p>belleza en todos los aspectos, elogia la retórica y se consagra gustosamente a la poética.</p> <p>c) Διόν 15,3 Así pues, han pasado inadvertidos bajo capa de sabiduría los partidarios de la inhabilidad retórica, llegando estos incluso a considerar como inferior a ellos mismos a Apolo, junto con Aspasia y Sócrates.</p> <p>Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (pp. 184-185). Edição do Kindle.</p>	<p>em todos os aspectos, elogia a retórica e se dedica com prazer à poesia.</p> <p>c) Dion 15.3 Assim, os defensores da incapacidade retórica passaram despercebidos sob uma camada de sabedoria, e até consideraram Apolo, juntamente com Aspásia e Sócrates, inferiores a si próprios.</p>
<p>29. Escolio de Sópatro al testimonio anterior (T 19) de Elio Aristides Μαντινικὴν μὲν ξένην] αὐτὴν πάλιν σημαίνει Διοτίμαν· ἀπὸ γὰρ Μαντινείας τῆς Ἀρκαδίας ἦν. Μιλησίαν δὲ φησι τὴν Ἀσπασίαν. ταύτην δὲ θαυμάζει ὡς διδάσκαλον οὖσαν ῥητορικῆς. ABD Oxon. ἡ δὲ Διοτίμα ἰέρεια γέγονε τοῦ Λυκαίου Διὸς τοῦ ἐν Ἀρκαδίᾳ. ἐπίστασαι κοσμεῖν] ἐν ἐπιταφίῳ· ἦν δ' ἐκ Καρίας ἡ Ἀσπασία. αἰχμαλωτισθεῖσα δὲ ὄκει ἐν Μιλήτῳ πορνοβοσκῶ Μυρτὸ καλουμένη. ἐνεχθεῖσα δὲ εἰς τὴν Ἀττικὴν Ἀσπασία ἐκλήθη, ἐκ τοῦ πάντας αὐτὴν ἀσπάζεσθαι. Περικλῆς δ' ἀνέστησεν αὐτήν. BD.</p> <p>Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (pp. 129-130). Edição do Kindle.</p>	<p>29. Escolio de Sópatro al testimonio anterior (T 19) de Elio Aristides Orador y filósofo del s. IV-V, asesor imperial, discípulo del neopitagórico Jámblico. Extranjera de Matinea] con esta expresión se refiere a Diotima, pues era originaria de Mantinea en Arcadia. Habla también de la milesia Aspasia. Produce admiración saber que era profesora de retórica. Por su parte Diotima llegó a ser sacerdotisa de Zeus Licio de Arcadia. Sabes elogiar] en el epitafio (es decir, en el Menéxeno). Aspasia era de Caria. Hecha prisionera vivió en Mileto en una casa de prostitución recibiendo el nombre de Mirto[144]. Habiendo sido conducida al Ática[145] era llamada Aspasia por el hecho de que acogía a todos. Pericles la salvó.</p> <p>Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (p. 184). Edição do Kindle.</p>	<p>29. Escólio de Sópatro ao testemunho anterior (T 19) de Élio Aristides Orador e filósofo do século XX. IV-V, conselheiro imperial, discípulo do neopitagórico Jámblico. Estrangeira de Matinea] com esta expressão refere-se a Diotima, visto que ela era originária de Mantinea na Arcádia. Ele também fala da milesia Aspásia. Produz admiração saber que ela era professora de retórica. Por sua vez, Diotima tornou-se sacerdotisa de Zeus Lyius da Arcádia. Você sabe elogiar] no epitáfio (ou seja, no Menexeno). Aspásia era da Cária. Feita prisioneira, viveu em Mileto numa casa de prostituição, recebendo o nome de Mirto[144]. Tendo sido levada para a Ática, foi chamada de Aspásia porque acolheu a todos. Péricles a salvou.</p>

<p>30. Teodoreto, Curación de enfermedades griegas I, 17</p> <p>Σωκράτης δὲ ὁ Σωφρονίσκου, τῶν φιλοσόφων ὁ ἄριστος, οὐδὲ παρὰ γυναικῶν μαθεῖν τι χρήσιμον ὑπέλαβε φιλοσοφίας ἀνάξιον· τῷ τοι καὶ τὴν Διοτίμαν οὐκ ἡρυθρία προσαγορεύων διδάσκαλον, καὶ μέντοι καὶ παρὰ τὴν Ἀσπα-σίαν διετέλει θαμίζων.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos</i> (Spanish Edition) (p. 130). Edição do Kindle.</p>	<p>30. Teodoreto, Curación de enfermedades griegas I, 17</p> <p>Teodoreto. 393-458. Escritor cristiano de la escuela de Antioquía, autor de obras apologéticas y exegéticas, entre ellas <i>Curación de enfermedades griegas</i>. Sócrates, hijo de Sofronisco, el mejor de los filósofos, no consideró indigno de la filosofía aprender cualquier cosa útil de las mujeres. Por ello no tuvo vergüenza en llamar a Diotima su maestra y siguió frecuentando a Aspasia.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos</i> (Spanish Edition) (pp. 184-185). Edição do Kindle.</p>	<p>30. Teodoreto, Cura de Doenças Gregas I, 17</p> <p>Teodoreto. 393-458. Escritor cristão da escola de Antioquia, autor de obras apologéticas e exegéticas, incluindo <i>A Cura das Doenças Gregas</i>. Sócrates, filho de Sofroniscus, o melhor dos filósofos, não considerava indigno da filosofia aprender algo útil com as mulheres. Por isso não teve vergonha de chamar Diotima de professora e continuou a frequentar Aspásia.</p>
<p>31. Olimpiodoro, Comentario al Alcibiades I de Platón 118c</p> <p>Σωκράτης δὲ ὁ Σωφρονίσκου, τῶν φιλοσόφων ὁ ἄριστος, οὐδὲ παρὰ γυναικῶν μαθεῖν τι χρήσιμον ὑπέλαβε φιλοσοφίας ἀνάξιον· τῷ τοι καὶ τὴν Διοτίμαν οὐκ ἡρυθρία προσαγορεύων διδάσκαλον, καὶ μέντοι καὶ παρὰ τὴν Ἀσπασίαν διετέλει θαμίζων.</p> <p>Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos</i> (Spanish Edition) (p. 130). Edição do Kindle.</p>	<p>31. Olimpiodoro, Comentario al Alcibiades I de Platón 118c</p> <p>Olimpiodoro. Vivió en el s. VI siendo el último de los grandes neoplatónicos. Autor de comentarios a obras de Platón (el <i>Gorgias</i> o el <i>Alcibiades I</i>) y Aristóteles. Dijo[146] que, si fuera sabio (Pericles), sería capaz de hacer sabio a otro. En verdad que no hizo sabios ni a ti ni a tu hermano Clinias ni a sus propios hijos, los que tuvo de Aspasia la milesia, precisamente la que llegó a ser su maestra. Pericles, en efecto, era discípulo de su esposa como Aristipo lo era de su madre. Solana Dueso, José. <i>Aspasia de Mileto Testimonios y discursos</i> (Spanish Edition) (p. 185). Edição do Kindle.</p>	<p>31. Olimpiodoro, Comentário sobre Alcibiades I 118c de Platão</p> <p>Olimpiodoro. Ele morou no séc. VI sendo o último dos grandes neoplatônicos. Autor de comentários sobre obras de Platão (<i>Górgias</i> ou <i>Alcibiades I</i>) e Aristóteles. Ele disse[146] que se fosse sábio (Péricles), seria capaz de tornar outro sábio. Na verdade, ele não fez sábios nem a ti, nem ao teu irmão Clíncias, nem aos seus próprios filhos, aqueles que Milesia teve de Aspásia, precisamente aquela que se tornou sua professora. Péricles, de fato, foi discípulo de sua esposa, assim como Aristipo foi de sua mãe.</p>
<p>32. Siriano, Escolios a Hermógenes</p>	<p>32. Siriano, Escolios a Hermógenes</p>	<p>32. Síria, Escólios para Hermógenes</p>

<p>a) 159, 2-3 Παράδειγμα ἄλλο τοῦ ἀπιθάνου. Περικλῆς τῇ Ἀσπασίᾳ συνόντα Σωκράτη κρίνει μοιχείας.</p> <p>b) 186, 16-18 οἶον τοῦ Περικλέους Ὀλυμπίου κληθέντος, εἰσηγέται Ἀριστοφάνης Ἦσαν τὴν Ἀσπασίαν καλεῖν.</p> <p>Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (p. 132). Edição do Kindle.</p>	<p>Filósofo y orador del s. V, de tendencia neopitagórica, comentador de la Metafísica de Aristóteles y de los ejercicios retóricos de Hermógenes.</p> <p>a) 159, 2-3 Otro ejemplo de lo no convincente: Pericles acusa de adulterio a Sócrates que seguía las lecciones de Aspasia.</p> <p>b) 186, 16-18 Por ejemplo, siendo llamado Pericles Olímpico, Aristófanes propone llamar Hera a Aspasia. Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (p. 185). Edição do Kindle.</p>	<p>Filósofo e orador do século XX. V, de tendência neopitagórica, comentarista da Metafísica de Aristóteles e dos exercícios retóricos de Hermógenes.</p> <p>a) 159, 2-3 Outro exemplo pouco convincente: Péricles acusa Sócrates de adultério que seguiu as lições de Aspásia.</p> <p>b) 186, 16-18 Por exemplo, sendo chamado de Péricles Olímpico, Aristófanes propõe chamar Aspásia de Hera.</p>
<p>33. Suda a) s.v. "naturalizado" Δημοποίητος: ὁ ὑπὸ τοῦ δήμου εἰσποιηθεὶς καὶ γεγωνὼς πολίτης. Περικλῆς γὰρ ὁ Ξανθίππου, νόμον γράψας τὸν μὴ ἐξ ἀμφοῖν ἀστυπολίτην μὴ εἶναι, οὐ μετὰ μακρὸν τοὺς γνησίους ἀποβαλὼν, ἄκων καὶ στένων καὶ λύσας τὸν ἑαυτοῦ νόμον καὶ ἀσχημονήσας, ἐλεεινὸς ἅμα καὶ μισητὸς ἔτυχεν ὧν ἐβούλετο. ὅμως γε μὴν ἀντιβολοῦντος καὶ δεκάσαντος τοὺς ἐντεῦθεν ζῶντας, ὅψε καὶ μόλις τὸν νόθον οἱ παῖδα τὸν ἐξ Ἀσπασίας τῆς Μιλησίας ἐποίησε δημοποίητον. Δημοποίητος οὖν ὁ φύσει ξένος, ὑπὸ δὲ τοῦ δήμου πολίτης γεγωνὼς.</p> <p>b) s.v. "Pericles"</p>	<p>33. Suda a) s.v. "naturalizado" El que es hecho y convertido en ciudadano por el pueblo. En efecto, Pericles, hijo de Jantipo, habiendo promulgado una ley según la cual no era ciudadano el que no procediera de padre y madre ciudadanos, no mucho después, tras perder a sus hijos legítimos, forzado por las circunstancias, llorando, quebrantando su propia ley y avergonzado, compadecido al tiempo que odiado, consiguió lo que quería. Y así, sin duda, suplicando y corrompiendo a los que vivían entonces, tarde y a duras penas hizo que el bastardo de Aspasia de Mileto fuera naturalizado ciudadano. El naturalizado, pues, es por naturaleza extranjero, pero deviene ciudadano por decisión del pueblo[147].</p> <p>b) s.v. "Pericles"</p>	<p>33. Suor a) s.v. "naturalizado" Aquele que é feito e convertido em cidadão pelo povo. Na verdade, Péricles, filho de Xanthippus, tendo promulgado uma lei segundo a qual não era cidadão aquele que não provinha de pai e mãe cidadãos, não muito tempo depois, depois de perder os filhos legítimos, forçado pelas circunstâncias, a chorar, violando sua própria lei e envergonhado, com pena e também odiado, ele conseguiu o que queria. E assim, sem dúvida, mendigando e corrompendo os que então viviam, tarde e com dificuldade, fez com que o bastardo Aspásia de Mileto se naturalizasse como cidadão. O naturalizado, portanto, é estrangeiro por natureza, mas torna-se cidadão por decisão do povo[147].</p> <p>b) s.v. "Péricles"</p>

<p>Περικλῆς, Ξανθίππου καὶ Ἀγαρίστης, Ἀθηναῖος, ῥήτωρ καὶ δημαγωγός· ὅστις πρῶτος γραπτὸν λόγον ἐν δικαστηρίῳ εἶπε, τῶν πρὸ αὐτοῦ σχεδιαζόντων. ἦν δὲ μαθητὴς Ἀναξαγόρου τοῦ Κλαζομενίου· καὶ αὐτὸς ἐρύσατο αὐτὸν ἐκ θανάτου.</p> <p>Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (p. 132). Edição do Kindle.</p>	<p>Hijo de Jantipo y Agarista, ateniense, orador y demagogo, el primero en pronunciar un discurso escrito ante un tribunal mientras que sus predecesores habían improvisado; era discípulo de Anaxágoras el Clazomenio, al que salvó de la muerte.</p> <p>Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (pp.186). Edição do Kindle.</p>	<p>Filho de Xantipo e Agarista, ateniense, orador e demagogo, o primeiro a fazer um discurso escrito perante um tribunal enquanto seus antecessores improvisavam; Foi discípulo de Anaxágoras, o “clazomenio” (nascido em Clazômenas), a quem salvou da morte.</p>
<p>34. Eustacio, Comentario a la Odisea X, 233</p> <p>Τὸ δὲ, ἀσπάσιος γῆ, Ἀττικόν ἐστι· τὸ γὰρ κοινὸν ἀσπασία, ἐξ οὗ καὶ κύριον ἢ παρὰ ταῖς ἱστορίαις σοφὴ γυνὴ Ἀσπασία.</p> <p>Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (p. 132). Edição do Kindle.</p>	<p>34. Eustacio, Comentario a la Odisea X, 233</p> <p>Eustacio de Tesalónica. c. 1115-1195. Probablemente escribió en Constantinopla, donde fue miembro de la Academia del Patriarca. Es autor de voluminosos comentarios a Homero, destinados a sus alumnos, que recogen valiosas informaciones de fuentes antiguas. Esta expresión, tierra acogedora (aspasios ge), es ática; el nombre común, en efecto, es acogedora (aspasia), del que procede como nombre propio Aspasia, la sabia mujer de los libros de historia.</p> <p>Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (p.186). Edição do Kindle.</p>	<p>34. Eustáquio, Comentário sobre a Odisseia X, 233</p> <p>Eustácio de Tessalônica. c. 1115-1195. Provavelmente escreveu em Constantinopla, onde foi membro da Academia do Patriarca. Ele é autor de volumosos comentários sobre Homero, destinados a seus alunos, que coletam informações valiosas de fontes antigas. Esta expressão, terra acolhedora (aspasios ge), é Sótão; O nome comum, aliás, é aconchegante (aspásia), de onde vem Aspásia, a mulher sábia dos livros de história, como nome próprio.</p>
<p>*35. Escolio a Tucídides I, 67, 4 Thucydides I 67, 4 (λιμένων τε εἵργεσθαι – ἀγορᾶς).</p> <p>φασὶν ὅτι Περικλῆς μέλλων λόγον δοῦναι τῶν χρημάτων τοῦ ἀγάλματος, ὃ κατεσκεύασεν ὁ Φειδίας, ἠθύμει. ἰδὼν οὖν αὐτὸν ὁ Ἀλκιβιάδης παῖς ὦν ἤρετο ὃ</p>	<p>*35. Escolio a Tucídides I, 67, 4 Escolio procedente quizá de la época alejandrina.</p> <p>No eran admitidos en los puertos – mercado ático] Dicen que Pericles, teniendo la intención de dar cuenta de los dineros de la estatua, la que esculpió Fidias, se encontraba triste. Viéndolo</p>	<p>*35. Scholium a Tucídides I, 67, 4 Scholium talvez da era Alexandrina.</p> <p>Não foram admitidos nos portos – Mercado do Ático] Dizem que Péricles, pretendendo prestar contas do dinheiro da estátua, a esculpida por Fídias, ficou triste. Ao vê-lo, Alcibíades, ainda</p>

<p>τι ἄθυμεϊ. τοῦ δὲ φήσαντος ὅτι “διὰ τοῦτο ἄθυμῶ, ὅπως δώσω λόγον τῶν χρημάτων”, ἐκεῖνος φθάσας εἶπεν· “Μᾶλλον σκόπει ὅπως μὴ δώσεις”. ὁ δὲ ὑπολαβὼν τὸν λόγον εἰσάγει ψῆφον εἰς τὴν πόλιν κατὰ Μεγαρέων ἀξιῶν αὐτοὺς εἶργεσθαι λιμένων καὶ ἀγορᾶς, καὶ τῶν Ἀθηναίων θορυβηθέντων αὐτὸς ἐκφεύγει. οἱ δὲ φασιν, ὅτι διὰ τοῦτο τὴν ψῆφον εἰσήγαγε, διότι οἱ Μεγαρεῖς Ἀσπασίαν τὴν διδάσκαλον Περικλέους ὕβρισαν πόρνην αὐτὴν ἀποκαλέσαντες.</p> <p>Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (p. 133). Edição do Kindle.</p>	<p>Alcibíades, todavía siendo un niño, le preguntó: ¿por qué estas triste? Al contestarle: “Estoy triste porque pienso en la manera de dar cuenta de los dineros”, aquel se apresuró a decir: “Más te valdría pensar en cómo no darlas”. Este, aceptando la propuesta, presenta el decreto a la ciudad contra los megarenses que decide apartarlos de los puertos y las plazas del mercado, y él mismo escapa del aprieto pese a la protesta y al alboroto de los atenienses. Otros dicen que presentó el decreto porque los megarenses afrentaron a Aspasia, maestra de Pericles, por haberla llamado prostituta.</p> <p>Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (pp. 186). Edição do Kindle.</p>	<p>criança, perguntou-lhe: por que você está triste? Quando respondi: “Estou triste porque estou pensando em como contabilizar o dinheiro”, ele rapidamente disse: “É melhor você pensar em como não dá-lo”. Ele, aceitando a proposta, apresenta à cidade o decreto contra os megáricos que decide retirá-los dos portos e praças do mercado, e ele próprio escapa da situação apesar dos protestos e alvoroço dos atenienses. Outros dizem que ele apresentou o decreto porque os megáricos insultaram Aspásia, professora de Péricles, por tê-la chamado de prostituta.</p>
<p>*36. Claudio Eliano, fragmento 68 (71 Douglas Domingo-Forasté)</p> <p>Lex de civibus a Pericle lata. Περικλῆς ὁ Ξανθίππου, νόμον γράψας τὸν μὴ ἐξ ἀφοῦν πολίτην μὴ εἶναι, οὐ μετὰ μακρὸν τοὺς γνησίους ἀποβαλὼν, ἄκων καὶ στένων καὶ λύσας τὸν ἑαυτοῦ νόμον καὶ ἀσχημονήσας, ἐλεεινὸς ἅμα καὶ μισητὸς ἔτυχεν ὧν ἐβούλετο. ὅμως γε μὴν ἀντιβολουῦντος καὶ δεκάσαντος τοὺς ἐντεῦθεν ζῶντας ὥσπερ καὶ μόλις τὸν νόθον οἱ παῖδα τὸν ἐξ Ἀσπασίας τῆς Μιλησίας ἐποίησε δημοποίητον.</p> <p>Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (pp. 187-188). Edição do Kindle.</p>	<p>*36. Claudio Eliano, fragmento 68 (71 Douglas Domingo-Forasté)</p> <p>Claudio Eliano. 175-235. Autor de una Historia de los animales y de una Historia miscelánea. Se conservan numerosos fragmentos de obras perdidas, transmitidos por diversas fuentes, entre ellas la Suda. Profesor de retórica en Roma, escribió en griego. Ley de ciudadanía promulgada por Pericles Pericles, hijo de Jantipo, habiendo promulgado una ley según la cual no era ciudadano el que no procediera de padre y madre ciudadanos, no mucho después, tras perder a sus hijos legítimos, forzado por las circunstancias, llorando, quebrantando su propia ley y avergonzado, compadecido al mismo tiempo que odiado, consiguió lo que quería. Y así, sin duda, suplicando y corrompiendo a los que vivían entonces, tarde y</p>	<p>*36. Cláudio Eliano, fragmento 68 (71 Douglas Domingo-Forasté)</p> <p>Cláudio Aeliano. 175-235. Autor de uma História dos Animais e de uma História Diversa. Inúmeros fragmentos de obras perdidas foram preservados, transmitidos por diversas fontes, inclusive a Suda. Professor de retórica em Roma, escreveu em grego. Lei da cidadania promulgada por Péricles Péricles, filho de Xanthippus, tendo promulgado uma lei segundo a qual não era cidadão que não provinha de pai e mãe cidadãos, pouco tempo depois, depois de perder os filhos legítimos, forçado pelas circunstâncias, a chorar, violando sua própria lei e envergonhado, com pena e também odiado, ele conseguiu o que queria. E assim, sem dúvida, mendigando e corrompendo os que então viviam, tarde e com dificuldade,</p>

	<p>a duras penas hizo que el bastardo de Aspasia de Mileto fuera naturalizado ciudadano.</p> <p>Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (pp. 186-187). Edição do Kindle.</p>	<p>fez com que a bastarda Aspásia de Mileto se naturalizasse como cidadã.</p>
<p>*37. Eloísa, Carta segunda</p> <p>Non enim quo quisque ditior siue potentior, ideo et melior, fortunae illud est hoc uirtutis. Nec se minime uenalem aestimet esse quae libentius ditiori quam pauperi nubit et plus in marito sua quam ipsum concupiscit. Certe quamcumque ad nuptias haec concupiscentia ducit, merces ei potius quam gratia debetur. Certum quippe est eam res ipsas non hominem insequi et se, si posset, uelle prostituere ditiori sicut inductio illa Aspasiae philosophae apud Socraticum Aeschinem cum Xenophonte et uxore eius habita manifeste conuincit. Quam quidem inductionem cum praedicta philosopha ad reconciliandos inuicem illos proposuisset tali fine ipsam conclusit: Quare nisi hoc peregeritis ut neque uir melior neque femina in terris electior sit, profecto semper id quod optimum putabitis esse multo maxime requiretis ut et tu maritus sis quam optimae et haec quam optimo uiro nupta sit.</p> <p>Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (pp. 134). Edição do Kindle.</p>	<p>*37. Eloísa, Carta segunda</p> <p>Eloísa, 1110-1164. Filósofa francesa, monja, que manteve uma relação amorosa com Pedro Abelardo. Conhecemos as cartas entre os dois amantes, que abordam em especial temas sobre a amizade e o amor. Pois não por mais rico ou mais poderoso é alguém melhor pessoa, o primeiro depende da fortuna, o segundo da virtude. Não deve pensar que incorre em venalidade aquela que prefere casar-se com um rico antes que com um pobre e que o esposo deseja mais suas posesões e riquezas que a ela mesma. Sem dúvida aquela que leva estes desejos ao matrimônio, merece uma paga mais que gratidão. E mais certo é que ela persigue as coisas mesmas, não ao homem e, se pudesse, preferiria entregar-se ao mais rico. E, em efeito, nos convence plenamente aquela indução de a filósofa Aspasia na obra de Esquines Socrático, na qual conversam Jenofonte e sua esposa. Em verdade, depois de ter proposto a citada filósofa esta indução para reconciliar a par, a conclui de este modo: Por tanto, a menos que chegéis ao convencimento total de que não há um varão melhor nem uma mulher mais excelente do que a faz da terra, sem dúvida buscaréis ante todo aquilo que creais ser o melhor, de tal modo que tu sejas o marido de a melhor das mulheres</p>	<p>*37. Heloísa, Segunda Carta</p> <p>Heloísa, 1110-1164. Filósofa francesa, freira, que teve uma relação amorosa com Pedro Abelardo. Conhecemos as cartas entre os dois amantes, que abordam principalmente temas sobre amizade e amor. Pois bem, por mais rico ou poderoso que alguém seja, uma pessoa melhor não o é, o primeiro depende da fortuna, o segundo da virtude. Ela não deve pensar que não incorre em venalidade se preferir casar-se com um homem rico em vez de com um homem pobre e que deseja os seus bens e riquezas mais do marido do que de si mesma. Sem dúvida, quem traz esses desejos para o casamento merece mais pagamento do que gratidão. É mais verdade que ela persegue as próprias coisas, não o homem, e, se pudesse, preferiria entregar-se aos mais ricos. E, de fato, estamos plenamente convencidos por aquela indução da filósofa Aspásia na obra de Esquines Socrático, na qual Xenofonte e sua esposa conversam. Na verdade, depois de a citada filósofa ter proposto esta indução para reconciliar o casal, ela a conclui desta forma: Portanto, a menos que você chegue à total convicção de que não há homem melhor nem mulher mais excelente na face da terra, sem dúvida procurarás acima de tudo aquilo que acreditas ser o melhor, de tal</p>

	<p>y tú la mujer casada con el mejor de los varones. Solana Dueso, José. Aspasia de Mileto Testimonios y discursos (Spanish Edition) (p. 187.). Edição do Kindle.</p>	<p>forma que sejas o marido da melhor das mulheres e sejas a mulher casada com o melhor dos homens.</p>
--	---	---